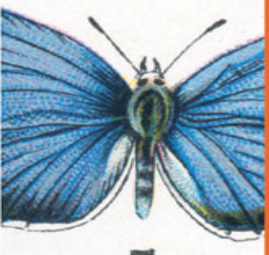
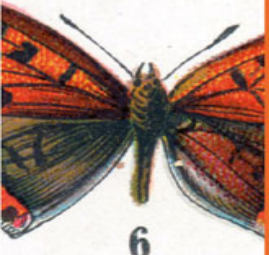




VLADIMIR
NABOKOV
FALA, MEMÓRIA



ALFAGUARA



5a

4

9

10

6

7

7a

7

8

8

8a

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

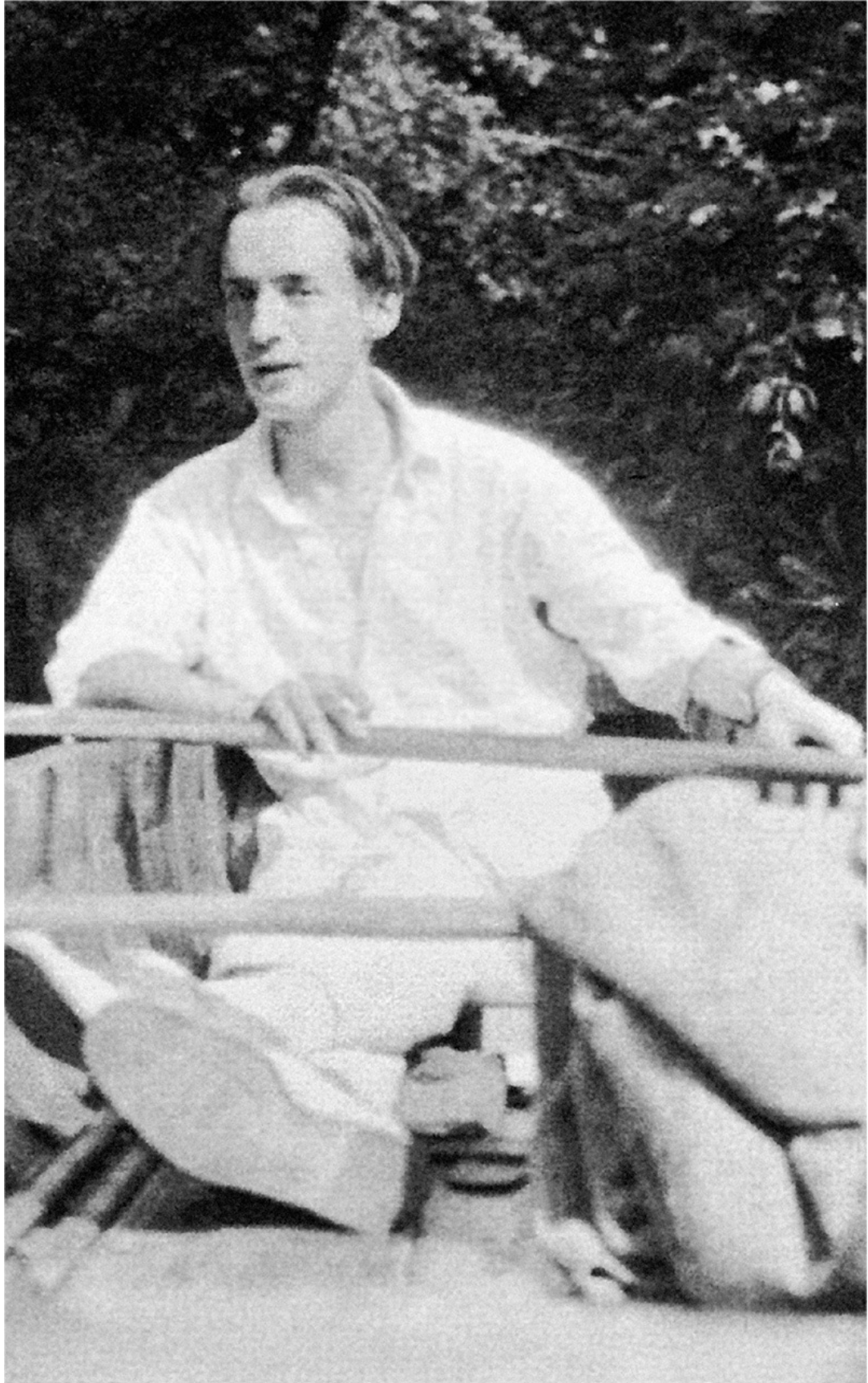
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



**VLADIMIR
NABOKOV
FALA, MEMÓRIA
UMA AUTOBIOGRAFIA REVISITADA**

TRADUÇÃO

JOSÉ RUBENS SIQUEIRA

ALFAGUARA

The logo for Alfaguara, featuring a stylized, intricate knot or infinity symbol to the right of the word "ALFAGUARA".

ALFAGUARA


Copyright © 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1967, Vladimir Nabokov
Todos os direitos reservados

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Speak, Memory – An Autobiography Revisited

Capa
Retina_78

Revisão
Ana Kronemberger
Cristhiane Ruiz

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Freitas Bastos

 **PRISA** EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N113f

Nabokov, Vladimir Vladimirovich

Fala, memória [recurso eletrônico] : uma autobiografia revisitada / Vladimir Vladimirovich Nabokov ; tradução José Rubens Siqueira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.
recurso digital

Tradução de: *Speak, memory*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

300 p. ISBN 978-85-7962-327-1 (recurso eletrônico)

1. Nabokov, Vladimir Vladimirovich, 1899-1977. 2. Escritores russos - Biografia. 3. Autobiografia. 4. Livros eletrônicos. I. Siqueira, José Rubens. II. Título.

14-12849

CDD: 920

CDU: 929

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Prefácio

Capítulo um

1

2

3

4

5

Capítulo dois

1

2

3

4

Capítulo três

1

2

3

4

5

6

7

Capítulo quatro

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Capítulo cinco

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7

Capítulo seis

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6

Capítulo sete

- 1
- 2
- 3

Capítulo oito

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Capítulo nove

- 1
- 2
- 3
- 4

5

Capítulo dez

1

2

3

4

5

6

Capítulo onze

1

2

3

4

5

Capítulo doze

1

2

3

4

5

Capítulo treze

1

2

3

4

5

Capítulo catorze

1

2

3

Capítulo quinze

1

2

3

Apêndice

“Capítulo dezesseis” ou “Sobre *Prova conclusiva*”

Fotos

a Véra

Prefácio

O presente trabalho é uma montagem sistematicamente correlacionada de lembranças pessoais que vão geograficamente de São Petersburgo a St. Nazaire, abrangendo trinta e sete anos, de agosto de 1903 a maio de 1940, com apenas algumas escapadas ao espaço-tempo posterior. O ensaio que deu início à série corresponde ao que é agora o capítulo cinco. Eu o escrevi em francês, sob o título de “Mademoiselle O”, trinta anos atrás, em Paris, onde Jean Paulhan o publicou no segundo número de *Mesures*, 1936. Uma fotografia (publicada recentemente no *James Joyce in Paris* de Gisèle Freund) marca esse evento, só que nela estou erroneamente identificado (em meio ao grupo da *Mesures* relaxando em torno de uma mesa de pedra) como “Audiberti”.

Na América, para onde emigrei em 28 de maio de 1940, “Mademoiselle O” foi traduzido ao inglês pela falecida Hilda Ward, revisado por mim e publicado por Edward Weeks no número de janeiro de 1943 de *The Atlantic Monthly* (que foi também a primeira revista a publicar meus contos escritos na América). Minha ligação com a *The New Yorker* havia começado (por intermédio de Edmund Wilson) com um poema curto em abril de 1942, seguido de outras peças fugidias; mas minha primeira composição em prosa apareceu nessa revista apenas em 3 de janeiro de 1948: era o “Retrato de meu tio” (capítulo três da obra completa), escrito em junho de 1947 em Columbine Lodge, Estes Park, Colorado, onde minha esposa, filho e eu não poderíamos ter ficado muito mais, não fosse Harold Ross ter se dado tão bem com o fantasma de meu passado. A mesma revista publicou também o capítulo quatro (“Minha formação inglesa”, 27 de março de 1948), o capítulo seis (“Borboletas”, 12 de junho de 1948), o capítulo sete (“Colette”, 31 de julho de 1948) e o capítulo nove (“Minha formação russa”, 18 de setembro de 1948),

todos escritos em Cambridge, Massachusetts, numa época de grande estresse físico e mental, assim como o capítulo dez (“Para erguer o pano”, 1º de janeiro de 1949), o capítulo dois (“Retrato de minha mãe”, 9 de abril de 1949), o capítulo doze (“Tamara”, 10 de dezembro de 1949), o capítulo oito (“Slides de Lanterna Mágica”, 11 de fevereiro de 1950; a questão de H. R. “Os Nabokov eram uma família de um *único* quebra-nozes?”), o capítulo um (“Passado perfeito”, 15 de abril de 1950) e o capítulo quinze (“Jardins e parques”, 17 de junho de 1950), todos escritos em Ithaca, N.Y.

Dos três capítulos restantes, o onze e o catorze apareceram em *Partisan Review* (“Primeiro poema”, setembro de 1949, e “Exílio”, janeiro-fevereiro de 1951), enquanto o capítulo treze foi para a *Harper’s Magazine* (“Acomodações em Trinity Lane”, janeiro de 1951).

A versão inglesa de “Mademoiselle O” foi republicada em *Nove histórias* (New Directions, 1947) e *A dúzia de Nabokov* (Doubleday, 1958; Heinemann, 1959; Popular Library, 1959; e Penguin Books, 1960); nessa última coletânea acrescentei também “Primeiro amor”, que se tornou a queridinha dos antologistas.

Embora eu tenha composto esses capítulos na sequência caótica das datas de suas primeiras publicações fornecidas acima, eles preenchem devidamente os espaços numerados em minha cabeça que segue a atual ordem dos capítulos. Essa ordem foi estabelecida em 1936, na colocação da pedra fundamental que já continha em seu bojo oculto vários mapas, horários, uma coleção de caixas de fósforos, uma lasca de vidro rubi, e até mesmo — como me dou conta agora — uma vista do lago Genebra de minha sacada, de suas ondulações e clareiras de luz, hoje pontilhadas de preto, na hora do chá, com garças e patos. Portanto não tive problemas para compor um volume que a Harper & Bros. de Nova York publicou em 1951, sob o título de *Prova conclusiva*; prova conclusiva de eu ter existido. Infelizmente, a expressão sugeria uma história de mistério e planejei chamar a edição britânica de *Fala, Mnemosine*, mas me disseram que “velhinhas não iriam querer pedir um livro cujo título não pudessem pronunciar”. Brinquei também com *O antêmio*, nome de um ornato em forma de madressilva que consiste de complicados entrelaçamentos e ramificações, mas ninguém gostou; então acabamos ficando com *Fala, memória* (Gollancz, 1951, e The Universal Library, N.Y., 1960). Suas traduções são: para o russo, do autor (*Drugie berega*, The Tchekhov Publishing House, N.Y., 1954); para o

francês, de Yvonne Davet (*Autres rivages*, Gallimard, 1961); italiano, de Bruno Oddera (*Parla, ricordo*, Mondadori, 1962); espanhol, de Jaime Piñeiro Gonzáles (*¡Habla, memoria!*, 1963); e alemão, de Dieter E. Zimmer (Rowohlt, 1964). Isso esgota a quantidade necessária de informação bibliográfica que os críticos nervosos, incomodados pela nota ao final de *A dúzia de Nabokov*, se verão hipnotizados a aceitar no começo do presente trabalho.

Ao escrever a primeira versão na América, me vi limitado por uma falta quase completa de dados referentes à história familiar e, conseqüentemente, pela impossibilidade de comprovar minha memória quando sentia que estava falha. A biografia de meu pai agora foi ampliada e revisada. Numerosas outras revisões e acréscimos foram feitos, especialmente nos primeiros capítulos. Certos parênteses apertados foram abertos e puderam derramar seus conteúdos ainda ativos. Ou então um objeto, que havia sido um mero boneco escolhido ao acaso e de nenhuma significação real no relato de um evento importante, ficava me incomodando cada vez que eu relia aquela passagem no curso da correção das provas de várias edições, até que finalmente fiz um grande esforço e os óculos arbitrários (de que Mnemosine deve ter precisado mais que qualquer outra pessoa) se metamorfosearam numa cigarreira em forma de concha lembrada com perfeição, rebrilhando na relva molhada ao pé de um choupo no Chemin du Pendu, onde encontrei naquele dia de junho de 1907 uma mariposa esfingídea raramente vista tão a oeste e onde um quarto de século antes meu pai havia capturado uma borboleta-do-pavão muito escassa em nossas florestas do norte.

No verão de 1953, num rancho perto de Portal, Arizona, numa casa alugada em Ashland, Oregon, e em vários motéis no Oeste e no Meio-Oeste, consegui, entre caçar borboletas e escrever *Lolita* e *Pnin*, traduzir para o russo *Fala, memória*, com a ajuda de minha esposa. Por causa da dificuldade psicológica de retomar um tema elaborado em meu *Dar (O dom)*, omiti um capítulo inteiro (o onze). Por outro lado, revisei muitas passagens e tentei fazer alguma coisa sobre os defeitos amnésicos do original — pontos vazios, áreas fora de foco, domínios da penumbra. Descobri que às vezes, por meio de intensa concentração, o borrão neutro era forçado a entrar lindamente em foco de forma que a súbita visão podia ser identificada e o criado anônimo receber seu nome. Para a atual edição final de *Fala, memória*, não só introduzi as mudanças básicas e copiosos acréscimos ao texto inicial em inglês, como me

vali também das correções que fiz ao verter o texto para o russo. Esse re-inglesamento de uma re-versão russa que havia sido de início um re-contar em inglês de memórias russas, mostrou-se uma tarefa diabólica, mas o que me deu alguma consolação foi a ideia de que tais metamorfoses múltiplas, familiares às borboletas, não haviam sido tentadas por nenhum humano antes.

Dentre as anomalias de uma memória, cujo possuidor e vítima não devia nunca ter tentado se tornar um autobiógrafo, a pior é a tendência a equacionar em retrospecto a minha idade com a do século. Isso levou a uma série de erros cronológicos notavelmente constituintes na primeira versão deste livro. Nasci em abril de 1899 e, naturalmente, durante o primeiro terço de, digamos, 1903, mal tinha três anos; mas em agosto desse ano, o agudo “3” que me foi revelado (conforme descrito em “Passado perfeito”) referia-se à idade do século, não à minha, que era “4” e tão quadrado e resiliente como um travesseiro de borracha. De maneira semelhante, no começo do verão de 1906 — o verão em que comecei a colecionar borboletas — eu tinha sete e não seis anos, como declarado inicialmente no catastrófico segundo parágrafo do capítulo seis. Mnemosine, é preciso admitir, havia demonstrado ser uma garota muito descuidada.

Todas as datas são fornecidas no Novo Estilo: nós ficávamos doze dias para trás do resto do mundo civilizado no século XIX e treze no começo do XX. No Velho Estilo eu nasci em 10 de abril, ao raiar do dia, no último ano do último século, e isso era (se eu pudesse ter sido atravessado imediatamente pela fronteira) 22 de abril na Alemanha, digamos; mas como todos os meus aniversários foram celebrados, com pompa cada vez menor, no século XX, todos, inclusive eu mesmo, ao sermos deslocados pela revolução e expatriados do calendário juliano para o gregoriano, costumávamos acrescentar treze dias, em vez de doze, ao 10 de abril. O erro é sério. O que fazer? Encontro “23 de abril” como “data de nascimento” em meu passaporte mais recente, que é também a data do nascimento de Shakespeare, de meu sobrinho Vladimir Sikorski, Shirley Temple e Hazel Brown (que, além disso, compartilha meu passaporte). Portanto, esse é o problema. A incapacidade calculatória me impede de tentar resolvê-lo.

Quando, depois de vinte anos de ausência, tomei um navio de volta à Europa, renovei laços que haviam sido desfeitos antes mesmo de eu a deixar.

Nessas reuniões de família, *Fala, memória* foi julgado. Detalhes de data e circunstância foram conferidos, e descobriu-se que em muitos casos eu havia errado, ou não tinha examinado com suficiente profundidade uma lembrança obscura, mas penetrável. Certas questões foram descartadas por meus conselheiros como lendas, rumores ou, se genuínas, não comprovadamente relacionadas aos eventos ou períodos aos quais a frágil memória as havia ligado. Meu primo Sergey Sergeievich Nabokov me deu informações inestimáveis sobre a história de nossa família. Minhas duas irmãs censuraram raivosamente minha descrição da viagem a Biarritz (que começa no capítulo sete) e me bombardearam com detalhes específicos que me convenceram de que eu estava errado ao deixá-las para trás (“com tias e babás!”). Coisas que ainda não fui capaz de retrabalhar por falta de documentação específica, preferi agora apagar em prol da verdade geral. Por outro lado, uma porção de fatos referentes a meus ancestrais e a outros personagens vieram à luz e foram incorporados a esta versão final de *Fala, memória*. Espero algum dia escrever um “Continue falando, memória”, cobrindo os anos 1940-60, passados na América; a evaporação de certos voláteis e a fusão de certos metais ainda continuam ocorrendo em minhas serpentinas e cadinhos.

O leitor encontrará no presente trabalho esparsas referências a meus romances, mas no geral senti que o trabalho de escrevê-los havia sido suficiente e deviam permanecer no primeiro estômago. Minhas recentes introduções às traduções para o inglês de *Zashchita Luzhina*, 1930 (*A defesa Lujin*, Weidenfeld & Nicholson, 1964), *Otchayanie*, 1936 (*Desespero*, Weidenfeld & Nicholson, 1966), *Priglasenie na kazn'*, 1938 (*Convite ao cadafalso*, Weidenfeld & Nicholson, 1959), *Dar*, 1952, serializado 1937-38 (*O dom*, Weidenfeld & Nicholson, 1963) e *Soglyadatay*, 1938 (*O olho*, Weidenfeld & Nicholson, 1965) fornecem um relato detalhado e vivo da parte criativa de meu passado europeu. Para aqueles que desejem uma lista mais completa de minhas publicações, existe a bibliografia detalhada, elaborada por Dieter E. Zimmer (*Vladimir Nabokov Bibliographie des Gesamtwerks*, Rowohlt, 1ª. ed., dezembro de 1963; 2ª. ed. revista, maio de 1964).

Os mates em dois lances descritos no capítulo catorze foram republicados em *Chess Problems* por Lipton, Matthews & Rice (Faber, 1963, p. 252). Minha invenção mais divertida, porém, é um “Movimento de recuo da branca”, que

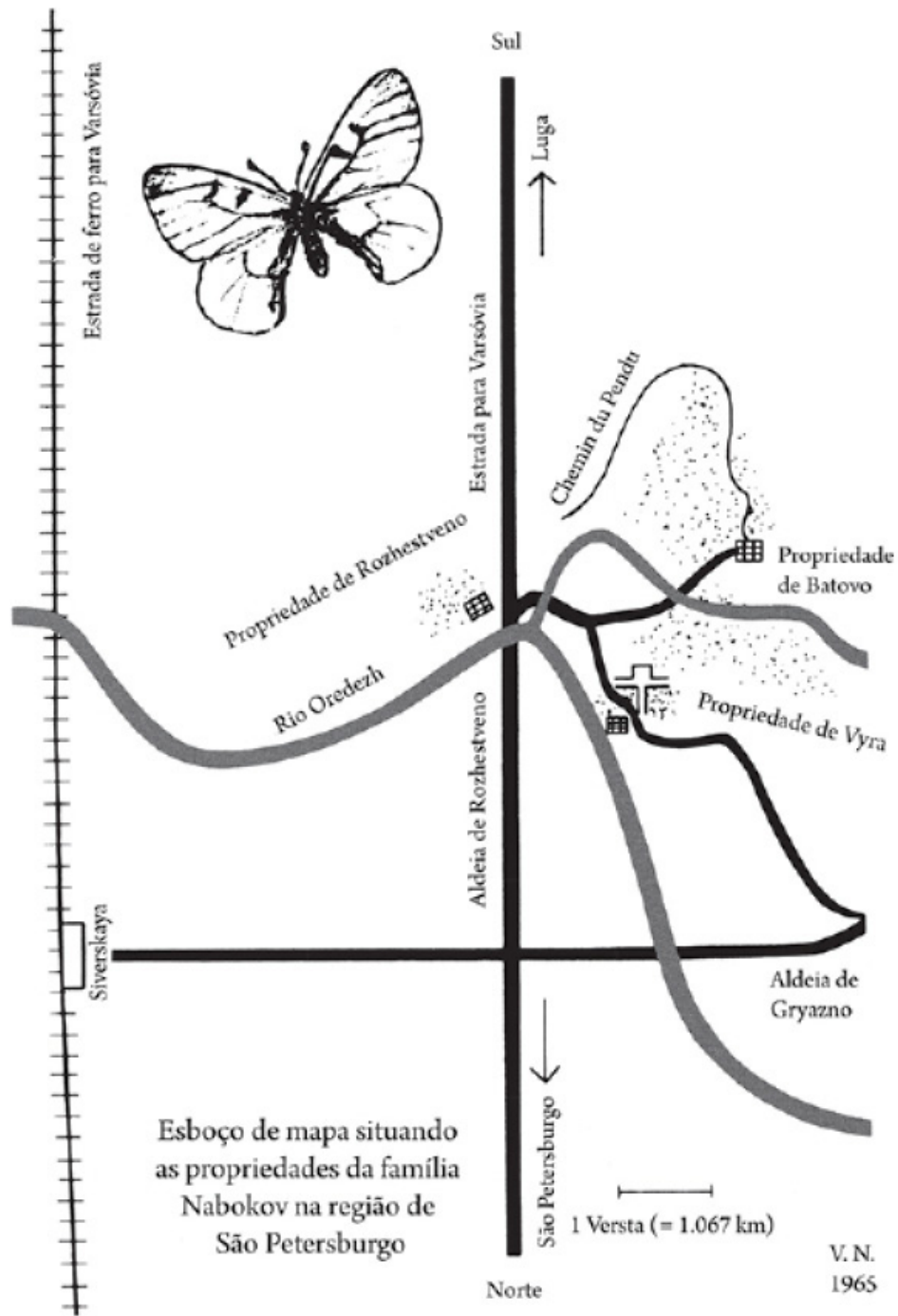
dediquei a E.A. Znosko-Borovski, que o publicou nos anos 1930 (1934?) no diário emigrado *Poslednie Novosti*, Paris. Não me lembro com lucidez suficiente da posição para anotá-la aqui, mas talvez algum apreciador de “xadrez fantasia” (tipo de problema ao qual ele pertence) venha a procurar por ele algum dia em uma daquelas abençoadas bibliotecas em que jornais são microfilmados, como todas as nossas memórias deveriam ser. Críticos leram a primeira versão mais descuidadamente do que lerão esta nova edição: apenas um deles notou meu “perverso ataque” a Freud no primeiro parágrafo do capítulo oito, setor 2, e nenhum descobriu o nome de um grande caricaturista e um tributo a ele na última frase do setor 2 do capítulo onze. É extremamente embaraçoso para um escritor ter de ele próprio apontar tais coisas.

Para evitar mágoas aos vivos ou perturbação aos mortos, certos nomes próprios foram mudados. Esses estão indicados por aspas no índice. Seu propósito principal é arrolar para minha conveniência algumas pessoas e temas relativos a meus anos passados. Sua presença incomodará o vulgo, mas agradará os sagazes, ao menos porque

pela janela desse *index*
surge uma rosa
e às vezes uma suave brisa *ex*
ponto sopra.

VLADIMIR NABOKOV
5 de janeiro de 1966
Montreux

Fala, Memória



Esboço de mapa situando
 as propriedades da família
 Nabokov na região de
 São Petersburgo

Capítulo um

1

O berço balança sobre um abismo e o senso comum nos diz que nossa existência não é mais que uma breve fenda de luz entre duas eternidades de escuridão. Embora as duas sejam gêmeas idênticas, o ser humano, como regra, vê o abismo pré-natal com mais calma do que aquele para o qual se dirige (a cerca de quatro mil e quinhentas batidas de coração por hora). Conheço, porém, um jovem cronóforo que sentiu algo como pânico ao assistir pela primeira vez a filmes caseiros feitos poucas semanas antes de seu nascimento. Ele viu um mundo praticamente inalterado — a mesma casa, as mesmas pessoas — e então se deu conta de que ele não existia ali em absoluto e que ninguém lamentava sua ausência. Viu de relance sua mãe acenando de uma janela do andar superior e esse gesto não familiar o perturbou, como se fosse um adeus misterioso. Mas o que o assustou particularmente foi a visão de um carrinho de bebê novo parado na varanda, com o aspecto presunçoso e invasivo de um caixão; mesmo aquilo estava vazio, como se, na inversão do curso dos acontecimentos, seus próprios ossos houvessem desintegrado.

Essas fantasias não são estranhas aos jovens. Ou, para dizer de outro modo, as primeiras e as últimas coisas tendem a ter um tom adolescente — a menos, talvez, que sejam dirigidas por alguma venerável e rígida religião. A natureza espera que um homem adulto aceite os dois vazios negros, antes e depois, tão impassivelmente como aceita as excepcionais visões entre um e outro. A imaginação, deleite supremo do imortal e do imaturo, deve ser limitada. A fim de aproveitar a vida, devemos não aproveitá-la demais.

Eu me rebelo contra esse estado de coisas. Sinto uma compulsão de externar minha revolta e provocar a natureza. Insistentemente, minha mente tem feito esforços colossais para distinguir a mais mínima cintilação pessoal na escuridão impessoal de ambos os lados de minha vida. A convicção de que este escuro é provocado apenas pelas muralhas de tempo que separam a mim e a meus punhos feridos do mundo livre da intemporalidade é algo que compartilho alegremente com o selvagem pintado com as cores mais berrantes. Viajei em pensamento — com o pensamento se afilando inapelavelmente à medida que eu avançava — a regiões remotas, onde buscava algum resultado secreto e descobri apenas que a prisão do tempo é esférica e sem saídas. Fora o suicídio, tentei de tudo. Despi minha identidade a fim de passar por um fantasma convencional e penetrar em mundos que existiram antes de eu ser concebido. Mentalmente suportei a companhia degradante de senhoras romancistas vitorianas e coronéis reformados que lembravam ter, em vidas anteriores, sido mensageiros escravos numa estrada romana ou sábios debaixo dos salgueiros de Lhasa. Pilhei meus sonhos mais antigos em busca de chaves e pistas — e deixem que diga logo que rejeito inteiramente o mundo vulgar, maltrapilho, fundamentalmente medieval de Freud, com sua busca forçada por símbolos sexuais (algo como procurar acrósticos de Bacon nas obras de Shakespeare) e seus amargos embriõezinhos, espiando, de seus recessos naturais, a vida amorosa dos pais.

Inicialmente, eu não tinha consciência de que o tempo, tão ilimitado à primeira vista, era uma prisão. Ao examinar minha infância (que é a coisa mais próxima do prazer de examinar a própria eternidade) vi o despertar da consciência como uma série de flashes espaçados, com os intervalos entre eles diminuindo aos poucos até se formarem claros blocos de percepção, fornecendo à memória um apoio escorregadio. Aprendi os números e a fala mais ou menos simultaneamente quando muito novo, mas o conhecimento interno de que eu era eu e de que meus pais eram meus pais parece ter se estabelecido apenas mais tarde, quando diretamente associado à minha descoberta da idade deles em relação à minha. A julgar pelo sol forte que, quando penso nessa revelação, logo invade minha memória com manchas de sol arredondadas sobre padrões sobrepostos de verdor, a ocasião pode ter sido o aniversário de minha mãe, no fim do verão, no campo, e eu havia feito perguntas e avaliado as respostas recebidas. Tudo isso é como devia ser de

acordo com a teoria da recapitulação; o começo da consciência reflexiva do cérebro de nosso ancestral mais remoto deve com certeza ter coincido com o alvorecer da sensação de tempo.

Assim, quando a recém-revelada fórmula fresca e clara de minha própria idade, quatro anos, se confrontou com as fórmulas paternas, trinta e três e vinte e sete, alguma coisa aconteceu comigo. Recebi um choque tremendamente revigorante. Como se sujeito a um segundo batismo, em linhas mais divinas do que o mergulho católico-grego enfrentado cinquenta meses antes por um uivante quase-afogado quase-Victor (minha mãe, através da porta semifechada, atrás da qual o velho costume pedia que os pais se retirassem, conseguiu corrigir o incompetente arquipresbítero, padre Konstantin Vetvenitski), me senti mergulhar abruptamente num meio radiante e móvel que não era nada mais nada menos que o puro elemento do tempo. O indivíduo o experimentou — assim como excitados banhistas experimentam a brilhante água marítima — junto com criaturas que não eram ele próprio, mas a ele se juntaram pelo fluxo comum de tempo, um ambiente bem diferente do mundo espacial, que não apenas o ser humano, mas macacos e borboletas também podem perceber. Naquele instante, me tornei consciente de que o ser de vinte e sete anos, de um branco e rosado suaves, que segurava minha mão esquerda, era minha mãe, e que o ser de trinta e três anos, em branco e ouro sólidos, segurando minha mão direita, era meu pai. Entre eles, que avançavam tranquilos, eu me empinava e trotava e me empinava de novo, de mancha de sol em mancha de sol, pelo meio do caminho, que hoje identifico com facilidade com uma alameda de carvalhos ornamentais novos no parque de nossa propriedade no campo, Vyra, na antiga Província de São Petersburgo, Rússia. De fato, de minha escarpa atual de tempo remoto, isolado, quase desabitado, vejo meu eu diminuto a celebrar, naquele dia de agosto de 1903, o nascimento da vida sensível. Se quem segurava minha mão esquerda e quem segurava minha mão direita estiveram ambos presentes antes em meu vago mundo infantil, estiveram sob uma terna máscara incógnita; mas agora a roupa de meu pai, sua resplandecente farda da Guarda Montada, com aquela lisa curvatura dourada da couraça rebrilhando no peito e nas costas, surgia como o sol e durante muitos anos depois permaneci vivamente interessado na idade de meus pais e me mantive informado sobre ela, como um passageiro nervoso que pergunta a hora a fim de conferir o relógio novo.

Meu pai, note-se bem, havia prestado o serviço militar muito antes de eu nascer, de forma que suponho que nesse dia havia vestido a farda de seu antigo regimento como uma brincadeira festiva. A uma brincadeira, portanto, devo meu primeiro vislumbre de plena consciência — que tem, por sua vez, implicações recapitulatórias, uma vez que as primeiras criaturas na terra a tomarem consciência do tempo foram também as primeiras criaturas a sorrir.

2

Era a caverna primordial (e não o que os místicos freudianos podem supor) que ficava por trás das brincadeiras de quando eu tinha quatro anos. Um grande divã coberto de cretone, branco com trevos pretos, em uma das saletas em Vyra, me vem à mente como um grande produto maciço de algum levante geológico anterior ao começo da história. A história começa (com a promessa da bela Grécia) não longe de um canto desse divã, onde um grande arbusto de hortênsia num vaso, com flores de um azul pálido com algumas esverdeadas, esconde em parte, num canto da sala, um pedestal do busto de mármore de Diana. Na parede contra a qual se encontra o divã, uma outra fase da história é marcada por uma gravura cinzenta numa moldura de ébano — um daqueles quadros de batalhas napoleônicas em que o episódico e o alegórico são reais adversários e onde se vê, todos agrupados no mesmo plano de visão, o tocador de tambor ferido, um cavalo morto, troféus, um soldado a ponto de cravar a baioneta em outro, e o invulnerável imperador posando com seus generais em meio à refrega imobilizada.

Com a ajuda de alguma pessoa adulta, que usava primeiro ambas as mãos, depois uma perna poderosa, o divã era empurrado vários centímetros para longe da parede, de forma a criar uma passagem estreita que em seguida me ajudavam a cobrir confortavelmente com as almofadas do divã e fechar dos lados com dois dos assentos. Eu tinha então o fantástico prazer de rastejar para aquele túnel escuro feito breu, onde ficava um pouco a ouvir o tinir em meus ouvidos — aquela vibração solitária tão familiar a meninos pequenos em esconderijos empoeirados — e então, numa explosão de delicioso pânico, fazendo ruído com mãos e joelhos, eu chegava ao extremo do túnel, empurrava para longe o assento e era recebido por uma trama de sol no parquê debaixo da palha trançada da cadeira vienense e duas moscas brincalhonas se alternando a

pousar. Uma sensação mais onírica e delicada vinha de outra brincadeira de caverna, quando ao acordar de manhã cedo eu fazia uma barraca com a roupa de cama e deixava minha imaginação brincar de mil tênues maneiras com encostas nevadas de lençóis e a branda luz que parecia penetrar minha cobertura penumbrosa vinda de alguma distância imensa, onde eu inventava que pálidos e estranhos animais vagavam numa paisagem de lagos. A lembrança de meu berço, com suas redes laterais de macios cordões de algodão, traz de volta também o prazer de manusear um certo ovo de cristal cor de granada escura, bonito e deliciosamente sólido, sobra de alguma Páscoa esquecida; eu costumava mascar uma ponta do lençol até ele ficar inteiramente ensoado e depois embrulhar nele o ovo bem apertado, para admirar e lambe de novo o brilho quente, avermelhado das facetas bem envelopadas que vazavam com uma miraculosa completude de brilho e cor. Mas isso ainda não era o mais próximo a que eu chegava de me alimentar de beleza.

Como é pequeno o cosmos (a bolsa de um canguru podia contê-lo), como é insignificante e irrisório comparado à consciência humana, a uma única lembrança individual e sua expressão em palavras! Posso gostar excessivamente de minhas primeiras impressões, mas tenho razões para ser grato a elas. Elas abriram o caminho para um verdadeiro Éden de sensações visuais e táteis. Uma noite, durante uma viagem ao exterior, no outono de 1903, me lembro de ajoelhar em meu travesseiro (achatado) à janela do vagão dormitório (provavelmente no *Train de Luxe* Mediterrâneo, há muito extinto, aquele cujos seis vagões tinham a parte inferior pintada de marrom-escuro e os painéis de cor de creme) e ver com uma pontada inexplicável um punhado de luzes que me chamavam numa encosta distante e depois deslizavam para um bolso de veludo negro: diamantes que depois entreguei a meus personagens para aliviar o peso de minha riqueza. Provavelmente, eu havia conseguido soltar e empurrar para cima a cortina firme da cabeceira de meu catre e meus calcanhares estavam frios, mas eu continuava ajoelhado, olhando. Nada é mais doce ou mais estranho do que ponderar essas primeiras emoções. Elas pertencem ao mundo harmonioso de uma infância perfeita e, enquanto tal, possuem uma forma naturalmente plástica em nossa memória, que pode ser estabelecida sem praticamente nenhum esforço; só no começo das lembranças da adolescência é que Mnemosine começa a ficar seletiva e ranzinza. Eu afirmaria além disso que, quanto ao poder de amearhar impressões, as crianças

russas de minha geração passaram por um período de gênio, como se o destino estivesse lealmente tentando todo o possível para elas, lhes dando mais do que lhes era devido, em vista do cataclisma que viria a remover completamente o mundo que haviam conhecido. O gênio desapareceu quando tudo teve de ser armazenado, assim como ocorre com aqueles outros meninos prodígios mais especializados — lindos jovens de cabelos encaracolados movendo batutas ou domando pianos enormes, que acabam se transformando em músicos de segunda classe com olhos tristes, doenças obscuras e algo vagamente deformado em suas ancas eunucoides. Mas mesmo assim, resta o mistério individual a tantalizar o memorialista. Nem no meio ambiente, nem na hereditariedade consigo encontrar o instrumento exato que me deu forma, o rolo anônimo que gravou em minha vida certa marca-d'água intrincada, cujo desenho único se torna visível quando a luz da arte brilha através do papel almaço da vida.

3

Para fixar em termos temporais algumas lembranças de minha infância, tenho de seguir cometas e eclipses, como fazem historiadores quando organizam os fragmentos de uma saga. Mas em outros casos há escassez de dados. Me vejo, por exemplo, cambaleando entre pedras pretas molhadas à beira-mar, enquanto Miss Norcott, uma lânguida e melancólica governanta, que acha que a estou seguindo, se afasta pela praia curva com Sergey, meu irmão mais novo. Estou usando uma pulseira de brinquedo. Ao engatinhar por essas pedras, fico repetindo, numa espécie de empenhado, copioso e profundamente gratificante encantamento, a palavra inglesa *childhood*, que soa misteriosa e nova e vai se tornando mais e mais estranha ao se misturar em minha pequena mente, confusa e sobrecarregada, com Robin Hood e Chapeuzinho Vermelho, e os capuzes marrons de velhas fadas corcundas. Há reentrâncias nas pedras, cheias de água marinha tépida, e meu murmurar mágico acompanha certos encantamentos que tramo sobre as minúsculas piscinas cor de safira.

O lugar, claro, é Abbazia, no Adriático. A coisa em torno de meu pulso, que parece um elegante anel de guardanapo, feito de um material semelhante a celuloide, semitranslúcido, verde pálido e rosa, é o fruto de uma árvore de Natal, que Onya, uma prima bonita, minha coetânea, me deu em São Petersburgo, uns meses antes. Sentimentalmente era para mim um tesouro até

apresentar riscas escuras pelo lado de dentro que concluí, como num sonho, serem meus cabelos cortados que de alguma forma haviam penetrado na substância brilhante junto com minhas lágrimas durante uma horrenda visita a um detestável cabeleireiro na cidade próxima, Fiume. No mesmo dia, num café à beira-mar, meu pai notou, no momento em que éramos servidos, dois oficiais japoneses numa mesa próxima à nossa, e saímos logo em seguida — não sem que eu apressadamente arrebatasse uma bomba inteira de sorvete de limão, que levei em segredo na boca dolorida. O ano era 1904. Eu tinha cinco anos. A Rússia estava em guerra com o Japão. Com intenso prazer, o semanário inglês ilustrado que Miss Norcott assinava reproduzia as imagens de guerra de artistas japoneses que mostravam como afundariam as locomotivas russas — tornadas especialmente semelhantes a brinquedos pelo estilo pictórico japonês — se nosso Exército tentasse instalar trilhos atravessando o gelo traiçoeiro do lago Baikal.

Mas deixe-me ver. Tive uma ligação ainda anterior com essa guerra. Uma tarde, no começo do mesmo ano, em nossa casa de São Petersburgo, fui levado do quarto de brinquedos para o escritório de meu pai para dizer como-vai-o-senhor a um amigo da família, o general Kuropatkin. Seu corpo atarracado, revestido pela farda, deu um ligeiro rangido quando ele, para me agradar, espalhou um punhado de fósforos no divã em que estava sentado, ajeitando dez palitos numa linha reta e disse: “Isto é o mar com tempo calmo.” Depois, deslocou cada par a fim de transformar a linha reta num zigue-zague — e aquilo era o “mar tempestuoso”. Ele misturou os fósforos e ia fazer, eu esperava, outro truque melhor, quando fomos interrompidos. Seu ordenança foi trazido à sala e lhe disse alguma coisa. Com um ronco russo e agitado, Kuropatkin se levantou devagar do divã, fazendo os fósforos soltos saltarem quando seu peso se ergueu. Nesse dia, ele recebeu a ordem de assumir o comando supremo do Exército russo no Extremo Oriente.

Esse incidente teve uma sequela especial quinze anos depois, quando, a certo momento da fuga de meu pai da São Petersburgo tomada pelos bolcheviques em direção ao sul da Rússia, ele foi abordado, ao atravessar uma ponte, por um velho que parecia um camponês de barba grisalha com casaco de pele de carneiro. Ele pediu fogo a meu pai. No momento seguinte, os dois se reconheceram. Espero que o velho Kuropatkin, em seu rústico disfarce, tenha conseguido escapar da prisão soviética, mas não é essa a questão. O que

me agrada é a evolução do tema dos fósforos: aqueles mágicos que ele me mostrara tinham sido malbaratados e iludidos, seus exércitos haviam caído também e tudo tinha desmoronado, como meu trem de brinquedo que, no inverno de 1904-05, em Wiesbaden, tentei fazer correr sobre as poças congeladas nos jardins do Hotel Oranien. Acredito que o verdadeiro propósito de uma autobiografia deviam ser esses padrões temáticos da vida de uma pessoa.

4

O desfecho da desastrosa campanha da Rússia no Extremo Oriente veio acompanhado de furiosas desordens internas. Inabalada por elas, minha mãe, com seus três filhos, voltou a São Petersburgo depois de quase um ano em estâncias estrangeiras. Isso foi no começo de 1905. Questões de Estado exigiam a presença de meu pai na capital; o Partido Constitucionalista Democrático, do qual ele era um dos fundadores, iria conquistar a maioria das cadeiras do Primeiro Parlamento no ano seguinte. Durante uma de suas breves estadas conosco no campo naquele verão, ele constatou, com patriótica consternação, que meu irmão e eu conseguíamos ler e escrever inglês, mas não russo (exceto KAKAO e MAMA). Ficou decidido que o mestre-escola da aldeia viria toda tarde nos dar aulas e nos levar para caminhadas.

Com um agudo e alegre toque do apito que fazia parte de meu primeiro terno marinheiro, minha infância me chama de volta àquele distante passado para me fazer novamente apertar a mão de meu adorável professor. Vasili Martinovich Zhernosekov tinha barba castanha e crespa, cabeça calva e olhos azuis como o céu, um dos quais exibia uma fascinante excrescência na pálpebra superior. No primeiro dia, ele trouxe uma caixa cheia de blocos tremendamente apetitosos com uma letra diferente pintada de cada lado; ele manipulava esses cubos como se fossem coisas muito preciosas que, por sinal, eram (além de formar túneis esplêndidos para trenzinhos de brinquedo). Reverenciava meu pai que acabara de reconstruir e modernizar a escola da aldeia. Numa prova antiquada de livre pensador, ele usava uma gravata preta solta com um descuidado nó de borboleta. Quando se dirigia a mim, um menino pequeno, usava o plural da segunda pessoa — não do jeito rígido dos criados, nem como minha mãe fazia em momentos de ternura intensa quando

minha temperatura subira muito ou eu perdera um minúsculo trem de passageiros (como se o singular fosse ralo demais para sustentar a carga de seu amor), mas com a polida simplicidade de um homem falando com outro que não conhece o suficiente para usar o “tu”. Ardente revolucionário, ele gesticulava com veemência em nossos passeios pelo campo, falava de humanidade, liberdade, da maldade da guerra e da triste (mas no meu entender interessante) necessidade de explodir tiranos, e às vezes tirava o então popular livro pacifista *Doloy Oruzhie!* (uma tradução do *Die Waffen Nieder!*, de Bertha von Suttner) e brindava a mim, uma criança de seis anos, com tediosas citações; eu tentava refutá-las: naquela idade tenra e belicosa eu falava a favor do derramamento de sangue em furiosa defesa de meu mundo de revólveres de brinquedo e cavaleiros arturianos. Sob o regime de Lenin, quando todos os não comunistas radicais foram impiedosamente perseguidos, Zhernosekov foi enviado a um campo de trabalhos forçados, mas conseguiu escapar para o exterior e morreu em Narva em 1939.

De certa forma, devo a ele a capacidade de continuar por mais um trecho em minha trilha particular que corre paralela à estrada daquela década conturbada. Quando, em julho de 1906, o tsar dissolveu inconstitucionalmente o Parlamento, determinado número de seus membros, entre eles meu pai, realizou uma sessão rebelde em Vyborg e lançou um manifesto que estimulava o povo a resistir ao governo. Por causa disso, mais de um ano e meio depois, eles foram presos. Meu pai passou três meses descansados, embora um tanto isolado, em regime de solitária, com seus livros, sua banheira desmontável e o exemplar do manual de ginástica em casa de J. P. Muller. Até o fim de seus dias, minha mãe conservou as cartas que ele conseguiu enviar para ela clandestinamente — alegres epístolas escritas a lápis em papel higiênico (que publiquei em 1965, no quarto número da revista em russo *Vozdushnie puti*, publicada por Roman Grynberg em Nova York). Estávamos no campo quando ele foi libertado e foi o mestre-escola da aldeia que dirigiu as festividades e arranjou as bandeiras (algumas francamente vermelhas) para saudar a volta de meu pai da estação de trem até a nossa casa, debaixo de arcos de ramos de pinheiro e coroas de centáureas, a flor favorita de meu pai. Nós, filhos, tínhamos ido à aldeia e é quando me lembro desse dia especial que vejo com maior clareza o rio ensolarado; a ponte, a lata brilhante que algum pescador deixou na amurada de madeira; a colina coberta de tílias

com sua igreja vermelho-rosada e um mausoléu de mármore onde repousavam os mortos de minha mãe; a estrada poeirenta até a aldeia; a faixa de grama curta, verde-pastel, com trechos carecas de solo arenoso, entre a estrada e os arbustos de lilases atrás dos quais erguia-se em muralha a fileira instável de cabanas de troncos musgosas; o novo prédio de pedra da escola, ao lado do velho de madeira; e, ao passarmos depressa, o cachorrinho preto com dentes muito brancos que saiu correndo de entre os chalés numa velocidade terrível, mas em silêncio absoluto, economizando a voz para a breve explosão a que se permitiria quando sua corrida muda o levasse, por fim, para bem perto da carruagem que passava depressa.

5

O velho e o novo, o toque liberal e o patriarcal, a pobreza fatal e a riqueza fatalista se entrelaçaram fantásticamente naquela primeira estranha década do nosso século. Várias vezes durante um verão pode ter acontecido de, no meio do almoço, na sala de jantar clara, com muitas janelas e painéis de noqueira, do primeiro andar da nossa mansão em Vyra, Aleksey, o mordomo, com uma expressão infeliz, se curvar para informar a meu pai, em voz baixa (especialmente baixa se tínhamos convidados), que um grupo de aldeões queria ver o *barin* lá fora. Meu pai removia rispidamente o guardanapo do colo e pedia licença a minha mãe. Uma das janelas do lado oeste da sala de jantar dava para uma parte da entrada junto ao portão principal. Dava para ver o alto dos arbustos de madressilva diante da varanda. Dessa direção, chegaria a nós o cortês sussurrar das boas-vindas camponesas do grupo invisível saudando meu pai invisível. A conversa em seguida, conduzida em tom normal, não seria ouvida, uma vez que as janelas debaixo das quais ocorria estavam fechadas para evitar o calor. Provavelmente tinha a ver com um pedido para que ele mediasse alguma disputa local, ou com algum subsídio especial, ou com a permissão de colher um pouco em nossa terra, ou cortar um grupo cobiçado de nossas árvores. Se o pedido fosse atendido imediatamente, como costumava acontecer, haveria de novo aquele rumor e então, numa mostra de gratidão, o bom *barin* teria de enfrentar o sacrifício de ser carregado, jogado para o alto e recebido em segurança por um grupo de braços fortes.

Na sala de jantar, meu irmão e eu éramos orientados a continuar comendo. Minha mãe, com um petisco entre indicador e polegar, olharia debaixo da mesa para ver se seu nervoso e mal-humorado *dachshund* estaria lá. “*Un jour ils vont le laisser tomber*”, viria de mlle. Golay, um velha caprichosamente pessimista que tinha sido governanta de minha mãe e ainda morava conosco (em péssimos termos com nossa própria governanta). De meu lugar à mesa, eu veria de repente, através de uma das janelas do oeste, um maravilhoso caso de levitação. Lá, por um instante, a figura de meu pai em seu terno branco de verão agitado pelo vento apareceria, gloriosamente estendido no ar, os membros em uma atitude curiosamente casual, os belos traços imperturbáveis voltados para o céu. Três vezes, aos gritos poderosos de seus carregadores invisíveis, ele voaria dessa maneira e na segunda vez iria mais alto que na primeira, e em seguida lá estaria, em seu último e mais alto voo, reclinado, como que para sempre, contra o azul-cobalto do meio-dia de verão, como uma daquelas paradisíacas personagens que pairam confortavelmente, com grande riqueza de dobras nas roupas, nas cúpulas do teto de uma igreja, enquanto embaixo, uma a uma, as velas de cera em mãos mortais se acendem para fazer um enxame de labaredas diminutas na névoa de incenso, e o padre entoa sobre repouso eterno, e lírios funerários escondem o rosto de quem quer que ali se encontre, entre as luzes flutuantes, no caixão aberto.

Capítulo dois

1

Desde que consigo lembrar de mim mesmo (com interesse, com divertimento, raramente com admiração ou repulsa), fui sujeito a brandas alucinações. Algumas são como auras, outras ópticas, e nenhuma delas em nada me valeu. As ênfases fatídicas que refrearam Sócrates ou motivaram Joaneta Darc degeneraram comigo ao nível de algo que alguém ouve por acaso entre erguer e desligar o telefone de uma linha comum muito utilizada. Pouco antes de adormecer, muitas vezes me dou conta de uma espécie de conversa unilateral a ocorrer num setor adjunto de minha mente, bastante descompromissado com a tendência efetiva de meus pensamentos. É uma voz neutra, distanciada, anônima, que pego dizendo palavras que não me são de nenhuma importância — uma frase em inglês ou russo, nem mesmo dirigida a mim, e tão trivial que nem ousa dar amostras, para que a planura que desejo comunicar não seja desfigurada por um montículo de sentido. Esse tolo fenômeno parece ser a contrapartida auditiva de certas visões pré-adormecimento, que também conheço bem. Falo não da imagem mental clara (como, por exemplo, o rosto de um pai amado, morto há muito) conjurada por um bater de asas da vontade; *esse* é um dos movimentos mais valentes de que o espírito humano é capaz. Também não estou me referindo às chamadas *muscae volitantes* — sombras projetadas sobre os bastões da retina por partículas de pó no humor vítreo, vistas como fios transparentes flutuando no campo visual. Talvez o mais próximo das miragens hipnagógicas em que estou pensando seja a mancha colorida, o golpe de uma imagem póstuma com que uma lâmpada que se acaba

de apagar fere a noite da pálpebra. No entanto, um choque desse tipo não constitui necessariamente um ponto de partida para o lento e constante desenvolvimento das visões que passam diante de meus olhos fechados. Elas vêm e vão, sem a participação do observador sonolento, mas são essencialmente diferentes das imagens de sonho porque ele ainda é senhor de seus sentidos. São quase sempre grotescas. Sou infernizado por perfis maldosos, por algum anão de traços rústicos e rubicundos com uma narina ou orelha saliente. Às vezes, porém, meus fotismos assumem uma qualidade tranquilizadora bastante *flou*, e então vejo — projetadas, por assim dizer, no interior de minha pálpebra — figuras cinzentas caminhando entre colmeias, ou pequenos papagaios negros desaparecendo gradualmente entre neves de montanha, ou um remoto roxo se dissolvendo além de mastros em movimento.

Além de tudo isso, constituo um belo caso de audição colorida. Talvez “audição” não seja bem exato, uma vez que a sensação de cor parece ser produzida pelo próprio ato de eu formar oralmente uma determinada letra imaginando seu contorno. O *a* longo do alfabeto inglês (e é desse alfabeto que falo de agora em diante a menos que esclarecido de outra forma) tem para mim a tonalidade de madeira exposta à intempérie, mas o *a* francês evoca ébano polido. Esse grupo negro compreende também o *g* duro (borracha vulcanizada) e o *r* (um trapo fuliginoso sendo rasgado). O *n* como mingau de aveia, o *l* mole como macarrão, e o espelho manual de costas de marfim do *o* se encarregam dos brancos. Me intriga o *on* de meu francês que vejo como a tensão superficial de álcool num pequeno cálice cheio até a borda. Passando ao grupo azul, há o *x* de aço, a nuvem de tempestade do *z*, e o *k* de mirtilo. Como existe uma sutil interação entre som e forma, vejo o *q* mais marrom que o *k*, enquanto o *s* não é o azul claro do *c*, mas uma curiosa mistura de anil e madrepérola. Tonalidades adjacentes não se misturam e ditongos não têm cores próprias especiais, a menos que representados por um único caractere de alguma outra língua (assim, o felpudo cinza da letra russa de três hastes que serve para o *sh*, uma letra tão velha como os caniços do Nilo, influencia sua representação inglesa).

Me apresso a completar minha lista antes de ser interrompido. No grupo verde, há o verde-alno do *f*, o *p* da maçã não madura, e o *t* do pistache. Verde fosco, combinado de alguma forma com violeta, é o melhor que consigo para o *w*. Os amarelos compreendem vários *es* e *is*, o cremoso *d*, os dourados brilhantes *y* e *u* cujo valor alfabético só consigo expressar com “dourado com

um brilho oliváceo”. No grupo marrom, há o rico tom emborrachado do *g* macio, o *j* mais pálido, e o pardo cadarço de sapato do *h*. Por fim, entre os vermelhos, *b* tem a cor chamada de terra de Siena queimada pelos pintores, *m* é uma dobra de flanela rosada, e hoje afinal identifiquei perfeitamente o *v* com “quartzo rosa” no *Dictionary of color*, de Maerz e Paul. A palavra para arco-íris, um primário, mas decerto lodoso arco-íris, é dificilmente pronunciável em minha língua privada: *kzspygv*. O primeiro autor a discutir a *audition colorée* foi, pelo que sei, um médico albino em 1812, em Erlangen.

As confissões de um sinesteta devem parecer tediosas e pretensiosas àqueles que são protegidos de tais vazamentos e correntes de ar por paredes mais sólidas que as minhas. A minha mãe, porém, isso tudo parecia bastante normal. O assunto veio à baila um dia, quando eu tinha sete anos, e estava usando uma pilha dos velhos blocos de alfabeto para construir uma torre. Disse a ela por acaso que as cores deles estavam todas erradas. Descobrimos então que algumas das letras dela tinham as mesmas tonalidades das minhas e que, além disso, ela era afetada visualmente por notas musicais. Estas não evocavam em mim nenhum cromatismo. A música, lamento dizer, me afeta apenas como uma sucessão arbitrária de sons mais ou menos irritantes. Sob determinadas circunstâncias emocionais consigo suportar os espasmos de um violino rico, mas o concerto de piano e todos os instrumentos de sopro de madeira em pequenas doses me entediam, e em doses maiores me esfolam. Apesar do número de óperas a que era exposto todo inverno (devo ter assistido *Ruslan e Píkovaya Dama* ao menos uma dúzia de vezes no curso de metade disso em anos), minha fraca resposta à música era completamente atropelada pelo tormento visual de não ser capaz de ler por cima do ombro de Pimen ou de tentar em vão imaginar as mariposas esfingídeas na tênue inflorescência do jardim de Julieta.

Minha mãe tudo fazia para encorajar a sensibilidade geral que eu tinha pela estimulação visual. Quantas foram as aquarelas que pintou para mim; que revelação foi quando me mostrou que a árvore lilás brota da mistura de azul e vermelho! Às vezes, em nossa casa de São Petersburgo, de um compartimento secreto na parede de seu quarto de vestir (e no qual nasci), ela retirava uma massa de joias para minha diversão à hora de dormir. Eu era muito pequeno então e aquelas tiaras, gargantilhas e anéis cintilantes pareciam para mim dificilmente inferiores em mistério e encantamento à iluminação da cidade

durante as festividades imperiais quando, na acolchoada serenidade de uma noite nevada, gigantescos monogramas, coroas e outros desenhos armoriais, feitos de lâmpadas elétricas coloridas — safira, esmeralda, rubi — brilhavam com uma espécie de encantada contenção acima das cornijas debruadas de neve das fachadas das ruas residenciais.

2

As numerosas doenças que sofri na infância aproximaram ainda mais minha mãe e eu. Ainda pequeno eu demonstrava uma anormal aptidão para a matemática, que perdi completamente em minha juventude especialmente desprovida de talento. Esse dom desempenhou uma parte horrível na luta contra amidalite ou escarlatina, quando eu sentia enormes esferas e números gigantescos incharem sem cessar em meu cérebro dolorido. Um tutor tolo havia me explicado os logaritmos cedo demais e eu tinha lido (numa publicação inglesa, o *Boys' Own Paper*, acredito) sobre um certo calculador hindu que em exatamente dois segundos conseguia encontrar a raiz décima sétima de, digamos, 3529471145760275132301897342055866171392 (não sei se está certo, mas de qualquer forma a raiz era 212). Assim eram os monstros que vicejavam em meu delírio, e o único jeito de impedir que me expulsassem de mim mesmo era matá-los extraíndo seus corações. Mas eles eram fortes demais e eu ficava sentado e laboriosamente formava frases tentando explicar as coisas a minha mãe. Por baixo de meu delírio, ela reconhecia sensações que havia experimentado em si própria, e sua compreensão levava meu universo em expansão de volta a sua norma newtoniana.

O futuro especialista em tais desinteressantes lendas literárias como o autoplágio gostará de comparar uma experiência do protagonista de meu romance *O dom* com o acontecimento original. Um dia, depois de uma longa doença, eu estava deitado na cama, ainda muito fraco, e me vi aquecido por uma incomum euforia de leveza e repouso. Sabia que minha mãe tinha saído para comprar meu presente diário que tornava essas convalescenças tão deliciosas. Não adivinhava o que poderia ser dessa vez, mas através do cristal de meu estado estranhamente lúcido visualizei vividamente minha mãe se afastando da rua Morskaya na direção da avenida Nevski. Distingui um trenó

leve puxado por um corcel castanho. Ouvi sua respiração ruidosa, o bater rítmico de seu escroto e os torrões de terra congelada e neve ressoando contra a frente do trenó. Diante de meus olhos e dos olhos de minha mãe pairavam as costas do cocheiro, com seu pesado manto acolchoado azul, e o relógio no estojo de couro (duas e vinte) preso à parte de trás de seu cinto, debaixo do qual curvavam-se como uma abóbora as dobras de seu imenso traseiro acolchoado. Vi as peles de foca de minha mãe e, com o aumento da velocidade gelada, o regalo que levou ao rosto — aquele gracioso gesto invernal de uma dama de São Petersburgo. Duas pontas da volumosa coberta de pele de urso que a envolvia até a cintura estavam presas por argolas em dois punhos laterais do encosto baixo de seu assento. E atrás dela, segurando nesses punhos, um criado com rosetas no chapéu em pé no estreito suporte acima das extremidades posteriores dos deslizadores.

Ainda olhando o trenó, vi quando parou na Treumann (implementos para escrita, bugigangas de bronze, baralhos). Minha mãe então saiu dessa loja seguida pelo criado. Ele levava sua compra, que me pareceu um lápis. Fiquei perplexo de ela não carregar sozinha um objeto tão pequeno, e essa desagradável questão de dimensões provocou uma ligeira volta, felizmente muito breve, do “efeito de dilatação da mente” que eu esperava que tivesse desaparecido com a febre. Quando a acomodaram de novo no trenó, vi o vapor que exalava de todos, incluindo os cavalos. Observei também o bico conhecido que ela fazia para afastar a rede do véu muito apertado sobre o rosto, e ao escrever isto me volta o toque dessa ternura reticulada que meus lábios costumavam sentir ao beijar o rosto dela — *voa* para mim com um grito de alegria vindo do passado azul de neve das janelas azuladas (cujas cortinas ainda estavam abertas).

Poucos minutos depois, ela entrou em meu quarto. Trazia nos braços um embrulho grande. Na minha visão, havia se reduzido bastante — talvez porque eu subliminarmente tenha corrigido o que a lógica me advertia poder ser ainda um resto do mundo dilatado por meu delírio. Ora, o objeto se revelou um gigantesco lápis Faber poligonal, de um metro e vinte de comprimento e grossura correspondente. Estivera pendurado como decoração na vitrine e ela presumiu que eu o havia cobiçado, como cobiçava todas as coisas que não estavam efetivamente à venda. O vendedor fora obrigado a telefonar para um agente, um certo “doutor” Libner (como se a transação possuísse de fato algum

peso patológico). Por um momento terrível, me perguntei se a ponta seria feita de grafite de verdade. Era, e alguns anos depois satisfiz minha curiosidade fazendo um buraco do lado para descobrir que o grafite percorria toda a extensão do lápis — um caso perfeito de arte pela arte da parte da Faber e do dr. Libner, uma vez que o lápis era grande demais para uso e, de fato, não era destinado ao uso.

“Ah, sim”, ela dizia quando eu mencionava esta ou aquela sensação incomum. “É, eu sei como é”, e com uma engenhosidade um tanto misteriosa discutia coisas como visão dupla, pancadinhas na madeira de mesas de três pernas, premonições e sensações de *déjà vu*. Seus ancestrais diretos apresentavam um traço de sectarismo. Ela só ia à igreja na Quaresma e na Páscoa. O pendor cismático se revelava nela em seu saudável desgosto pelo ritual da Igreja Católica Grega e seus padres. Sentia grande atração pelo lado moral e poético dos Evangelhos, mas não sentia nenhuma necessidade de aceitar qualquer dogma. A apavorante insegurança de uma vida pós-morte e sua falta de privacidade não tinha lugar em seus pensamentos. Sua intensa e pura religiosidade assumira a forma de uma igual fé na existência de um outro mundo e na impossibilidade de compreendê-lo em termos da vida terrena. Tudo o que se podia fazer era olhar de relance, em meio à névoa e às quimeras, algo real mais adiante, assim como as pessoas dotadas de uma rara persistência de cerebração diurna são capazes de perceber em seu sono mais profundo, em algum lugar além das pulsações de um pesadelo emaranhado e inepto, a realidade ordenada do momento desperto.

3

Amar com toda a alma e deixar o resto ao destino, era a regra simples que ela seguia. “*Vot zapomni* [agora lembre]”, ela dizia em um tom de conspiração ao chamar minha atenção para esta ou aquela coisa de que gostava em Vyra — uma cotovia subindo no céu de leite coalhado de um tedioso dia de primavera, relâmpagos de calor formando fotografias de uma distante linha de árvores à noite, a paleta das folhas de bordo na areia marrom, as pequenas pegadas de passarinho em forma de cunha sobre a neve fresca. Como se sentisse que dentro de poucos anos a parte tangível de seu mundo fosse perecer, ela cultivava uma consciência extraordinária das várias marcas do tempo

distribuídas por toda a nossa propriedade no campo. Ela adorava o próprio passado com o mesmo fervor retrospectivo com que eu adoro hoje sua imagem e meu passado. Assim, de certa forma, herdei um refinado simulacro — a beleza de uma intangível e imprópria propriedade irreal — e isso se mostrou um esplêndido treino para suportar as perdas posteriores. Seus rótulos e impressões especiais se tornaram tão queridos e sagrados para mim quanto eram para ela. Havia o quarto que no passado fora reservado ao hobby da mãe dela, um laboratório de química; havia a tília que marcava o ponto, ao lado da rua que subia para a aldeia de Gryazno (com tônica na última), no ponto mais íngreme, onde a pessoa preferia levar a “bicicleta pelos chifres” (*bika za roga*) como meu pai, um dedicado ciclista, gostava de dizer, e onde ele a havia pedido em casamento; e havia, no chamado “velho” parque, uma obsoleta quadra de tênis, então uma região de musgo, montes de toupeiras e cogumelos, que havia sido cenário de alegres disputas nos anos oitenta e noventa (até seu severo pai havia tirado o paletó e apreciado a raquete mais pesada), mas que, na época em que eu tinha dez anos, a natureza havia eliminado com a eficácia de um apagador de feltro removendo um problema geométrico.

Então, uma excelente quadra moderna havia sido construída no final do parque “novo” por operários capacitados importados da Polônia com esse propósito. A malha metálica de uma ampla cerca a separava do prado florido que emoldurava seu chão de terra. Depois de uma noite úmida, a superfície adquiria um brilho amarronzado, e as linhas brancas eram repintadas com giz líquido contido num balde verde, obra de Dmitri, o menor e mais velho de nossos jardineiros, um anão manso, de botas pretas e camisa vermelha que se afastava devagar, todo curvado, o pincel traçando a linha. Uma cerca viva de caragana (a “acácia amarela” do norte da Rússia), com uma abertura no meio, correspondente à porta da quadra, corria paralela à cerca e a um caminho chamado de *tropinka Sfnksov* (“caminho das esfingídeas”) porque essas mariposas visitavam ao entardecer os fofos lilases ao longo da borda que dava para a cerca viva e que também se abria no meio. Esse caminho formava a barra de um grande T cuja linha vertical era uma alameda de esguios carvalhos que tinham a idade de minha mãe e que atravessavam (como já foi dito) o novo parque inteirinho. Olhando da base do T perto do caminho, dava para vislumbrar com clareza nessa avenida uma brilhante aberturazinha a quinhentos metros — ou a cinquenta anos de onde estou agora. Nosso tutor

de então ou nosso pai, quando ficava conosco no campo, tinha sempre meu irmão como parceiro em nossas temperamentais duplas familiares. “Saque!” minha mãe gritava à velha maneira ao colocar o pezinho à frente e curvar a cabeça de chapéu branco para disparar um serviço diligente, mas fraco. Eu me irritava com ela com facilidade e ela com os gandulas, dois rapazes camponeses descalços (o neto de Dmitri com seu nariz achatado e o irmão gêmeo da linda Polenka, filha do cocheiro principal). O inverno do Norte se tornava tropical por volta da época da colheita. O escarlate Sergey enfiava a raquete entre os joelhos e enxugava laboriosamente os óculos. Vejo minha rede de caçar borboletas encostada à cerca — para uma eventualidade. O livro de Wallis Myers sobre tênis está aberto num banco e depois de cada troca meu pai (um jogador de primeira linha com um saque de canhã do tipo Frank Riseley e um belo “*lifting drive*”) pedantemente pergunta a meu irmão e eu se o “*follow-through*”, aquele estado de graça, baixou sobre nós. E às vezes uma prodigiosa pancada de chuva nos fazia amontoarmos-nos debaixo de um abrigo no canto da quadra enquanto o velho Dmitri era mandado a buscar guarda-chuvas e capas na casa. Quinze minutos depois, ele reaparecia debaixo de uma montanha de roupas na longa avenida que, à medida que ele avançava, readquiria as manchas de leopardo do sol queimando outra vez e sua grande carga era desnecessária.

Ela adorava todos os jogos de perícia e azar. Em suas mãos hábeis, as mil peças de um quebra-cabeças formavam gradualmente uma cena de caçada inglesa; o que tinha parecido um membro de cavalo acabava pertencendo a um elmo, e a peça até então impossível preenchia agradavelmente uma falha no fundo manchado, produzindo na gente a emoção delicada de uma satisfação abstrata e ao mesmo tempo tátil. A certo momento, ela passou a gostar muito de pôquer, que havia chegado à sociedade de São Petersburgo por meio de círculos diplomáticos, de forma que algumas combinações vinham com lindos nomes franceses — *brelan* para “trinca”, *couleur* para “flush” e assim por diante. O jogo que praticavam era o pôquer fechado com a emoção ocasional de uma bolada e de um coringa omnivicário. Na cidade, ela sempre jogava pôquer na casa de amigos até as três da manhã, uma recreação de sociedade nos últimos anos antes da Primeira Guerra Mundial; e mais tarde, no exílio, ela costumava imaginar (com a mesma maravilha e consternação com que lembrava do velho Dmitri) que o chofer Pirogov ainda estava à espera dela no gelo impiedoso de

uma noite sem fim, embora, nesse caso, o chá aromatizado com rum em uma cozinha hospitaleira devia contribuir muito para abrandar essas vigílias.

Um dos grandes prazeres no verão era o esporte muito russo de *hodit' po gribi* (procurar cogumelos). Fritos na manteiga e engrossados com creme azedo, os achados deliciosos dela apareciam com regularidade em nossa mesa de jantar. Não que o momento gustatório fosse muito importante. Seu maior prazer estava na busca, e essa busca tinha suas regras. Assim, agáricos não eram colhidos; tudo o que ela colhia eram espécies pertencentes ao setor comestível do gênero *Boletus* (o pardo *edulis*, o marrom *scaber*, o vermelho *aurantiacus*, e poucos aliados próximos), chamados “cogumelos tubo” por alguns e friamente definidos por micologistas como “fungos de pedículo central terrestres, carnosos, putrescentes”. Seis píleos compactos — grudados em plantas novas, robustos e em forma de domos apetitosos nas maduras — têm a superfície inferior lisa (não lamelada) e o caule reto e forte. Numa clássica simplicidade de forma, os boletos diferem consideravelmente dos “verdadeiros cogumelos” com suas ridículas brânquias e anel estéril no caule. São, no entanto, a estes últimos, os inferiores e feios agáricos, que as nações com papilas gustativas tímidas limitam seu conhecimento e apetite, de forma que para a mentalidade leiga anglo-americana os aristocráticos boletos são, na melhor das hipóteses, chapéus-de-sapo reformados.

O tempo chuvoso fazia surgirem essas belas plantas em profusão debaixo dos pinheiros, bétulas e choupos de nosso parque, principalmente na parte mais velha, a leste do caminho de carruagem que dividia o parque em dois. Seus sombreados recessos então abrigariam aquele cheiro especial dos boletos que faz as narinas russas se dilatarem — uma mistura escura, úmida, prazerosa de musgo molhado, terra rica, folhas apodrecidas. Mas era preciso cutucar e olhar um bom tempo na umidade sob as árvores antes de algo realmente bom, como uma família de jovens *edulis* de chapéu ou a variedade marmorada de *scaber*, ser descoberto e cuidadosamente retirado do solo.

Em tardes encobertas, sozinha na garoa, minha mãe, carregando uma cesta (manchada de roxo por dentro por causa dos mirtilos de alguém), partia para uma longa excursão de coleta. Por volta da hora do jantar, podia-se vê-la saindo das profundezas nebulosas de uma alameda do parque, sua figura pequena envolta e encapuzada em lã marrom-esverdeada, sobre a qual incontáveis gotículas de umidade formavam uma espécie de névoa em torno dela. Ao se

aproximar debaixo das árvores gotejantes e perceber minha presença, seu rosto apresentava uma expressão estranha, sem alegria, que podia ser interpretada como falta de sorte, mas que eu sabia ser a beatitude tensa e zelosamente contida da caçada bem-sucedida. Pouco antes de chegar até mim, com um movimento abrupto e descendente de braço e ombro e um “Puf!” de exaustão exagerada, ela deixava pender o cesto, a fim de enfatizar o peso, com sua fabulosa plenitude.

Perto de um banco de jardim branco, numa mesa de jardim de ferro, ela arrumava seus boletos em círculos concêntricos para contar e selecionar. Os velhos, com carne esponjosa e desbotada, seriam eliminados, deixando os novos e frescos. Por um momento, antes de serem levados por uma criada para um lugar sobre o qual ela nada sabia, para um destino que não a interessava, ela ficava ali admirando os cogumelos, num fulgor de calado contentamento. Como acontece muitas vezes ao fim de um dia chuvoso, o sol podia espalhar um lívido brilho pouco antes de se pôr e ali, na mesa redonda e úmida, seus cogumelos ficavam, muito coloridos, alguns exibindo traços de vegetação estranha — uma folha de grama espetada num viscoso *Pluteus cervinus*, ou musgo ainda cobrindo a base bulbosa de um caule riscado de escuro. E viria também uma minúscula lagarta medideira, medindo, como o indicador e o polegar de uma criança, a beira da mesa e de vez em quando se empinando para buscar, em vão, o arbusto de onde havia sido deslocada.

4

Minha mãe não só não visitava a cozinha e as acomodações de empregados, como eles ficavam tão afastados de sua consciência como se fossem os departamentos correspondentes de um hotel. Meu pai também não tinha nenhum pendor para administrar a casa. Mas era ele que determinava as refeições. Com um pequeno suspiro, ele abria uma espécie de álbum que depois da sobremesa o mordomo colocava na mesa e com sua elegante caligrafia enfeitada escrevia o menu do dia seguinte. Tinha o hábito peculiar de deixar o lápis ou a caneta-tinteiro vibrar pouco acima do papel enquanto pensava no próximo fluxo de palavras. Minha mãe assentia vagamente a suas sugestões ou fazia uma cara amuada. Em princípio, os cuidados da casa estavam nas mãos da antiga babá dela, na época uma anuviada velha muito

enrugada (nascida escrava por volta de 1830), com o rosto pequeno de uma tartaruga melancólica e grandes pés que se arrastavam. Usava um vestido marrom de freira e exalava um ligeiro, mas inesquecível, odor de café e decomposição. Suas abominadas congratulações em nossos aniversários e onomásticos consistiam de um beijo servil no ombro. A idade desenvolvera nela uma patológica mesquinhez, sobretudo em relação ao açúcar e às conservas, de forma que aos poucos, e com a sanção de meus pais, outros arranjos domésticos, mantidos em segredo dela, silenciosamente entraram em vigor. Sem saber (esse conhecimento teria partido seu coração), ela continuava, por assim dizer, pendurada em seu próprio chaveiro, enquanto minha mãe fazia o possível para aplacar com palavras tranquilizadoras as suspeitas que vez por outra passavam pela mente enfraquecida da velha. Senhora exclusiva de seu pequeno reino remoto e embolorado, que ela achava ser o mundo verdadeiro (se fosse, teríamos morrido de fome), ela recebia olhares de caçoadas da parte dos lacaios e criadas quando passava arrastando os pés pelos longos corredores para guardar uma metade de maçã ou dois biscoitos *petit-beurre* quebrados que encontrara num prato.

Enquanto isso, com uma equipe permanente de uns cinquenta empregados e sem fazer perguntas, nossa casa na cidade e a mansão no campo eram cenários de um fantástico carrossel de roubos. Nisso, segundo velhas tias intrometidas, a quem ninguém dava ouvidos, mas que acabavam tendo plena razão, o cozinheiro-chefe Nikolay Andreievich e o jardineiro-chefe Egor, ambos homens de óculos, de aspecto sério, com têmporas grisalhas de confiáveis servidores, eram os dois conspiradores. Quando confrontado com contas estupendas e incompreensíveis, ou com uma súbita extinção dos morangos do pomar e dos pêsegos da estufa, meu pai, um jurista e estadista, sentia-se profissionalmente irritado por não ser capaz de lidar com a economia de sua própria casa; mas toda vez que um caso complicado de roubo vinha à luz, alguma dúvida ou escrúpulo legal o impedia de tomar qualquer providência a respeito. Quando o senso comum exigia a demissão de um criado malandro, o filho pequeno do homem em questão caía desesperadamente doente e a determinação de conseguir para ele os melhores médicos da cidade anulava todas as outras considerações. Assim, de um jeito ou de outro, meu pai preferia deixar toda a situação doméstica em um estado de precário equilíbrio (não desprovido de certo humor calado), e minha mãe fruindo considerável

consolação na esperança de que o mundo ilusório de sua velha babá não seria abalado.

Minha mãe sabia muito bem quanto uma ilusão desfeita pode machucar. O menor desapontamento assumia para ela dimensões de um desastre maior. Numa noite de Natal, em Vyra, não muito antes do nascimento de seu quarto filho, ela teve de ir para a cama por causa de uma ligeira indisposição e fez meu irmão e eu (com, respectivamente, cinco e seis anos) prometer que não olharíamos nas meias de Natal que encontraríamos penduradas ao pé de nossas camas na manhã seguinte, e sim as levaríamos ao seu quarto para investigá-las lá, assim ela poderia assistir e participar de nosso prazer. Ao acordar, fiz uma furtiva conferência com meu irmão, depois da qual, com mãos ansiosas, cada um apalpou sua meia prazerosamente estalejante, cheia de pequenos presentes; esses nós pescamos com cuidado um a um, desfizemos as fitas, desdobramos os papéis de seda, inspecionamos tudo à fraca luz que vinha através de uma fresta da veneziana, embrulhamos as coisinhas de novo e as enfiamos de volta onde estavam. O que me lembro em seguida é de nós dois sentados na cama de nossa mãe, segurando aquelas meias cheias e fazendo o possível para representar o que ela queria ver; mas tínhamos desarrumado a tal ponto os embrulhos, tão amadora era a nossa representação de entusiasmo e surpresa (posso ver meu irmão erguendo os olhos e exclamando, numa imitação de nossa governanta francesa: “*Ah, que c’est beau!*”), que depois de nos observar durante um momento, nossa plateia caiu em prantos. Passou-se uma década. A Primeira Guerra Mundial começou. Uma multidão de patriotas e meu tio Ruka apedrejaram a embaixada alemã. *Petersburgo* afundou-se em *Petrogrado* contra todas as regras de prioridade de nomenclatura. Beethoven acabou sendo holandês. Os documentários filmados mostravam fotogênicas explosões, os espasmos de um canhão, Poincaré com suas perneiras de couro, desolados lamaçais, o pobre pequeno *tsarevich* em farda circassiana com adaga e balas, suas altas irmãs malvestidas, longos trens lotados de tropas. Minha mãe instalou um hospital particular para soldados feridos. Me lembro dela, no elegante uniforme branco e cinza de enfermeira que ela abominava, denunciando com as mesmas lágrimas infantis a impenetrável submissão daqueles camponeses mutilados e a ineficiência da compaixão de meio expediente. E ainda mais tarde, quando no exílio, revendo o passado, ela muitas vezes se acusava (injustamente, como vejo hoje) de ter sido menos

afetada pela miséria do homem do que pela carga emocional que o homem despeja sobre a natureza inocente — árvores velhas, cavalos velhos, cachorros velhos.

Sua predileção por cachorros *dachshund* marrons intrigava minha tias críticas. Nos álbuns de família que ilustram seus anos de juventude, era difícil ver um grupo em que não houvesse um desses animais — geralmente com alguma parte do corpo flexível borrada e sempre com os olhos estranhos, paranoicos, que os *dachshund* têm em fotografias. Dois obesos remanescentes, Box I e Lulu, ainda dormiam ao sol na varanda quando eu era criança. Em algum momento de 1904, meu pai comprou numa exposição canina em Munique um filhote que cresceu e se revelou o mal-humorado, mas incrivelmente bonito, Trainy (como eu o chamei porque era comprido e marrom como uma vagão-dormitório). Um dos temas musicais de minha infância é a língua histérica de Trainy, em perseguição à lebre que nunca alcançava, nas profundezas de nosso parque em Vyra, de onde ele voltava ao anoitecer (depois de minha ansiosa mãe ter ficado assobiando por um longo tempo na avenida de carvalhos) com o corpo morto de uma toupeira entre os dentes e carrapichos nas orelhas. Por volta de 1915, suas patas traseiras ficaram paralisadas e, até ser cloroformizado, se arrastava com dificuldade por longos trechos lustrosos do piso de tacos como um *cul de jatte*. Então alguém nos deu outro filhote, Box II, cujos avós tinham sido Quina e Brom, pertencentes ao dr. Anton Tchekhov. Esse último *dachshund* nos acompanhou ao exílio e ainda em 1930, num subúrbio de Praga (onde minha mãe viúva passou seus últimos anos, com uma pequena pensão fornecida pelo governo tcheco), ele ainda saía para passeios relutantes com sua dona, se arrastando atrás dela, ofendido, tremendamente velho e furioso com sua longa focinheira tcheca de arame — um cachorro emigrado com casaco roto e que lhe caía mal.

Durante nossos dois últimos anos em Cambridge, meu irmão e eu costumávamos passar as férias em Berlim, onde nossos pais com as duas meninas e Kirill, aos dez anos, ocupavam aqueles grandes, sombrios, eminentemente burgueses apartamentos que aluguei a tantas famílias emigradas em meus romances e contos. Na noite de 28 de março de 1922, por volta das dez horas, na sala onde, como sempre, minha mãe estava reclinada no sofá de canto de plush vermelho, eu estava lendo para ela o livro de versos de Blok sobre a Itália — tinha chegado ao fim do pequeno poema sobre Florença,

que Blok compara com a flor delicada e enevoada de uma íris, e ela estava dizendo, por cima do tricô: “É, é, Florença parece mesmo uma *dimniy iris*, é verdade! eu me lembro” — quando o telefone tocou.

Depois de 1923, quando ela se mudou para Praga e eu morava na Alemanha e na França, não consegui visitá-la com frequência; também não estava com ela quando morreu, o que se deu na véspera da Segunda Guerra Mundial. Toda vez que eu conseguia ir a Praga, havia sempre aquela pontada inicial que se sente pouco antes do momento em que o tempo, pego desprevenido, mais uma vez usa sua máscara familiar. Nas lamentáveis acomodações que repartia com sua querida acompanhante Evgeniya Konstantinovna Hofeld (1884-1957), que havia substituído, em 1914, Miss Greenwood (que, por sua vez, havia substituído Miss Lavington) como governanta de minhas duas irmãs (Olga, nascida em 5 de janeiro de 1903, e Elena, nascida em 31 de março de 1906), jaziam em torno dela sobre as peças de mobília decrépita, de segunda mão, álbuns nos quais, durante os últimos anos, ela havia copiado seus poemas favoritos, de Maykov a Maiakovski. Um molde da mão de meu pai e uma aquarela de seu túmulo no cemitério católico-grego de Tegel, hoje Berlim Oriental, compartilhava a estante com livros de escritores emigrados, tão propensos à desintegração, com suas capas de papel barato. Uma caixa de sabão coberta com um pano verde servia de suporte a pequenas fotografias apagadas em velhas molduras que ela gostava de ter perto de seu sofá. Não precisava realmente delas, pois nada havia se perdido. Assim como uma companhia de teatro itinerante leva por toda parte, enquanto ainda lembra das falas, uma charneca ventosa, um castelo enevoado, uma ilha encantada, ela conservava tudo o que sua alma havia acumulado. Com grande clareza, posso vê-la sentada a uma mesa e serenamente examinar as cartas espalhadas de um jogo de paciência: ela se apoia no cotovelo esquerdo e aperta no rosto o polegar livre da mão esquerda, na qual, junto da boca, segura um cigarro, enquanto a mão direita se estende para a próxima carta. O brilho duplo em seu quarto dedo é das duas alianças de casamento — a dela e a de meu pai que, grande demais para ela, está atada à sua com um pedaço de fio preto.

Sempre que em sonhos vejo os mortos, eles aparecem silenciosos, incomodados, estranhamente deprimidos, muito diferentes das pessoas brilhantes e queridas que eram. Eu os vejo, sem nenhuma perplexidade, em

ambientes que nunca visitaram durante sua existência terrena, na casa de algum amigo meu que nunca conheceram. Sentam-se afastados, a testa franzida voltada para o chão, como se suas mortes fossem uma mancha escura, um vergonhoso segredo de família. Certamente não é nesses momentos — não em sonhos —, mas quando se está plenamente acordado, em momentos de robusta alegria e realização, no patamar mais alto da consciência, que a mortalidade tem uma chance de espiar além de seus próprios limites, do mastro, do passado e da torre de seu castelo. E embora não se possa ver muita coisa através da névoa, existe de alguma forma a sensação de plenitude de que se está olhando na direção certa.

Capítulo três

1

Um heraldista inexperiente parece um viajante medieval que traz do Oriente as fantasias faunianas influenciadas pelo bestiário doméstico que ele já possuía, em vez de usar os resultados da exploração zoológica direta. Assim, na primeira versão deste capítulo, ao descrever o escudo de armas dos Nabokov (vislumbrado descuidadamente entre trivialidades familiares, muitos anos antes), eu de alguma forma consegui distorcê-lo num primor sobre a lareira de dois ursos posando com um grande tabuleiro de xadrez entre eles. Eu agora procurei esse brasão e descobri, decepcionado, que trata-se apenas de dois leões — amarronzados e talvez peludos demais, mas não realmente ursinos — lambendo os beiços, rampantes, *regardant*, demonstrando com arrogância o escudo do infeliz cavaleiro, que é apenas um dezesseis avos de um tabuleiro de xadrez, de tinturas alternadas blau & gules, com uma cruz *botonée*, prata, em cada retângulo. Acima disso, se vê o que resta do cavaleiro: seu elmo completo e gorjeira não comestível, assim como um braço valente saindo de um ornamento de folhagem, gules e blau, e ainda brandindo uma espada curta. *Za hrabrost'*, “pelo valor”, diz a escrita.

Segundo o primo-irmão de meu pai, Vladimir Viktorovich Golubtsov, apreciador de antiguidades russas, que consultei em 1930, o fundador de nossa família foi Nabok Murza (*floruit* 1380), um príncipe tártaro russianizado em Moscóvia. Meu próprio primo-irmão, Sergey Sergeievich Nabokov, um culto genealogista, me informa que no século XV nossos ancestrais possuíam terras no principado de Moscou. Ele me fala de um documento (publicado por

Yushkov em *Atos dos séculos XIII-XVII*, Moscou, 1899) referente a uma disputa rural que no ano de 1494, sob o governo de Ivã III, o cavaleiro Kulyakin teve com seus vizinhos, Filat, Evdokim e Vlas, filhos de Luka Nabokov. Durante os séculos seguintes, os Nabokov foram funcionários do governo e militares. Meu trisavô, general Aleksandr Ivanovich Nabokov (1749-1807) foi, no reino de Paulo I, chefe do regimento de guarnição de Novgorod chamado “regimento Nabokov” em documentos oficiais. O mais novo de seus filhos, meu bisavô Nikolay Aleksandrovich Nabokov, era um jovem oficial naval em 1817, quando participou, com os futuros almirantes barão Von Wrangel e conde Litke, sob a liderança do capitão (mais tarde vice-almirante) Vasilii Mihaylovich Golovnin, de uma expedição para mapear a Nova Zembla (justamente essa) onde o “rio Nabokov” foi nomeado em homenagem a meu ancestral. A memória do líder da expedição está preservada em um grande número de nomes de locais, sendo um deles a lagoa Golovnin, península de Seward, Alasca ocidental, de onde a borboleta *Parnassius phoebus golovinus* (merecendo um grande *sic*), foi descrita pelo dr. Holland; mas meu bisavô não tem nada para mostrar além daquele riozinho muito azul, quase índigo, até mesmo indignadamente azul, serpenteando entre rochas úmidas; pois ele logo deixou a Marinha, *n'ayant pas le pied marin* (como diz meu primo Sergey Sergeievich que me informou sobre ele), e passou para a guarda de Moscou. Casou-se com Anna Aleksandrovna Nazimov (irmã do dezembrista). Nada sei sobre sua carreira militar; seja qual for, não podia competir com seu irmão, Ivan Aleksandrovich Nabokov (1787-1852), um dos heróis da grande guerra anti-Napoleão e, na velhice, comandante da fortaleza Pedro e Paulo, em São Petersburgo, onde (em 1849) um de seus prisioneiros foi o escritor Dostoievski, autor de *O duplo* etc., a quem o gentil general emprestava livros. Consideravelmente mais interessante, porém, é o fato de que era casado com Ekaterina Pushchin, irmã de Ivan Pushchin, colega de escola e amigo próximo de Pushkin. Cuidado, gráficos: dois “chin” e um “kin”.

O sobrinho de Ivã e filho de Nikolay era meu avô paterno Dmitri Nabokov (1827-1904), ministro da Justiça durante oito anos sob o poder de dois tsares. Casou-se (em 24 de setembro de 1859) com Maria, filha de dezessete anos do barão Ferdinand Nicolaus Viktor von Korff (1805-1869), um general alemão a serviço da Rússia.

Em tenazes famílias antigas, certas características faciais recorrem sempre como indicativos e marcas de origem. O nariz dos Nabokov (i.e., do meu avô) é do tipo russo com a ponta macia redonda e arrebitada com uma curva suave de perfil; o nariz Korff (i.e., o meu) é um belo órgão germânico com uma ponte óssea ousada, ligeiramente curvado, com sulco marcado na ponta carnosa. Os Nabokov de sobranceiras altivas ou surpresas as têm com pelos apenas nos centros, desaparecendo na direção das têmporas; a sobranceira Korff tem um arco mais fino, porém é igualmente rala. Em outras coisas, os Nabokov vão recuando para as sombras do tempo na galeria de retratos para logo se juntar aos apagados Rukavishnikov dos quais conheci apenas minha mãe e seu irmão Vasiliy, amostra pequena demais para meu atual propósito. Por outro lado, vejo muito claramente as mulheres da linha Korff, moças bonitas, cor de lírio e rosa, as *pommettes* altas e avermelhadas, os olhos de um azul pálido e aquela pintazinha numa face, uma marca que minha avó, meu pai, três ou quatro de seus irmãos, alguns de meus vinte e cinco primos, minha irmã mais nova e meu filho Dmitri herdaram em vários estágios de intensidade como cópias mais ou menos diversas da mesma gravura.

Meu bisavô alemão, barão Ferdinand von Korff, que se casou com Nina Aleksandrovna Shishkov (1819-95), nasceu em Königsberg, em 1805, e, depois de uma carreira militar bem-sucedida, morreu em 1869 nos domínios de sua esposa no Volga, perto de Saratov. Era neto de Wilhelm Carl, barão Von Korff (1739-99) e de Eleonore Margarethe, baronesa Von der Osten-Sacken (1731-86), e filho de Nicolaus von Korff (m. 1812), major do exército prussiano, e de Antoinette Theodora Graun (m. 1859), que era neta de Carl Heinrich Graun, o compositor.

A mãe de Antoinette, Elisabeth *née* Fischer (nascida em 1760), era filha de Regina, nascida Hartung (1732-1805), filha de Johann Heinrich Hartung (1699-1765), chefe de uma bem conhecida editora em Königsberg. Elisabeth era celebrada por sua beleza. Depois de se divorciar do primeiro marido, *Justizrat* Graun, o filho do compositor, em 1795, casou-se com o poeta menor Christian August von Stagemann e foi a “amiga maternal”, como coloca minha fonte alemã, de um escritor muito mais conhecido, Heinrich von Kleist (1777-1811), que, aos trinta e três anos, apaixonou-se loucamente pela filha dela, Hedwig Marie (depois Von Oifers), de doze anos. Conta-se que chamou a família para se despedir antes de viajar a Wannsee — para levar a cabo um

entusiasmado pacto suicida com uma dama doente —, mas não conseguiu entrar porque era dia de lavar roupa na família Stägemann. O número e a diversidade de contatos que meus ancestrais tinham com o mundo das letras é realmente notável.

Carl Heinrich Graun, bisavô de Ferdinand von Korff, *meu* bisavô, nasceu em 1701, em Wahrenbrück, Saxônia. O pai dele, August Graun (nascido em 1670), um exator (“*Königlicher Polnischer und Kurfürstlicher Sächsischer Akziseneinnehmer*” — sendo o eleitor em questão seu xará, August II, rei da Polônia), vinha de uma longa linhagem de párocos. Seu trisavô, Wolfgang Graun, era, em 1575, organista em Plauen (perto de Wahrenbrück), onde uma estátua de seu descendente, o compositor, enfeita um parque público. Carl Heinrich Graun morreu aos cinquenta e oito anos, em 1759, em Berlim, onde, dezessete anos antes, o novo teatro de ópera havia sido inaugurado com sua *César e Cleópatra*. Ele foi um dos compositores eminentes de seu tempo, e mesmo o maior, segundo necrologistas locais tocados pela dor de seu patrono real. Graun é mostrado (postumamente) com os braços cruzados, um tanto indiferente, no quadro de Menzel que mostra Frederico, o Grande, tocando a composição de Graun na flauta; reproduções disso ficaram me perseguindo em todos os locais alemães onde me hospedei durante meus anos de exílio. Me contam que no palácio Sans-Souci em Potsdam existe uma pintura contemporânea que mostra Graun e sua esposa, Dorothea Rehkopp, sentados ao mesmo cravo. Enciclopédias musicais muitas vezes reproduzem o retrato da ópera de Berlim onde ele parece muito com o compositor Nikolay Dmitrievich Nabokov, meu primo-irmão. Um pequeno eco divertido, à melodia de duzentos e cinquenta dólares, de todos esses concertos sob os tetos pintados de um passado dourado, me chegou brandamente na Berlim assolada por Hitler de 1936, quando o legado da família Graun, basicamente uma coleção de lindas caixas de rapé e outras quinquilharias preciosas, cujo valor, depois de passar por muitos avatares do banco do Estado prussiano, reduziu-se a quarenta e três mil marcos (cerca de dez mil dólares), foi distribuído entre os descendentes do previdente compositor, os clãs Von Korff, Von Wissmann e Nabokov (uma quarta linhagem, os condes Asinari di San Marzano, se extinguiu).

Duas baronesas Von Korff deixaram seus traços nos anais da polícia de Paris. Uma, nascida Anna-Christina Stegelman, filha de um banqueiro sueco,

era viúva do barão Fromhold Christian von Korff, coronel do Exército russo, tio-bisavô de minha avó. Anna-Christina era também prima ou namorada, ou ambas as coisas, de outro soldado, o famoso conde Axel von Fersen; e foi ela que, em Paris, em 1791, emprestou o passaporte e sua carruagem nova, construída sob encomenda (um veículo suntuoso com altas rodas vermelhas, estofado com veludo branco de Utrecht, com cortinas verde-escuras e todo tipo de implementos, então modernos, como um *vase de voyage*), para a família real escapar de Varennes, a rainha disfarçada como ela, e o rei como tutor de seus dois filhos. A outra história policial envolve uma mascarada menos dramática.

Com a semana de Carnaval se aproximando em Paris, há mais de um século, o conde de Morny convidou para um baile elegante em sua casa “*une noble dame que la Russie a prêtée cet hiver à la France*” (conforme noticiado por Henrys na seção *Gazette du Palais da Illustration*, 1859, p. 251). Tratava-se de Nina, baronesa Von Korff, que já mencionei; a mais velha de suas cinco filhas, Maria (1842-1926) viria a se casar, em setembro do mesmo ano, 1859, com Dmitri Nikolaevich Nabokov (1827-1904), amigo da família que também estava em Paris na época. Em vista do baile, a dama encomendou para Maria e Olga fantasias de flores, a duzentos e cinquenta francos cada uma. Esse custo, segundo o loquaz repórter da *Illustration*, representava seiscentos e quarenta e três dias “*de nourriture, de loyer et d’entretien du père Crépin* [alimentação, aluguel e calçados]”, o que soa estranho. Quando as fantasias estavam prontas, Mme. de Korff achou “*trop décolletés*” e se recusou a aceitá-las. A costureira enviou seu *huissier* (oficial de justiça), o que provocou um briga feia, e minha boa tia-bisavó (que era bonita, arrebatada e, sinto dizer, bem menos austera em sua moral privada do que pareceria por sua atitude em relação a decotes) processou a costureira por danos.

Ela alegou que as *demoiselles de magasin* que haviam levado os vestidos eram “*des péronelles* [atrevidas]” que, respondendo a sua objeção de que os vestidos estavam decotados demais para damas de sociedade, “*se sont permis d’exposer des théories égalitaires du plus mauvais goût* [ousaram expor ideias democráticas de péssimo gosto]”; ela disse que era tarde demais para mandar fazer outras fantasias e que suas filhas não tinham ido ao baile; acusava o *huissier* e seus acólitos de se refestelarem nas poltronas macias, convidando as damas a sentar nas duras; ela reclamou também, furiosa e amargamente, que o *huissier* havia efetivamente ameaçado prender Monsieur Dmitri Nabokoff,

“*Conseiller d’État, homme sage et plein de mesures* [homem calmo e controlado]”, só porque o citado cavaleiro tentara jogar o *huissier* pela janela. Os argumentos não eram fortes, mas a costureira perdeu. Pegou de volta os vestidos, reembolsou os custos e ainda pagou mil francos à reclamante; por outro lado, a conta apresentada a Christina em 1791 pelo fabricante de sua carruagem, coisa de cinco mil novecentos e quarenta e quatro *livres*, nunca foi paga.

Dmitri Nabokov (a terminação em *ff* era uma antiga moda europeia), ministro de Estado da Justiça de 1878 a 1885, fez o que pôde para proteger, senão fortalecer, as reformas liberais dos anos 1860 (julgamento com júri, por exemplo) contra ferozes ataques reacionários. “Ele agiu”, diz um biógrafo (na *Encyclopedia*, de Brockhaus, segunda edição russa), “muito como o capitão de um navio numa tormenta capaz de jogar no mar parte da carga para salvar o resto”. O símile epitáfico ecoa involuntariamente, observo, um tema epigráfico — a tentativa anterior de meu avô de jogar o agente da lei pela janela.

Em sua aposentadoria, Alexandre III ofereceu-lhe a escolha entre o título de conde e uma soma em dinheiro, supostamente alta — não sei com exatidão quanto valia um condado na Rússia, mas, ao contrário das frugais esperanças do tsar em relação a meu avô (como também em relação a seu tio Ivan, que recebera de Nicolau I uma proposta semelhante), ele pendeu para a oferta mais sólida. (“*Encore un comte raté*”, observa secamente Sergey Sergeievich.) Depois disso, ele viveu sobretudo no exterior. Nos primeiros anos deste século, sua mente começou a se tornar nublada, mas ele se apegou à convicção de que se permanecesse na região do Mediterrâneo ficaria tudo bem. Os médicos pensavam diferente e achavam que ele podia viver mais tempo no clima de alguma estância de montanha no norte da Rússia. Existe uma história extravagante, que não consegui montar adequadamente, na qual ele escapa de seus cuidadores em algum lugar da Itália. Lá ele vagou, denunciando com a violência de um rei Lear os seus filhos a estranhos sorridentes, até ser capturado em um local rochoso e desolado por algum *carabinieri* decidido. Durante o inverno de 1903, minha mãe, única pessoa que o velho suportava nesses momentos de loucura, estava constantemente a seu lado em Nice. Meu irmão e eu, aos três e quatro anos respectivamente, também íamos para lá com nossa governanta inglesa; me lembro das venezianas batendo na brisa viva e da dor intensa provocada por uma gota de lacre de carta em meu dedo. Usando a

chama de uma vela (diluída a uma enganosa palidez pelo sol que invadia as placas de pedra onde eu estava ajoelhado), estava ocupado em transformar os gotejantes bastões do material em bolhas pegajosas, de cheiro maravilhoso, brônzeas, escarlates e azuis. No momento seguinte, eu estava gritando no chão e minha mãe corria em meu socorro, meu avô numa cadeira de rodas batendo nos ladrilhos ressoantes com a sua bengala. Ela passou um mau bocado com ele. O velho usava linguagem imprópria. Ficava confundindo o atendente que empurrava sua cadeira pela Promenade des Anglais com o conde Loris-Melikov, um colega seu (havia muito falecido) no gabinete ministerial dos anos oitenta. “*Qui est cette femme — chassez-la!*” ele gritava a minha mãe, apontando com dedo trêmulo a rainha da Bélgica ou da Holanda que havia parado para perguntar sobre sua saúde. Me lembro vagamente de correr até sua cadeira para lhe mostrar uma pedra bonita, que ele examinou lentamente e depois lentamente pôs na boca. Queria ter sido mais curioso quando, em anos posteriores, minha mãe costumava relembrar esses tempos.

Ele caía por períodos cada vez mais longos em um estado de inconsciência; durante um desses lapsos, foi transferido para seu *pied-à-terre* no Cais do Palácio em São Petersburgo. Conforme ele aos poucos recuperava a consciência, minha mãe camuflou seu quarto como o quarto que ocupara em Nice. Encontraram algumas peças de mobília similares, vários artigos foram trazidos de Nice por um mensageiro especial, e obtinham todas as flores a que seus sentidos enevoados estavam acostumados, na variedade e profusão certas, e um pedaço de parede que se podia vislumbrar pela janela foi pintado de branco vivo, de forma que, toda vez que ele retomava um estado de relativa lucidez, via-se seguro em sua Riviera ilusória, artisticamente cenografada por minha mãe; e ali, em 28 de março de 1904, exatamente dezoito anos, no mesmo dia, antes de meu pai, ele morreu pacificamente.

Deixou quatro filhos e cinco filhas. O mais velho era Dmitri, que herdou o *majorat* dos Nabokov, no então Reino da Polônia; sua primeira esposa foi Lidia Eduardovna Falz-Fein, a segunda Marie Redlich; em seguida, veio meu pai; depois Sergey, governador de Mitau, que se casou com Daria Nikolaevna Tuchkov, tataraneta do marechal de campo Kutuzov, príncipe de Smolensk. O mais novo foi Konstantin, solteiro convicto. As irmãs eram: Natalia, esposa de Ivan de Peterson, cônsul russo em Haia; Vera, esposa de Ivan Pihachev, esportista e proprietário de terras; Nina, que se divorciou do barão Rausch von

Traubenberg, governador militar de Varsóvia, para casar com o almirante Nikolay Kolomeytsev, herói da guerra japonesa; Elizaveta, casada com Henri, príncipe Sayn-Wittgenstein-Berleburg e, depois de sua morte, com Roman Leikmann, antigo tutor de seus filhos; e Nadezhda, esposa de Dmitri Vonlyarlyarski, de quem se divorciou mais tarde.

Tio Konstantin pertenceu ao serviço diplomático e, no último estágio de sua carreira, em Londres, levou a cabo uma luta amarga e malsucedida com Sablin para ver qual dos dois encabeçaria a missão russa. Sua vida não foi particularmente movimentada, mas teve duas belas escapadas de um destino menos manso que a internação num hospital londrino, que o matou em 1929: uma vez, em Moscou, em 17 de fevereiro de 1905, quando um velho amigo, o grão-duque Sergey, meio minuto antes da explosão, ofereceu a ele uma carona em sua carruagem e meu tio disse que não, obrigado, preferia ir andando e lá se foi a carruagem para o encontro fatal com uma bomba terrorista; e a segunda vez sete anos depois, quando ele perdeu outro compromisso, esse com um iceberg, ao devolver por sorte sua passagem do *Titanic*. Nós o víamos muito em Londres, depois que escapou da Rússia de Lenin. Nosso encontro na Station Victoria em 1919 é uma vinheta viva em minha lembrança: meu pai marchando até seu empertigado irmão com um abraço de urso; ele recuando e repetindo: “*Mi v Anglii, miv Anglii* [estamos na Inglaterra]”. Seu encantador apartamentozinho era cheio de suvenires da Índia, como fotografias de jovens oficiais britânicos. Ele é autor de *The Ordeal of a Diplomat* (1921), facilmente encontrado em bibliotecas públicas grandes e de uma tradução para o inglês de *Boris Godunov*, de Pushkin; e é retratado, com cavanhaque e tudo (junto com o conde Witte, dois delegados japoneses e um benevolente Theodore Roosevelt), num mural sobre a assinatura do tratado de Portsmouth, à esquerda da entrada principal do saguão do Museu Americano de História Natural — um lugar eminentemente adequado para encontrar meu sobrenome em caracteres eslavos dourados, quando passei lá pela primeira vez — com um companheiro lepidopterologista que disse “claro, claro” diante de minha exclamação de reconhecimento.

Num diagrama, as três propriedades familiares no Oredezh, a oitenta quilômetros de São Petersburgo, podem ser representadas como três anéis interligados numa corrente de dezesseis quilômetros na direção oeste-leste através da estrada Luga, com a Vyra de minha mãe no meio, a Rozhestveno de seu irmão à direita e a Batovo de minha avó à esquerda, sendo as ligações as pontes sobre o Oredezh (corretamente *Oredezh*) que, em seu curso serpenteante, cheio de braços e elos, banhava Vyra de ambos os lados.

Duas outras propriedades na região, muito mais distantes, eram ligadas a Batovo: a Druzhnoselie de meu tio, príncipe Wittgenstein, situada poucos quilômetros além da estação de trens Siverski, que ficava uns dez quilômetros a noroeste de nossa casa; e a Mityushino de meu tio Pihachev, uns oitenta ao sul, na direção de Luga: nunca estive lá, mas com bastante frequência seguíamos de carro os quase vinte quilômetros até os Wittgenstein e uma vez (em agosto de 1911) os visitamos em sua outra esplêndida propriedade, Kamenka, na província de Podolsk, sudoeste da Rússia.

A propriedade de Batovo entra na história em 1805 quando passou a pertencer a Anastasia Matveievna Rileiev, nascida Essen. Seu filho, Kondratiy Fyodorovich Rileiev (1795-1826), poeta menor, jornalista e famoso dezembrista, passou a maior parte de seus verões na região, compôs elegias ao Oredezh e cantou o castelo do príncipe Aleksey, a joia de suas margens. Lenda e lógica, uma parceria rara, mas forte, parece indicar, como expliquei minuciosamente em minhas notas a *Onegin*, que o duelo de pistolas de Rileiev com Pushkin, sobre o qual pouco se sabe, ocorreu no parque Batovo, entre 6 e 9 de maio (do Velho Estilo) de 1820. Pushkin, com dois amigos, o barão Anton Delvig e Pavel Yakovlev, que o acompanhavam num pequeno trecho na primeira etapa de sua longa jornada de São Petersburgo a Ekaterinoslav, tinha se desviado silenciosamente da rodovia de Luga, em Rozhestveno, atravessou a ponte (o barulho surdo dos cascos se transformando por um breve momento em batidas) e seguiu a velha estrada sulcada para oeste, até Batovo. Ali, na frente da mansão, Rileiev esperava ansiosamente por eles. Acabara de mandar sua esposa, no último mês de gravidez, para sua propriedade perto de Voronezh e estava ansioso para acabar logo com o duelo — e, se Deus permitisse, ir ao encontro dela. Posso sentir na pele e nas narinas a deliciosa aspereza do dia de

primavera no Norte que saudou Pushkin e seus dois padrinhos ao descerem da carruagem e transpor a avenida de tílias além das platibandas de Batovo, ainda virginalmente negras. Vejo tão claramente os três jovens (suas idades juntas são iguais à minha idade atual) acompanhando seu anfitrião e duas pessoas desconhecidas ao parque. Naquela época, pequenas violetas amarrotadas apareciam através do tapete de folhas mortas do ano anterior e *Anthocharis* de pontas alaranjadas recém-brotadas instalavam-se nos trêmulos dentes-de-leão. Por um momento, o destino pode ter hesitado entre impedir um rebelde heroico de ir para a cadeia e privar a Rússia de *Eugene Onegin*; mas então não fez nem uma coisa nem outra.

Umás duas décadas depois da execução de Rileiev no bastião da fortaleza de Pedro e Paulo, em 1826, Batovo foi adquirida do Estado pela mãe de minha avó paterna, Nina Aleksandrovna Shishkov, depois baronesa Von Korff, de quem meu avô a comprou por volta de 1855. Duas gerações de Nabokov criadas por tutores e governantas conheceram uma certa trilha pela floresta além de Batovo como “*Le Chemin du Pendu*”, o passeio favorito do Enforcado, como Rileiev era mencionado em sociedade: com maldade, mas também com eufemismo e pasmo (cavalheiros nessa época raramente eram enforcados), em preferência a O Dezembrista ou O Insurgente. Posso imaginar o jovem Rileiev nas madeixas verdes de nossa floresta, caminhando e lendo um livro, uma forma de deambulação romântica típica de sua era, com a mesma facilidade com que posso visualizar o destemido tenente desafiando o despotismo na desolada praça do Senado com seus camaradas e tropas perplexas; mas o nome da longa *promenade* “adulta” querida a boas crianças, continuou, durante toda a infância, sem ligação em nossas mentes com o destino do infeliz dono de Batovo: meu primo Sergey Nabokov, que nasceu em Batovo na *chambre du revenant*, imaginava um fantasma convencional e eu conjeturava vagamente com meu tutor ou governanta que algum estranho misterioso havia sido encontrado a balançar do choupo sobre o qual uma rara mariposa esfingídea se reproduzia. Que Rileiev possa ser simplesmente o “Enforcado” (*povenshenniy* ou *visel’nik*), para os camponeses locais, não é algo antinatural; mas nas famílias das mansões, aparentemente, um estranho tabu impedia os pais de identificar o fantasma, como se uma referência específica pudesse introduzir uma nota de perversidade na glamorosa vagueza da expressão que designava o caminho pitoresco numa região campestre adorada. Mesmo assim, acho curioso me dar

conta de que mesmo meu pai, que tinha tanta informação sobre os dezembristas e muito mais simpatia por eles do que meus parentes, nem uma vez, pelo que me lembro, tenha mencionado Kondratiy Rileiev durante nossas caminhadas e passeios de bicicleta pelos arredores. Meu primo chamou minha atenção para o fato de o general Rileiev, filho do poeta, ser amigo próximo do tsar Alexandre II e de meu avô, D. N. Nabokov, e que *on ne parle pas de corde dans la maison du pendu*.

De Batovo, a velha estrada sulcada (que seguimos com Pushkin e agora retomamos) corria para o leste por uns três quilômetros até Rozhestveno. Pouco antes da ponte principal, podia-se virar ou para o norte, para o campo aberto na direção de nossa Vyra e seus dois parques, um de cada lado da estrada, ou continuar para o leste, descendo uma encosta íngreme que passava diante de um cemitério sufocado de amoras silvestres e racemosas, e atravessar a ponte na direção da casa de pilares brancos de meu tio, ativa em sua encosta.

A propriedade Rozhestveno, com uma grande aldeia do mesmo nome, terras extensas e uma alta mansão muito acima do rio Oredezh, na estrada para Luga (ou Varsóvia), no distrito de Tsarskoe Selo (hoje Pushkin), cerca de oitenta quilômetros ao sul de São Petersburgo (agora Leningrado), foi conhecida antes do século XVIII como o domínio Kurovitz, no velho distrito de Koporsk. Por volta de 1715, havia pertencido ao príncipe Aleksey, o infeliz filho do arquiagressivo Pedro I. Parte de uma *escalier dérobé* e algo mais de que não consigo lembrar foram preservados na nova anatomia do edifício. Toquei aquele corrimão e vi (ou caminhei sobre?) o outro detalhe, esquecido. Desse palácio, ao longo da estrada que leva à Polônia e à Áustria, o príncipe havia escapado apenas para ser atraído de volta desde o distante sul, desde Nápoles, para a casa de tortura paterna pelo agente do tsar, conde Pyotr Andreievich Tolstoy, ex-embaixador em Constantinopla (onde havia obtido para seu senhor um pequeno africano cujo bisneto viria a ser Pushkin). Rozhestveno mais tarde pertenceu, acredito, a uma favorita de Alexandre I e a mansão havia sido parcialmente reconstruída quando meu avô paterno adquiriu os domínios por volta de 1880, para seu filho mais velho Vladimir, que morreu aos dezesseis, alguns anos depois. Seu irmão, Vasiliy, a herdou em 1901 e lá passou dez verões dos quinze que ainda lhe restavam. Me lembro particularmente da qualidade fresca e sonora do lugar, do xadrez do ladrilho do saguão, de dez gatos de porcelana numa estante, de um sarcófago e de um órgão, das

claraboias e galerias superiores, da penumbra colorida dos quartos misteriosos, e de cravos e crucifixos por toda parte.

3

Em sua juventude, Carl Heinrich Graun tinha uma bela voz de tenor; uma noite, depois de cantar numa ópera escrita por Schurmann, capelão-mor de Brunswick, ficou tão desgostoso com algumas árias da obra que as substituiu por outras de sua própria composição. Sinto aí o choque de alegre parentesco; no entanto, prefiro dois outros ancestrais meus, o jovem explorador já mencionado e aquele grande patologista, avô materno de minha mãe, Nikolay Illarionovich Kozlov (1814-89), primeiro presidente da Academia Imperial Russa de Medicina e autor de trabalhos como “Sobre o desenvolvimento da ideia de doença” ou “Sobre o estreitamento da abertura da jugular nos insanos”. Neste ponto conveniente, posso também mencionar meus próprios trabalhos científicos, principalmente meus três favoritos, “Notas sobre a plebejinae neotropical” (*Psyche*, vol. 52, nos. 1-2 e 3-4, 1945), “Uma nova espécie de *Cyclargus* Nabokov” (*The Entomologist*, dezembro de 1948) e “Os membros neárticos do gênero *Lycaeides* Hübner” (*Bulletin Mus. Comp. Zool.*, Harvard Coll. 1949), depois de cujo ano não achei mais fisicamente possível combinar a pesquisa científica com aulas, belas-letas e *Lolita* (ela estava a caminho — um nascimento doloroso, um bebê difícil).

O brasão Rukavishnikov é mais modesto, mas também menos convencional que o Nabokov. O escudo é uma versão estilizada de um *domna* (uma fornalha primitiva), em alusão, sem dúvida, à fusão dos minérios uralianos que meus aventureiros ancestrais descobriram. Gostaria de observar que esses Rukavishnikovs — pioneiros siberianos, exploradores de ouro e engenheiros de minas — *não* eram aparentados, como alguns biógrafos presumiram descuidadamente, aos não menos ricos comerciantes moscovitas do mesmo nome. Os *meus* Rukavishnikov pertenciam (desde o século XVIII) à aristocracia proprietária de terras da província de Kazan. Suas minas situavam-se em Alopaevsk, perto de Nizhni-Tagilsk, província de Perm, no lado siberiano dos Urais. Meu pai viajou duas vezes para lá no antigo Expresso Siberiano, um belo trem da família Nord-Express, que eu planejava tomar

logo, embora numa viagem entomológica e não mineralógica, porém a revolução interferiu com esse projeto.

Minha mãe, Elena Ivanovna (29 de agosto de 1876-2 de maio de 1939), era filha de Ivan Vasilievich Rukavishnikov (1841-1901), proprietário de terras, juiz de paz e filantropo, filho de um industrial milionário e de Olga Nikolaevna (1845-1901), filha do dr. Kozlov. Os pais de minha mãe morreram ambos de câncer no mesmo ano, ele em março, ela em junho. De seus sete irmãos, cinco morreram na infância e, de seus dois irmãos mais velhos, Vladimir morreu aos dezesseis anos em Davos, nos anos 1880, e Vasiliy, em Paris, em 1916. Ivan Rukavishnikov tinha um temperamento terrível e minha mãe o temia. Em minha infância, tudo o que eu conhecia dele eram seus retratos (a barba, uma corrente de magistrado em torno do pescoço) e atributos de seu hobby principal, tais como patos-isca e cabeças de alce. Uma dupla de ursos especialmente grandes que ele havia matado ficava em pé, com as terríveis patas dianteiras erguidas, no vestíbulo com grade de ferro de nossa casa de campo. Todo verão, eu avaliava minha altura pela capacidade de tocar suas garras fascinantes — primeiro a da pata dianteira mais baixa, depois da mais alta. Suas barrigas eram decepcionantemente duras, quando os dedos (acostumados a apalpar cachorros vivos ou animais de brinquedo) penetravam a áspera pelagem marrom. De vez em quando, eram levados a um canto do jardim para ser inteiramente batidos e arejados, e a pobre Mademoiselle, aproximando-se da direção do parque, soltou um grito quando avistou as duas feras selvagens esperando por ela à sombra móvel das árvores. Meu pai não dava a mínima importância à caça, diferindo nisso bastante de seu irmão Sergey, um esportista apaixonado que desde 1908 era mestre dos cães de caça de Sua Majestade, o tsar.

Uma das lembranças mais felizes da infância de minha mãe foi ter viajado um verão com sua tia Praskovia para a Crimeia, onde seu avô paterno possuía uma propriedade perto de Feodosia. Sua tia e ela saíram para passear com ele e outro cavalheiro mais velho, o bem conhecido pintor de cenas marinhas Ayvazovski. Ela se lembra do pintor dizer (como teria dito sem dúvida muitas vezes) que em 1836, numa exposição de quadros em São Petersburgo, ele tinha visto Pushkin, “um sujeitinho feio com uma esposa alta e bonita”. Isso havia sido mais de meio século antes, quando Ayvazovski era estudante de arte e menos de um ano antes da morte de Pushkin. Ela também se lembrava do

toque que a natureza acrescentara de sua própria paleta — a marca branca que um pássaro deixou na cartola cinza do pintor. A tia Praskovia, caminhando a seu lado, era irmã de sua mãe, que havia se casado com o célebre sifilologista V. M. Tarnovski (1839-1906) e que era, ela própria, doutora, autora de obras sobre psiquiatria, antropologia e bem-estar social. Uma noite, na mansão Ayvazovski perto de Feodosia, tia Praskovia encontrou no jantar o dr. Anton Tchekhov, de vinte e oito anos, que ela de alguma forma ofendeu no decorrer de uma conversa médica. Ela era uma dama muito culta, muito gentil, muito elegante, e é difícil imaginar como exatamente podia ter provocado a explosão incrivelmente grosseira que Tchekhov se permitiu, em uma carta à irmã publicada em 3 de agosto de 1888. Tia Praskovia, ou tia Pasha, como a chamávamos, nos visitava sempre em Vyra. Tinha uma maneira encantadora de nos cumprimentar, quando entrava no quarto de brinquedos com um sonoro “*Bonjour, les enfants!*”. Ela morreu em 1910. Minha mãe estava ao lado de sua cama e as últimas palavras de tia Pasha foram: “Interessante. Agora entendo. Tudo é água, *vsyo—voda.*”

O irmão de minha mãe, Vasiliy, era do serviço diplomático, que ele tratava, porém, com muito mais leveza do que meu tio Konstantin. Para Vasiliy Ivanovich não era uma carreira, mas um arranjo mais ou menos plausível. Amigos franceses e italianos, incapazes de pronunciar seu longo sobrenome russo, o haviam reduzido a “Ruka” (com tônica na última sílaba) e isso combinava com ele muito melhor que seu nome de batismo. Na minha infância, tio Ruka me parecia pertencer a um mundo de brinquedos, alegres livros de figuras, e cerejeiras cheias de frutos brilhantes, quase negros: ele havia envidraçado todo um pomar dentro de uma estufa em um canto de sua propriedade no campo, separada da nossa por um rio serpenteante. Durante o verão, quase todo dia na hora do almoço, podia-se ver sua carruagem atravessando a ponte e depois correndo para nossa casa ao longo de uma cerca de pinheiros novos. Quando eu tinha oito ou nove anos, ele invariavelmente me punha sentado em seus joelhos depois do almoço (enquanto dois jovens criados tiravam a mesa na sala de jantar vazia), me acariciava, com murmúrios suaves e frases carinhosas, e eu ficava envergonhado por meu tio na presença de criados e aliviado quando meu pai o chamava para a varanda: “*Basile, on vous attend*”. Uma vez, quando fui encontrá-lo na estação (eu devia ter onze ou doze anos) e o vi descer do longo vagão-dormitório internacional, ele olhou para

mim e disse: “Como você ficou pálido e sem graça [*jaune et laid*], meu pobre menino.” No décimo quinto dia do meu onomástico, ele me puxou de lado e, com seu francês brusco, preciso e um tanto antiquado, me informou que estava fazendo de mim seu herdeiro. “E agora pode ir”, acrescentou, “*l’audience est finie. Je n’ai plus rien à vous dire*”.

Me lembro dele como um homem pequeno, magro, arrumado, com uma compleição parda, olhos cinza-esverdeados pintalgados de ferrugem, bigode escuro e espesso e um pomo de adão móvel que subia conspicuamente acima do anel de ouro e opala em forma de cobra com que segurava o nó da gravata. Ele usava opalas também nos dedos e nas abotoaduras. Uma fina corrente circundava o pulso fino e peludo, e havia geralmente um cravo na botoeira de seu terno de verão cinza-pombo, cinza-rato ou cinza-prata. Eu costumava vê-lo apenas no verão. Depois de uma breve estada em Rozhestveno, ele voltava à França ou à Itália, a seu *château* (chamado Perpigna) perto de Pau, a sua *villa* (chamada Tamarindo) perto de Roma ou ao seu querido Egito, de onde me mandava cartões-postais (palmeiras e seus reflexos, pores do sol, faraós com as mãos nos joelhos) riscados por sua grossa caligrafia. Então, de novo em junho, quando a fragrante *cheryomuha* (o azereiro, racemosa do velho mundo ou simplesmente “racemosa” como eu a batizei em meu trabalho sobre “Onegin”) estava espumando de flores, sua bandeira particular era hasteada em sua bela casa de Rozhestveno. Ele viajava com meia dúzia de baús enormes, subornava a Nord-Express para fazer uma parada especial em nossa pequena estação campestre e, com a promessa de um presente maravilhoso, sobre pés pequenos e afetados de sapatos brancos de salto alto, ele me levava misteriosamente até a árvore mais próxima, e delicadamente colhia e me estendia uma folha, dizendo: “*Pour mon neveu, la chose la plus belle au monde — une feuille verte.*”

Ou me trazia solenemente dos Estados Unidos a série *Foxy Grandpa*, e *Buster Brown* — um menino esquecido com roupa avermelhada: se olhássemos de perto, dava para ver que a cor era na realidade uma massa de densos pontos vermelhos. Cada episódio terminava com uma tremenda surra em Buster, que era administrada por sua mãe poderosa, com cintura de vespa, que usava um chinelo, uma escova de cabelo, uma frágil sombrinha, qualquer coisa — até o cassetete de um policial atencioso — e fazia subirem nuvens de poeira do traseiro das calças de Buster. Como eu nunca havia apanhado, aquelas imagens me davam a impressão de uma estranha tortura exótica não diferente, digamos,

de enterrar um pobre coitado de olhos esbugalhados até o queixo na areia tórrida de um deserto, como representado na capa de um livro de Mayne Reid.

4

Tio Ruka parece ter levado uma vida ociosa e estranhamente caótica. Sua carreira diplomática foi do tipo mais vago. Ele se orgulhava, porém, de ser um perito em decodificar mensagens cifradas em qualquer das cinco línguas que conhecia. Um dia, nós o submetemos a um teste e num piscar de olhos ele transformou a sequência “5.13 24.11 13.16 9.13.5 5.13 24.11” nas palavras de abertura de um famoso monólogo de Shakespeare.

De casaco rosa, caçou com cachorros na Inglaterra ou na Itália; de casaco de peles tentou ir de carro de São Petersburgo a Pau; usando um manto de ópera, ele quase perdeu a vida quando seu avião caiu em uma praia perto de Bayonne. (Quando perguntei como o piloto do Voisin acidentado havia reagido, tio Ruka pensou um momento e respondeu com total segurança: “*Il sanglotait assis sur un rocher.*”) Ele cantava barcarolas e canções da moda (“*Ils se regardent tous deux, en se mangeant des yeux...*” “*Elle est morte en Février, pauvre Colinette!...*” “*Le soleil rayonnait encore, j’ai voulu revoir les grandes bois...*” e dezenas de outras). Ele próprio escrevia música de um tipo doce, agitado, e versos franceses curiosamente identificáveis como versos jâmbicos ingleses ou russos e marcados por um principesco desdém pelo conforto do *e* mudo. Era extremamente bom no pôquer.

Como gaguejava e tinha dificuldade para pronunciar as labiais, mudou o nome de seu cocheiro de Pyotr para Lev; e meu pai (que era sempre um pouco duro com ele) o acusava de ter a mentalidade de um dono de escravos. Fora isso, seu discurso era uma fastidiosa combinação de francês, inglês e italiano, que ele falava, todas, com muito mais facilidade do que sua língua natal. Quando recorria ao russo, era invariavelmente para usar errado ou adulterar alguma expressão extremamente idiomática ou mesmo folclórica, como quando disse à mesa, com um súbito suspiro (porque havia sempre alguma coisa errada — uma crise de alergia, a morte de um pavão, um *borzoi* perdido): “*Je suis triste et seul comme une bylinka v pole* [sou tão sozinho como uma ‘folha de grama num campo’].”

Ele insistia que tinha uma afecção cardíaca incurável e que, quando vinham as crises, só conseguia obter alívio deitado de costas no chão. Ninguém o levava a sério e quando morreu de *angina pectoris*, absolutamente sozinho, em Paris, no final de 1916, aos quarenta e cinco anos, era com um sentimento muito especial que se recordavam aqueles incidentes da sala de estar após o jantar — o criado desavisado entrando com o café turco, meu pai olhando (com intrigada resignação) para minha mãe, depois (com reprovação) para seu cunhado deitado no caminho do criado, depois (com curiosidade) para as engraçadas vibrações nas coisas do café na bandeja nas mãos enluvadas de algodão aparentemente calmas do criado.

Para outros estranhos tormentos que o afligiram no curso de sua breve vida, ele buscava alívio — se entendo direito essa história — na religião, primeiro em certas manifestações sectárias russas, e por fim na Igreja Católica Romana. Sua neurose era do tipo colorido que devia vir acompanhada de genialidade, mas no seu caso não vinha, daí a busca por uma sombra viajante. Em sua juventude, foi intensamente antipatizado pelo pai, um cavalheiro rural da velha escola (caça ao urso, um teatro particular, alguns bons Grandes Mestres em meio a uma boa quantidade de lixo), cujo temperamento incontrolável, diziam, havia ameaçado a própria vida do menino. Minha mãe me falou mais tarde sobre a tensão que havia na família em Vyra durante sua juventude, por causa das cenas atroztes que tinham lugar no estúdio de Ivan Vasilievich, uma escura sala de canto dando para um velho poço com uma bomba de água enferrujada debaixo de cinco choupos da Lombardia. Ninguém usava essa sala a não ser eu. Mantinha meus livros e caixas de borboletas em suas estantes pretas e posteriormente induzi minha mãe a transferir parte da mobília dali para meu próprio estúdiozinho ensolarado do lado do jardim, e lá, uma manhã, entrou cambaleando a tremenda escrivantina sem nada em cima de seu vasto tampo de couro além de um imenso abridor de livros, uma verdadeira cimitarra de marfim amarelo esculpida de uma presa de mamute.

Quando tio Ruka morreu, no final de 1916, me deixou o que somaria hoje uns dois milhões de dólares e sua propriedade no campo, com sua mansão de colunas brancas numa encosta verde, íngreme, e dois mil acres de floresta e pântano de turfa. A casa, pelo que me disseram, ainda existia em 1940, nacionalizada, mas altiva, uma peça de museu para os olhos de qualquer turista que seguisse a estrada São Petersburgo-Luga que atravessa a aldeia de

Rozhestveno e o rio ramificado. Devido a suas ilhas flutuantes de nenúfares e brocado de algas, o belo Oredezh tinha um ar festivo nesse ponto. Mais adiante em seu curso sinuoso, onde os andorinhões da areia saíam voando de seus buracos na margem íngreme e vermelha, era cheio de reflexos profundos dos grandes e românticos pinheiros (a orla de nossa Vyra); e ainda mais além, rio abaixo, o fluxo infindavelmente tumultuoso de um moinho de água dava ao espectador (com os cotovelos apoiados na amurada) a sensação de recuar sempre, como se estivesse na própria popa do tempo.

5

A seguinte passagem não é para o leitor comum, mas para o idiota particular que, por ter perdido uma fortuna em algum *crash*, acha que me entende.

Minha velha (desde 1917) briga com a ditadura soviética não tem qualquer relação com questões de propriedade. É total o meu desprezo pelo emigrado que “odeia os vermelhos” porque eles “roubaram” seu dinheiro e sua terra. A nostalgia que venho alimentando todos esses anos é uma sensação hipertrofiada de infância perdida, não de tristeza por dinheiro perdido.

E finalmente: reservo a mim mesmo o direito de sentir saudade de um nicho ecológico:

... Sob o céu
de minha América suspirar
por *uma* localidade na Rússia.

O leitor comum pode agora retomar.

6

Eu estava chegando aos dezoito anos, depois ultrapassara os dezoito; casos amorosos e a composição de versos ocupavam quase todo o meu tempo; questões materiais me deixavam indiferente e, de qualquer forma, diante do pano de fundo de nossa prosperidade nenhuma herança pareceria muito conspícua; no entanto, ao olhar para trás através do abismo transparente, acho estranho e um tanto desagradável refletir que durante o breve ano em que estive de posse daquela riqueza privada, estava absorto demais nas delícias

usuais da juventude — juventude que estava depressa perdendo seu fervor inicial e raro — seja para encontrar qualquer prazer especial no legado, seja para experimentar qualquer incômodo quando a revolução bolchevique o aboliu da noite para o dia. Esta lembrança me dá a sensação de ter sido ingrato com tio Ruka; de ter me juntado à atitude geral de risonha condescendência que mesmo quem o amava geralmente demonstrava por ele. É com absoluta repulsa que me lembro dos comentários sarcásticos que Monsieur Noyer, meu tutor suíço (no mais, uma alma totalmente boa) costumava fazer a uma das melhores composições de meu tio, um *romance*, cuja música e letra havia escrito. Um dia, no terraço de seu castelo em Pau, com os vinhedos cor de âmbar abaixo e as montanhas purpúreas à distância, na época em que ele era incomodado pela asma, por palpitações e tremores, uma proustiana escoriação dos sentidos, *se débattant*, por assim dizer, sob o impacto das cores do outono (descrito em suas próprias palavras como a “*chapelle ardente de feuilles aux tons violents*”), de vozes distantes no vale, de uma revoada de pombos estriando o céu macio, ele compusera aquele *romance* de uma asa só (e a única pessoa que memorizou a música e toda a letra foi meu irmão Sergey, que ele mal notava, que também gaguejava e que também já morreu).

“*L’air transparent fait monter de la plaine...*” ele cantava com sua voz de tenor alto, sentado ao piano branco de nossa casa de campo — e se eu estivesse naquele momento correndo pelo bosque adjacente a caminho de casa para o almoço (logo depois de ter visto seu garboso chapéu de palha e o busto vestido de veludo preto de seu cocheiro em perfil assírio, com braços de mangas escarlates estendidos, passando rapidamente pela borda da cerca viva que separava o parque do caminho de entrada), os sons queixosos de

*Un vol de tourtelles strie le ciel tendre,
Les chrysanthèmes se parent pour la Toussaint*

chegavam a mim e a minha rede de borboletas verde na trilha sombreada e tremulante, no fim da qual havia uma vista de areia avermelhada e o canto de nossa casa recém-pintada, da cor de cones de pinheiro novos, com a janela da saleta aberta de onde vinha a música tristonha.

O ato de lembrar vividamente um retalho do passado é algo que parece que venho fazendo com absoluto zelo toda a minha vida, e tenho razão para acreditar que essa quase patológica afinidade com a capacidade retrospectiva é um traço hereditário. Havia um certo ponto na floresta, uma ponte de pedestre sobre um regato marrom, onde meu pai costumava piedosamente parar para lembrar de uma rara borboleta que, em 17 de agosto de 1883, seu tutor alemão havia capturado na rede para ele. A cena de trinta anos antes era revivida outra vez. Ele e seus irmãos haviam estacado em impotente excitação diante do inseto cobiçado pousado num tronco, movendo para cima e para baixo, como numa respiração alerta, suas quatro asas cor de cereja com um olho de pavão em cada uma. Em tenso silêncio, sem ousar atacar ele mesmo, entregara a rede a *Herr Rogge*, que avançava para ela, os olhos fixos no inseto esplêndido. Meu gabinete herdou esse espécime um quarto de século depois. Um detalhe tocante: suas asas haviam “saltado” porque havia sido retirada da prancha cedo demais, com ansiedade demais.

Numa *villa* que no verão de 1904 alugamos com a família de meu tio Ivan de Peterson no Adriático (cujo nome era “Netuno” ou “Apolo” — ainda consigo identificar sua torre ameada, cor de creme, em velhas fotos de Abbazia), aos cinco anos, cochilando em minha caminha depois do almoço, eu costumava virar de bruços e, com cuidado, amor, desespero, de um jeito artisticamente detalhado difícil de conciliar com o número ridiculamente pequeno de estações que havia se passado para formar a imagem inexplicavelmente nostálgica de “lar” (que eu não via desde setembro de 1903), eu desenhava com o indicador em meu travesseiro uma estrada de carruagem serpenteando até nossa casa em Vyra, os degraus de pedra à direita, o encosto entalhado de um banco à esquerda, a alameda de carvalhos novos começando além dos arbustos de madressilvas e uma ferradura recém-derrubada, um item de colecionador (muito maior e mais brilhante que as outras, enferrujadas, que eu costumava encontrar na praia), cintilando na poeira avermelhada do caminho. A lembrança dessa lembrança é sessenta anos mais velha que esta última, mas muito menos rara.

Uma vez, em 1908 ou 1909, tio Ruka se envolveu com alguns livros franceses infantis que encontrou em nossa casa; com um gemido de êxtase,

encontrou uma passagem que adorava na infância e começava assim: “*Sophie n’était pas jolie...*” e muitos anos depois, meu gemido ecoou o dele quando redescobri, num quarto de brinquedos fortuito, esses mesmos volumes da “Bibliothèque Rose”, com suas histórias de meninos e meninas que levavam na França uma versão idealizada da *vie de château* que minha família levava na Rússia. As histórias em si (todas aquelas *Les malheurs de Sophie*, *Les petites filles modèles*, *Les vacances*) são, como vejo agora, uma horrenda combinação de preciosismo e vulgaridade; mas ao escrevê-los a sentimental e presunçosa madame de Ségur, née Rostopchine, estava afrancesando o ambiente autêntico de sua infância russa que precedeu a minha em exatamente um século. Em meu caso, quando reencontro os problemas de Sophie — a ausência de sobancelhas e seu gosto por creme de leite —, não só sinto a mesma agonia e prazer que meu tio sentiu como tenho de lidar com um peso a mais: a lembrança que tenho dele revivendo sua infância com a ajuda desses mesmos livros. Revejo minha sala de aula em Vyra, as rosas azuis do papel de parede, a janela aberta. Seu reflexo preenche o espelho oval acima do sofá de couro onde meu tio senta, devorando o livro esfarrapado. Uma sensação de segurança, de bem-estar, de calor de verão percorre minha memória. Aquela robusta realidade torna o presente um fantasma. O espelho transborda de brilho; uma abelha entrou na sala e bate contra o teto. Tudo é como tem de ser, nada jamais mudará, ninguém jamais morrerá.

Capítulo quatro

1

O tipo de família russa ao qual pertença — um tipo hoje extinto — tinha, entre outras virtudes, um pendor tradicional pelos confortáveis produtos da civilização anglo-saxã. Sabonete Pears, preto como piche quando seco, parecendo um topázio quando posto contra a luz entre dedos molhados, cuidava do nosso banho matinal. Era agradável sentir o peso da banheira inglesa desmontável diminuindo quando se puxava uma lingueta inferior de borracha para esvaziar seu conteúdo espumoso num balde de água servida. “Impossível melhorar o creme, então melhoramos o tubo”, dizia a pasta dentifrícia inglesa. No café da manhã, Golden Syrup importado de Londres enlaçava com seus anéis brilhantes a colher que era girada após ter despejado o suficiente num pedaço de pão russo com manteiga. Todo tipo de coisa aconchegante e macia vinha numa procissão constante da Loja Inglesa na avenida Nevski: *fruitcake*, sais aromáticos, baralhos, enigmas ilustrados, paletós listados, bolas de tênis brancas como talco.

Aprendi a ler em inglês antes de aprender a ler em russo. Meus primeiros amigos ingleses foram quatro almas simples em minha gramática — Ben, Dan, Sam e Ned. Havia sempre grandes problemas com suas identidades e paradeiros — “*who is Ben?*”, “*He is Dan*”, “*Sam is in bed*” e assim por diante. Embora ficasse tudo um pouco rígido e fracionado (o compilador era limitado a empregar — pelo menos nas primeiras lições — palavras com não mais de três letras), minha imaginação de alguma forma conseguia obter os dados necessários. Bobalhões calados de rosto pálido e membros grandes, orgulhosos

da posse de certas ferramentas (“*Ben has an axe*”), eles agora pairam em câmara lenta no pano de fundo mais remoto da memória; e, à maneira do louco alfabeto da tabela de um oculista, as letras do livro de gramática pairam diante de mim.

A sala de aula era banhada pelo sol. Num frasco de vidro suado, várias lagartas peludas alimentavam-se de folhas de urtiga (ejetando interessantes bolotas de fezes verde-oliva em formato de barril). O oleado que cobria a mesa redonda tinha cheiro de cola. Miss Clayton tinha cheiro de Miss Clayton. Fantasticamente, gloriosamente, o álcool cor de sangue do termômetro externo havia subido a 24 Réaumur (86 Fahrenheit, 30 Celsius) à sombra. Pela janela via-se moças camponesas com lenços na cabeça limpando, de joelhos, ervas daninhas de um caminho do jardim ou rastelando delicadamente a areia manchada pelo sol. (Os dias felizes em que estariam limpando ruas e cavando canais para o Estado ainda estavam além do horizonte.) Papa-figos dourados na estufa emitiam suas quatro notas brilhantes: di-del-di-O!

Ned passou pela janela numa razoável representação do assistente de jardineiro Ivan (que em 1918 viria a se tornar membro do soviete local). Em páginas mais adiante apareciam palavras maiores; e no finalzinho do volume marrom, manchado de tinta, uma história real, sensata, se desenvolvia em frases adultas (“Um dia, Ted disse a Ann: Vamos...”), triunfo final e recompensa do pequeno leitor. Fiquei animado com a ideia de que algum dia eu poderia adquirir tamanha competência. A mágica perdurou e, sempre que um livro de gramática me aparece pela frente, vou imediatamente para a última página para roubar um relance proibido do futuro do estudante laborioso, daquela terra prometida onde, afinal, o sentido das palavras é ter o sentido que têm.

2

Soomerki de verão — a adorável palavra russa para crepúsculo. Tempo: um ponto remoto na primeira década deste século impopular. Espaço: latitude 59° do seu equador, longitude 100° a leste de minha mão que escreve. O dia levava horas para terminar e tudo — céu, altas flores, água plácida — ficava num estado de infinito suspense vespéral, aprofundado mais que definido pelo triste mugido de uma vaca num prado distante ou pelo grito ainda mais comovente

que vinha de algum pássaro além do curso mais baixo do rio, onde a vasta extensão de um brejo de musgo azul fora batizado de América pelas crianças Rukavishnikov, devido a seu mistério e isolamento.

Na sala de estar de nossa casa de campo, antes de ir para a cama, minha mãe muitas vezes lia para mim em inglês. Quando chegava a uma passagem especialmente dramática, em que o herói estava para encontrar algum perigo estranho, talvez fatal, a voz dela ficava mais lenta, suas palavras se espaçavam portentosamente e antes de virar a página punha a mão sobre ela, com seu familiar anel de rubi sangue de pombo e diamante (entre cujas límpidas facetas, fosse eu um melhor leitor de cristais, teria visto uma sala, pessoas, luzes, árvores na chuva — todo um período da vida de emigrado pelo qual aquele anel iria pagar).

Havia histórias de cavaleiros cujas terríveis feridas, magnificamente assépticas, eram lavadas por donzelas em grotões. Do alto de um rochedo assolado pelo vento, uma dama medieval de cabelos esvoaçantes e um jovem de meia-calça olhavam as redondas ilhas dos Abençoados. Em “Incompreendidos”, o destino de Humphrey costumava produzir um nó na garganta mais especializado que qualquer coisa de Dickens ou Daudet (grandes inventores de nós), enquanto uma história desavergonhadamente alegórica, “Além das montanhas azuis”, que contava de dois pares de pequenos viajantes — os bons Cravo e Prímula, os maus Ranúnculo e Margarida —, continha detalhes emocionantes o suficiente para fazer esquecer da “mensagem”.

Havia também grandes livros de figuras, planos, brilhantes. Eu gostava particularmente de Golliwogg, negro como carvão, com seu casaco azul e calça vermelha, botões de roupa de baixo no lugar dos olhos e seu magro harém de cinco bonecas de madeira. Pelo método ilegal de fazer para si roupas com a bandeira norte-americana (Peg com as listas maternais, Sarah Jane com as lindas estrelas) duas das bonecas adquiriam certa macia feminilidade quando suas articulações neutras eram vestidas. As Gêmeas (Meg e Weg) e o Anão continuavam inteiramente nus e, conseqüentemente, sem sexo.

Nós os vemos na escuridão da noite escapando porta afora para jogar bolas de neve uns nos outros até o toque de um relógio remoto (“Mas ouçam!”, comenta o texto rimado) os mandar de volta a sua caixa de brinquedos no quarto das crianças. Um rude *jack-in-the-box* salta da caixa, assustando a adorável Sarah, e dessa gravura eu não gostava nem um pouco porque me

lembrava as festas de crianças em que esta ou aquela graciosa menininha, que havia me encantado, por acaso apertava o dedo ou machucava o joelho, e em seguida se expandia em um *goblin* de cara roxa, toda enrugada e boca a gritar. Uma outra vez, saíram numa viagem de bicicleta e foram capturados por canibais; nossos viajantes inocentes estavam saciando a sede numa poça cercada de palmeiras quando soaram os tambores. Por cima do ombro de meu passado, admiro outra vez a imagem crucial: o Golliwogg, ainda de joelhos junto à poça, mas não mais bebendo; os cabelos em pé e o rosto normalmente preto transformado em um tom estranho de cinza. Havia também o livro do automóvel (Sarah Jane, sempre a minha favorita, exibindo um longo véu verde), e a consequência costumeira — muletas e cabeças enfaixadas.

E, sim — um avião. Metros e metros de seda amarela foram usados para fabricá-lo e um balãozinho minúsculo extra foi fornecido para o uso exclusivo do feliz Anão. Na imensa altitude que o avião alcançava, os aeronautas se juntavam para se aquecer enquanto o pequeno solista perdido, ainda objeto de minha intensa inveja apesar de sua sina, caía num abismo de gelo e estrelas — sozinho.

3

Em seguida, vejo minha mãe me levando para a cama pelo enorme hall, onde a escadaria central subia e subia, com nada além de vidraças de estufa entre o patamar superior e o céu verde-claro do anoitecer. Eu ficava para trás, cambaleante e arrastando um pouco os pés no chão liso de pedra do hall, fazendo a mão gentil na parte baixa de minhas costas empurrarem meu corpo relutante com impulsos indulgentes. Ao chegar à escada, meu costume era atingir os degraus passando por baixo do corrimão entre o pilar final e o primeiro balaústre. A cada novo verão, o processo de passar por ali se tornava mais difícil; hoje, até meu fantasma ficaria preso.

Uma outra parte do ritual era subir de olhos fechados. “Degrau, degrau, degrau”, vinha a voz de minha mãe me conduzindo — e com toda certeza a superfície do degrau seguinte recebia o pé da criança cega confiante; só precisava erguer o passo um pouco mais que o normal, para evitar topar os dedos dos pés contra a beirada. Essa subida lenta, um tanto sonambúlica, em escuridão autofabricada, guardava óbvios deleites. O melhor deles era não saber

quando viria o último degrau. No alto da escada, o pé já subia automaticamente pelo chamado enganoso de “Degrau” e então, com uma momentânea sensação de delicioso pânico, com uma louca contração de músculos, se afundava no fantasma de um degrau, acolchoado, por assim dizer, com o material infinitamente elástico de sua não existência.

É surpreendente o quanto era metódica a minha embarcação na hora de dormir. Verdade, toda a história de subir a escada revela agora certos valores transcendentais. Na verdade, porém, eu estava simplesmente retardando, esticando ao máximo cada segundo. Isso ainda continuava quando minha mãe me entregava, para ser despido, a Miss Clayton ou Mademoiselle.

Havia cinco banheiros em nossa casa de campo e uma variedade de venerandas pias (uma das quais eu procurava em seu nicho escuro sempre que estivera chorando, para sentir em meu rosto inchado, que tinha vergonha de mostrar, o toque curativo de seu jato quando eu pisava no pedal enferrujado). Banhos regulares eram ao anoitecer. Para as abluções matinais, eram usadas as banheiras inglesas, redondas, de borracha. A minha tinha cerca de um metro e vinte de diâmetro, com a borda à altura do joelho. Sobre as costas ensaboadas da criança de cócoras uma criada de avental vertia cuidadosamente uma jarra de água. A temperatura variava de acordo com as noções hidroterapêuticas de sucessivos mentores. Houve o período desolador do início da puberdade, em que um dilúvio gelado foi determinado por nosso tutor de então, que por acaso era estudante de medicina. Por outro lado, a temperatura do banho vespertino permanecia agradavelmente constante em 28 Réaumur (95 Fahrenheit — 35 Celsius), medida por um grande termômetro gentil cujo estojo de madeira (com um pedaço de fio molhado no buraco da alça) permitia que ele participasse do boiar dos peixinhos dourados e pequenos cisnes de celuloide.

As privadas eram separadas das salas de banho e a mais velha delas era uma coisa bastante suntuosa, embora sombria, com belos painéis trabalhados e uma corda trançada de veludo vermelho que, quando puxada, produzia um gorgolejar e tragar lindamente modulado, discretamente abafado. Desse canto da casa, dava para ver a Estrela Vespertina e ouvir os rouxinóis, e era lá que, mais tarde, eu costumava compor meus versos de juventude, dedicados a beldades não abraçadas, e morosamente observar, no espelho pouco iluminado, a imediata ereção de um estranho castelo em uma desconhecida Espanha. Quando criança, porém, me era destinado um arranjo mais modesto, mais

casualmente localizado num estreito recesso entre o cesto de roupas e a porta que levava ao banheiro do quarto das crianças. Essa porta eu gostava de deixar entreaberta; através dela eu observava, sonolento, o tremular do vapor sobre a banheira de mogno, a fantástica flotilha de cisnes e barquinhos, a mim mesmo com uma harpa em um dos barcos, uma mariposa peluda batendo contra o refletor do lampião a querosene, a janela de vitral adiante, e suas duas alabardas que consistiam de retângulos coloridos. Curvado sobre meu assento morno, eu gostava de apertar o meio da testa, o ófrio, para ser preciso, contra a lisa borda confortável da porta e rolar um pouquinho a cabeça, de forma que a porta ia para a frente e para trás enquanto a borda permanecia o tempo todo em agradável contato com minha testa. Um ritmo sonhador permeava todo meu ser. O recente “degrau, degrau, degrau” era retomado por uma torneira pingando. E combinando frutiferamente padrão rítmico e som rítmico, eu desvendava as gregas labirínticas do linóleo, encontrava rostos onde uma rachadura ou sombra fornecia um *point de repère* ao olho. Apelo aos pais: nunca, nunca diga, “vamos depressa” para uma criança.

O estágio final de minha vaga navegação viria quando eu atingisse a ilha de minha cama. Da varanda ou da sala de estar, onde a vida continuava sem mim, minha mãe subiria para um cálido murmúrio em seu beijo de boa noite. Fechado dentro de venezianas, com uma vela acesa, Com Deus me deito, com Deus me levanto, isso-e-aquilo espírito santo, a criança ajoelhada no travesseiro que logo engolfaria sua cabeça murmurante. Orações inglesas e o pequeno ícone representando um santo católico grego bronzeado formavam uma inocente associação que relembro com prazer; e acima do ícone, no alto da parede, onde a sombra de alguma coisa (do biombo de bambu entre a cama e a porta?) ondulava na quente luz de vela, uma aquarela emoldurada mostrava um caminho ensombrecido serpenteando através de uma daquelas densas e impressionantes florestas de faias europeias, onde a única relva é de trepadeiras, e o único som o pulsar de seu próprio coração. Num conto de fadas inglês que minha mãe leu para mim uma vez, um menino pequeno saía de sua cama para um quadro e montava seu cavaliinho de brinquedo por um caminho pintado entre árvores silenciosas. Enquanto eu me ajoelhava em meu travesseiro, numa névoa de sono e bem-estar empoadado com talco, meio sentado nas panturrilhas e repassando rapidamente minha oração, imaginava o movimento de entrar no

quadro acima de minha cama e mergulhar naquela floresta de faias encantada — que eu efetivamente visitei em seu devido momento.

4

Uma sequência atordoante de babás e governantas inglesas, algumas esfregando as mãos, outras sorrindo de modo enigmático para mim, vem ao meu encontro quando entro de volta em meu passado.

Havia a apagada Miss Rachel, de quem me lembro sobretudo em termos de biscoitos Huntley and Palmer (os ótimos confeitos de amêndoa no topo da lata empapelada de azul, as insípidas bolachas embaixo) que ela ilicitamente repartia comigo depois de eu ter escovado os dentes. Havia Miss Clayton que, quando eu me jogava na minha cadeira, me cutucava nas vértebras centrais e então, sorridente, jogava os ombros para trás para mostrar o que queria de mim: ela me disse que um sobrinho dela na minha idade (quatro anos) costumava criar lagartas, mas as que ela recolhera para mim num frasco aberto com urtigas haviam ido embora uma manhã, e o jardineiro dissera que elas tinham se enforcado. Havia a adorável Miss Norcott de cabelo preto e olhos cor de água-marinha, que perdeu uma luva branca de pelica em Nice ou Beaulieu, onde eu procurei em vão pela praia de cascalho entre as pedrinhas coloridas e os glaucos pedaços de vidro de garrafa transformados pelo mar. Uma noite, em Abbazia, pediram à adorável Miss Norcott que fosse embora imediatamente. Ela me abraçou na penumbra do amanhecer no quarto das crianças, de capa clara e chorando como um salgueiro-da-Babilônia e nesse dia fiquei inconsolável, apesar do chocolate quente que a velha babá dos Peterson fez especialmente para mim e do pão com manteiga especial, em cuja superfície lisa minha tia Nata, captando habilmente minha atenção, desenhou uma margarida, depois um gato, e depois a pequena sereia sobre a qual eu acabara de ler com Miss Norcott e chorado, de forma que comecei a chorar de novo. Havia a míope e pequena Miss Hunt, cuja curta estada conosco em Wiesbaden chegou ao fim no dia em que meu irmão e eu — com quatro e cinco anos, respectivamente — conseguimos escapar de sua nervosa vigilância embarcando num vapor que nos levou por um bom trecho do Reno antes de sermos recapturados. Havia Miss Robinson, de nariz vermelho. E Miss Clayton outra vez. Houve uma pessoa horrível que leu para mim *The Mighty Atom*, de Marie

Corelli. Houve outras mais. A certo ponto, elas desapareceram de minha vida. Francês e russo tomaram conta; e o pouco tempo que me restava para falar inglês era dedicado a ocasiões especiais com dois cavalheiros, Mr. Burness e Mr. Cummings, nenhum dos quais morava conosco. Em minha mente, eles estão associados a invernos em São Petersburgo, onde tínhamos uma casa na rua Morskaya.

Mr. Burness era um escocês grande, de cara vermelha, olhos azul-claro e cabelo escorrido, cor de palha. Passava as manhãs ensinando numa escola de línguas e depois preenchia as tardes com mais aulas particulares do que o dia podia comportar. Viajando como viajava de um lado para outro da cidade e tendo de depender do trote entorpecido de abatidos cavalos dos *izvozchik* (fiacres) para chegar a seus alunos, ele aparecia, com sorte, apenas quinze minutos atrasado para a aula das duas horas (fosse onde fosse), mas chegava depois das cinco para a aula das quatro. A tensão de esperar por ele e desejar que, uma vez que fosse, sua sobre-humana teimosia pudesse empacar diante da muralha cinzenta de alguma nevasca especial, era o tipo de sensação que se espera nunca ter de enfrentar na vida madura (mas que experimentei de novo quando circunstâncias me forçaram, por minha vez, a dar aulas, e quando, em meus cômodos mobiliados em Berlim, esperava certo aluno de cara de pedra, que *sempre* aparecia, apesar dos obstáculos que eu mentalmente empilhava em seu caminho).

A própria escuridão que se formava lá fora parecia um subproduto dos esforços de Mr. Burness para chegar a nossa casa. Então o valete entrava para baixar as venezianas pesadas e puxar as cortinas floridas. O tique-taque do relógio de pêndulo na sala de aula assumia gradualmente uma sombria e inoportuna entonação. O aperto de minha calça curta na virilha e o toque áspero das meias pretas de elástico roçando a parte interna de minhas pernas dobradas se misturavam à surda pressão de uma necessidade humilde, cuja satisfação eu ficava deixando para depois. Quase uma hora se passava e nenhum sinal de Mr. Burness. Meu irmão ia a seu quarto e tocava algumas peças de estudo ao piano, depois mergulhava e remergulhava em melodias que eu detestava — a instrução às flores artificiais em *Fausto* (...*dites-lui qu'elle est belle...*) ou o gemido de Vladimir Lenski (...*Ku-dah, ku-dah, kuu-dah vi udalilis*"). Eu saía do andar superior, em que nós, crianças, habitávamos, e escorregava devagar pela balaustrada até o segundo andar, onde ficavam os

cômodos de meus pais. Quase sempre eles costumavam estar fora a essa hora, e no anoitecer que chegava o lugar agia sobre meus sentidos infantis de uma forma curiosamente teleológica, como se esse acúmulo de coisas familiares no escuro estivesse fazendo o possível para formar uma imagem definida e permanente que a exposição repetida de fato acabou deixando em minha mente.

A penumbra sépia de uma tarde ártica no meio do inverno invadia as salas e se aprofundava para um preto opressivo. Um ângulo de bronze, uma superfície de vidro ou mogno polido, aqui e ali no escuro, refletiam a miscelânea de luz da rua, onde os globos de altos postes ao longo da linha central já difundiam seu brilho lunar. Sombras diáfanas se movimentavam no teto. Na quietude, o som seco de uma pétala de crisântemo caindo sobre o mármore de uma mesa fazia os nervos tremerem.

O quarto de vestir de minha mãe tinha uma sacada envidraçada conveniente para olhar a Morskaya na direção da praça Maria. Com os lábios apertados ao fino tecido que velava a vidraça eu conseguia sentir o gosto do vidro frio através da gaze. Dessa sacada, alguns anos depois, no irromper da Revolução, observei vários enfrentamentos e vi meu primeiro morto: era levado embora numa maca e de uma perna pendente um camarada mal calçado tentava arrancar a bota apesar dos socos e empurrões dos padioleiros — tudo isso a um bom trote. Mas nos dias das lições de Mr. Burness não havia nada para olhar a não ser a rua escura, amortecida, e a linha de lâmpadas suspensas no alto até lá longe, em torno das quais flocos de neve passavam e repassavam com um movimento gracioso, quase deliberadamente lento, como para mostrar como era o truque e como era simples fazê-lo. De outro ângulo, dava para ver um fluxo de neve mais generoso, no nimbo violáceo de uma lâmpada de gás, e então a sacada saliente onde eu me encontrava parecia flutuar lentamente para cima, como um balão. Enfim um dos trenós fantasmas que deslizava pela rua parava e, com uma prensa desconjuntada, Mr. Burness com sua *shapka* forrada de pele de raposa entrava por nossa porta.

Da sala de aula, para onde eu tinha ido antes dele, podia ouvir seus passos vigorosos chegando mais e mais perto e, por mais frio que estivesse o dia, seu rosto bom, vermelho, estaria suando abundantemente quando ele entrava. Me lembro da incrível energia com que ele apertava a pena ruidosa ao escrever, na mais redonda das caligrafias redondas, as tarefas a serem preparadas para o dia

seguinte. Normalmente ao final da aula um certo poeminha era solicitado e concedido, e o objetivo da performance era que a palavra “gritava” fosse involuntariamente proferida pela pessoa cada vez que Mr. Burness dava um formidável aperto na mão que segurava em sua grossa pata ao recitar os versos:

Na Rússia havia uma moça
que (apertão) sempre que abraçada.
Ela (apertão) e (apertão)...

momento em que a dor se tornava tão insuportável que nunca íamos adiante.

5

O cavalheiro calado, barbudo, curvado e antiquado, Mr. Cummings, que, em 1907 ou 1908, me deu aulas de desenho, havia sido professor de minha mãe também. Ele viera para a Rússia no começo dos anos noventa como correspondente estrangeiro e ilustrador do *Graphic* de Londres. Corria o rumor de que infortúnios matrimoniais haviam obscurecido sua vida. Maneiras delicadamente melancólicas compensavam a exiguidade de seu talento. Ele usava sobretudo comprido e pesado a menos que o tempo estivesse muito ameno, quando então trocava para o tipo de capa de lã marrom esverdeada que se chamava de *loden*.

Eu ficava fascinado com o uso de uma borracha especial que ele guardava no bolso do colete, com a maneira como ele segurava a folha esticada e depois sacudia, com as costas dos dedos, as “gotículas de percha” (como dizia). Silencioso e triste, ele ilustrou para mim as leis marmóreas da perspectiva: estocadas longas, retas, de seu lápis incrivelmente apontado, preso com elegância entre os dedos, faziam as linhas da sala que ele criava do nada (paredes abstratas, teto e piso recuando) se juntarem em um remoto ponto hipotético com precisão excitante e estéril. Excitante porque me fazia pensar em trilhos de trem, convergindo de maneira simétrica e traiçoeira diante dos olhos injetados de minha máscara favorita, um maquinista de locomotiva coberto de fuligem; estéril porque aquela sala permanecia sem móveis e totalmente vazia, desprovida até mesmo das estátuas neutras que se encontra no desinteressante primeiro salão de um museu.

O resto da galeria de arte compensava seu desolado vestíbulo. Mr. Cummings era mestre em crepúsculo. Suas pequenas aquarelas, compradas, em diferentes momentos, por cinco ou dez rublos cada uma, por membros de nossa família, tiveram existência um tanto precária, mudando como mudaram para cantos mais e mais obscuros até finalmente serem completamente eclipsadas por alguma brilhosa fera de porcelana ou uma fotografia recém-emoldurada. Depois que aprendi não apenas a desenhar cubos e cones, mas a sombrear devidamente com planos lisos, fundentes, as partes que tinham de se obscurecer para sempre, o gentil velhinho se contentava em pintar diante de meu olhar encantado seus próprios paraisozinhos úmidos, variações de uma mesma paisagem: um anoitecer de verão com céu alaranjado, um pasto terminando na orla escura de uma floresta distante e um rio luminoso, repetindo o céu e correndo para longe, cada vez mais longe.

Mais tarde, por volta de 1910 até 1912, o conhecido “impressionista” (termo da época) Yaremich assumiu o posto; pessoa sem humor e sem forma, advogava um estilo “ousado”, manchas de cor insossa, borrões de sépia e oliva amarronzado, com as quais eu tinha de reproduzir, em imensas folhas de papel cinza, formas humanoides que havíamos modelado em massa e colocado em posições “dramáticas” contra o pano de fundo de veludo com todos os tipos de dobras e efeitos de sombras. Era uma deprimente combinação de pelo menos três artes diferentes, todas aproximativas, e acabei me rebelando.

Ele foi substituído pelo celebrado Dobuzhinski, que gostava de me dar suas aulas no *piano nobile* de nossa casa, em uma das bonitas salas de recepção do andar de baixo, em que ele entrava de um jeito particularmente silencioso, como se temesse me assustar daquele meu estupor versegador. Ele me fazia reproduzir de memória, o mais detalhadamente possível, objetos que eu decerto havia visto milhares de vezes sem visualizá-los de fato: um poste de luz, uma caixa de correio, o desenho de tulipa do vitral de nossa porta de entrada. Ele tentava me ensinar a encontrar as coordenações geométricas entre os galhos esguios de uma árvore sem folhas da rua, um sistema de aproximação visual que exigia uma precisa expressão linear, que não consegui adquirir em minha juventude, mas que apliquei com gratidão em meu estágio adulto, não só no desenho da genitália de borboletas durante meus sete anos no Museu de Zoologia Comparada de Harvard, quando mergulhado no poço luminoso de um microscópio para registrar a nanquim esta ou aquela estrutura nova, mas

também, talvez, a certas necessidades de câmara lúcida da composição literária. Emocionalmente, porém, ainda sou mais grato aos primeiros brindes de cordados por minha mãe e seu antigo professor. Com que prontidão Mr. Cummings sentava-se num banquinho, afastava atrás com ambas as mãos o seu — o quê? ele usava um fraque? vejo apenas o gesto — e procedia a abrir a caixa preta de tintas. Eu adorava o jeito hábil com que ele molhava o pincel em múltiplas cores com o acompanhamento do rápido bater produzido pelos recipientes de esmalte de onde eram recolhidos os ricos vermelhos e amarelos que o pincel ondulava; e tendo assim recolhido seu mel, parava de mexer, de bater, e com dois ou três toques de sua ponta luxuriante, encharcava o papel “Vatmanski” com uma uniforme camada de céu laranja, sobre o qual, quando o céu ainda estava úmido, uma longa nuvem negro-púrpura era aplicada. “E isso é tudo, meu querido”, ele dizia. “Não há nada a acrescentar.”

Numa ocasião, fiz que ele desenhasse um trem expresso para mim. Vi seu lápis desenvolver habilmente o limpa-trilhos e os complexos faróis de uma locomotiva que parecia ter sido adquirida de segunda mão para a linha Transiberiana depois de ter servido em Promontory Point, Utah, nos anos sessenta. Depois, vinham cinco vagões decepcionantemente simples. Quando terminou de desenhá-los, ele cuidadosamente sombreou a ampla fumaça que saía da imensa chaminé, inclinou a cabeça e, depois de um momento de contemplação satisfeita, me entregou o desenho. Tentei parecer satisfeito também. Ele havia esquecido do tênder.

Vinte e cinco anos depois, eu havia aprendido duas coisas: que Burness, então já morto, havia sido famoso em Edimburgo como um tradutor acadêmico dos poemas românticos russos que reverenciei ao frenesi em minha meninice; e que meu humilde professor de desenho, cuja idade eu costumava sincronizar com a de meus tios-avós e velhos criados de família, havia se casado com uma moça estoniana mais ou menos na mesma época em que eu me casei. Quando fiquei sabendo desses desenvolvimentos posteriores, sofri um estranho choque; era como se a vida se impusesse sobre meus direitos criativos, infiltrando-se além dos limites subjetivos tão elegante e economicamente definidos pelas lembranças de infância que eu achava ter assinado e selado.

“E Yaremich?”, perguntei uma vez a M. V. Dobuzhinski nos anos 1940, quando passeávamos por uma floresta de faias em Vermont. “Ele é lembrado?”

“É, sim”, respondeu Mstislav Valerianovich. “Era excepcionalmente talentoso. Não sei como era como professor, mas sei que *você* foi o aluno mais desesperador que eu já tive.”

Capítulo cinco

1

Muitas vezes notei que, depois de ter atribuído aos personagens de meus romances algum tesouro de meu passado, ele se consumia no mundo artificial onde tão abruptamente eu o colocara. Embora permanecesse em minha mente, seu calor pessoal, sua atração retrospectiva desaparecia e, então, tornava-se mais intimamente identificado com meu romance do que com minha pessoa anterior, onde parecia estar tão seguro da intrusão do artista. Casas desmoronaram em minha memória, tão silenciosamente como nos filmes mudos de antigamente; e o retrato de minha velha governanta francesa, que uma vez emprestei a um menino de um de meus livros, está desbotando depressa, agora que está engolfado na descrição de uma infância inteiramente distinta da minha. O homem em mim se revolta contra o ficcionista, e esta é a minha tentativa desesperada de salvar o que resta da pobre Mademoiselle.

Uma mulher grande, uma mulher muito corpulenta, Mademoiselle entrou em nossa existência em dezembro de 1905, quando eu tinha seis anos e meu irmão cinco. Lá está ela. Eu a vejo tão claramente com seu abundante cabelo escuro, escovado para cima e embranquecendo secretamente; as três rugas em sua testa austera; as sobrancelhas cerradas, os olhos de aço por trás do *pince-nez* de aro preto; aquele vestígio de bigode; a pele manchada, que em momentos de raiva desenvolve uma vermelhidão adicional na região do terceiro e mais vasto queixo tão generosamente espalhado sobre a montanha embabadada da blusa. E agora ela se senta, ou melhor, ela empreende o esforço de se sentar, a geleia das bochechas tremendo, seu prodigioso traseiro, com três botões do lado,

baixando cautelosamente; então, no último segundo, ela entrega seu peso à poltrona de vime, que, por puro medo, explode numa salva de estalos.

Estávamos no estrangeiro havia cerca de um ano. Depois de passar o verão de 1904 em Beaulieu e Abbazia, e vários meses em Wiesbaden, partimos para a Rússia no começo de 1905. Não consigo me lembrar do mês. Uma pista é que em Wiesbaden eu fui levado à igreja russa — era a primeira vez que me levavam a qualquer igreja —, e isso pode ter sido na época da Quaresma (durante a cerimônia, perguntei à minha mãe sobre o que o padre e o diácono estavam falando; ela respondeu sussurrando em inglês que estavam dizendo que devíamos todos amar uns aos outros, mas eu entendi que ela estava dizendo que aqueles dois personagens magníficos de roupas cônicas brilhantes diziam um ao outro que seriam sempre bons amigos). De Frankfurt, chegamos a Berlim durante uma nevasca, e na manhã seguinte pegamos o Nord-Express que trovejou vindo de Paris. Doze horas depois, chegamos à fronteira russa. Contra um fundo de inverno, a troca cerimonial de vagões e locomotivas adquiria um estranho significado novo. Uma excitante sensação de *rodina*, “terra mãe”, pela primeira vez fundiu-se organicamente ao confortável crepitar da neve, com pegadas fundas sobre ela, o brilho avermelhado da chaminé da locomotiva, a pilha alta de troncos de bétula, debaixo de sua camada particular de neve transportável, no tênder vermelho. Eu ainda não tinha seis anos, mas aquele ano no exterior, um ano de difíceis decisões e esperanças liberais, havia exposto um menino russo pequeno a conversas de adultos. Ele não podia deixar de ser afetado de alguma forma pessoal pela nostalgia da mãe e pelo patriotismo do pai. Como resultado, essa volta à Rússia, minha primeira volta *consciente*, me parece agora, sessenta anos mais tarde, um ensaio — não a grande volta para casa que nunca ocorrerá, mas ao seu sonho constante em meus longos anos de exílio.

O verão de 1905 em Vyra ainda não havia desenvolvido lepidópteros. O mestre-escola da aldeia fazia conosco caminhadas instrutivas (“O que estão ouvindo é o som de uma foice sendo afiada”; “Aquele campo ali vai descansar na próxima estação”; “Ah, só um passarinho, sem nome especial”; “Se esse camponês está bêbado, é porque é pobre”). O outono atapetou o parque com folhas multicoloridas e Miss Robinson nos mostrou o belo recurso — que o menino do embaixador, um personagem familiar do pequeno mundo dela, havia apreciado tanto no outono anterior — de escolher do chão e arrumar

sobre um grande pedaço de papel as folhas de bordo que formassem um espectro quase completo (menos o azul — uma grande decepção!), verde indo para limão, limão para alaranjado e assim por diante, até dos vermelhos para os roxos, marrons arroxeados, avermelhados de novo e outra vez do limão para o verde (que estava ficando bem difícil de encontrar, a não ser parcialmente, uma última borda valente). As primeiras geadas atingiram os ásteres e mesmo assim não nos mudamos para a cidade.

Esse inverno de 1905-1906, quando Mademoiselle chegou da Suíça, foi o único de minha infância que passei no campo. Foi um ano de greves, tumultos e massacres inspirados pela polícia, e acho que meu pai queria manter a família longe da cidade, em nossa tranquila casa de campo, onde sua popularidade com os camponeses podia mitigar, como ele avaliou corretamente, os riscos de inquietação. Foi também um inverno particularmente severo, produzindo tanta neve quanto Mademoiselle podia esperar encontrar nas sombras hiperbóreas da remota Moscóvia. Quando ela desembarcou na pequena estação de Siverski, da qual teria de viajar ainda quase dez quilômetros de trem até Vyra, eu não estava lá para saudá-la; mas estou agora, ao tentar imaginar o que ela viu e sentiu naquele último estágio de sua jornada fabulosa e tão fora de hora. Seu vocabulário russo consistia, eu sei, em uma única palavra curta, a mesma palavra solitária que anos depois ela levaria consigo para a Suíça. Essa palavra, que em sua pronúncia poderia ser foneticamente representada como “guidi-é” (na verdade é *gde*, com o e como em “até”), significava “Onde?”, e isso já era bastante. Pronunciada por ela como um grito rouco de algum pássaro perdido, acumulava tamanha força interrogativa que bastava para todas as suas necessidades. “Guidi-é? Guidi-é?”, ela gania, não só para descobrir onde estava, mas também para expressar um abismo de desgraça: o fato de ser uma estrangeira, naufraga, sem vintém, aflita, em busca da terra abençoada onde seria afinal entendida.

Posso visualizá-la, por procuração, parada no meio da plataforma da estação onde acabou de desembarcar, e inutilmente meu enviado fantasma lhe oferece um braço que ela não pode ver. (“Lá estava eu, abandonada por todos, *comme la comtesse Karenine*”, ela depois reclamou, eloquente, mesmo que não corretamente). A porta da sala de espera se abre com um gemido trêmulo peculiar das noites de geada intensa; uma nuvem de ar quente sai dela, quase tão profusa quanto o vapor da locomotiva ofegante; e então nosso cocheiro,

Zahar, assume — um homem forte em pele de carneiro com o couro do lado de fora, as luvas imensas fazendo volume no cinturão escarlate onde as havia enfiado. Escuto a neve crepitando debaixo de suas botas de feltro enquanto ele se ocupa com a bagagem, os arreios tilintantes e depois o próprio nariz, que ele limpa por meio de um hábil apertão e sacudida de indicador e polegar ao circundar o trenó. Devagar, com sombrias apreensões, *Madmazelya*, como seu ajudante a chama, embarca, agarrada a ele com medo mortal de que o trenó se mova antes que sua vasta forma esteja seguramente engastada. Por fim, ela se acomoda com um grunhido e enfia as mãos no pequeno regalo de veludo. Com o estalar úmido dos lábios do cocheiro, os dois cavalos pretos, Zoyka e Zinka, forçam os quartos, alternam os cascos, forçam de novo; e então o tronco de Mademoiselle leva um tranco para trás, quando o pesado trenó é arrancado de seu mundo de aço, pele, carne, para entrar no ambiente sem atrito no qual desliza pela estrada espectral que parece mal tocar.

Por um momento, graças ao súbito clarão de uma lâmpada solitária no final da praça da estação, uma sombra grosseiramente exagerada, também segurando um regalo, corre ao lado do trenó, desliza por cima de um monte de neve e desaparece, deixando Mademoiselle ser engolida por aquilo que ela depois chamará, com gosto e assombro, de *la steppe*. Ali, na sombra ilimitada, o cintilar cambiante das luzes da aldeia remota lhe parecem olhos amarelos de lobos. Ela está com frio, rígida, congelada “até o centro do cérebro” — porque voa nas mais extremas hipérboles quando não persegue o ditado mais rasteiro. De quando em quando, ela olha para trás e se certifica de que o segundo trenó, que traz o baú e a caixa de chapéu, está acompanhando — sempre à mesma distância, como aqueles fantasmas que acompanham navios em águas polares descritos por exploradores. E que eu não deixe de fora a lua — pois certamente deve haver lua, o disco cheio, incrivelmente claro, que combina bem com as luxuriantes neves russas. Então ali vem ela, mostrando-se por trás de um pequeno rebanho de nuvens salpicadas, que tinge com uma vaga iridescência; e ao navegar mais para o alto, ela enverniza as trilhas dos viajantes na estrada, onde uma túrgida sombra enfatiza cada cintilante torrão de neve.

Muito bonito, muito solitário. Mas o que estou fazendo nessa terra de sonhos estereoscópica? Como cheguei aqui? De alguma forma, os dois trenós deslizaram para longe, deixando para trás um espião sem passaporte parado na estrada branco-azulada com suas botas de neve e casaco de tempestade da Nova

Inglaterra. A vibração em meus ouvidos não é mais de seus guizos que se afastam, mas apenas meu velho sangue cantando. Está tudo calmo, encantado, enfeitado pela lua, o espelho retrovisor do capricho. A neve é real, porém, e conforme me curvo e recolho um punhado, sessenta anos se desfazem em cintilante poeira gelada entre meus dedos.

2

Um grande lampião de querosene com base de alabastro é conduzido no crepúsculo. Ele flutua suavemente e baixa; a mão da memória, agora com a luva branca de um criado, o coloca no centro de uma mesa redonda. A chama é bem ajustada, e uma cúpula rosada, de babados de seda com relances de cenas rococós de esportes de inverno, coroa a luz reajustada (chumaço de algodão no ouvido de Casimir). Revelada: uma sala de estar quente, clara, estilosa (“russo imperial”) numa casa abafada pela neve — logo rebatizada de *le château* — construída pelo avô de minha mãe que, temeroso de incêndios, mandou fazer a escada de ferro, de forma que, quando a casa queimou inteira, algum tempo depois da Revolução Soviética, aqueles degraus finamente fundidos, com o céu brilhando através de seus suportes abertos, permaneceram em pé, totalmente sozinhos, mas ainda levando para cima.

Um pouco mais sobre essa sala, por favor. As molduras brancas brilhantes da mobília, as rosas bordadas nos estofamentos. O piano branco. O espelho oval. Pendurado em cordões esticados, sua testa pura inclinada, ele luta para reter a mobília que cai e um trecho de piso brilhante que fica escorregando de seu abraço. Os candelabros pendentes. Estes emitem um delicado tilintar (coisas estão sendo deslocadas no quarto do andar de cima, onde Mademoiselle vai morar). Lápis coloridos. Seu espectro de cor detalhado no anúncio da caixa, mas nunca inteiramente representado pelos que estão lá dentro. Estamos sentados a uma mesa redonda, meu irmão, eu e Miss Robinson, que de quando em quando olha o relógio: as estradas devem estar péssimas com toda essa neve; e de qualquer forma muitas dificuldades profissionais estão à espera da remota pessoa francesa que a substituirá.

Agora os lápis coloridos em ação. O verde, com um simples giro do pulso, podia produzir uma árvore agitada, ou o redemoinho deixado por um crocodilo que mergulhou. O azul desenhava uma simples linha atravessando a

página — e o horizonte de todos os mares ali estava. Um desinteressante e de ponta grossa estava sempre atrapalhando. O marrom sempre quebrava, e o vermelho também, mas às vezes, logo depois que partia, ainda dava para usar segurando de um jeito que a ponta solta ficava encaixada, não muito bem, numa lasca. O sujeitinho roxo, meu favorito, especial, tinha ficado tão pequeno que mal dava para manipular. Só o branco, aquele magrela albino entre os lápis, continuava de seu tamanho original, ou pelo menos continuou até eu descobrir que, longe de ser uma fraude que não deixava marca na página, era o implemento ideal, uma vez que eu podia imaginar o que quisesse enquanto riscava.

Ai!, esses lápis também foram distribuídos aos personagens de meus livros para manter ocupadas crianças fictícias; não são mais inteiramente meus agora. Em algum lugar, no prédio de apartamentos de um capítulo, no quarto alugado de um parágrafo, coloquei também esse espelho inclinado, o lampião, os pingentes do candelabro. Poucas coisas restaram, muitas se dissiparam. Será que dei de presente Box, (filho e marido de Lulu, a cachorrinha da arrumadeira), aquele velho *dachshund* castanho que dorme profundamente no sofá? Não, acho que ainda é meu. O focinho grisalho, com a verruga na dobra do canto da boca, está enfiado na curva da pata e de quando em quando um suspiro profundo distende suas costelas. Ele é tão velho e seu sono é tão fartamente acolchoado de sonhos (sobre chinelos mastigáveis e uns últimos odores) que ele não se mexe quando os sininhos tilintam lá fora. Então uma porta pneumática geme e bate no vestíbulo. Ela chegou afinal: eu esperava tanto que não viesse.

3

Outro cachorro, um dócil macho de uma família feroz, um grande dinamarquês que não podia entrar em casa, desempenhou um papel agradável numa aventura que ocorreu num dos dias seguintes, senão no próprio dia seguinte. Acontece que meu irmão e eu fomos deixados inteiramente a cargo da recém-chegada. Ao reconstituir isso agora, minha mãe provavelmente tinha ido, com sua criada e o jovem Trainy, a São Petersburgo (à distância de uns oitenta quilômetros), onde meu pai estava profundamente envolvido nos graves acontecimentos políticos daquele inverno. Ela estava grávida e muito

nervosa. Miss Robinson, em vez de ficar para introduzir Mademoiselle na casa, tinha ido embora também — de volta àquela família do embaixador, sobre a qual tínhamos ouvido ela falar, tanto quanto eles deveriam ouvir sobre nós. Para provar que isso não era jeito de nos tratar, arquitetei imediatamente o projeto de repetir a excitante performance do ano anterior, quando escapamos da pobre Miss Hunt em Wiesbaden. Dessa vez, todo o campo à nossa volta era toda uma vastidão de neve, e é difícil imaginar qual seria exatamente o objetivo da jornada que eu planejava. Tínhamos acabado de voltar de nosso passeio da tarde com Mademoiselle e eu estava fervendo de frustração e ódio. Com um pouco de estímulo, consegui que o manso Sergey compartilhasse um pouco de minha raiva. Ter de lidar com uma língua desconhecida (tudo o que sabíamos de francês eram algumas frases do cotidiano) e além disso sermos contrariados em todos os nossos hábitos queridos, era mais do que se podia suportar. A *bonne promenade* que ela havia prometido revelou-se um tedioso passeio perto da casa onde a neve havia sido removida e o chão gelado salpicado com areia. Ela nos fez usar coisas que nunca usávamos, nem nos dias mais gelados — horrendas polainas e capuzes que atrapalhavam todo movimento. Ela nos reprimiu quando induzi Sergey a explorar os montes lisos e cremosos de neve que tinham sido canteiros de flores no verão. Ela não permitira que andássemos debaixo do sistema de imensos pingentes de gelo dos beirais como os tubos de um órgão, e que queimavam gloriosamente ao sol baixo. E ela rejeitara como *ignoble* um de meus passatempos favoritos (criado por Miss Robinson) — deitar de costas num pequeno trenó forrado de pelúcia com um pedaço de corda amarrado na frente, puxado por uma mão enluvada em couro por um caminho coberto de neve, debaixo das árvores brancas, e Sergey, não deitado, mas sentado em um segundo trenó, acolchoado de pelúcia vermelha, preso à traseira do meu azul, e os calcanhares de duas botas de feltro bem na frente de meu rosto, caminhando depressa com as pontas ligeiramente voltadas para dentro, ora esta, ora aquela sola escorregando num trecho de gelo. (A mão e os pés pertenciam a Dmitri, nosso mais antigo e mais baixo jardineiro, e o caminho era a alameda de carvalhos jovens que parece ter sido a artéria principal de minha infância.)

Expliquei a meu irmão um plano malvado e o convenci a aceitá-lo. Assim que voltamos do passeio, deixamos Mademoiselle bufando na escada do vestíbulo e corremos para dentro, dando a ela a impressão de que estávamos a

ponto de nos esconder em algum quarto remoto. Na verdade, continuamos trotando até chegar ao outro lado da casa e então, através de uma varanda, saímos de novo para o jardim. O grande dinamarquês mencionado antes estava no ato de se acomodar desajeitadamente num monte de neve próximo, mas enquanto decidia qual pata traseira levantar, notou nossa presença e imediatamente se juntou a nós num alegre galope.

Nós três seguimos uma trilha bastante fácil e, depois de pisar neve mais profunda, chegamos à estrada que levava à aldeia. Enquanto isso, o sol tinha se posto. O escuro veio com estranha rapidez. Meu irmão declarou que estava com frio e cansado, mas eu o estimulei e por fim o fiz montar no cachorro (único membro do grupo que ainda estava se divertindo). Tínhamos avançado mais de três quilômetros, a lua brilhava, fantástica, e meu irmão, em perfeito silêncio, começara a cair de vez em quando da montaria, quando Dmitri com uma lanterna nos alcançou e levou para casa. “Guidi-é, guidi-é?”, Mademoiselle estava gritando histericamente da varanda. Passei por ela sem uma palavra. Meu irmão caiu em prantos e se entregou. O grande dinamarquês, cujo nome era Turka, voltou para seus negócios interrompidos relativos aos montes de neve úteis e informativos em torno da casa.

4

Em nossa infância, sabemos muito sobre mãos, porque elas vivem e pairam ao nível de nossa estatura. As de Mademoiselle eram desagradáveis por causa do brilho anfíbio da pele esticada, manchada com pintas marrons de equimose. Antes dela, nenhum estranho jamais acariciara meu rosto. Mademoiselle, assim que chegou, me deixou completamente espantado ao dar tapinhas em meu rosto como sinal de afeição espontânea. Todos os seus maneirismos voltam à minha memória quando penso em suas mãos. Seu truque de descascar mais que apontar um lápis, a ponta presa em seu estupendo e estéril seio envolto em lã verde. O jeito como ela enfiava o dedo mínimo na orelha e o vibrava muito depressa. O ritual observado cada vez que me dava um caderno novo. Sempre ofegando um pouco, a boca ligeiramente aberta e emitindo em rápida sucessão uma série de bafos asmáticos, ela abria o caderno para fazer nele uma margem; isto é, com a unha do polegar ela imprimia nele com força uma linha vertical, dobrava a página, apertava, soltava, alisava com o calcanhar da mão, depois

girava rapidamente o caderno e o colocava diante de mim pronto para usar. Vinha em seguida uma caneta nova; ela umedecia a ponta brilhante com lábios sussurrantes antes de mergulhá-la na pia batismal do tinteiro. Então, caprichando em cada perna de cada letra límpida (principalmente porque o caderno anterior acabara em total desleixo), com extremo cuidado, eu escrevia a palavra *Dictée*, enquanto Mademoiselle caçava em sua coleção de testes de ortografia uma passagem boa e difícil.

5

Enquanto isso, o cenário mudou. A árvore coberta de gelo e o monte de neve com seu buraco xântico foram removidos por um contrarregra silencioso. A tarde de verão está viva com altas nuvens escalando o azul. Sombras com olhos se deslocam nos caminhos do jardim. No momento, as aulas terminaram e Mademoiselle está lendo para nós na varanda, onde os capachos e as cadeiras de vime desenvolveram um cheiro picante e ressecado com o calor. Nos peitoris brancos das janelas, nos longos bancos das janelas, cobertos de tecido de algodão desbotado, o sol se quebra em pedras preciosas geométricas ao passar pelos losangos e quadrados do vitral. Esse é o momento em que Mademoiselle está em seu auge.

Quantos livros ela leu inteiros para nós naquela varanda! Sua voz aguda seguia sempre, sempre, sem enfraquecer nunca, inteiramente independente de seus tubos brônquicos doentios. Recebemos de tudo: *Les malheurs de Sophie*, *Le tour du monde en quatre-vingt jours*, *Le petit chose*, *Les misérables*, *Le comte de Monte Cristo* e muitos outros. Lá se sentava ela, destilando sua voz de leitura da imóvel prisão de sua pessoa. Além dos lábios, um de seus queixos, o menor, mas verdadeiro, era o único detalhe móvel de seu vulto de Buda. O *pince-nez* de aro preto refletia a eternidade. De vez em quando, uma mosca pousava em sua testa severa e as três rugas num instante saltavam todas juntas como três atletas correndo sobre barreiras. Mas absolutamente nada mudava na expressão de seu rosto — o rosto que tantas vezes tentei representar em meu caderno de desenho, pois a sua impassível e simples simetria oferecia uma tentação muito maior para meu lápis furtivo do que o vaso de flores ou o pato chamariz em cima da mesa à minha frente, que eu deveria desenhar.

Minha atenção então vagava ainda mais longe e era então, talvez, que a rara pureza de sua voz rítmica atingia seu verdadeiro propósito. Eu olhava uma árvore e o movimento de suas folhas ganhava aquele ritmo. Egor trabalhava calmamente entre as peônias. Um passarinho *wagtail* dava uns passos, parava como se tivesse lembrado de alguma coisa — e continuava andando, encenando seu nome. Vinda do nada, uma borboleta Vírgula pousou no batente, tomando sol com as asas fulvas angulares abertas, e as fechou de repente só para mostrar a minúscula inicial como que marcada a giz no dorso escuro e igualmente depressa foi embora. Mas a fonte mais constante de encantamento durante essas leituras vinha do padrão de arlequim dos vidros coloridos instalados numa moldura branca de ambos os lados da varanda. O jardim, quando visto através desses vidros mágicos, ficava estranhamente imóvel e distante. Vista através do vidro azul, a areia se transformava em cinzas enquanto árvores negras flutuavam num céu tropical. O amarelo criava um mundo âmbar tingido por uma infusão extraforte de luz solar. O vermelho fazia a folhagem pender rubi-escuro sobre um caminho rosado. O verde encharcava o verdor de um verde mais verde. E quando, depois de tamanha riqueza, virava-se para um pequeno quadrado de vidro normal, insípido, com seu mosquito solitário ou pernilongo manco, era como tomar uma golada de água quando não se está com sede, e via-se um prosaico banco branco debaixo de árvores conhecidas. Mas de todas as janelas é por esse vitral que, anos depois, a sedenta nostalgia anseia espiar.

Mademoiselle jamais descobriu como o fluxo constante de sua voz era potente. As declarações que deu depois eram bem diferentes. “Ah”, ela suspirava, “*comme on s’aimait* — como nos amávamos! Aqueles bons e velhos dias no *château*! A boneca de cera morta foi enterrada debaixo do carvalho! [Não — um golliwogg estofado de lã] E aquela vez em que você e Serge fugiram e me deixaram tropeçando e uivando no meio da floresta! [Exagero.] *Ah, la fessée que vous ai flanquée* — Ah, que surra eu dei em vocês! [Ela realmente tentou me dar um tapa uma vez, mas a tentativa nunca se repetiu.] *Votre tante, la princesse*, em quem você deu um soco com seu punhozinho porque ela foi rude comigo! [Não me lembro.] E como você cochichava para mim seus problemas infantis! [Nunca!] E o cantinho em meu quarto onde você gostava de se encolher porque se sentia tão quente e seguro!”

O quarto de Mademoiselle, tanto no campo como na cidade, era um lugar estranho para mim — uma espécie de estufa que abrigava uma planta de folhas grossas imbuída de um cheiro pesado, enurético. Embora vizinho do nosso, quando éramos pequenos, não parecia pertencer à nossa casa agradável, bem arejada. Naquela névoa enjoativa, emanando, entre outros eflúvios lanosos, o cheiro marrom de casca de maçã oxidada, a luz brilhava fraca, e estranhos objetos cintilavam sobre a escrivaninha: uma caixa laqueada de bastões de alçaçuz, cujos segmentos pretos os quais ela cortava com seu canivete e deixava derreter debaixo da língua; um postal de um lago e um castelo com placas de madreperla nas janelas; uma bola comprimida de pedaços de papel prateado enrolados com força, papéis que vinham de todos aqueles chocolates que ela costumava consumir à noite; fotografias do sobrinho que tinha morrido, da mãe dele que assinara sua foto como *Mater Dolorosa*, e de um certo Monsieur de Marante, que havia sido forçado pela família a casar com uma viúva rica.

Presidindo todo o resto, havia alguém numa elegante moldura incrustada com granadas, em três quartos de perfil, uma jovem morena esguia, com um vestido justo, olhos valentes e cabelo abundante. “Uma trança da grossura do meu braço e que descia até meu tornozelo!”, era o comentário melodramático de Mademoiselle. Porque aquela tinha sido ela — mas em vão meus olhos examinavam a forma familiar, tentando extrair a graciosa criatura que engolfara. Descobertas como essas que meu assombrado irmão e eu fazíamos apenas aumentavam as dificuldades da tarefa; os adultos que durante o dia viam a Mademoiselle pesadamente vestida nunca viam o que nós, crianças, víamos quando, acordada do sono por um de nós gritando num pesadelo, descabelada, vela na mão, um vislumbre de renda dourada na camisola vermelho-sangue que não conseguia envolver completamente sua massa tremulante, a medonha Jezebel da peça absurda de Racine entrava descalça, pisando forte em nosso quarto.

A vida inteira tive dificuldade para dormir. Pessoas que em trens deixam de lado os jornais, cruzam os tolos braços e imediatamente, com uma ofensiva familiaridade de conduta, começam a roncar, me surpreendem tanto quanto o sujeito desinibido que confortavelmente defeca na presença de um companheiro no banho que não para de falar, ou participa de grandes demonstrações, ou se filia a algum sindicato para se dissolver nele. O sono é a fraternidade mais imbecil do mundo, com as obrigações mais pesadas e os mais

rústicos rituais. É uma tortura mental que considero aviltante. A pressão e esgotamento da escritura muitas vezes me obrigam, infelizmente, a tomar um comprimido forte que me dá uma hora ou duas de assustadores pesadelos, ou até a aceitar o cômico alívio de um cochilo no meio do dia, como um depravado senil pode trotar para o *euthanasium* mais próximo; mas simplesmente não consigo me acostumar com a noturna traição à razão, à humanidade, ao gênio. Por maior que seja meu cansaço, a dor de me separar da consciência é indizivelmente repulsiva para mim. Abomino Somnus, esse carrasco de máscara negra a me amarrar ao tronco; e se, ao longo dos anos, com a aproximação de uma desintegração muito mais absoluta e ainda mais risível, que agora às noites, confesso, muito deprecia os rotineiros temores do sono, me acostumei à provação da hora de ir para a cama a ponto de quase me alegrar quando o familiar machado está saindo de seu grande estojo aveludado de contraabaixo, inicialmente eu não tinha tal consolo ou defesa: não tinha nada — exceto uma pequena luz no candelabro potencialmente refulgente do quarto de Mademoiselle, cuja porta, por determinação do médico da família (eu o saúdo, dr. Sokolov!), permanecia ligeiramente aberta. Sua linha vertical de leveza (que as lágrimas de uma criança podiam transformar em brilhantes raios de compaixão) era algo a que eu podia me apegar, uma vez que no escuro absoluto minha cabeça flutuaria e minha mente se dissolveria num simulacro da luta com a morte.

O sábado à noite costumava ser ou deveria ser um prospecto agradável, porque era a noite em que Mademoiselle, que pertencia à escola clássica de higiene e via nossas *toquades anglaises* apenas como fonte de resfriados, permitia-se o perigoso luxo de um banho semanal, garantindo assim uma duração maior ao meu tênue fulgor. Mas então um tormento mais sutil se instalou.

Tínhamos nos mudado para nossa casa na cidade, uma construção italianizada de granito finlandês, erguida por meu avô em torno de 1885, com afrescos florais acima do terceiro andar (o último) e uma janela ogival no segundo andar, em São Petersburgo (hoje Leningrado), rua Morskaya (hoje rua Hertzen), 47. As crianças ocupavam o terceiro andar. Em 1908, o ano escolhido aqui, eu ainda dormia com meu irmão. O banheiro destinado a Mademoiselle ficava no final de um corredor em Z, a umas vinte batidas de coração de minha cama, e entre o horror de sua volta prematura do banheiro

ao seu quarto iluminado junto ao nosso e a inveja pela respiração regular de meu irmão atrás do biombo japonês que nos separava, eu jamais consegui realmente aproveitar meu tempo adicional adormecendo prontamente enquanto uma fresta no escuro ainda indicasse uma partícula de mim mesmo no nada. Enfim eles voltavam, aqueles passos inexoráveis, se arrastando no corredor e levando algum frágil objeto de vidro, que compartilhava secretamente minha vigília, a vibrar desalentado em sua estante.

Então ela entra no quarto. Um brusco intercâmbio de valores luminosos me diz que a vela de sua mesa de cabeceira assume o lugar do grupo de lâmpadas do teto, que, tendo percorrido com um par de cliques dois estágios adicionais de brilho natural, e depois sobrenatural, se apaga inteiramente. Minha linha de luz ainda está lá, mas ficou velha e tênue e tremula sempre que Mademoiselle faz ranger sua cama ao se mexer. Porque eu ainda a escuto. Agora é um farfalhar prateado que diz “Suchard”; depois o trk-trk-trk de uma faca de frutas abrindo as páginas de *La Revue de Deux Mondes*. Um período de declínio começou: ela está lendo Bourget. Nem uma de suas palavras sobreviverá a ele. O fim está próximo. Fico em aguda aflição, tentando desesperadamente conciliar o sono, abro os olhos a cada poucos segundos para conferir o fulgor desbotado, imagino o paraíso como um lugar onde um vizinho insone lê um livro infundável à luz de uma vela eterna.

Acontece o inevitável: o estojo do *pince-nez* se fecha com um estalido, a revista é jogada sobre o mármore da mesa de cabeceira e os lábios de Mademoiselle se projetam, sopram uma rajada; a primeira tentativa falha, uma chama tonta se retorce e abaixa; vem então um segundo ataque e a luz se apaga. Naquele escuro de breu eu perco a orientação, minha cama parece estar flutuando lentamente, o pânico me faz sentar e abrir os olhos; por fim, meus olhos acostumados ao escuro selecionam, entre as flutuações entópticas, alguns borrões mais preciosos que pairam em amnésia sem rumo até que, semilembrados, assentam como as dobras da cortina da janela no escuro, atrás da qual as luzes da rua estão remotamente vivas.

Como eram absolutamente estranhas aos problemas da noite aquelas manhãs excitantes de São Petersburgo em que a primavera feroz e terna, úmida e deslumbrantemente ártica, levava embora os pedaços de gelo pelo rio Neva, luminoso como o mar! Fazia os telhados brilharem. Pintava a lama de neve das ruas com um rico tom de azul-arroxeadado que nunca mais vi em lugar nenhum.

Naqueles dias gloriosos *on allait se promener en équipage* — a expressão do velho mundo corrente em nosso meio. É fácil sentir de novo a estimulante troca do *polushubok* de forro grosso, até o joelho, com a gola quente de pele de castor, para o casaco curto azul-marinho com os botões de latão estampados com uma âncora. No landau aberto, o vale de um cobertor me liga aos ocupantes do banco traseiro mais interessante, a majestosa Mademoiselle e o triunfante Sergey, salpicado de lágrimas, com quem acabei de ter uma briga em casa. Eu o chuto de leve, de quando em quando, debaixo da coberta comum, até Mademoiselle mandar severamente que eu pare. Passamos pelas vitrinas de Fabergé, cujas monstruosidades minerais, tróicas cravejadas de brilhantes sobre ovos de avestruz de mármore, e coisas semelhantes, altamente apreciadas pela família imperial, eram emblemas de grotesco mau gosto para a nossa. Sinos de igrejas estão soando, a primeira borboleta amarela voa acima do Arco do Palácio, dentro de mais um mês voltaremos ao campo; e ao erguer os olhos vejo, penduradas em cordas de fachada a fachada, bem acima da rua, grandes bandeiras, tensamente lisas, semitransparentes ondulando, suas três largas faixas — vermelho-pálido, azul-pálido e meramente pálido — privadas pelo sol e pelas sombras das nuvens voejantes de qualquer conexão mais direta com um feriado nacional, mas sem dúvida comemorando agora, na cidade da memória, a essência daquele dia de primavera, o chiar da lama, o começo da caxumba, o exótico pássaro eriçado com um olho só, congestionado, no chapéu de Mademoiselle.

6

Ela passou sete anos conosco, as lições mais e mais raras e seu temperamento cada vez pior. No entanto, parecia um rochedo de sombria permanência quando comparada à maré de governantas inglesas e tutores russos que passavam por nossa grande família. Ela se dava mal com todos eles. No verão, raramente menos de quinze pessoas se sentavam à mesa e quando, em aniversários, esse número subia para trinta ou mais, a questão do lugar à mesa se tornava particularmente acalorada para Mademoiselle. Nesses dias, tio, tias, primos chegavam das propriedades vizinhas, e o médico da aldeia vinha com seu cabriolé, e ouvia-se o mestre-escola da aldeia assoando o nariz no frescor do hall, onde ele passava de espelho em espelho com um buquê esverdeado,

úmido, rangente, de lírios-do-vale ou um de centáureas quebradiças, azul-celeste, fechado no punho.

Se Mademoiselle se via sentada muito na ponta da mesa imensa e, sobretudo, se perdia precedência a uma certa parenta pobre quase tão gorda quanto ela (“*Je suis une sylphide à côté d’elle*”, Mademoiselle dizia encolhendo os ombros com desprezo), então a sensação de indignação fazia seus lábios se retorcerem num sorriso pretensamente irônico — e quando um vizinho ingênuo sorria de volta, ela rapidamente sacudia a cabeça, como se saísse de alguma profunda meditação, e observava: “*Excusez-moi, je souriais à mes tristes pensées.*”

E como se a natureza não quisesse poupá-la de nada que torna uma pessoa supersensível, ela ouvia mal. Às vezes, à mesa, nós, meninos, nos dávamos conta, de repente, de duas grossas lágrimas escorrendo pelas amplas faces de Mademoiselle. “Não se importem comigo”, ela dizia com uma voz miúda, e continuava comendo até as lágrimas não enxutas a cegarem; então, com um soluço de coração partido, ela se levantava e saía depressa da sala de jantar. Pouco a pouco, a verdade vinha à tona. A conversa geral havia se voltado, digamos, para o assunto do navio de guerra que meu tio comandava e ela via nisso uma maldosa insinuação à sua Suíça que não tinha marinha. Ou então era porque ela suspeitava que, sempre que se falava francês, o jogo consistia em deliberadamente impedi-la de dirigir e enriquecer a conversa. Pobre mulher, estava sempre com tamanha pressa nervosa de controlar a conversa inteligível da mesa antes que voltasse para o russo que não era de admirar que perdesse suas deixas.

“E o seu Parlamento, meu senhor, como está indo?”, ela soltava de repente, estrepitosa de sua ponta da mesa, desafiando meu pai que, depois de um dia penoso, não estava exatamente disposto a discutir questões de Estado com uma pessoa singularmente irreal que nem entendia, nem se importava minimamente com isso. Pensando que alguém se referira à música, “Mas o silêncio também pode ser belo”, ela gorgolejava. “Ora, uma noite, num vale desolado dos Alpes, eu cheguei a *ouvir* o silêncio.” Observações como essa, especialmente quando a surdez progressiva a levava a responder perguntas que ninguém havia feito, resultavam num silêncio doloroso, em vez de dispararem os foguetes de uma animada *causerie*.

E, realmente, seu francês era tão adorável! Seria justo se importar com a escassez de sua cultura, à amargura de seu temperamento, à banalidade de sua mente, quando aquela sua língua perolada sussurrava e cintilava, tão inocente de sentido quanto os pecados aliterados do verso piedoso de Racine? A biblioteca de meu pai, não o limitado conhecimento de Mademoiselle, é que me ensinou a apreciar a poesia autêntica; mesmo assim, algo da limpidez e brilho de sua língua teve um efeito especialmente estimulante sobre mim, como aqueles sais efervescentes que são usados para purificar o sangue. Por isso me deixa tão triste imaginar hoje a angústia que Mademoiselle devia sentir ao ver como era desperdiçada e pouco valorizada a voz de rouxinol que vinha de seu corpo elefantino. Ela ficou conosco muito tempo, tempo demais, esperando obstinadamente por algum milagre que a transformasse numa espécie de Madame de Rambouillet, mantendo sob seu brilhante encanto um *salon* de ouro e cetim cheio de poetas, príncipes e estadistas.

Ela continuaria a alimentar esperanças, não fosse um certo Lenski, um jovem tutor russo, com suaves olhos míopes e fortes opiniões políticas, que havia sido contratado para nos ensinar disciplinas variadas e participar de nossos esportes. Ele tivera diversos predecessores, nenhum dos quais do gosto de Mademoiselle, mas ele, como ela dizia, era “*le comble*”. Mesmo venerando meu pai, Lenski não conseguia engolir certos aspectos de nossa casa, como criados e francês, este último considerado por ele uma convenção aristocrática sem nenhum uso em um lar liberal. Por outro lado, Mademoiselle concluiu que, se Lenski respondia suas perguntas diretas apenas com breves grunhidos (que ele tentava germanizar, na falta de língua melhor), não era porque não entendesse francês, mas porque queria insultá-la na frente de todo mundo.

Posso ouvir e ver Mademoiselle pedindo a ele, em tons muito brandos, mas com um nefasto tremor no lábio superior, para passar o pão: e posso, da mesma forma, ouvir e ver Lenski nada francesamente, inflexível, continuar com sua sopa; finalmente, com um cortante “*Pardon, Monsieur*”, Mademoiselle se lançava por cima do prato dele, agarrava o cesto de pão e voltava a seu lugar com um “*Merci!*” tão carregado de ironia que as orelhas peludas de Lenski ficavam da cor de gerânios. “O bruto! O grosseirão! O niilista!”, ela soluçava depois em seu quarto, que não ficava mais ao lado do nosso, embora ainda no mesmo andar.

Se acontecia de Lenski estar descendo a escada enquanto ela, com uma pausa asmática a cada dez passos, estava subindo (pois o pequeno elevador hidráulico de nossa casa em São Petersburgo constantemente, e bem ofensivamente, se recusava a funcionar), Mademoiselle afirmava que ele havia se chocado de propósito com ela, a empurrado, a derrubado, e já o víamos pisoteando seu corpo prostrado. Com mais e mais frequência ela deixava a mesa, e a sobremesa que ela perdia era diplomaticamente enviada atrás dela. De seu quarto remoto, ela escrevia uma carta de dezesseis páginas a minha mãe, que, subindo depressa a escada, a encontrava dramaticamente arrumando seu baú. E então, um dia, deixaram que continuasse a fazer as malas.

7

Ela voltou para a Suíça. Veio a Primeira Guerra Mundial, depois a Revolução. No começo dos anos 1920, muito depois de nossa correspondência ter se extinguido, por um movimento fortuito da vida no exílio fui visitar Lausanne com um colega da faculdade, e pensei que podia muito bem procurar Mademoiselle, se ainda estivesse viva.

Estava. Mais corpulenta que nunca, bastante grisalha e quase totalmente surda, ela me deu boas-vindas com uma tumultuosa explosão de afeto. Em vez do quadro do Château de Chillon, havia agora um de uma tróica espalhafatosa. Ela falou calorosamente de sua vida na Rússia, como se fosse sua própria pátria perdida. Na verdade, descobri no bairro uma verdadeira colônia dessas velhas governantas suíças. Agrupadas numa constante ebulição de reminiscências competitivas, formavam uma pequena ilha num ambiente que havia se tornado estranho a elas. A amiga do peito de Mademoiselle era agora a mumificada Mlle. Golay, antiga governanta de minha mãe, ainda empertigada e pessimista aos oitenta e cinco anos; tinha ficado em nossa família até muito depois de minha mãe se casar, e sua volta à Suíça se dera apenas uns dois anos antes da volta de Mademoiselle, com quem não falava quando viviam debaixo do mesmo teto. Sempre se está em casa no próprio passado, o que explica em parte o amor póstumo daquelas damas patéticas por um país remoto e, para ser absolutamente franco, bastante horrível, que elas jamais conheceram de fato e no qual nenhuma delas havia sido muito feliz.

Como não era possível nenhuma conversa por causa da surdez de Mademoiselle, meu amigo e eu resolvemos levar para ela, no dia seguinte, o aparelho que concluímos estar além de suas posses. Ela ajustou a coisa desajeitada indevidamente no começo, mas assim que o fez voltou-se para mim com uma expressão fascinada de úmido deslumbramento e felicidade nos olhos. Jurou que conseguia ouvir cada palavra, cada murmúrio meu. Não podia, porque eu, cheio de dúvidas, não havia falado nada. Se tivesse, diria a ela para agradecer a meu amigo, que pagara o aparelho. Seria então o silêncio que ela ouvia, aquele Silêncio Alpino de que falara no passado? Naquele passado, ela mentira para si mesma; agora mentia para mim.

Antes de partir para Basileia e Berlim, aconteceu de eu ir caminhar à beira do lago numa noite fria e enevoadada. Em certo ponto, uma luz solitária diluía o escuro e transformava a névoa numa garoa visível. “*Il pleut toujours en Suisse*” era um daqueles comentários casuais que, antigamente, havia feito Mademoiselle chorar. Embaixo, uma grande ondulação, quase uma onda, e algo vagamente branco atraiu meu olhar. Quando cheguei bem perto do lamber da água, vi o que era — um velho cisne, uma criatura grande, deselegante, como um dodo, fazendo esforços ridículos para subir a um barco atracado. Não conseguia. O bater pesado e impotente das asas, o som escorregadio delas contra o barco que oscilava e batia, o brilho gelatinoso da onda escura onde captava a luz — tudo pareceu por um momento carregado daquela estranha significação que às vezes atribuímos em sonhos a um dedo apertado a lábios mudos, e depois apontado para algo que o sonhador não tem tempo de distinguir antes de acordar sobressaltado. Mas embora eu tenha logo esquecido essa noite sombria, foi, estranhamente, essa noite, essa imagem composta — tremor, cisne, onda — que primeiro me veio à mente quando, uns dois anos depois, fiquei sabendo que Mademoiselle tinha morrido.

Ela gastara toda a sua vida em se sentir desgraçada; essa desgraça era seu elemento natural; suas flutuações, profundidades cambiantes, só isso dava a ela a impressão de movimento e vida. O que me incomoda é que uma sensação de desgraça, e mais nada, seja insuficiente para tornar uma alma imortal. Minha enorme e morosa Mademoiselle está muito bem na terra, mas é impossível na eternidade. Será que realmente a resgatei da ficção? Imediatamente antes que o ritmo que escuto vacile e desapareça, me vejo pensando se, durante os anos em que a conheci, não terei deixado passar absolutamente alguma coisa nela que

era muito mais que seus queixos, seus modos, ou mesmo seu francês — algo talvez mais próximo daquele último olhar dela, daquele radiante engodo que ela usou a fim de me fazer ir embora satisfeito com minha própria bondade, ou daquele cisne cuja agonia era tão mais próxima da verdade artística do que os pálidos braços oscilantes de uma bailarina; algo, em resumo, que só consegui apreciar depois que as coisas e seres que eu mais havia amado na segurança de minha infância haviam se transformado em cinzas ou levado um tiro no coração.

Há um apêndice à história de Mademoiselle. Quando a escrevi inicialmente, eu não sabia de certas sobrevivências incríveis. Então, em 1960, meu primo de Londres, Peter de Peterson, me contou que a babá inglesa deles, que havia me parecido velha em 1904, em Abbazia, tinha agora noventa anos e estava bem de saúde; tampouco eu sabia que a governanta das duas irmãs mais novas de meu pai, Mlle. Bouvier (depois Mme. Conrad), sobrevivera a meu pai quase meio século. Ela entrara para o serviço deles em 1889 e ficara seis anos, sendo a última de uma série de governantas. Uma linda lembrancinha desenhada em 1895 por Ivan de Peterson, pai de Peter, mostra vários acontecimentos da vida em Batovo acima de uma inscrição na caligrafia de meu pai: *A celle qui a toujours su se faire aimer et qui ne saura jamais se faire oublier*; quatro jovens rapazes Nabokov assinaram e três irmãs deles, Natalia, Elizaveta e Nadezhda, assim como o marido de Natalia, o filhinho deles, Mitik, duas primas e Ivan Aleksandrovich Tihotski, o tutor russo. Sessenta e cinco anos depois, em Genebra, minha irmã Elena descobriu Mme. Conrad, então em sua décima década. A arcaica senhora pulou uma geração e ingenuamente tomou Elena por nossa mãe, então uma moça de dezoito anos, que costumava ir com Mlle. Golay de Vyra para Batovo, naqueles tempos distantes cujas longas luzes encontram maneiras tão engenhosas de chegar a mim.

Capítulo seis

1

Numa manhã de verão, na Rússia lendária de minha meninice, meu primeiro olhar quando acordava era para a fresta entre as persianas brancas internas. Se por ela entrava uma luz pálida e aquosa, melhor não abrir e assim ser poupado da visão de um dia taciturno sentado numa poça a posar para a foto. Que triste deduzir, por uma linha de luz mortiça, o céu de chumbo, a areia molhada, a massa pastosa de botões marrons debaixo dos lilases — e aquela folha chata, parda (primeira vítima da estação) grudada num banco de jardim molhado!

Mas se a fresta era um longo refulgir de brilho orvalhado, então eu corria a fazer a janela entregar seu tesouro. Com um golpe, o quarto se dividia em luz e sombra. A folhagem das bétulas se movimentando ao sol tinha o tom verde translúcido de uvas, e contrastando com isso havia o veludo escuro dos pinheiros contra um azul de extraordinária intensidade, igual ao que só redescobri muitos anos depois, na zona montanhosa do Colorado.

Desde os sete anos, tudo o que eu sentia em relação a um retângulo de luz do sol era dominado por uma única paixão. Se meu primeiro olhar de manhã era para o sol, meu primeiro pensamento era para as borboletas que ele iria engendrar. O acontecimento original fora bem banal. Na madressilva acima do encosto entalhado de um banco em frente à entrada principal, meu anjo guia (cujas asas, exceto pela ausência de extremidades florentinas, parecia com as asas do Gabriel de Fra Angelico) me apontava uma rara visitante, uma esplêndida criatura amarelo-pálido com manchas negras, recortes azuis, e um ocelo vermelho-cinabre acima de cada cauda preta bordejada de cromo. Ao

sugar a flor inclinada da qual pendia, o corpo empoado, ligeiramente curvo, mantinha trêmulas as grandes asas, e meu desejo por ela foi um dos mais intensos que jamais senti. O ágil Ustin, zelador de nossa casa da cidade, que por uma razão cômica (explicada mais adiante) estava, por acaso, conosco no campo nesse verão, de alguma forma conseguiu pegá-la com meu boné, depois do que foi transferida, com boné e tudo, para um guarda-roupa, onde Mademoiselle acreditava carinhosamente que a naftalina doméstica a mataria de um dia para outro. Na manhã seguinte, porém, quando ela abriu o guarda-roupa para pegar alguma coisa, minha borboleta cauda-de-andorinha, com um poderoso adejar, voou para o rosto dela, depois foi para a janela aberta e era então apenas um floco dourado voejando, mergulhando, subindo na direção leste, sobre árvores e tundra, para Vologda, Viatka e Perm, e além da desolada cadeia dos Urais até Yakutsk e Verkhne Kolymsk, e de Verkhne Kolymsk, onde perdeu uma cauda, para a bela ilha de St. Lawrence, e através do Alasca até Dawson e para o sul ao longo das Montanhas Rochosas, para ser finalmente alcançada e capturada, depois de uma corrida de quarenta anos, num dente-de-leão imigrante debaixo de um álamo endêmico perto de Boulder. Numa carta de Mr. Brune para Mr. Rawlins, de 14 de junho de 1735, na coleção Bodleian, ele declara que um certo Mr. Vernon seguiu uma borboleta por quase quinze quilômetros até conseguir pegá-la (*The Recreative Review or Eccentricities of Literature and Life*, vol. 1, p. 144, Londres, 1821).

Logo depois do caso do guarda-roupas, encontrei uma mariposa espetacular isolada num canto de uma janela do vestibulo e minha mãe a despachou com éter. Anos depois, usei diversos agentes matadores, mas o mínimo contato com o material inicial fazia sempre a varanda do passado se acender e atrair aquela beleza descuidada. Uma vez, já adulto, fiquei sob o efeito de éter durante uma operação de apendicite e tão vívido como uma decalcomania vi a mim mesmo numa roupa de marinheiro montando uma mariposa Imperador recém-surgida sob a orientação de uma dama chinesa que eu sabia ser minha mãe. Estava tudo lá, brilhantemente reproduzido em meu sonho, enquanto minhas próprias entranhas eram expostas: o algodão absorvente encharcado, gelado, pressionado à cabeça lemuriana do inseto; os espasmos de seu corpo parando; o estalido satisfatório produzido pelo alfinete penetrando a crosta dura do tórax; a cuidadosa inserção do alfinete na fenda de fundo de cortiça da prancha de estender; o ajuste simétrico das asas grossas de

veias fortes debaixo das tiras de papel semitransparente fixadas cuidadosamente.

2

Eu devia ter oito anos quando, num depósito de nossa casa de campo, no meio de todo tipo de objetos empoeirados, encontrei alguns livros maravilhosos adquiridos quando a mãe de minha mãe se interessara por ciência natural e fizera um famoso professor universitário de zoologia (Shimkevich) dar aulas particulares a sua filha. Alguns desses livros eram meras curiosidades, como os quatro imensos fólhos marrons da obra de Albertus Seba (*Locupletissimi Rerum Naturalium Thesauri Accurata Descriptio...*), impressos em Amsterdã por volta de 1750. Em suas páginas de grão espesso, encontrei xilogravuras de serpentes, borboletas e embriões. O feto de uma criança etíope do sexo feminino pendurado pelo pescoço dentro de um frasco costumava ser um choque desagradável para mim cada vez que o via; também não me interessava muito a hidra empalhada da prancha CII, com suas sete cabeças de tartaruga com dentes de leão na ponta de sete pescoços serpenteantes e o corpo inchado com tubérculos como botões nas laterais, terminando num rabo em nó.

Outros livros que encontrei naquele sótão, entre herbários cheios de aquilegias alpinas, escadas-de-jacó azuis, flores de Júpiter, lírios laranja-avermelhados, e outras flores de Davos, chegavam mais perto do meu assunto. Carreguei nos braços e levei para baixo cargas gloriosas de volumes fantasticamente atraentes: as adoráveis gravuras de insetos do Suriname de Maria Sibylla Merian (1647-1717), o nobre *Die Schmetterlinge*, de Esper (Erlangen, 1777), e o *Icones Historiques de Lépidoptères Nouveaux ou Peu Connus*, de Boisduval (Paris, começado em 1832). Ainda mais excitantes eram os produtos da segunda metade do século: a *Natural History of British Butterflies and Moths*, de Newman, *Die Gross-Schmetterlinge Europas*, de Hofmann, as *Mémoires*, sobre lepidópteras asiáticas do grão-duque Nikolay Mihailovich (com figuras incomparavelmente belas pintadas por Kavargin, Rybakov, Lang), a estupenda obra de Scudder, *Butterflies of New England*.

Retrospectivamente, o verão de 1905, embora bem vívido sob muitos aspectos, ainda não foi animado por nem uma única ligeira palpitação ou adejar colorido em torno ou através dos passeios com o mestre-escola da aldeia:

a rabo-de-andorinha de junho de 1906 ainda estava em estado de larva numa umbelífera da beira da estrada; mas no decorrer desse mês passei a conhecer uma ou outra batelada de coisas comuns, e Mademoiselle já estava se referindo a uma certa estrada na floresta, que culminava num campo pantanoso cheio de pequenas fritilárias de bordas peroladas (assim chamadas em meu primeiro, inesquecível e sempre mágico manualzinho *The Butterflies of the British Isles*, de Richard South, que acabara de ser lançado na época), como *le chemin des papillons bruns*. No ano seguinte, me dei conta de que muitas de nossas borboletas e mariposas não ocorrem na Inglaterra e na Europa Central, e outros atlas mais completos me ajudaram a determiná-las. Uma doença severa (pneumonia com febre de até 41 graus), no começo de 1907, aboliu misteriosamente o dom de números bastante monstruoso que fizera de mim uma criança prodígio durante alguns meses (hoje não consigo multiplicar 13 por 17 sem lápis e papel, mas consigo somá-los, num abrir e fechar de olhos, os dentes do três encaixando direitinho); mas as borboletas sobreviveram. Minha mãe formou uma biblioteca e um museu em torno de minha cama e o desejo de descrever uma nova espécie substituiu completamente o de descobrir um novo número primo. Uma viagem a Biarritz, em agosto de 1907, acrescentou novas maravilhas (embora não tão lúcidas e numerosas quanto viriam a ser em 1909). Em 1908, eu havia adquirido controle absoluto sobre as lepidópteras europeias como conhecidas por Hofmann. Em 1910, havia trilhado meu caminho de sonho pelos primeiros volumes do prodigioso livro de imagens de Seitz, *Die Gross-Schmetterlinge der Erde*, havia adquirido uma porção de raridades recém-descritas e estava lendo vorazmente periódicos entomológicos, principalmente os ingleses e russos. Estavam ocorrendo grandes revoluções no desenvolvimento de sistemáticas. Desde meados do século, a lepidopterologia continental passara a ser, no geral, uma coisa simples e estável, conduzida com uniformidade pelos alemães. Seu alto sacerdote, o dr. Staudinger, era também chefe da maior empresa do comércio de insetos. Mesmo agora, meio século depois de sua morte, os lepidopterologistas alemães ainda não conseguiram abalar completamente o encanto hipnótico produzido por sua autoridade. Ele ainda estava vivo quando sua escola começou a perder terreno como força científica do mundo. Enquanto ele e seus seguidores se apegavam a nomes genéricos e específicos sancionados pelo uso prolongado, e se contentavam em classificar borboletas pelas características visíveis a olho nu, os autores de língua

inglesa introduziam mudanças de nomenclatura como resultado de uma aplicação estrita da lei de prioridade e mudanças taxonômicas baseadas no estudo microscópico de órgãos. Os alemães faziam todo o possível para ignorar novas tendências e continuavam a valorizar o lado meio filatelista da entomologia. Sua solicitude com o “coleccionador mediano que não deve ser levado a dissecar” é comparável à maneira como editores nervosos de romances populares mimam o “leitor médio” — que não deve ser levado a pensar.

Houve uma outra mudança mais geral, que coincidiu com meu ardoroso interesse adolescente por borboletas e mariposas. O tipo de espécies vitoriana e staudingeriana, herméticas e homogêneas, com diversas “variedades” (alpina, polar, insular etc.) a elas afixadas do exterior, por assim dizer, como apêndices incidentais, foi substituído por um tipo de espécie novo, multiforme e fluido, que *consistia* organicamente de raças e subespécies geográficas. Os aspectos evolutivos do caso eram assim enfatizados com mais clareza, por meio de métodos de classificação mais flexíveis, e novas ligações entre borboletas e os problemas centrais quanto à natureza provinham de pesquisas biológicas.

Os mistérios do mimetismo exerciam atração especial sobre mim. Seus fenômenos revelavam uma perfeição artística geralmente associada a coisas feitas pelo homem. Pense na imitação de emissão de veneno por máculas em forma de bolhas numa asa (completas, com pseudo-refrações) ou nas saliências amarelo brilhantes de uma crisálida (“Não me coma — já fui esmagada, experimentada e rejeitada”). Pense nos truques de uma lagarta acrobática (da mariposa-lagosta) que na infância parece fezes de passarinho, mas que depois da eclosão desenvolve apêndices himenopteroides rastejantes e características barrocas, permitindo ao sujeito excepcional desempenhar dois papéis ao mesmo tempo (como o ator de espetáculos orientais que se *transforma* num par de lutadores interligados): o de uma larva a se retorcer e o de uma formiga grande que parece conduzi-la. Quando uma certa mariposa se parece com certa vespa na forma e na cor, ela também caminha e move as antenas de um jeito de vespa, nada típico de mariposas. Quando uma borboleta tem de parecer uma folha, não apenas todos os detalhes da folha são lindamente reproduzidos como também marcas que imitam buracos feitos por lagartas são generosamente acrescentados. A “seleção natural” no sentido darwiniano não consegue explicar as miraculosas coincidências de aspecto imitativo e comportamento imitativo, nem se pode apelar para a teoria de “luta pela vida” quando um recurso

protetor é levado ao ponto de sutileza, exuberância e luxo miméticos que vão muito além da capacidade de apreciação de um predador. Descobri na natureza as delícias não utilitárias que eu procurava na arte. Ambas eram uma forma de magia, ambas eram um jogo de intrincados encantamento e engano.

3

Cacei borboletas em vários climas e disfarces: como menino bonito de calça bombacha e quepe de marinheiro; como expatriado magricela e cosmopolita de calça de flanela e boina; como um velho gordo de bermuda e sem chapéu. A maior parte de meus mostruários teve o mesmo destino de nossa casa de Vyra. Os de nossa casa da cidade e do pequeno adendo que deixei no museu de Yalta foram destruídos, sem dúvida, por besouros e outras pragas. Uma coleção de coisas sul-europeias que comecei no exílio desapareceu em Paris durante a Segunda Guerra Mundial. Todas as minhas capturas americanas de 1940 a 1960 (vários milhares de espécimes, inclusive grandes raridades e tipos) estão no Mus. de Zoologia Comp., no Mus. Am. de Hist. Nat. e no Mus. de Entomologia da Univ. Cornell, onde estão mais seguras do que estariam em Tomsk ou Atomsk. Lembranças incrivelmente felizes, bastante comparáveis, de fato, com as de minha infância russa, estão associadas a meu trabalho de pesquisa no MCZ, de Cambridge, Mass. (1941-8). Não menos felizes foram as muitas viagens de coleta quase todo verão, durante vinte anos, pela maioria dos estados de meu país de adoção.

Em Jackson Hole e no Grand Canyon, nas encostas montanhosas acima de Telluride, Colo., e numa famosa floresta de pinheiros perto de Albany, N.Y., vivem, e viverão, em gerações mais numerosas que edições, as borboletas que descrevi como novas. Muitos de meus achados foram trabalhados por outros; alguns receberam o meu nome. Um deles, Pug de Nabokov (*Eupithecia nabokovi* McDunnough), que capturei uma noite em 1943 numa janela panorâmica do Alta Lodge de James Laughlin, em Utah, se encaixa quase filosoficamente na espiral temática que começou numa floresta de Oredezh por volta de 1910 — ou talvez mesmo antes, naquele rio de Nova Zembla há um século e meio.

Poucas coisas de fato conheci em termos de emoção e apetite, ambição e realização, que possam superar em riqueza e força o excitamento da exploração

entomológica. Desde o comecinho, essa atividade revelou muitíssimas facetas interligadas. Uma delas era o agudo desejo de estar sozinho, uma vez que qualquer companhia, por mais calada que fosse, interferia no prazer concentrado de minha mania. Sua gratificação não admitia concessão nem exceção. Quando tinha dez anos, tutores e governantas já sabiam que as manhãs eram minhas e mantinham-se cautelosamente a distância.

A esse respeito, me lembro da visita de um colega de escola, um menino de quem eu gostava muito e que era excelente diversão. Ele chegou uma noite de verão — acho que em 1913 — de uma cidade que ficava a uns quarenta quilômetros dali. O pai dele havia morrido havia pouco num acidente, a família estava arruinada e o rapaz cabeça-dura, não tendo como pagar o bilhete de trem, viera de bicicleta por todos aqueles quilômetros para passar uns dias comigo.

Na manhã seguinte à sua chegada, fiz tudo o que pude para sair de casa para minha caminhada matinal sem que ele soubesse aonde eu tinha ido. Sem café da manhã, com pressa histérica, peguei minha rede, minhas latas, meu frasco de abate e escapei pela janela. Uma vez na floresta, estaria seguro; mas continuei caminhando, as panturrilhas tremendo, os olhos cheios de lágrimas escaldantes, todo meu ser estremecendo de vergonha e repulsa por mim mesmo, quando visualizei meu pobre amigo, com a cara comprida e pálida e a gravata preta, vagando pelo jardim quente — afagando os cachorros ofegantes por falta de coisa melhor para fazer e tentando com toda força justificar para si mesmo a minha ausência.

Deixe eu olhar meus demônios objetivamente. Com exceção de meus pais, ninguém realmente entendia minha obsessão, e só muitos anos depois foi que encontrei um companheiro de sofrimento. Uma das primeiras coisas que aprendi foi não depender dos outros para aumentar minha coleção. Numa tarde de verão, em 1911, Mademoiselle entrou em meu quarto, livro na mão, começou a dizer que queria me mostrar com quanta inteligência Rousseau denunciava a zoologia (em favor da botânica), e então já estava muito avançada no processo gravitacional de baixar todo seu peso numa poltrona para se deter com o meu uivo de angústia: naquele assento eu havia deixado por acaso minha bandeja de tampo de vidro com uma longa e adorável série de grandes-brancas. A primeira reação dela foi de vaidade ofendida: seu peso, sem dúvida, não podia ser acusado de haver danificado o que de fato havia destruído; a

segunda foi me consolar: *Allons donc, ce ne sont que des papillons de potager!* — o que só fez piorar as coisas. Uma dupla siciliana comprada recentemente de Staudinger havia sido esmagada e danificada. Um grande exemplo de Biarritz foi totalmente mutilado. Esmagadas, também, algumas de minhas preferidas capturas locais. Dessas, uma aberração que parecia uma raça canarina da espécie poderia ser emendada com umas gotas de cola; mas uma preciosa ginandromorfa, masculina do lado esquerdo, feminina do lado direito, cujo abdome desaparecera e cujas asas se soltaram, se perdeu para sempre: dava para grudar as asas de volta, mas não era possível provar que as quatro pertenciam àquele tórax sem cabeça em seu alfinete torto. Na manhã seguinte, com ar de grande sofrimento, a pobre Mademoiselle partiu para São Petersburgo e voltou à noite me trazendo (“algo melhor que suas borboletas de repolho”) uma banal mariposa urania montada em gesso. “Como você me abraçou, como você dançou de alegria!”, ela exclamou dez anos depois, ao inventar um passado totalmente novo.

Nosso médico no campo, com quem eu havia deixado as pupas de uma rara mariposa quando viajei para o exterior, me escreveu que todas haviam nascido muito bem; mas na realidade um rato havia comido minhas preciosas pupas e quando voltei o velho mentiroso me entregou algumas belas-damas comuns que, suponho, ele deve ter recolhido apressadamente em seu jardim e jogado na caixa de criação como substitutas plausíveis (pensou *ele*). Melhor ainda, era um entusiasmado filho da empregada que às vezes pedia emprestado meu equipamento e voltava duas horas depois em triunfo com um saco de pulsante vida invertebrada e vários itens adicionais. Soltando a boca da rede que havia amarrado com um barbante, ele despejava a cornucópia de sua captura — uma massa de gafanhotos, um pouco de areia, dois pedaços de um cogumelo que ele colhera parcimoniosamente no caminho de casa, mais gafanhotos, mais areia e uma branca-pequena amassada.

Em obras dos grandes poetas russos, encontro apenas duas imagens lepidópteras de genuína qualidade sensual: a impecável evocação de Bunin do que é decerto uma bela-dama:

E entra voando na sala
uma colorida borboleta
sedosa a flutuar, adeja, toca
e retoca o teto azul...

e a “Borboleta” de Fet monologando:

De onde vim e para onde vou com tanta pressa
não inquirio;
agora numa graciosa flor pousei
e agora respiro.

Na poesia francesa, são tocantes os versos bem conhecidos de Musset (em *Le saule*):

*Le phalène doré dans sa course légère
traverse les prés embaumés*

que é uma descrição absolutamente exata do voo crepuscular da geometrídea chamada na Inglaterra de mariposa laranja; e a frase fascinantemente adequada de Fargue (em *Les Quatres Journées*) sobre um jardim que, ao anoitecer, *se glauce de bleu comme l’aile du grand Sylvain* (a *Laothoe populi*). E entre as muito raras imagens lepidopterológicas genuínas na poesia inglesa, minha favorita é a de Browning:

Do outro lado nosso, o alto rochedo;
e marcando caminho entre ele e a garganta
pedras em que o líquen é um arremedo
das marcas de uma mariposa, e planta
a samambaia os dentes no polido penedo.
(“*By the Fire-side*”)

É assombroso como as pessoas comuns notam pouco as borboletas. “Nenhuma”, me respondeu calmamente aquele robusto caminhante suíço com Camus na mochila quando lhe perguntei, para satisfazer minha incrédula acompanhante, se ele tinha visto alguma borboleta enquanto descia a trilha onde, momentos antes, você e eu tínhamos nos deliciado com enxames delas. É também verdade que, quando evoco a imagem de um caminho particular lembrado nos mínimos detalhes, mas pertencente a um verão anterior àquele de 1906, que precedeu, portanto, minha primeira etiqueta de localização, e nunca revisitado, não consigo divisar nem uma asa, nem um bater de asas, nem um lampejo azul, nem uma flor adornada por uma mariposa, como se uma maldição tivesse sido lançada no litoral adriático, tornando assim todas as suas “leps” (como diz entre nós alguém que gosta de gírias) invisíveis. Exatamente

assim pode se sentir um entomologista algum dia ao marchar ao lado de um jubiloso botanista já sem capacete em meio à odiosa flora de um planeta paralelo, sem nem um único inseto à vista; e assim (numa estranha prova do estranho fato de que sempre que possível o cenário de nossa infância é usado por um produtor econômico como cenário pré-fabricado para nossos sonhos de adultos) a colina litorânea de certo pesadelo recorrente que tenho, para onde contrabandeio da minha vigília uma rede desmontável, é alegrada com tomilho e trevo perfumado, mas incompreensivelmente desprovida de todas as borboletas que deviam estar lá.

Depressa descobri também que um “lepista” entregue a sua tranquila atividade era capaz de provocar estranhas reações em outras criaturas. Quantas vezes, quando se marcou um piquenique e eu tentava desajeitadamente, sem ser notado, carregar meus humildes implementos na charrete com cheiro de alcatrão (usavam um preparado de alcatrão para afastar as moscas dos cavalos) ou no Opel conversível com cheiro de chá (quarenta anos atrás a gasolina também cheirava assim), algum primo ou tia meus observava: “Você tem *mesmo* de levar essa rede? Não pode se divertir como um menino normal? Não acha que vai estragar a diversão de todo mundo?” Perto de uma placa que dizia NACH BODENLAUBE, em Bad Kissingen, Bavária, quando eu ia acompanhar num passeio meu pai e o majestoso velho Muromtsev (que, quatro anos antes, em 1906, havia sido presidente do primeiro Parlamento russo), este último virou para mim a cabeça de mármore, eu um menino vulnerável de onze anos, e disse com sua famosa solenidade: “Venha conosco, sim, claro, mas não cace borboletas, menino. Atrapalha o ritmo do passeio.” Num caminho com vista para o mar Negro, na Crimeia, entre arbustos em floração cerosa, em março de 1918, um sentinela bolchevique com pernas em arco tentou me prender por sinalizar (com minha rede, disse ele) a um navio de guerra britânico. No verão de 1929, toda vez que eu atravessava a pé um vilarejo no leste dos Pireneus e por acaso olhava para trás, via os moradores congelados nas várias atitudes em que minha passagem os surpreendera, como se eu fosse Sodoma e eles a esposa de Lot. Uma década depois, nos Alpes marítimos, notei uma vez a relva ondular em serpentina atrás de mim porque um gordo policial rural vinha rastejando para descobrir se eu estava capturando pássaros canoros. A América mostrou ainda mais esse mórbido interesse em minhas atividades recírias do que qualquer outro país — talvez porque eu estivesse nos meus quarenta anos

quando vim morar aqui e, quanto mais velho o homem, mais estranho ele parece com uma rede de borboletas na mão. Fazendeiros severos chamaram minha atenção para placas de PROIBIDO PESCAR; de carros passando na estrada me vieram loucos uivos de zombaria; cachorros sonolentos, embora indiferentes aos piores mendigos, espetaram as orelhas e vieram até mim, rosnando; criancinhas me apontaram a suas mães intrigadas; excursionistas de mente aberta me perguntaram se eu estava pegando insetos para isca; e uma manhã, num lugar desolado, iluminado por altas iucas em flor, perto de Santa Fé, uma grande égua preta me seguiu por quase dois quilômetros.

4

Quando, depois de me livrar de todos os perseguidores, tomei a estrada áspera, vermelha, que ia de nossa casa de Vyra para o campo e a floresta, a animação e o brilho do dia pareciam um tremor de simpatia em torno de mim.

Arrans-marrons, muito novas, muito escuras, que só surgem a cada dois anos (convenientemente, o olhar em retrospectiva aqui é adequado), voejavam entre os abetos ou revelavam suas marcas vermelhas e bordas axadrezadas ao tomar sol nas samambaias da beira da estrada. Saltitando na relva, uma diminuta ninfalídea chamada *hero* escapou de minha rede. Várias mariposas também estavam voando — espalhafatosas amantes do sol que vagam de flor em flor como moscas pintadas, ou machos insones em busca de fêmeas escondidas, como aquela *eggar-do-carvalho* cor de ferrugem se arremessando aos arbustos. Notei (um dos maiores mistérios de minha infância) uma asa macia verde-pálido presa numa teia de aranha (na época eu sabia o que era: parte de uma grande-esmeralda). A larva tremenda da mariposa-cabra, ostensivamente segmentada, de cabeça chata, cor de carne e brilhantemente avermelhada, uma estranha criatura “tão nua quanto um verme”, para usar uma comparação francesa, atravessou meu caminho numa busca frenética por um lugar para se tornar pupa (a terrível pressão da metamorfose, a aura de um ataque infeliz em público). Na casca daquela *bétula*, aquela vigorosa perto do portão do parque, eu havia encontrado na primavera anterior uma escura aberração de *carmelita-de-siever* (para o leitor apenas mais uma mariposa cinzenta). Na vala, debaixo do pontilhão, uma *hesperiídea* silvícola amarelo-vivo voejou a esmo com uma libélula (apenas uma libélula azul para mim). De

uma flor, dois machos da acobreada-da-madeira subiram a uma altura tremenda, lutando até lá em cima — e então, depois de um momento, baixou o relampejar de um deles voltando para seu cardo. Eram insetos familiares, mas a qualquer momento alguma coisa melhor me fazia parar e respirar depressa. Me lembro de um dia em que aproximei cuidadosamente minha rede mais e mais de uma rara thecla que havia pousado delicadamente num raminho. Dava para ver claramente o W branco na parte inferior, cor de chocolate. As asas estavam fechadas, e as inferiores roçavam uma na outra com um curioso movimento circular — talvez produzindo alguma pequena alegre vibração aguda demais para o ouvido humano captar. Há muito eu queria aquela espécie em particular e, quando cheguei bem perto, ataquei. Você já ouviu um campeão de tênis gemer ao perder uma bola fácil. Você pode ter visto a cara do grão-mestre e campeão mundial Wilhelm Edmundson quando, durante uma exibição simultânea num café de Minsk, ele perdeu a torre, por um descuido absurdo, para o amador e pediatra local, dr. Schach, que acabou ganhando a partida. Mas naquele dia, ninguém (a não ser o meu eu mais velho) podia me ver remover um pedaço de graveto de uma rede vazia e olhar o buraco na tarlatana.

5

Perto do cruzamento de duas estradas de rodagem (uma, bem mantida, na direção norte-sul entre nossos parques “velho” e “novo”, e a outra, lamacenta e esburacada, levando, ao se virar para oeste, a Batovo), num ponto onde álamos se aglomeram de ambos os lados de uma poça, eu tinha certeza de encontrar, na terceira semana de junho, grandes ninfálicas negro-azuladas listradas do mais puro branco, flutuando e girando rentes ao rico barro que combinava com o tom de sua face inferior quando pousavam e fechavam as asas. Eram os machos que gostam de estrume, que os aurelianos costumavam chamar de *poplar admirable* ou, mais exatamente, pertenciam a suas subespécies bucovinianas. Menino de nove anos, desconhecendo aquela raça, notei o quanto nossos espécimes do norte da Rússia diferiam da forma centro-europeia que aparecia em Hofmann, e precipitadamente escrevi a Kuznetsov, um dos maiores lepidopterologistas russos, ou na verdade, mundiais, de todos os tempos, batizando minha nova subespécie de “*Limenitis populi rossica*”. Um

longo mês depois ele devolveu minha descrição e aquarela da “*rossica* Nabokov” com apenas duas palavras escritas nas costas de minha carta: “*bucovinensis* Hormuzaki”. Como odiei Hormuzaki! E como fiquei ferido ao encontrar em um dos trabalhos posteriores de Kuznetsov uma rude referência “à colegiais que ficam batizando minúsculas variedades de ninfálidas do choupo!”. Inabalado porém, pelo fracasso da *populi*, no ano seguinte “descobri” uma “nova” mariposa. Nesse verão, eu vinha coletando assiduamente em noites sem luar, numa clareira do parque, estendendo um lençol sobre a relva e seus incomodados vaga-lumes, e lançava sobre ele a luz de um lampião de acetileno (que seis anos depois iria brilhar em Tamara). Nessa arena de luminosidade, vinham vagando mariposas saídas do sólido negrume à minha volta e foi desse jeito, em cima daquele lençol mágico, que peguei uma maravilhosa *plusia* (agora *phytometra*) que, como percebi de imediato, diferia de seu aliado mais próximo pelas asas dianteiras lilás-e-marrom (em vez de marrom-dourado) e marca bracteal mais estreita que não era reconhecível em nenhum de meus livros. Mandeí descrição e imagem dela para Richard South, para publicação em *The Entomologist*. Ele também não a conhecia, mas com a mais absoluta gentileza conferiu a coleção do British Museum — e descobriu que havia sido descrita fazia muito tempo como *Plusia excelsa* por Kretschmar. Recebi a triste notícia, colocada com palavras muito simpáticas (“...deve receber os parabéns por obter... uma coisa muito rara do Volga... imagem admirável...”), com total estoicismo; mas muitos anos mais tarde, por um feliz acaso (sei que não devia apontar essas joias para as pessoas), me vinguei do primeiro descobridor da *minha* mariposa dando o nome dele a um cego em um romance.

Permitam que eu evoque também os esfingídeos, os jatos de minha meninice! As cores demoravam a morrer nas noites de junho. Os arbustos de lilás em plena floração diante dos quais eu estava, rede na mão, exibiam grumos de um cinza macio ao anoitecer — o fantasma do púrpura. Uma jovem lua úmida pairava acima da névoa no campo próximo. Em muitos jardins eu me detive assim em anos posteriores — em Atenas, Antibes, Atlanta — mas nunca esperei com tanto ardor como diante daqueles lilases que escureciam. E de repente ela veio, o zunido baixo passando de flor em flor, o halo vibratório em torno do corpo aerodinâmico de uma mariposa-colibri oliva e rosa pousando no ar acima da corola em que havia introduzido a longa língua. Sua bonita larva negra (que parecia uma cobra diminuta quando

inchava os segmentos frontais ocelados) podia ser encontrada em folhas úmidas de salgueiro dois meses depois. Assim, cada hora e estação tinha suas delícias. E por fim, em noites frias, ou geladas mesmo, noites de outono, podia-se atrair mariposas pintando três troncos com uma mistura de melado, cerveja e rum. Através da escuridão ventosa, nossa lanterna iluminava os sulcos brilhantes e pegajosos da casca e duas ou três mariposas grandes bebendo os doces, as asas nervosas meio abertas como borboletas, as inferiores exibindo sua incrível seda carmesim debaixo das primárias cinza-líquen. “*Catocala adultera!*”, eu guinchava triunfante na direção das janelas iluminadas da casa ao tropeçar de volta para mostrar minhas capturas a meu pai.

6

O parque “inglês” que separava nossa casa dos campos de feno era um espaço extenso e complicado com caminhos labirínticos, bancos turguevianos e carvalhos importados entre abetos e bétulas endêmicos. A luta que se travava desde o tempo de meu avô para impedir que o parque voltasse ao estado selvagem sempre deixava de atingir sucesso completo. Nenhum jardineiro conseguia dar conta dos morrinhos de terra preta e crespa que as mãos rosadas das toupeiras empilhavam na areia lisa do caminho principal. Pragas e fungos e as raízes das árvores como cordilheiras cruzavam e recruzavam as trilhas salpicadas de sol. Os ursos tinham sido eliminados nos anos oitenta, mas um ou outro alce ainda visitava o espaço. Num rochedo pitoresco, um pequeno freixo montanhoso e um álamo ainda menor haviam se encarapitado, de mãos dadas, como duas crianças tímidas e desajeitadas. Outros invasores mais fugidios — participantes de piqueniques perdidos ou aldeões alegres — enlouqueciam nosso grisalho guarda-caça, Ivan, rabiscando palavras obscenas nos bancos e portões. O processo desintegrador ainda continua, num sentido diferente, pois quando, hoje, tento seguir na memória os caminhos serpenteantes de um dado ponto a outro, noto, alarmado, que existem muitas brechas, devidas a esquecimento ou ignorância, parentes dos vazios de *terra-incognita* que os cartógrafos de antigamente costumavam chamar de “belas adormecidas”.

Além do parque, havia campos, com um contínuo vislumbre de asas de borboletas sobre o vislumbre de flores — margaridas, jacintos, escabiosas e

outras — que agora passam rapidamente por mim numa espécie de névoa colorida, como aqueles adoráveis e luxuriantes prados, que nunca serão explorados, que se vê do vagão-restaurant numa viagem transcontinental. Ao final dessa relvada terra das maravilhas, a floresta crescia como uma muralha. Lá eu vagava, vasculhando os troncos das árvores (a parte encantada, silenciosa, de uma árvore), pois certas mariposas minúsculas, chamadas *pugs* na Inglaterra — criaturinhas delicadas que pousam durante o dia sobre superfícies pintalgadas com as quais suas asas chatas e abdome erguido se fundem. Ali, no fundo daquele mar de verdor banhado pelo sol, eu circundava devagar os grandes troncos. Nada no mundo me teria parecido mais doce do que poder acrescentar, por um golpe de sorte, alguma notável espécie nova à longa lista de *pugs* já nomeadas por outros. E minha variegada imaginação, ostensivamente, e quase grotescamente, cedendo ao meu desejo (mas o tempo todo, em fantasmagórica conspiração, por trás do pano, planejando friamente os acontecimentos mais distantes de meu destino), me fornecia amostras alucinatórias de letras miúdas: “...único espécime conhecido até hoje...” “...único espécime conhecido de *Eupithecia petropolitanata* capturado por um menino de escola russo...” “... por um jovem colecionador russo...” “... por mim mesmo no governo de São Petersburgo, Distrito de Tsarskoe Selo, em 1910... 1911... 1912... 1913...” E então, trinta anos depois, aquela abençoada noite negra na cordilheira Wasatch.

No início — quando eu tinha, digamos, oito ou nove anos —, raramente me aventurava além dos campos e florestas entre Vyra e Batovo. Mais tarde, quando visava um ponto particular a uns dez quilômetros ou mais, usava a bicicleta para chegar com minha rede amarrada ao quadro; mas não eram muitas as trilhas de floresta transitáveis sobre rodas; era possível ir a cavalo, claro, mas, por causa de nossas ferozes mutucas russas, não se podia deixar um cavalo parado numa floresta durante nenhum período de tempo: um dia, para fugir delas meu agitado baio quase subiu na árvore a que estava amarrado: bichos grandes com olhos sedosos e úmidos, corpos tigrados e pequenos focinhos cinzentos com probóscides ainda mais dolorosas, mas muito mais morosos: despachar dois ou três desses sanguessugas sujos esmagando-os com a mão enluvada quando grudavam no pescoço de minha montaria me dava um maravilhoso alívio empático (que um dipterologista talvez não aprecie). De qualquer forma, em minha caçada de borboletas eu preferia sempre caminhar a

qualquer outra forma de locomoção (exceto, naturalmente, um assento voador pairando calmamente acima dos lençóis de plantas e rochas de uma montanha inexplorada ou sobrevoando de perto o teto florido da uma floresta tropical); pois quando se caminha, principalmente numa região que se estudou bem, existe um requintado prazer em sair do itinerário para visitar, aqui e ali, esta clareira, aquele vale, esta ou aquela combinação de solo e flora — para dar uma olhada, digamos, numa borboleta familiar nesse habitat específico, a fim de ver se ela nasceu e, se nasceu, como está indo.

Houve um dia de julho — por volta de 1910, acredito — em que senti uma urgência em explorar o vasto pântano além do Oredezh. Depois de flanquear o rio por uns cinco ou seis quilômetros, encontrei uma sacolejante pontezinha estreita. Ao cruzá-la, dava para ver as cabanas de um povoado à esquerda, macieiras, troncos acastanhados de pinheiros empilhados numa encosta verde, e as manchas coloridas que faziam no gramado as roupas espalhadas das jovens camponesas, que, totalmente nuas na água rasa, brincavam e gritavam dando tão pouca importância a mim como se eu fosse o portador desencarnado de minhas atuais reminiscências.

Do outro lado do rio, uma densa multidão de pequenas borboletas macho azul brilhantes, que estivera se embebedando na rica lama pisada e no estrume de vaca que atravesssei, se ergueu voando ao mesmo tempo no ar cintilante e baixou de novo assim que passei.

Depois de atravessar uns bosques de pinheiros e moitas de amieiros, cheguei ao pântano. Assim que meu ouvido captou o zumbido de dípteros à minha volta, o grito gutural de uma narceja no alto, o som aspirado do brejo sob meu pé, entendi que iria encontrar ali borboletas do ártico bem especiais, cujas imagens, ou ainda melhor, cujas descrições não ilustradas, eu havia venerado durante várias estações. E no momento seguinte eu estava entre elas. Sobre os pequenos arbustos de mirtilo do pântano com frutos de um azul apagado, sonhador, sobre o olho marrom da água estagnada, sobre limo e lama, sobre as estacas da fragrante orquídea do pântano (a *nochnaya fialka* dos poetas russos), uma pequena fritilária escura com o nome de uma deusa nórdica passou num voo baixo, rasante. A linda cordigera, uma mariposa que parece uma joia, zuniu sobre todas as plantas uliginosas que são seu alimento. Persegui borboletas-de-bando de bordas rosadas, sátiros de mármore cinzento. Sem ligar para os mosquitos que cobriam meus antebraços, me curvei com um gemido

de deleite para recolher a vida de uma lepidóptera manchada de prata que pulsava nas dobras de minha rede. Em meio aos cheiros do pântano, captei o perfume sutil de asas de borboleta em meus dedos, um perfume que varia com as espécies — baunilha, limão, almíscar, ou um odor mofado, adocicado, difícil de definir. Ainda não saciado, segui em frente. Por fim, vi que tinha chegado ao outro extremo do pântano. O chão que se elevava era um paraíso de lupinas, colombinas e penstêmons. Lírios-mariposa floriam debaixo dos pinus ponderosa. À distância, sombras de nuvens passageiras manchavam o verde opaco das colinas acima da linha das árvores, e o cinza e branco do Longs Peak.

Confesso que não acredito no tempo. Gosto de dobrar meu tapete mágico depois do uso, de forma a sobrepor uma parte do padrão sobre outra. As visitas que tropeçam. E o maior prazer da intemporalidade — numa paisagem escolhida ao acaso — é quando paro entre borboletas raras e as plantas de que se alimentam. Isso é êxtase, e por trás do êxtase há algo mais, que é difícil de explicar. É como um vácuo momentâneo para dentro do qual corre tudo quanto amo. Uma sensação de unicidade com sol e pedra. Um arrepio de gratidão a quem possa interessar — ao gênio contrapontista do destino humano ou aos fantasmas ternos agradando um mortal de sorte.

Capítulo sete

1

Nos primeiros anos deste século, uma agência de viagens da avenida Nevski expôs uma maquete de noventa centímetros de um vagão-leito internacional de carvalho marrom. A delicada verossimilhança superava completamente a lata pintada de meus trenzinhos elétricos. Infelizmente, não estava à venda. Dava para ver o estofamento azul de dentro, o couro lavrado que forrava as paredes dos compartimentos, os painéis polidos, os espelhos, as lâmpadas de leitura em forma de tulipa e outros detalhes enlouquecedores. Janelas espaçosas se alternavam com mais estreitas, isoladas ou geminadas, e algumas tinham vidro jateado. Em alguns compartimentos, as camas estavam arrumadas.

O então grande e glamoroso Nord-Express (nunca mais foi o mesmo depois da Primeira Guerra Mundial, quando seu marrom elegante se transformou num azul *nouveau-riche*), consistia exclusivamente desses vagões internacionais e rodava apenas duas vezes por semana ligando São Petersburgo a Paris. Eu deveria dizer diretamente a Paris, se os passageiros não fossem obrigados a trocar para um trem superficialmente similar na fronteira russo-alemã (Verzhbolovo-Eydtkuhnen), onde a bitola russa larga e preguiçosa de um metro e cinquenta e três era substituída pela bitola padrão da Europa de um metro e quarenta e três, e o carvão sucedia a lenha de bétula.

No mais fundo de minha mente consigo desvendar, acredito, ao menos cinco dessas viagens a Paris, com a Riviera ou Biarritz como destino final. Em 1909, ano que escolho agora, nossa comitiva consistia de onze pessoas e um *dachshund*. Usando luvas e uma touca de viagem, meu pai estava sentado a ler

um livro no compartimento que repartia com nosso tutor. Meu irmão e eu estávamos separados deles por um banheiro. Minha mãe e sua criada ocupavam o compartimento adjacente ao nosso. A seguir vinham minhas duas irmãs mais novas, sua governanta inglesa, Miss Lavington, e uma enfermeira russa. Quem estava sozinho em nosso grupo, o valete de meu pai, Osip (que uma década depois os pedantes bolcheviques iriam fuzilar porque ele conservou nossas bicicletas em vez de entregá-las à nação), tinha um estranho por companhia.

Histórica e artisticamente, o ano havia começado com um cartum político na *Punch*: a deusa Inglaterra se curvando sobre a deusa Itália, em cuja cabeça um dos tijolos de Messina havia caído — provavelmente a pior imagem que *qualquer* terremoto jamais inspirou. Em abril daquele ano, Peary chegara ao Polo Norte. Em maio, Chaliapin cantara em Paris. Em junho, incomodado com rumores de novos e melhores zepelins, o Departamento de Guerra dos Estados Unidos revelara a jornalistas planos de uma Marinha aérea. Em julho, Blériot voara de Calais a Dover (com um pequeno giro adicional ao perder o caminho). Era fim de agosto então. Os pinheiros e pântanos do noroeste da Rússia passavam correndo, e no dia seguinte deram lugar aos pinheirais anões e às urzes alemãs.

Sobre uma mesa dobrável, minha mãe e eu disputávamos um jogo de cartas chamado *durachki*. Embora ainda fosse dia claro, nossas cartas, o copo e, num plano diferente, os fechos de uma mala, refletiam-se na janela. Através de florestas e campos, em súbitas ravinas, entre chalés apressados, aqueles desencarnados jogadores continuavam jogando com constantes apostas cintilantes. Foi um jogo prolongado, muito prolongado: nesta manhã cinzenta de inverno, no espelho de meu claro quarto de hotel, vejo brilharem os mesmos, os mesmíssimos fechos daquela valise agora de setenta anos, um *nécessaire de voyage* posudo, pesado, de couro de porco, com “H.N.” elaboradamente entrelaçados em prata pesada debaixo de uma coroa semelhante, comprada em 1897 para a viagem de casamento de minha mãe a Florença. Em 1917, transportara de São Petersburgo para a Crimeia, e depois para Londres, um punhado de joias. Por volta de 1930, perdeu para uma loja de penhores seus caros receptáculos de cristal e prata, deixando vazios os prendedores de couro habilmente concebidos do interior da tampa. Mas essa perda havia sido amplamente recuperada durante os trinta anos em que a valise viajou comigo — de Praga a Paris, de St. Nazaire a Nova York e através dos

espelhos de mais de duzentos quartos de hotel e casas alugadas em quarenta e seis estados. O fato de o sobrevivente mais rijo de nossa herança russa ser uma mala de viagem é tanto lógico quanto emblemático.

“*Ne budet-li, ti ved’ ustal* [Já não basta, não está cansado]?”, minha mãe perguntava e depois perdia-se em pensamentos ao embaralhar lentamente as cartas. A porta do compartimento estava aberta e dava para ver a janela do corredor, onde os fios — seis finos fios negros — faziam o possível para ir para cima, para subir ao céu, apesar dos golpes fulminantes que recebiam dos postes de telégrafo um depois do outro; mas no momento em que os seis, num salto triunfante de patética animação, estavam para atingir o alto da janela, um golpe particularmente perverso os lançava para baixo outra vez, o mais baixo que já haviam estado, e começava tudo de novo.

Quando, nessas viagens, o trem mudava a velocidade para um ritmo digno e apenas roçava fachadas de casas e placas de lojas, ao passarmos por alguma grande cidade alemã, eu costumava sentir uma dupla excitação que estações terminais não podiam fornecer. Via uma cidade com seus bondes de brinquedo, tílias e paredes de tijolos entrar no compartimento, fazer amizade com os espelhos e preencher as janelas do lado do corredor. Esse contato informal entre trem e cidade era uma parte da emoção. A outra era me pôr no lugar de algum transeunte que, eu imaginava, ficaria tão emocionado como eu ao ver os longos vagões românticos, castanho-avermelhados, com suas cortinas de conexão intervestibular negras como asas de morcego e os letreiros de metal de cobre brilhante ao sol baixo, atravessar sem pressa um viaduto de ferro sobre uma rua cotidiana e depois virar, com todas as janelas repentinamente incendiadas, em torno de um último quarteirão de casas.

Havia obstáculos a essas amálgamas ópticas. O vagão-restaurant com suas grandes janelas, um panorama de castas garrafas de água mineral, guardanapos dobrados como mitras, e barras de chocolate de mentira (cujas embalagens — Caillet, Kohler etc. — continham apenas madeira), parecia num primeiro momento um fresco paraíso além dos consecutivos corredores azuis balouçantes; mas à medida que a refeição progredia para seu último prato fatal, e de maneira cada vez mais temerosa um equilibrista com uma bandeja cheia se espremia contra a nossa mesa para deixar outro equilibrista passar com outra bandeja cheia, eu percebia o vagão em vias de ser displicentemente engolido, com garçons cambaleantes e tudo, pela paisagem, enquanto a própria paisagem

passava por um sistema complexo de locomoção, a lua diurna teimando em ficar sempre à frente de nosso prato, os campos distantes abrindo-se em leques, as árvores próximas varridas em balanços invisíveis para a pista, linhas de trilhos paralelas de repente cometendo suicídio por anastomose, um barranco de grama nictinástica subindo, subindo, subindo, até que a testemunha da mistura de velocidades era levava a vomitar sua porção de *omelette aux confitures de fraises*.

Era à noite, porém, que a Compagnie Internationale des Wagons-Lits et des Grands Express Européens fazia jus à magia de seu nome. De minha cama debaixo do beliche de meu irmão (ele estava dormindo? estava mesmo ali?), na penumbra de nosso compartimento, eu observava coisas e partes de coisas, sombras e seções de sombras se deslocando cautelosamente e não chegando a lugar nenhum. O madeirame rangia e estalava delicadamente. Perto da porta que dava para o banheiro, uma roupa escura pendurada e, mais alto, o pingente da luz noturna azul, bivalve, oscilava ritmadamente. Era difícil correlacionar essas aparências coxeantes, essas passagens furtivas, com a corrida da noite lá fora, que eu sabia que *estava* passando depressa, riscada por fagulhas, ilegível.

Eu me fazia adormecer pelo simples ato de me identificar com o condutor da locomotiva. Uma sensação de tonto bem-estar invadia minhas veias assim que eu conseguia deixar tudo bem-arranjado: os passageiros despreocupados em suas acomodações estavam gostando da viagem que eu lhes proporcionava, fumando, trocando sorrisos entendidos, balançando a cabeça, cochilando; os garçons, cozinheiros e os guardas do trem (que eu tinha de colocar em algum lugar) divertindo-se no vagão-restaurant; e eu próprio, de óculos protetores e sujo de fuligem, espiando da cabine da locomotiva os trilhos que se afilavam, até o ponto rubi ou esmeralda na distância negra. E então, em meu sono, eu via uma coisa totalmente diferente — uma bolinha de gude rolando debaixo de um piano de cauda ou um brinquedo mecânico caído de lado com as rodas ainda funcionando vigorosas.

Uma mudança na velocidade do trem às vezes interrompia a corrente de meu sono. Luzes lentas passavam; cada uma, ao passar, investigava a mesma fresta, e um compasso luminoso media as sombras. Então o trem parou com um longo suspiro westinghousiano. Alguma coisa (os óculos de meu irmão, como vimos no dia seguinte) caiu de cima. Era maravilhosamente excitante ir

para os pés da cama, com parte das cobertas acompanhando, a fim de abrir cautelosamente o fecho da persiana da janela, que podia ser levantada só até a metade, impedida como estava pela borda do beliche superior.

Como luas em torno de Júpiter, pálidas mariposas giravam ao redor de um poste solitário. Um jornal desmembrado mexeu-se num banco. Em algum lugar do trem dava para ouvir vozes abafadas, a tosse confortável de alguém. Não havia nada particularmente interessante no trecho de plataforma de estação diante de mim, e mesmo assim não consegui tirar os olhos dela até que partiu por vontade própria.

Na manhã seguinte, campos molhados com salgueiros deformados ao longo do raio de um dique ou uma fileira de álamos ao longe, atravessados pela barra horizontal de névoa branca como leite, mostravam que o trem estava rodando através da Bélgica. Chegou a Paris às quatro da tarde, e, mesmo que a estada fosse por apenas uma noite, eu sempre tinha tempo de comprar alguma coisa — digamos, uma pequena *Tour Eiffel* de latão, coberta bem grosseiramente de tinta prata — antes de embarcarmos ao meio-dia do dia seguinte no Sud-Express que, a caminho de Madri, nos deixava às dez da noite na estação de La Négresse em Biarritz, a poucos quilômetros da fronteira espanhola.

2

Biarritz ainda conservava sua essência naquela época. Arbustos de amora-preta empoeirados e *terrains à vendre* cobertos de mato ladeavam a estrada que levava a nossa casa. O Carlton ainda estava em construção. Passariam ainda uns trinta e seis anos antes que o general brigadeiro Samuel McCroskey ocupasse a suíte real do Hotel du Palais, que fica no local do antigo palácio, onde se diz que, nos anos sessenta, aquele médium incrivelmente ágil, Daniel Home, foi surpreendido acariciando com o pé descalço (imitando a mão de um fantasma) o rosto suave e confiante da imperatriz Eugénie. No passeio perto do Cassino, uma velha florista, com sobranceiras de carvão e um sorriso pintado, habilmente inseriu o grosso tálamo de um cravo na botoeira de um passante interceptado, cuja face esquerda acentuou sua dobra real quando ele olhou de lado para a ousada inserção da flor.

As eggar-do-carvalho com suas ricas cores revolteando em meio aos arbustos eram bem diferentes das nossas (que não se reproduziam no carvalho, de qualquer forma), e aqui a borboleta-malhadinha assombrava não florestas, mas cercas vivas, e tinha manchas pardas, não amarelo pálidas. Cleópatra, uma mariposa de aspecto tropical, verde-limão e alaranjada, adejando langorosamente nos jardins, havia sido uma sensação em 1907, e enredá-la ainda era um prazer.

Ao longo da linha de trás da *plage*, várias cadeiras e bancos praianos acolhiam os pais de crianças de chapéu de palha a brincar na areia em frente. Eu podia ser visto de joelhos, tentando, com uma lente de aumento, pôr fogo num pente que encontrara. Homens exibiam calças brancas que aos olhos de hoje pareceriam ter comicamente encolhido na lavagem; as senhoras usavam, naquela temporada em particular, casacos leves com lapelas de seda, chapéus com copas altas e abas largas, densos véus brancos bordados, blusas com babados no peito, babados nos punhos, babados nos parassóis. A brisa salgava os lábios. Numa velocidade tremenda, uma borboleta-maravilha perdida passou depressa pela *plage* palpitante.

Outros movimentos e sons eram produzidos pelos ambulantes anunciando *cacahuètes*, violetas cristalizadas, sorvete de pistache de um verde celestial, castanhas-de-caju e grandes pedaços convexos de uma coisa seca, arenosa, parecida com *waffer* que saía de um barril vermelho. Com uma nitidez que posteriores sobreposições não borraram, vejo aquele vendedor de beiju marchando pela areia funda, farinácea, com o barril pesado nas costas curvadas. Quando ele gritava o pregão, baixava o barril dos ombros com uma torcida da alça, fincava-o no chão como uma Torre de Pisa, enxugava o rosto na manga, e passava a manipular uma espécie de aparelho com flecha e mostrador de números na tampa do barril. A flecha raspava e girava. A sorte determinava quanto de beiju valia um *sou*. Quanto maior o pedaço, mais pena eu sentia dele.

O processo de entrar na água tinha lugar em outra parte da praia. Banhistas profissionais, bascos corpulentos em trajes de banho pretos, estavam lá para ajudar senhoras e crianças a se divertir com o terror da arrebentação. Esse *baaigneur* colocava o *client* de costas para a onda que vinha e o segurava pela mão quando a massa ascendente de água verde e espumosa, rolando, baixava violentamente por trás, derrubando a pessoa com uma forte pancada.

Depois de uma dúzia desses tombos, o *baigneur*, brilhando como uma foca, levava seu protegido ofegante, trêmulo, fungando umidamente para a terra, até a praia plana, onde uma inesquecível velha com pelos grisalhos no queixo prontamente escolhia um roupão de diversos pendurados num varal. Na segurança de uma cabine pequena, recebia-se a ajuda de outro atendente para tirar o traje de banho encharcado, pesado de areia. A peça caía nas tábuas e, ainda tremendo, você saía de cima dele e pisava em suas listas azuis, difusas. A cabine cheirava a pinho. O atendente, um corcunda com rugas sorridentes, trazia uma bacia de água muito quente, na qual se mergulhava os pés. Dele fiquei sabendo, e preservei para todo o sempre numa célula de vidro de minha memória, que “borboleta” em língua basca era *misericolettea* — ou pelo menos soava assim (entre as sete palavras que encontrei em dicionários a mais próxima é *micheletea*).

3

Na parte mais marrom e molhada da *plage*, aquela parte que na maré baixa dava a melhor lama para castelos, me vi um dia cavando ao lado de uma menininha francesa chamada Colette.

Ela ia fazer dez anos em novembro, eu tinha feito dez em abril. A atenção se voltou a um pedaço afiado de uma concha de marisco roxa sobre o qual ela havia pisado com a sola nua do pé estreito de dedos longos. Não, eu não era inglês. Seus olhos verdes pareciam pintalgados com o transbordamento das sardas que cobriam o rosto de traços firmes. Ela usava o que se poderia chamar de roupa de brincar, que consistia de uma malha azul com as mangas arregaçadas e shorts azuis de linha. De início, eu a tomara por um menino e depois ficara intrigado com a pulseira em seu braço fino e os cachos de saca-rolhas que pendiam do gorro marinheiro.

Ela falava em rápidas rajadas de trinados como de pássaro, misturando inglês de governanta com francês parisiense. Dois anos antes, na mesma *plage*, eu tinha ficado muito ligado a Zina, a adorável, bronzeada e temperamental filhinha de um naturopata sérvio — ela tinha, eu me lembro (absurdamente, porque eu e ela tínhamos apenas oito anos naquela época), um *grain de beauté* em sua pele de damasco, logo abaixo do coração, e havia uma horrível coleção de pinicos, cheios e pela metade, e um deles com bolhas na superfície, no chão

do hall de entrada dos aposentos que sua família ocupava numa pensão, que visitei bem cedo numa manhã, para receber dela, que ainda estava sendo vestida, uma mariposa-colibri morta encontrada pelo gato. Mas quando conheci Colette, entendi imediatamente que aquilo era de verdade. Colette me parecia muito mais estranha que todos os meus outros amiguinhos ocasionais de Biarritz! De alguma forma, desenvolvi a sensação de que ela era menos feliz que eu, menos amada. Um machucado em seu delicado antebraço, coberto de penugem, deu lugar a horríveis conjecturas. “Ele belisca com tanta força quanto a mamãe”, disse ela, referindo-se a um caranguejo. Desenvolvi várias estratégias para salvá-la dos pais, que eram “*des bourgeois de Paris*”, como ouvi alguém dizer a minha mãe com um ligeiro dar de ombros. Interpretei o desdém à minha maneira, uma vez que eu sabia que aquela gente tinha vindo de Paris em sua limusine azul e amarela (uma aventura muito na moda naquela época), mas negligentemente enviara Colette com seu cachorro e governanta por trem comum. O cachorro era uma fêmea *fox terrier* com guizos na coleira e um traseiro muito rebolante. Por simples exuberância, ela bebia água salgada do baldinho de Colette. Me lembro da vela, do pôr do sol e do farol pintados naquele baldinho, mas não consigo me lembrar do nome da cachorra, e isso me incomoda.

Durante os dois meses de nossa estada em Biarritz, minha paixão por Colette só não superou minha paixão por Cleópatra. Como meus pais não tinham vontade de conhecer os pais dela, eu a encontrava apenas na praia; mas pensava nela constantemente. Se notava que ela havia chorado, sentia uma onda de angústia desamparada que trazia lágrimas aos meus olhos. Não podia destruir os mosquitos que haviam deixado aquelas picadas em seu pescoço frágil, mas podia, e isso fiz, ter uma briga de socos bem-sucedida com um menino ruivo que havia sido rude com ela. Ela costumava me dar punhados mornos de caramelos duros. Um dia, quando estávamos debruçados sobre uma estrela-do-mar, os cachos de Colette fazendo cócegas em minha orelha, ela de repente virou-se para mim e me beijou no rosto. Foi tão grande a minha emoção que tudo o que consegui dizer foi: “Sua macaquinha.”

Eu tinha uma moeda de ouro que achava ser suficiente para pagar nossa fuga. Para onde queria levá-la? Espanha? América? As montanhas acima de Pau? “*Là-bas, là-bas, dans la montagne*”, como eu tinha ouvido Carmen cantar na ópera. Numa noite estranha, fiquei deitado acordado, ouvindo o bater

recorrente do oceano e planejando nossa fuga. O oceano parecia se erguer, tatear o escuro e depois cair pesadamente de cara no chão.

De nossa fuga mesmo, tenho pouco a relatar. Minha memória retém um relance dela calçando obedientemente os sapatos de sola de corda, ao abrigo do vento na barraca que sacudia, enquanto eu guardava uma rede de borboletas de dobrar dentro de um saco de papel pardo. O relance seguinte é de nossa tentativa de despistamento ao entrar num *cinéma* escuro como piche perto do Cassino (o que, evidentemente, era completamente fora dos limites). Lá ficamos sentados, de mãos dadas por cima do cachorro, que de vez em quando tilintava suavemente no colo de Colette, e assistimos a uma convulsiva, chuviscada, mas altamente emocionante tourada em San Sebastián. Meu relance final é de mim mesmo sendo levado pela calçada por Linderovski. Suas pernas longas se movem com uma espécie de agourenta energia e posso ver os músculos de seu maxilar sombriamente travado se contraindo debaixo da pele esticada. Meu irmão de óculos, com seus nove anos, que ele leva pela outra mão, fica dando uns passos à frente para olhar para mim com a curiosidade assombrada de uma corujinha.

Dentre os suvenires triviais adquiridos em Biarritz antes de irmos embora, meu favorito não era o boizinho de pedra preta, nem a concha sonora, mas uma coisa que agora parece quase simbólica: um porta-caneta de sepiolita com uma minúscula lente cristalina na parte ornamental. Segurando-se junto a um olho e fechando o outro, e quando se livrava do rebrilhar dos próprios cílios, via-se lá dentro uma milagrosa fotografia da baía e da linha de rochedos terminando num farol.

E então acontece uma coisa deliciosa. O processo de recriar aquele porta-canetas e o microcosmo no visor estimula minha memória a um último esforço. Tento mais uma vez lembrar o nome da cachorra de Colette — e, triunfantemente, ao longo daquelas praias remotas, por sobre as areias vespertinas do passado, em que cada pegada se enche com a água que reflete o pôr do sol, vem vindo, vem vindo, ecoando e vibrando: Floss, Floss, Floss!

Colette estava de volta a Paris quando paramos lá por um dia antes de continuar nossa viagem para casa; e lá, num parque fulvo, debaixo de um frio céu azul, eu a vi (por arranjos de nossos mentores, acredito) pela última vez. Ela levava um aro e uma vareta curta para fazê-lo rodar, e tudo nela era extremamente adequado e estiloso àquela maneira *tenue-de-ville-pour-fillettes*

outonal, parisiense. Ela pegou da mão da governanta e pôs na mão de meu irmão um presente de despedida, uma caixa de amêndoas cobertas de açúcar que eram, eu sabia, exclusivamente para mim; e imediatamente foi embora, rodando seu aro brilhante por sombra e luz, girando e girando em torno de uma fonte engasgada de folhas mortas junto à qual eu estava parado. As folhas se misturam em minha memória com o couro de seus sapatos e as luvas, e havia, me lembro, algum detalhe em sua roupa (talvez uma fita no capuz escocês, ou o padrão de suas meias) que me lembrou então do arco-íris em espiral de uma bolinha de gude. Parece-me estar ainda segurando aquele fiapo de iridescência, sem saber exatamente onde encaixá-lo, enquanto ela corre com seu aro mais e mais depressa em torno de mim e finalmente se dissolve entre as sombras esguias projetadas no caminho de cascalho pelos arcos entrelaçados da cerca baixa em aros.

Capítulo oito

1

Vou mostrar alguns slides, mas primeiro deixe-me indicar o onde e o quando da questão. Meu irmão e eu nascemos em São Petersburgo, capital da Rússia Imperial, ele em meados de março de 1900, eu onze meses antes. As governantas inglesas e francesas que tivemos na infância acabaram auxiliadas, e finalmente superadas, por tutores falantes do russo, a maioria deles estudantes formados na universidade da capital. Essa fase tutorial começou por volta de 1906 e durou por quase uma década completa, sobrepondo-se, a partir de 1911, a nossos anos de escola secundária. Cada tutor, por sua vez, lidava conosco em nossa casa de São Petersburgo durante o inverno, e durante o resto do tempo ou em nossa casa de campo, a oitenta quilômetros da cidade, ou em localidades estrangeiras que visitávamos no outono. Três anos foi o máximo que levei (eu era melhor nessas coisas do que meu irmão) para cansar qualquer um desses resistentes rapazes.

Ao escolher nossos tutores, meu pai parece ter tido a engenhosa ideia de contratar a cada vez um representante de outra classe ou raça, de forma a nos expor a todos os ventos que sopravam pelo Império Russo. Duvido que fosse um esquema inteiramente deliberado da parte dele, mas olhando em retrospecto vejo o padrão curiosamente claro, e as imagens desses tutores aparecem dentro do disco luminoso da memória como variadas projeções de lanterna mágica.

O admirável e inesquecível mestre-escola que, no verão de 1905, nos ensinou a ortografia russa, costumava vir apenas umas poucas horas por dia, e

por isso não pertence de fato a esta série. Ele ajuda, porém, a juntar o começo e o fim, uma vez que minha última lembrança se refere a ele nas férias de Páscoa de 1915, que meu irmão e eu passamos com meu pai e um certo Volgin — último e pior dos tutores — esquiando no campo coberto de neve em torno de nossa propriedade, debaixo de um céu intenso, quase violeta. Nosso velho amigo nos convidou para conhecer seus aposentos na escola recoberta de carambinas de gelo e tomar o que chamou de lanche; na verdade foi uma complexa refeição, deliciosamente planejada. Ainda me lembro de seu rosto sorridente e da delícia lindamente simulada com que meu pai recebeu um prato (coelho assado com creme azedo) que eu sabia que ele detestava. A sala estava superaquecida. A neve derretia em minhas botas de esqui que não eram tão à prova d'água quanto deviam ser. Meus olhos, ainda doloridos por causa do brilho da neve, ficavam tentando decifrar, na parede próxima, um retrato de Tolstoi dito tipográfico. Assim como o rabo do rato de certa página de *Alice no país das maravilhas*, era inteiramente composto de matéria impressa. Uma história completa de Tolstoi (“Mestre e servidor”) havia sido usada para compor o rosto barbado do autor com o qual, diga-se de passagem, os traços de nosso anfitrião se pareciam. Estávamos justamente a ponto de atacar o infeliz coelho, quando a porta se abriu e Hristofor, um criado de nariz azulado com cachecol de lã feminino, entrou andando de lado, com um sorriso idiota e uma imensa cesta de almoço cheia de vitualhas e vinhos que a falta de tato de minha avó (que passava o inverno em Batovo) achara necessário nos mandar para o caso de a comida do mestre-escola não ser suficiente. Antes que nosso anfitrião tivesse tempo de se ofender, meu pai mandou embora o cesto intocado, com um breve recado que provavelmente deixou intrigada a bem-intencionada velhinha como a maior parte das atitudes dele costumava intrigar. Num vestido longo de seda e mangas tricotadas, uma peça de museu mais que uma pessoa viva, ela passava a maior parte da vida num sofá, se abanando com um leque de marfim. Uma caixa de *boules de gomme* ou um copo de leite de amêndoas sempre a seu alcance, assim como um espelho de mão, uma vez que ela costumava empoar o rosto com uma grande esponja rosada, a cada hora e pouco, e a pequena verruga que tinha no alto da face aparecia através de todo aquele pó, como uma uva-passa. Apesar dos aspectos lânguidos de seu dia costumeiro, ela continuava sendo uma mulher excepcionalmente forte e fazia questão de dormir perto de uma janela completamente aberta durante todo o

ano. Uma manhã, depois de uma nevasca de noite inteira, a criada a encontrou deitada debaixo de uma camada de neve cintilante que caíra sobre ela em sua cama, sem perturbar o brilho saudável de seu sono. Se ela gostava de alguém, era apenas de sua filha mais nova, Nadezhda Vonlyarlyarski, por causa de quem ela de repente vendeu Batovo, em 1916, um negócio que não beneficiou ninguém nos estertores da história imperial. Ela reclamava com todos os parentes das forças sombrias que haviam seduzido seu filho tão dotado a desprezar o tipo de carreira “brilhante” a serviço do tsar que todos os seus antepassados haviam seguido. O que ela achava particularmente difícil de entender era que meu pai, que, ela sabia, apreciava completamente todos os prazeres da grande riqueza, pudesse comprometer o seu gozo tornando-se um liberal, ajudando assim a engendrar uma revolução que iria, a longo prazo, como ela previu corretamente, fazer dele um pobre.

2

Nosso mestre de ortografia era filho de carpinteiro. Na sequência de lanterna-mágica a seguir, meu primeiro slide mostra um jovem que chamávamos de Ordo, filho esclarecido de um diácono católico grego. Em caminhadas comigo e meu irmão no fresco verão de 1907, ele usava uma capa byroniana preta com um fecho de prata em forma de S. No fundo da floresta de Batovo, num ponto próximo ao ribeirão onde diziam aparecer o fantasma de um enforcado, Ordo nos brindava com uma performance bastante tola e profana que meu irmão e eu solicitávamos o tempo que passávamos ali. Curvando a cabeça e batendo a capa de um jeito estranho, vampiresco, ele cabriolava devagar em torno de um lúgubre álamo. Numa manhã úmida, durante esse ritual, ele derrubou sua cigarreira e, enquanto o ajudava a procurar por ela, encontrei dois espécimes recém-nascidos da mariposa esfingídea de Amur, rara em nossa região — criaturas adoráveis, veludosas, cinza-arroxeadas —, em tranquila copulação, penduradas com patas peludas como de chinchila na relva em torno da árvore. No outono desse mesmo ano, Ordo nos acompanhou a Biarritz e poucas semanas depois foi embora repentinamente, deixando em cima do travesseiro um presente que tínhamos dado a ele, um barbeador Gillette, com um recado. É raro acontecer de eu não me lembrar se uma lembrança é mesmo minha ou me chegou de segunda mão, mas neste caso hesito de fato, principalmente

porque, muito depois, minha mãe, em seus momentos de reminiscência, costumava se referir divertida à chama que havia acendido involuntariamente. Eu acredito me lembrar de uma porta aberta para uma saleta, e ali, no chão, Ordo, o nosso Ordo, ajoelhado e de mãos postas diante de minha jovem, linda e perplexa mãe. O fato de eu ver, pelo canto do meu olhar interno, as ondulações de uma capa romântica em torno dos ombros sacudidos por soluços de Ordo sugere que transferia algo da dança na floresta para aquele quarto fora de foco de nosso apartamento em Biarritz (debaixo de cujas janelas, num lado da praça isolado por cordas, um imenso balão de cor creme estava sendo inflado por Sigismond Lejoyeux, um aeronauta local).

Em seguida veio um ucraniano, um exuberante matemático de bigode escuro e sorriso luminoso. Passou parte do inverno de 1907-1908 conosco. Ele também tinha suas realizações, entre elas um truque de fazer desaparecer a moeda que era especialmente intrigante. *Uma moeda colocada numa folha de papel é coberta por um copo e desaparece.* Pegue um copo comum. Cole cuidadosamente sobre a boca uma folha redonda de papel. O papel deve ser pautado (ou ter algum outro padrão) — isso enfatiza a ilusão. Coloque uma moeda pequena (uma de vinte copeques de prata serve) em cima de uma folha pautada do mesmo jeito. Deslize rapidamente o copo por cima da moeda, tomando o cuidado de fazerem coincidir as pautas. A coincidência de padrões é uma das maravilhas da natureza. As maravilhas da natureza estavam começando a me impressionar naquela tenra idade. Em um de seus domingos de folga, o pobre mágico caiu na rua e foi jogado pela polícia numa cela fria com uma dúzia de bêbados. Na verdade, ele sofria do coração, e morreu disso alguns anos depois.

A próxima imagem parece ter surgido na tela de cabeça para baixo. Mostra nosso terceiro tutor apoiado na cabeça. Era um grande letão incrivelmente atlético, que andava sobre as mãos, erguia pesos enormes, fazia malabarismos com alteres e num piscar de olhos enchia uma sala grande com o cheiro de suor de todo um batalhão. Quando achava que eu devia ser castigado por algum pequeno delito (me lembro, por exemplo, de ter deixado cair uma bolinha de gude pequena de um andar superior em cima de sua linda cabeça dura quando ele caminhava embaixo), ele adotava a medida pedagógica notável de sugerir que ele e eu calçássemos luvas de boxe para um pequeno treino. Ele então me socava no rosto com dolorosa precisão. Embora eu preferisse isso aos *pensums*

de dar câibras na mão que Mademoiselle inventava, como me fazer copiar duzentas vezes o provérbio *Qui aime bien, châtie bien*, não senti saudade desse bom homem quando foi embora após um mês tempestuoso.

Depois, veio um polonês. Era um bonito estudante de medicina, com úmidos olhos castanhos e cabelo liso, que parecia bastante o ator francês Max Linder, um popular comediante do cinema. Max durou de 1908 a 1910 e conquistou minha admiração num dia de inverno em São Petersburgo, quando uma súbita comoção interrompeu nossa caminhada matinal costumeira. Cossacos de caras ferozes e imbecis, brandindo chicotes, lançavam seus cavalos inquietos e ruidosos sobre uma multidão agitada. Muitos gorros e pelo menos três galochas restaram, escuros, sobre a neve. Durante um momento, pareceu que um dos cossacos vinha em nossa direção, e vi Max tirar de um bolso interno uma pequena automática pela qual me apaixonei imediatamente — mas infelizmente o tumulto se aquietou. Uma ou duas vezes ele nos levou para ver seu irmão, um emaciado padre católico muito distinto cujas mãos pálidas tocavam distraídas nossas cabeças de católicos gregos, enquanto Max e ele discutiam questões políticas ou familiares num jorro de polonês sibilante. Visualizo meu pai, num dia de verão no campo, disputando pontaria com Max — esburacando a tiros de pistola uma enferrujada placa de PROIBIDO CAÇAR em nossa floresta. Ele era, esse agradável Max, um sujeito vigoroso, e portanto eu costumava ficar chocado quando ele reclamava de enxaqueca e languidamente se recusava a chutar uma bola comigo ou dar um mergulho no rio. Hoje sei que naquele verão ele tinha um caso com uma mulher casada, cuja propriedade ficava a uns vinte quilômetros dali. A qualquer momento do dia, ele deslizava para os canis, a fim de alimentar e agradecer nossos cães de guarda acorrentados. Os animais eram soltos às onze horas para vagar em torno da casa e ele tinha de enfrentá-los durante a noite quando escapava para os arbustos onde uma bicicleta com todos os acessórios — campainha de dedo, bomba, caixa de ferramentas de couro marrom e prendedores para a barra da calça — havia sido secretamente preparada para ele por um aliado, o valete polonês de meu pai. Estradas de floresta esburacadas e sacolejantes levavam o impaciente Max ao remoto encontro amoroso que se dava numa cabana de caça — na melhor tradição do adultério elegante. As névoas frias do amanhecer e quatro grandes dinamarqueses de memória curta o viam pedalando de volta, e às oito da manhã começava um novo dia. Eu me pergunto se não terá sido

com certo alívio que, no outono desse ano (1909), Max deixou a cena de suas aventuras noturnas para nos acompanhar em nossa segunda viagem a Biarritz. Piedosamente, penitente, tirou dois dias de folga para visitar Lourdes na companhia da mocinha irlandesa bonita e rápida que era governanta de Collette, minha companheira favorita na *plage*. Max nos abandonou no ano seguinte, por um emprego no departamento de raios X de um hospital de São Petersburgo e, mais tarde, entre as duas guerras mundiais, se transformou, pelo que sei, em algo como uma celebridade médica na Polônia.

Depois do católico, veio o protestante — um luterano de origem judaica. Ele terá de aparecer aqui sob o nome de Lenski. No final de 1910, meu irmão e eu fomos com ele à Alemanha e depois que voltamos, em janeiro do ano seguinte, e começamos a frequentar a escola em São Petersburgo, Lenski permaneceu durante três anos, mais ou menos, para nos ajudar com as lições de casa. Foi durante seu reinado que Mademoiselle, que estava conosco desde o inverno de 1905, finalmente desistiu de sua luta contra moscovitas invasores e voltou a Lausanne. Lenski nascera pobre e gostava de lembrar que entre sua formatura no *Gymnasium* de sua cidade natal, no mar Negro, até ser admitido na universidade de São Petersburgo, havia sobrevivido ornamentando pedras da praia de seixos com cenas marinhas de cores vivas, que depois vendia como pesos de papel. Tinha o rosto oval e rosado, olhos curiosamente nus, de cílios curtos por trás do pince-nez sem aro, e a cabeça raspada, azulada. Logo descobrimos três coisas a respeito dele: era um excelente professor; não tinha nenhum senso de humor; e, contrastando com nossos tutores anteriores, era alguém que precisávamos defender. A segurança que ele sentia contanto que meus pais estivessem por perto poderia ser abalada a qualquer momento na ausência deles por alguma investida por parte de nossas tias. Para elas, os ferozes escritos de meu pai contra os *pogroms* e outras práticas governamentais não passavam de caprichos de um nobre rebelde, e muitas vezes as ouvi discutindo com horror as origens de Lenski e os “loucos experimentos” de meu pai. Depois de ocasiões como essa, eu era horivelmente rude com elas e então caía em prantos na reclusão de um banheiro. Não que eu gostasse particularmente de Lenski. Havia algo irritante em sua voz seca, na arrumação excessiva, no jeito como estava sempre limpando os óculos com um pano especial ou aparando as unhas com um aparelho especial, a fala pedante e correta e, talvez mais que tudo, seu fantástico costume matinal de marchar

(aparentemente saindo diretamente da cama, mas já com calça e sapato, os suspensórios vermelhos pendendo atrás e um estranho colete de rede envolvendo seu gordo torso peludo) até a torneira mais próxima, onde limitava suas abluções a lavar todo o rosto rosado, o crânio azulado e o pescoço gordo, e em seguida assoar apaixonadamente o nariz à maneira russa, depois do que marchava, com os mesmos passos determinados, mas agora pingando e meio cego, de volta a seu quarto, onde guardava em lugar secreto três toalhas sacrossantas (a propósito, ele era tão *brezgliv*, no sentido russo intraduzível, que lavava as mãos depois de tocar em dinheiro ou em corrimões).

Ele reclamou com minha mãe que Sergey e eu éramos pequenos estrangeiros, esquisitos, dândis, *snobi*, “patologicamente indiferentes”, como dizia, a Goncharov, Grigorovich, Korolenko, Stanyukovich, Mamin-Sibiryak e outros chatos estupidificantes (comparados aos “escritores regionais” americanos) cujas obras, segundo ele, “fascinavam meninos normais”. Para minha obscura insatisfação, ele aconselhou meus pais a fazer seus dois meninos — os três filhos mais novos estavam além de sua jurisdição — levarem uma forma de vida mais democrática, o que queria dizer, por exemplo, mudar, em Berlim, do Adlon Hotel para um vasto apartamento em uma pensão tristonha numa alameda sem vida, e substituir os trens expressos internacionais com seus grossos tapetes pelo piso imundo e pela fumaça de charuto amanhecida dos *Schnellzugs* sacolejantes e incômodos. Em cidades estrangeiras, assim como em São Petersburgo, ele ficava paralisado diante de lojas, deslumbrado com objetos que nos deixavam completamente indiferentes. Ia se casar logo, não tinha nada além de seu salário, e planejava sua futura morada com a mais absoluta habilidade e cuidado. De vez em quando, impulsos imprudentes interferiam em seu orçamento. Ao notar uma vez uma velha esfarrapada admirando um chapéu de pluma carmesim exposto na vitrine de uma chapelaria, ele o comprou para ela — e teve uma grande dificuldade para se livrar da mulher. Em suas próprias aquisições, ele procurava mostrar uma grande circunspeção. Meu irmão e eu ouvíamos pacientemente suas detalhadas divagações quando analisava cada canto do acolhedor, mesmo que frugal, apartamento que ele preparava mentalmente para a esposa e ele. Às vezes, sua fantasia alçava voo. Uma vez, pousou sobre um caro lustre de teto da Alexandre, uma loja de São Petersburgo que vendia terríveis bricabraques burgueses. Como não queria que a loja desconfiasse de qual objeto cobiçava, Lenski disse que nos levaria para vê-

lo só se jurássemos usar autocontrole e não atrair atenção desnecessária com uma contemplação direta. Usando todo tipo de precaução, ele nos levou para debaixo de um horrendo polvo de bronze e a única indicação de que aquele era o artigo tão desejado foi um suspiro ronronante. Ele usou o mesmo cuidado — andando na ponta dos pés e sussurrando, a fim de não despertar o monstro do destino (que, ele parecia pensar, tinha uma desavença pessoal com ele) — ao nos apresentar sua noiva, uma moça pequena, graciosa, com olhos de gazela assustada, e o aroma de violetas frescas impregnado em seu véu preto. Nós a conhecemos, me lembro, perto de uma farmácia na esquina da Potsdamerstrasse e da Privatstrasse, uma alameda cheia de folhas mortas, onde ficava nossa pensão, e ele insistiu que mantivéssemos em segredo de nossos pais a presença de sua noiva em Berlim, e um manequim mecânico da vitrine da farmácia fazia os movimentos de se barbear, e bondes passavam guinchando, e estava começando a nevar.

3

Agora estamos prontos para enfrentar o tema principal deste capítulo. Em algum momento do inverno seguinte, Lenski concebeu a horrível ideia de apresentar, um domingo sim, outro não, projeções educacionais de lanterna mágica em nossa casa de São Petersburgo. Por meio delas, ele pretendia ilustrar (“abundantemente”, como disse com um estalo dos lábios finos) leituras instrutivas perante um grupo que, ele acreditava piamente, consistiria de meninos e meninas em transe, compartilhando uma experiência memorável. Além de acrescentar ao nosso repertório de informação, aquilo poderia, achava ele, ajudar a transformar meu irmão e eu em pequenos agitadores. Usando-nos como núcleo, ele acumulou em torno da má vontade desse centro diversas camadas de recrutas — os primos de mesma idade que estivessem à mão, vários jovens que conhecíamos todo inverno em festas mais ou menos tediosas, alguns de nossos colegas de escola (ficavam excepcionalmente calados — mas, ai, registravam cada ninharia) e os filhos dos criados. Tendo recebido carta branca de minha mãe delicada e otimista, ele alugou um aparelho complicado e contratou um estudante universitário de aspecto desolado para operá-lo; pelo que vejo agora, o coração generoso de Lenski estava, entre outras coisas, tentando ajudar um camarada sem dinheiro.

Nunca esquecerei aquela primeira leitura. Lenski havia selecionado um poema narrativo de Lermontov sobre as aventuras de um jovem monge que deixava seu retiro caucasiano para vagar entre as montanhas. Como sempre em Lermontov, o poema combinava frases rasas com maravilhosos e ternos efeitos de *fata morgana*. Era bastante extenso e Lenski distribuiu generosamente seus setecentos e cinquenta versos bastante monótonos em meros quatro slides (um quinto ele desajeitadamente quebrou antes da apresentação).

Preocupações com incêndio levaram a que se escolhesse para a mostra uma sala para crianças em desuso num canto da qual se erguia como uma coluna o aquecedor de água, pintado de bronze-amarronzado, e uma banheira de pés espalmados que havia sido castamente coberta com um lençol para a ocasião. As cortinas fechadas impediam que se visse o quintal lá fora, as pilhas de lenha de bétula e as paredes amarelas do sombrio anexo que continha os estábulos (parte do qual havia sido transformada em uma garagem para dois carros). Apesar da remoção de um antigo guarda-roupas e dois baús, essa sala deprimente, com a lanterna mágica instalada num extremo e atravessada por fileiras de cadeiras, almofadas, e sofás arranjados para uma porção de espectadores (inclusive a noiva de Lenski e três ou quatro governantas, sem contar nossa própria Mademoiselle e Miss Greenwood), parecia atravancada e estava abafada. À minha esquerda, uma de minhas primas mais inquietas, uma nebulosa loirinha de uns onze anos com longos cabelos à Alice-no-país-das-maravilhas e pele rosa-madrepérola, sentava tão perto de mim que eu sentia o osso delgado de seu quadril se movimentar colado ao meu cada vez que ela se mexia na cadeira, cutucando o medalhão, ou passando o dorso da mão entre o cabelo perfumado e a nuca, ou batendo os joelhos um contra o outro debaixo da seda farfalhante da combinação de seda amarela, que brilhava através da renda do vestido. À minha direita, estava o filho do valete polonês de meu pai, um menino absolutamente imóvel com roupa de marinheiro; tinha uma incrível semelhança com o tsarevich e por uma coincidência ainda mais incrível sofria de sua mesma doença trágica — hemofilia —, de forma que várias vezes por ano uma carruagem da corte trazia um famoso médico à nossa casa e esperava e esperava na neve lenta que caía oblíqua, e se alguém escolhesse o maior daqueles flocos cinzentos e ficasse olhando enquanto ele caía (passando pelo caixilho da sacada de onde se espiava), dava para discernir sua forma

bastante áspera e irregular e também as oscilações de seu voo, deixando a gente amortecido e tonto, tonto e amortecido.

As luzes se apagaram. Lenski partiu para os versos iniciais:

O tempo — o passado recente;
o lugar — ali onde fundem as correntes
dos belos rios irmãos
Aragva e Kurah; se ergue do chão
um mosteiro.

O mosteiro, com seus dois rios, apareceu diligentemente e permaneceu num lúgubre transe (se ao menos um andorinhão pudesse adejar por cima dele!), durante uns duzentos versos, e foi então substituído por uma espécie de donzela georgiana carregando um jarro. Quando o operador removia um slide, a imagem deslizava pela tela com um tremor peculiar, a ampliação afetando não apenas a cena mostrada, mas também a velocidade de sua remoção. Fora isso, havia pouca mágica. Nos mostraram picos convencionais em vez das românticas montanhas de Lermontov, que

Erguiam-se na glória do amanhecer
como altares enfumaçados,

e enquanto um jovem monge contava a um companheiro recluso a sua luta com um leopardo

Oh, era tremenda a minha imagem!
Eu próprio um leopardo, audaz, selvagem,
sua fúria flamejante, seus gritos meus

soou um miado abafado atrás de mim; podia ter vindo do jovem Rzhevuski, com quem eu havia frequentado aulas de dança, ou de Alec Nitte, que viria a conquistar alguma fama um ou dois anos depois por causa de fenômenos de *poltergeist*, ou de um de meus primos. Aos poucos, à medida que a voz franzina de Lenski prosseguia, fui me dando conta de que, com umas poucas exceções — como, talvez, Samuel Rosoff, um sensível colega de escola meu —, a plateia estava secretamente caçoando da apresentação, e que depois eu teria de suportar várias observações insultuosas. Senti um tremor de aguda pena por Lenski, pelas dobras sensíveis da parte de trás da cabeça raspada, por sua

determinação, pelos movimentos nervosos da sua vareta, sobre a qual, as cores, brincando como gatinhos, às vezes deslizavam quando a aproximava demais da tela. Perto do fim, a monotonia da apresentação ficou quase insuportável; o desastrado operador não conseguiu achar o quarto slide, tendo se atrapalhado com os já usados e, enquanto Lenski esperava pacientemente no escuro, alguns espectadores começaram a projetar as sombras escuras das mãos levantadas na assustada tela branca e então, um menino grosseiro e ágil (poderia ser eu afinal — o Hyde do meu Jekyll?) conseguiu silhuetar seu pé, o que, evidentemente, deu início a uma ruidosa competição. Quando finalmente o slide foi encontrado e projetado na tela, eu me lembrei de uma viagem, da minha primeira infância, através do longo e escuro túnel de São Gotardo, em que nosso trem entrou durante uma tempestade que havia passado quando saímos e então

azul, verde e laranja, deslumbrado
com sua própria sorte e beleza,
sobre um penhasco um arco-íris recortado
capturou ali uma imóvel gazela.

Devo acrescentar que durante esta e as seguintes sessões de domingo à tarde, ainda mais lotadas, ainda mais horrendas, fui assombrado pelas reverberações de certas histórias familiares que tinha ouvido. No começo dos anos oitenta, meu avô materno, Ivan Rukavishnikov, não encontrou para os filhos uma escola particular de seu gosto, então criou uma academia própria, contratando uma dúzia dos melhores professores disponíveis e reunindo um grupo de rapazes para diversos graus de educação gratuita nos salões de sua casa de São Petersburgo (Cais do Almirantado, 10). O empreendimento não foi um sucesso. Os amigos cujos filhos ele queria consorciar com os seus nem todos aceitaram, e, dos rapazes que ele conseguiu, muitos se mostraram decepcionantes. Formei dele uma imagem especialmente desagradável, explorando escolas em função de seus propósitos obstinados, os olhos tristes e estranhos, tão conhecidos meus de fotografias, procurando os meninos mais bonitos entre os melhores estudantes. Dizem que ele chegou de fato a pagar pais em necessidade para obter companheiros para seus dois filhos. Por menos que as ingênuas apresentações de lanterna mágica de nosso tutor tivessem a ver com as extravagâncias rukavishnikovianas, minha associação mental entre as

duas atividades não me ajudou a suportar ver Lenski fazer papel de bobo e chato, de forma que fiquei contente quando, depois de mais três apresentações (“O cavaleiro de bronze”, de Pushkin; “Dom Quixote” e “África — Terra de maravilhas”), minha mãe acedeu a minhas frenéticas súplicas e a coisa toda foi interrompida.

Pensando agora, como eram de mau gosto e grandiloquentes aquelas imagens gelatinosas, projetadas na tela de lençol úmido (a umidade supostamente faria as cores desabrocharem mais nítidas), mas, por outro lado, que encanto os slides de vidro revelavam em si mesmos quando olhados contra a luz entre indicador e polegar — miniaturas translúcidas, terras de maravilhas portáteis, pequenos mundos de tonalidades luminosas esmaecidas! Em anos mais recentes, redescobri a mesma precisa e silenciosa beleza na extremidade radiosa de um tubo de microscópio. No vidro do slide, destinado à projeção, uma paisagem se reduzia e isso despertava uma fantasia; debaixo do microscópio, o órgão de um inseto se amplia para o frio estudo. Pareceria existir, na escala dimensional do mundo, uma espécie de lugar delicado entre a imaginação e o conhecimento, um ponto a que se chega diminuindo coisas grandes e ampliando coisas pequenas, que é intrinsecamente artístico.

4

Considerando o quanto Lenski parecia ser versátil, o quanto ele era capaz de explicar totalmente qualquer coisa relativa aos nossos estudos na escola, suas constantes tribulações na universidade eram algo surpreendente. A causa disso, acabou vindo à tona, era sua completa falta de aptidão para os problemas financeiros e políticos que ele teimosamente perseguia. Me lembro de seu nervosismo quando teve de fazer um dos exames finais mais importantes. Fiquei tão preocupado quanto ele e, pouco antes do acontecimento, não consegui deixar de escutar atrás da porta da sala quando meu pai, a pedido urgente de Lenski, fez com ele um ensaio particular testando seu conhecimento do *Princípios de economia política*, de Charles Gide. Folheando o livro, meu pai perguntava, por exemplo: “Qual a causa do valor?” ou “Quais as diferenças entre notas e papel-moeda?” e Lenski pigarreava, ansioso — e ficava perfeitamente em silêncio, como se tivesse expirado. Depois de algum tempo, parou de produzir até aquela tossezinha áspera, e os intervalos de silêncio eram

pontuados apenas por meu pai batucando com os dedos na mesa, exceto aquela vez em que a vítima, numa reação rápida e esperançosa, exclamou: “Essa pergunta não está no livro, não senhor!” — mas estava. Meu pai acabou por dar um suspiro, fechar o livro e observar, delicadamente, mas audível: “*Golubchik* [meu caro], você só pode fracassar: simplesmente não sabe nada.” “Discordo do senhor nesse ponto”, Lenski retorquiu, não sem dignidade. Sentado tão rígido como se estivesse empalhado, ele foi levado à universidade em nosso carro, lá ficou até o entardecer, voltou de trenó, arrasado, numa nevasca, e em silencioso desespero subiu para seu quarto.

Perto do fim de sua estada conosco, casou-se, foi passar a lua de mel no Cáucaso, nas montanhas de Lermontov, e voltou para mais um inverno. Durante sua ausência, no verão de 1913, um tutor suíço, Monsieur Noyer, assumiu. Era um homem de constituição sólida, com um bigode espetado, e ao ler para nós o *Cirano de Bergerac*, de Rostand, saboreava cada verso, mudava a voz de flauta para fagote de acordo com o personagem que imitava. No tênis, quando o saque era dele, punha-se com firmeza atrás da linha do fundo, as pernas grossas em calças de algodão preto amassado bem afastadas, e repentinamente as dobrava nos joelhos ao dar à bola uma raquetada tremenda, mas especialmente ineficiente.

Quando Lenski nos deixou definitivamente na primavera de 1914, recebemos um jovem de uma província do Volga. Era um sujeito encantador, de origem elevada, bom jogador de tênis, excelente cavaleiro; ele ficou muito aliviado de poder contar com essas suas habilidades, uma vez que, naquele período tardio, nem meu irmão nem eu precisávamos muito da ajuda educacional que um patrono otimista dele havia prometido a meus pais que o coitado era capaz de nos prestar. No decorrer de nosso primeiro colóquio, ele nos informou casualmente que Dickens havia escrito *A cabana do pai Tomás*, o que levou a uma aposta comigo, na qual ganhei seu soco inglês. Depois disso, ele tomou o cuidado de não se referir a nenhum personagem ou assunto literário na minha presença. Era muito pobre, e um cheiro estranho, de poeira e éter, não totalmente desagradável, vinha de seu puído uniforme universitário. Tinha belas maneiras, um temperamento delicado, inesquecível caligrafia, toda espinhos e riscos (igual à qual só vi em cartas de loucos que, pobre de mim, recebi algumas vezes desde o ano da graça de 1958), e um fundo ilimitado de histórias obscenas (de que ele me alimentava confidencialmente com uma voz

veludosa e sonhadora, sem usar nenhuma expressão grosseira) sobre seus companheiros e *poules*, e também sobre vários conhecidos nossos, uma das quais, uma dama elegante, com quase o dobro da idade dele, ele logo desposou, só para se livrar dela — durante sua carreira subsequente na administração Lenin —, despachando-a para um campo de trabalho, onde ela morreu. Quanto mais penso nesse homem, mais acredito que ele era completamente louco.

Não perdi todo o contato com Lenski. Com um empréstimo do sogro, ele começou, quando ainda estava conosco, algum fantástico negócio que envolvia comprar e explorar várias invenções. Não seria nem gentil nem justo dizer que ele as fazia passar por criações suas; mas ele as adotava e falava delas com um calor e uma ternura que indicavam algo como uma paternidade natural — uma atitude emocional de sua parte, sem apoio em nenhum fato e nenhuma fraude em vista. Um dia, convidou orgulhosamente todos nós para experimentar com nosso carro um tipo novo de pavimentação pelo qual era responsável, composto de (até onde posso discernir aquele estranho brilho através das sombras do tempo) uma estranha malha de fitas de metal. O resultado foi um pneu furado. Ele se consolou, no entanto, com a compra de outra coisa quente: o projeto do que ele chamou de “electroplano”, que parecia um velho Blériot, mas tinha — e aqui o cito novamente — um motor “voltaico”. Só voou em seus sonhos — e nos meus. Durante a guerra, ele lançou uma milagrosa comida para cavalos na forma de bolos chatos parecidos com *galettes* (ele mordiscava um e oferecia pedacinhos a seus amigos), mas a maior parte dos cavalos continuava preferindo a aveia. Traficou uma porção de outras patentes, algumas malucas, e estava com grandes dívidas quando herdou uma pequena fortuna com a morte do sogro. Isso deve ter sido no começo de 1918, porque, eu me lembro, ele nos escreveu (estávamos ilhados na região de Yalta) nos oferecendo dinheiro e todo tipo de ajuda. A herança ele prontamente investiu num parque de diversões no litoral da Crimeia oriental e não poupou esforços para conseguir uma boa orquestra, construir um rинque de patinação com alguma madeira especial e instalar fontes e cascatas iluminadas por lâmpadas vermelhas e verdes. Em 1919, os bolcheviques chegaram, apagaram as luzes e Lenski fugiu para a França; a última notícia que tive dele foi nos anos 1920, quando disse estar ganhando a vida precariamente na Riviera, pintando quadros em conchas e pedras. Não sei — e prefiro não

imaginar — o que aconteceu com ele durante a invasão nazista da França. Apesar de algumas de suas esquisitices, ele era, realmente, um ser humano muito puro, muito decente, cujos princípios particulares eram tão estritos quanto sua gramática, e cujo estimulante *diktanti* me lembro com alegria: *kolokololiteyshchiki perekolotili vikarabkavshihsya viuholey*, “os fundidores de sinos mataram as toupeiras d’água que botaram a cabeça para fora”. Muitos anos depois, no Museu de História Natural de Nova York, citei circunstancialmente esse trava-línguas a um zoólogo que me perguntara se o russo era uma língua tão difícil quanto se dizia. Nos encontramos meses depois e ele disse: “Sabe, andei pensando muito sobre aqueles ratos-almiscarados moscovitas: *por que* dizem que botaram a cabeça para fora? Eles estavam hibernando ou se escondendo? Ou o quê?”

5

Quando penso na sucessão de meus tutores, me preocupam menos as estranhas dissonâncias que introduziram em minha vida de jovem do que com a estabilidade e completude essenciais daquela vida. Assisto com prazer a suprema conquista da memória, que é o uso magistral que ela faz de harmonias inatas quando recolhe em suas dobras as tonalidades suspensas e vagas do passado. Gosto de imaginar, ao consumir e resolver esses acordes dissonantes, algo tão durável, em retrospecto, quanto a longa mesa que nos aniversários e onomásticos de verão costumava ser arrumada para o chocolate da tarde ao ar livre, numa alameda com bétulas, limoeiros e bordos, no local que desembocava no espaço de areia alisada do próprio jardim que separava o parque e a casa. Vejo a toalha da mesa e os rostos das pessoas sentadas participando da animação de luz e sombra debaixo da folhagem fabulosa em movimento, exagerada, sem dúvida, pela mesma faculdade de apaixonada comemoração, de incessante retorno, que me faz sempre me aproximar de fora àquela mesa de banquete, das profundezas do parque — não da casa —, como se minha mente, a fim de voltar até lá, tivesse de fazê-lo com os passos silenciosos de um príncipe, desfalecendo de excitação. Através de um prisma trêmulo, distingo os traços de parentes e familiares, lábios mudos serenamente se movendo em falas esquecidas. Vejo o vapor que sobe do chocolate e os pratos de tortinhas de mirtilo. Noto o pequeno helicóptero de uma sâmara

girando a descer suavemente sobre a toalha e, através da mesa, o braço nu de uma adolescente estendido languidamente até onde pode alcançar, com a parte inferior de veias cor de turquesa virada para cima aos flocos de sol, a palma aberta em preguiçosa expectativa de algo — talvez o quebrador de nozes. No lugar onde está sentado meu tutor do momento, há uma imagem cambiante, uma sucessão de clareamentos e escurecimentos; a pulsação de meu pensamento se mistura com a das sobras das folhas e transforma Ordo em Max, Max em Lenski, Lenski no mestre-escola, e todo o arranjo de transformações tremulantes se repete. E então, de repente, quando as cores e contornos assentam por fim em seus vários deveres — sorridentes, frívolos deveres —, toca-se uma manivela e uma torrente de sons ganha vida: vozes falando todas juntas, uma noz partida, o clique de um quebra-nozes passado descuidadamente, trinta corações humanos afogando o meu com suas batidas regulares; o murmúrio e suspiro de mil árvores, a harmonia local de sonoros pássaros de verão e, além do rio, atrás das árvores rítmicas, a confusa e entusiasmada balbúrdia das jovens aldeãs se banhando, como um pano de fundo de louco aplauso.

Capítulo nove

1

Tenho diante de mim um enorme álbum todo manchado, com capa de tecido preto. Contém velhos documentos, inclusive diplomas, rascunhos, diários, carteiras de identidade, notas a lápis e alguns impressos, que estiveram sob os cuidados meticulosos de minha mãe em Praga até sua morte, mas que depois, entre 1939 e 1961, passou por várias vicissitudes. Com a ajuda desses papéis e de minhas lembranças, compus a seguinte breve biografia de meu pai.

Vladimir Dmitrievich Nabokov, jurista, publicista e estadista, filho de Dmitri Nikolaevich Nabokov, ministro da Justiça, e da baronesa Maria von Korff, nasceu em 20 de julho de 1870, em Tsarskoe Selo, perto de São Petersburgo, e morreu com a bala de um assassino em 28 de março de 1922, em Berlim. Até a idade de treze anos, foi educado em casa por governantas francesas e inglesas e por tutores russos e alemães; de um destes últimos, ele pegou e passou para mim o *morbus et passio aureliani*. No outono de 1883, começou a frequentar o “Gymnasium” (correspondente a uma combinação da “*high-school*” com a “*junior college*” dos Estados Unidos) na rua então chamada Gagarin (provavelmente rebatizada nos anos vinte pelos míopes soviéticos). Seu desejo de se destacar era poderoso. Numa noite de inverno, atrasado com uma tarefa e preferindo a pneumonia ao ridículo diante do quadro-negro, ele se expôs ao frio polar, com a esperança de uma doença oportuna, sentado com nada além da camisa de dormir diante da janela aberta (que dava para a praça do Palácio e sua coluna polida pela lua); na manhã seguinte, ele ainda gozava de perfeita saúde e, imerecidamente, o abominado professor é que ficou de

cama. Aos dezesseis anos, em maio de 1887, completou o curso do Gymnasium com uma medalha de ouro e estudou direito na Universidade de São Petersburgo, formando-se em janeiro de 1891. Continuou seus estudos na Alemanha (sobretudo em Halle). Trinta anos depois, um colega dele, com quem havia feito uma viagem de bicicleta à Floresta Negra, mandou para minha mãe viúva o exemplar de *Madame Bovary* que meu pai tinha com ele na época e em cuja folha de rosto havia escrito: “A insuperável pérola da literatura francesa” — uma avaliação que vale até hoje.

Em 14 de novembro (data escrupulosamente comemorada todos os anos seguintes em nossa família adepta de aniversários) de 1897, ele se casou com Elena Ivanovna Rukavishnikov, a filha de vinte e um anos de um vizinho na casa de campo, com quem teve seis filhos (o primeiro um menino natimorto).

Em 1895, havia sido nomeado Cavaleiro Júnior da Câmara. De 1896 a 1904, deu aulas de justiça criminal na Escola Imperial de Jurisprudência (*Pravovedenie*) em São Petersburgo. Cavaleiros da Câmara tinham de pedir permissão do “Ministro da Corte” antes de realizar um ato público. Essa permissão meu pai não pediu, naturalmente, ao publicar na revista *Pravo* seu famoso artigo “O banho de sangue em Kishinev”, no qual condenou o papel desempenhado pela polícia ao promover o *pogrom* de Kishinev em 1903. Por decreto imperial, ele foi privado de seu título de corte em janeiro de 1905, depois do que cortou toda ligação com o governo do tsar e mergulhou resolutamente em política antidespótica, ao mesmo tempo que continuava com seu trabalho jurídico. De 1905 a 1915, foi presidente do setor russo da Associação de Criminologia Internacional e em conferências na Holanda se divertiu e fascinou plateias traduzindo oralmente, quando necessário, discursos russos e ingleses para o alemão e o francês, e vice-versa. Era eloquentemente contrário à pena capital. Inabalavelmente, ele harmonizava seus princípios em questões públicas e privadas. Num banquete oficial em 1904, recusou-se a beber à saúde do tsar. Dizem que anunciou friamente a venda de sua farda nos jornais. De 1906 a 1917, ele coeditou com I. V. Hessen e A. I. Kaminka, um dos poucos diários liberais da Rússia, o *Rech* (“Discurso”), assim como a revista de jurisprudência *Pravo*. Politicamente, era um “kadet”, ou seja, um membro do KD (*Konstitutsionno-demokraticheskaya partiya*), depois rebatizado mais adequadamente como partido da Liberdade do Povo (*partiya Narodnoy Svobodi*). Com seu agudo senso de humor, ele devia se divertir muito com a

confusão inútil, embora perversa, que os lexicógrafos soviéticos fizeram de suas opiniões e realizações em seus raros comentários biográficos a respeito dele. Em 1906, foi eleito para o Primeiro Parlamento Russo (*Pervaya Duma*), uma instituição humana e heroica, predominantemente liberal (mas que publicistas estrangeiros ignorantes, infectados por propaganda soviética, muitas vezes confundiram com o antigo “*boyar dumas*”!). Ali fez ele diversos discursos esplêndidos com repercussões nacionais. Quando, menos de um ano depois, o tsar dissolveu a Duma, uma porção de membros, inclusive meu pai (que, como mostra uma fotografia tirada na estação Finlândia, levava seu bilhete de trem preso na fita do chapéu), se refugiou em Vyborg por causa de uma sessão ilegal. Em maio de 1908, ele começou a cumprir uma pena de prisão de três meses num castigo um tanto atrasado pelo manifesto revolucionário que ele e seu grupo haviam publicado em Vyborg. “V. conseguiu alguma “*egeria*” [borboleta-malhadinha] este verão?”, ele pergunta em uma de suas mensagens secretas da prisão que, através de um guarda subornado e de um amigo fiel (Kaminka), eram transmitidas a minha mãe em Vyra. “Diga a ele que tudo o que vejo no pátio da prisão são borboletas-limão e borboletas-das-couves”. Depois da soltura, foi proibido de participar de eleições públicas, mas (um dos paradoxos tão comuns sob o poder dos tsares) podia trabalhar livremente no amargamente liberal *Rech*, tarefa à qual dedicava até nove horas por dia. Em 1913, foi multado pelo governo em cem rublos (equivalente ao mesmo valor em dólares de hoje) por sua reportagem sobre Kiev, onde, depois de um tumultuado julgamento, Beylis foi considerado inocente do assassinato de um menino cristão com finalidades “rituais”; justiça e opinião pública ainda conseguiam se impor às vezes na velha Rússia; tinham só mais cinco anos pela frente. Ele foi convocado logo depois do começo da Primeira Guerra Mundial e mandado para o front. Acabou sendo ligado ao estado-maior em São Petersburgo. A ética militar o impediu de tomar parte ativa no primeiro tumulto da revolução liberal em março de 1917. Desde o começo, a História parecia ansiosa por privá-lo de uma oportunidade plena de revelar seus grandes dotes de estadista numa república russa de tipo ocidental. Em 1917, durante o estágio inicial do Governo Provisório — ou seja, enquanto os *kadets* ainda participavam dele —, ocupou no conselho de ministros a posição responsável, mas inconspícua, de secretário executivo. No inverno de 1917-18 foi eleito para a Assembleia Constituinte, só para ser preso por enérgicos marinheiros

bolcheviques quando ela foi desfeita. A Revolução de Novembro já havia entrado em seu rumo sangrento, sua polícia já estava ativa, mas naquele tempo o caos de ordens e contraordens às vezes ficava do nosso lado: meu pai seguiu por um escuro corredor, viu uma porta no fim, saiu para uma rua lateral e foi para a Crimeia com uma mochila que tinha pedido que seu valete Osip lhe trouxesse num canto escondido, e um pacote de sanduíches de caviar que o bom Nikolay Andreievich, nosso cozinheiro, acrescentou por vontade própria. A partir de meados de 1918, até o começo de 1919, num intervalo entre duas ocupações pelos bolcheviques, e numa fricção constante com os elementos explosivos do exército de Denikin, ele foi ministro da Justiça (“da justiça criminal” ele costumava dizer, criticamente) em um dos governos regionais, o da Crimeia. Em 1919, foi para o exílio voluntário morando primeiro em Londres, depois em Berlim, onde, em colaboração com Hessen, editou o diário emigrado *Rul’* (“Leme”) até seu assassinato em 1922 por um sinistro rufião que, durante a Segunda Guerra Mundial, Hitler transformou em administrador de assuntos de imigrantes russos.

Ele escreveu prolificamente, sobretudo sobre assuntos políticos e de criminologia. Conhecia *à fond* a prosa e a poesia de diversos países, sabia de cor centenas de poemas (seus poetas russos favoritos eram Pushkin, Tyutchev e Fet — ele publicou um bom ensaio sobre este último), era uma autoridade em Dickens e, além de Flaubert, valorizava muito Stendhal, Balzac e Zola, três detestáveis mediocridades do *meu* ponto de vista. Ele costumava confessar que a criação de um conto ou poema, *qualquer* conto ou poema, era um milagre tão incompreensível quanto a construção de uma máquina elétrica. Por outro lado, não tinha nenhum problema em escrever sobre questões jurídicas ou políticas. Tinha um estilo correto, embora bastante monótono, que hoje em dia, apesar de todas aquelas metáforas do velho mundo da educação clássica e dos clichês grandiloquentes do jornalismo russo, possui — ao menos para meus ouvidos cansados — uma atraente dignidade cinzenta toda própria, em excepcional contraste (como se pertencesse a algum parente mais velho e mais pobre) com seus pronunciamentos coloridos, estranhos, muitas vezes poéticos e às vezes indecorosos, de todo dia. Os rascunhos preservados de algumas de suas proclamações (começados por “*Grazhdane!*”, que quer dizer “*Citoyens!*”) e editoriais são escritos em uma caligrafia inclinada, lindamente elegante, incredivelmente regular, quase livre de correções, uma determinação, uma

objetividade funcional que acho divertido comparar com minha própria caligrafia retraída e rascunhos confusos, as massacrantes revisões, reescritas e novas revisões, destas mesmas linhas em que estou levando duas horas para descrever um lance de dois minutos de sua escrita impecável. Seus rascunhos eram belas cópias de pensamento imediato. Dessa maneira, ele escreveu com facilidade e rapidez fenomenais (sentado incomodamente numa mesinha de criança na sala de aulas de um palácio lamentoso) o texto de abdicação do grão-duque Mihail (próximo na linha sucessória, depois que o tsar renunciou ao seu trono e ao de seu filho). Não é de admirar que ele também fosse um orador admirável, um orador controlado, “estilo inglês”, que evitava os gestos de talhar-carne e os latidos retóricos do demagogo, e nisso, também, nada herdou o ridículo cacólogo que eu sou, quando não tenho uma folha datilografada diante de mim.

Só recentemente li pela primeira vez seu importante *Sbornik statey po ugolovnomu pravu* (uma coleção de artigos sobre justiça criminal), publicado em 1904 em São Petersburgo, do qual um exemplar muito raro, possivelmente único (antes propriedade de um “Mihail Evgrafovich Hodunov”, conforme carimbo com tinta violeta no falso-rostro), me foi dado por um viajante gentil, Andrew Field, que o comprou num sebo em sua visita à Rússia em 1961. É um volume de 316 páginas contendo dezenove textos. Em um deles (“Crimes carnis”, escrito em 1902) meu pai discute, bastante profeticamente num certo sentido estranho, casos (em Londres) “de meninas à l’âge le plus tendre (*v nezhhneyshe m vozraste*), isto é, de oito a doze anos, que são sacrificadas a devassos (*slastolyubtsam*)”. No mesmo ensaio, ele revela uma abordagem muito liberal e “moderna” de várias práticas anormais, cunhando incidentalmente uma conveniente palavra russa para “homossexual”: *ravnopoliy*.

Seria impossível listar os literalmente milhares de seus artigos em vários periódicos, como *Rech* ou *Pravo*. Num capítulo posterior, falo de seu livro historicamente interessante sobre uma visita semioficial à Inglaterra em tempo de guerra. Algumas de suas memórias pertencentes aos anos 1917-19 apareceram no *Archiv russkoy revolyutsii*, publicado por Hessen em Berlim. Em 16 de janeiro de 1920, ele fez uma palestra no King’s College, em Londres, sobre “A dominação soviética e o futuro da Rússia”, publicada uma semana depois no suplemento do *The New Commonwealth*, no. 15 (caprichosamente colado no álbum de minha mãe). Na primavera do mesmo ano, aprendi de cor

a maior parte dela ao me preparar para falar contra o bolchevismo num debate sindical em Cambridge; o (vitorioso) apologista era um homem do *The Manchester Guardian*; esqueço seu nome, mas me lembro de secar absolutamente depois de recitar o que havia memorizado, e esse foi meu primeiro e único discurso político. Dois meses antes da morte de meu pai, a revista de emigrados *Teatr i zhizn'* (“Teatro e vida”) começou a publicar em capítulos suas lembranças de infância (ele e eu nos sobrepomos agora — muito brevemente). Encontro aí, excelentemente descritos, os terríveis acessos de seu pedante professor de latim no terceiro *gymnasium*, assim como a muito precoce paixão da vida inteira de meu pai pela ópera: ele deve ter ouvido praticamente todos os cantores europeus de primeira linha entre 1880 e 1922, e embora incapaz de tocar qualquer coisa (exceto, muito majestosamente, os primeiros acordes da abertura de “Ruslan”), lembrava de cada nota de suas óperas favoritas. Ao longo dessa corda vibrante um gene melodioso que pulou a mim, passou direto, através de meu pai, do organista do século XVI Wolfgang Graun, para meu filho.

2

Eu tinha onze anos quando meu pai resolveu que o aprendizado com tutores que eu recebera e ainda recebia em casa podia ser suplementado com proveito se eu frequentasse a escola Tenishev. Essa escola, uma das mais conceituadas de São Petersburgo, era uma instituição relativamente nova de um tipo muito mais moderno e liberal do que o *gymnasium* comum, a cuja categoria geral pertencia. O curso, que consistia de dezesseis “semestres” (oito disciplinas do *gymnasium*), seria vagamente equivalente aos últimos seis anos da escola dos Estados Unidos mais os dois primeiros anos de faculdade. Ao ser admitido, em janeiro de 1911, me vi no terceiro “semestre”, ou no começo da oitava série segundo o sistema americano.

As aulas iam de 15 de setembro a 25 de maio, com um par de interrupções: uma folga de duas semanas no meio do semestre — para dar lugar, por assim dizer, à imensa árvore de Natal que com sua estrela tocava o teto verde pálido de nossa sala mais bonita — e férias de uma semana na Páscoa, durante a qual ovos pintados animavam nossa mesa de café da manhã.

Como a neve e o gelo duravam de outubro até abril, não é de admirar que minhas lembranças de escola sejam definitivamente hibernais.

Quando Ivan, o primeiro (que um dia desapareceu), ou Ivan, o segundo (que veria o tempo em que eu o mandaria em missões românticas), vinham me acordar por volta das oito da manhã, o mundo exterior ainda estava encapuzado por uma sombra marrom hiperbórea. A luz elétrica do quarto tinha uma tonalidade enferruscada, áspera, amarelada, que fazia arder meus olhos. Reclinando o ouvido que tinha na mão e apoiando o cotovelo no travesseiro, eu me forçava a preparar dez páginas de lição de casa inacabada. Na mesa de cabeceira, junto a uma sólida lâmpada com duas cabeças de leão em bronze, ficava um pequeno relógio não convencional: um recipiente ereto de cristal, dentro do qual lâminas brancas de marfim, como páginas com números negros, viravam da direita para a esquerda, cada uma permanecendo durante um minuto, como os slides de comerciais na tela dos velhos cinemas. Dei dez minutos para gravar o texto em minha cabeça (hoje levaria duas horas!) e digamos, doze minutos para me lavar, vestir (com a ajuda de Ivan), descer a escada, engolir uma xícara de chocolate morno da superfície do qual belisquei pelo centro uma roda de nata marrom e enrugada. As manhãs eram confusas, e coisas como as lições de boxe e esgrima que um maravilhoso francês de borracha, Monsieur Loustalot, costumava me dar, tiveram de ser interrompidas.

Ele ainda vinha, porém, quase diariamente, para lutar ou esgrimir com meu pai. Eu saía correndo, com o casaco de pele vestido pela metade, atravessava a sala verde (onde um aroma de pinheiro, cera quente e tangerinas permanecia muito tempo depois do Natal), corria à biblioteca da qual vinha uma mistura de passos e arrastar de pés. Lá encontrava meu pai, um homem grande, robusto, que parecia ainda maior na roupa branca de treinamento, atacando e aparando, enquanto seu ágil instrutor somava exclamações vivas (“*Battez!*”, “*Rompez!*”) ao clique-claque das lâminas.

Um pouco ofegante, meu pai removia a máscara convexa de esgrima do rosto rosado e suado para me dar um beijo de bom dia. O lugar combinava agradavelmente o acadêmico e o atlético, o couro dos livros e o couro das luvas de boxe. Havia poltronas macias junto às paredes forradas de livros. Uma elaborada “bola de bater” comprada na Inglaterra — quatro postes de aço sustentando uma prancha da qual pendia um saco em forma de pera —

cintilava num canto da sala espaçosa. O propósito desse aparato, sobretudo quanto ao ra-ta-ta de metralhadora do saco, foi questionado, e a explicação do mordomo acabou aceita com relutância por alguns combatentes de rua fortemente armados que entraram pela janela em 1917. Quando a Revolução Soviética tornou imperativo que deixássemos São Petersburgo, essa biblioteca se desintegrou, mas estranhos pequenos remanescentes dela ficavam aparecendo no exterior. Uns doze anos depois, em Berlim, peguei numa estante de livros à venda um desses volumes extraviados, com o *ex libris* de meu pai. Muito adequadamente, tratava-se de *A guerra dos mundos*, de Wells. E, depois de mais uma década, descobri um dia na Biblioteca Pública de Nova York, indexado com o nome de meu pai, um exemplar do esmerado catálogo que ele mandara imprimir privadamente quando os livros-fantasma ali arrolados ainda se encontravam, vermelhos e brilhantes, nas estantes.

3

Ele repunha a máscara e continuava com os avanços e arremessos enquanto eu saía correndo por onde havia entrado. Depois do calor do hall, onde os troncos estalavam na grande lareira, o ar externo dava um choque gelado aos pulmões. Eu verificava qual dos dois carros, o Benz ou o Wolseley, estava lá para me levar à escola. O primeiro, uma landau cinza, pilotado por Volkov, um chofer gentil, de rosto pálido, era o mais velho. Suas linhas pareciam positivamente dinâmicas em comparação com as linhas do insípido cupê elétrico sem nariz e sem ruído, que o precedera; mas, por sua vez, adquirira um ar antiquado, pesadão, com um capô tristemente encolhido, assim que a limusine inglesa comparativamente comprida e preta veio repartir a garagem.

Pegar o carro mais novo era começar o dia com prazer. Pirogov, o segundo motorista, era um sujeito muito baixo, atarracado, com uma cara avermelhada que combinava com o tom das peles que usava por cima do terno de veludo e com as pernas marrom-alaranjadas. Quando algum contratempo no tráfego o obrigava a pisar no freio (coisa que fazia distendendo o corpo de repente de um jeito peculiar, como uma mola), ou quando eu o incomodava tentando me comunicar pelo tubo falante que chiava e não era muito eficiente, a nuca do pescoço grosso parecia ficar escarlate do outro lado da divisória de vidro. Francamente, ele preferia dirigir o forte conversível Opel que usamos no

campo umas três ou quatro temporadas e dirigia a noventa quilômetros por hora (para entender o quanto isso era ousado em 1912, é preciso levar em conta a atual inflação de velocidade): de fato, a própria essência da liberdade de verão — sem escola e desurbanizada — permanece ligada em minha mente ao extravagante ruído do motor que o silenciador aberto emitia na estrada longa e solitária. Quando, no segundo ano da Primeira Guerra Mundial, Pirogov foi mobilizado, quem o substituiu foi o moreno Tsiganov de olhos ferozes, um antigo ás de corrida que tinha participado de diversas competições tanto na Rússia quanto no exterior e tivera várias costelas quebradas num sério acidente na Bélgica. Mais tarde, em algum momento de 1917, logo depois que meu pai renunciou ao gabinete de Kerenski, Tsiganov decidiu — apesar dos enérgicos protestos de meu pai — poupar o poderoso carro Wolseley de possível confisco desmontando-o e espalhando as partes em lugares escondidos que só ele conhecia. Ainda mais tarde, na tristeza de um trágico outono, com os bolcheviques ganhando o controle, um dos ajudantes de Kerenski pediu a meu pai um carro sólido que o primeiro pudesse usar se forçado a partir precipitadamente; mas nosso velho e fraco Benz não servia, e o Wolseley havia desaparecido embaraçosamente. E se valorizo a lembrança desse pedido (recentemente desmentido por meu amigo eminente, mas feito com certeza por seu ajudante), é apenas de um ponto de vista de composição — por causa do divertido eco temático do papel de Christina von Korff no episódio de Varennes em 1791.

Embora nevascas pesadas fossem muito mais usuais em São Petersburgo do que, digamos, em torno de Boston, os vários automóveis que circulavam entre os numerosos trenós da cidade antes da Primeira Guerra Mundial de alguma forma pareciam nunca ter os horríveis problemas que os carros modernos apresentam num bom natal nevado da Nova Inglaterra. Muitas forças estranhas estiveram envolvidas na formação da cidade. A pessoa é levada a supor que o sistema de distribuição de suas neves — nevascas ordeiras nas calçadas e uma sólida cobertura lisa nos blocos de madeira octogonais do calçamento — foi arranjado por alguma ímpia colaboração entre a geometria das ruas e a física das nuvens. De qualquer forma, ir de carro para a escola nunca levava mais de quinze minutos. Nossa casa ficava no número 47 da rua Morskaya. Depois vinha a do Príncipe Oginski (número 45), depois a embaixada italiana (número 43), depois a embaixada alemã (número 41) e

depois a vasta praça Maria, depois da qual os números continuavam a diminuir. Havia um pequeno parque público no lado norte da praça. Em uma de suas tílias, encontraram um dia uma orelha e um dedo — restos de um terrorista cuja mão havia escorregado ao arrumar um pacote letal em seu quarto do outro lado da praça. Essas mesmas árvores (um padrão de filigrana prateada numa névoa de madrepérola, na qual se erguia o domo da Santo Isaac ao fundo) também tinham visto crianças fuziladas ao acaso nos galhos aonde haviam trepado para escapar aos guardas montados que estavam subjugando a primeira revolução (1905-06). Muitas historietas como essas estavam ligadas a praças e ruas de São Petersburgo.

Ao chegar à avenida Nevski, seguia-se nela por um longo trecho, durante o qual era um prazer ultrapassar sem nenhum esforço um guarda encapotado em seu trenó leve, puxado por dois garanhões pretos, bufando e correndo sob uma rede de um azul intenso que impedia que torrões de neve dura voassem no rosto do passageiro. Uma rua à esquerda com um nome adorável — Karavannaya (rua das Caravanas) — levava a uma inesquecível loja de brinquedos. Em seguida, vinha o Circo Cinizelli (famoso por seus torneios de luta livre). Por fim, depois de atravessar o canal congelado, entrava-se nos portões da escola Tenishev na rua Mohovaya (a rua dos Musgos).

4

Pertencendo, como pertencia, por escolha, à grande *intelligentsia* sem distinção de classes da Rússia, meu pai achava certo me fazer frequentar a escola que se distinguia por seus princípios democráticos, pela política de não discriminação em questões de classe, raça e credo, e por seus métodos educacionais atualizados. À parte isso, a escola Tenishev não era nada diferente de qualquer outra escola daquele tempo ou espaço. Como em todas as escolas, os meninos toleravam alguns professores e abominavam outros e, como em todas as escolas, havia um constante intercâmbio de gracejos obscenos e informações eróticas. Como era bom em jogos, eu não acharia a coisa toda tão desanimadora se ao menos meus professores estivessem menos empenhados em tentar salvar minha alma.

Eles me acusavam de não me adaptar ao ambiente; de “me exhibir” (principalmente pontuando meus trabalhos russos com termos ingleses e

franceses, o que era natural para mim); de me recusar a tocar as toalhas imundas do banheiro; de lutar com os nós dos dedos em vez de usar o tapa girando a mão com a parte de baixo do punho, adotado pelos russos briguentos. O diretor, que sabia pouco de jogos, embora aprovasse plenamente suas virtudes socializantes, desconfiava de mim por ficar sempre no gol no futebol “em vez de correr com os outros jogadores”. Outra coisa que provocava ressentimento era eu ir e voltar da escola de automóvel e não tomar o bonde ou o táxi puxado a cavalo como os outros meninos, bons democratazinhos. Com o rosto todo franzido numa careta de repulsa, um professor sugeriu que o mínimo que eu podia fazer era mandar o carro parar uns dois ou três quarteirões antes, de forma que meus colegas fossem poupados do chofer de libré tirando o chapéu. Era como se a escola estivesse permitindo que eu levasse um rato morto pelo rabo, contanto que não o balançasse debaixo do nariz das pessoas.

A pior situação, porém, surgiu do fato de eu ser intensamente avesso a pertencer a movimentos ou associações já naquela época. Eu enfurecia os mais bondosos e bem-intencionados professores me recusando a participar de trabalhos de grupo extracurriculares — sociedades de debate com a solene eleição de oficiais e a leitura de relatórios sobre questões históricas, além de, nos graus mais elevados, reuniões mais ambiciosas para discutir os acontecimentos políticos correntes. A pressão constante sobre mim para fazer parte de um grupo ou outro nunca venceu minha resistência, mas levou a um estado de tensão que não era aliviado em nada por todo mundo fazer um cavalo de batalha com o exemplo dado por meu pai.

Meu pai era, de fato, um homem muito ativo, mas, como sempre acontece com filhos de pais famosos, eu via suas atividades sob o prisma das minhas, que rompiam em muitas cores encantadoras a luz bastante austera que meus professores vislumbravam. Por força de seus variados interesses — criminologia, legislação, política, editoração, filantropia —, ele tinha de participar de muitas reuniões de comitês, e essas eram realizadas frequentemente em nossa casa. Podia-se deduzir que uma dessas reuniões estava para acontecer a partir do som peculiar na extremidade de nosso grande e reverberante hall de entrada. Ali, num recesso debaixo da escada de mármore, nosso *shveitsar* (porteiro) estaria ocupado em apontar lápis quando eu chegava da escola. Com esse propósito, ele usava uma volumosa máquina antiquada,

com uma roda ronronante, cuja manivela ele girava rapidamente com uma mão enquanto segurava com a outra o lápis inserido num orifício lateral. Durante anos, ele foi o tipo mais usual que se podia imaginar do “criado fiel”, cheio de ditos e sabedorias peculiares, com um jeito ágil de ajeitar o bigode para a direita e para a esquerda com dois dedos, e um ligeiro odor de peixe frito sempre à sua volta: aquilo vinha de suas misteriosas acomodações no porão, onde tinha uma esposa obesa e gêmeos — um menino da minha idade e uma menininha espectral perturbadora e desleixada, de estrabismos azuis e cachos cor de cobre; mas aquela tarefa de apontar lápis deve ter amargurado consideravelmente o pobre e velho Ustin — pois me identifico prontamente com ele, eu que escrevo minhas coisas apenas com lápis muito apontados, mantenho buquês de B 3 em recipientes à minha volta e giro centenas de vezes por dia a manivela do instrumento (preso à beira da mesa) que tão rapidamente acumula uma porção de aparas marrom-pardacentas na gavetinha. No fim das contas, ele estava havia muito tempo em contato com a polícia secreta do tsar — principiantes, claro, em comparação com os homens de Dzerzhinski ou Yagoda, mas mesmo assim bastante incômodos. Já em 1906, por exemplo, a polícia, suspeitando que meu pai realizava reuniões clandestinas em Vyra, havia contratado os serviços de Ustin que, por essa razão, implorou a meu pai, sob algum pretexto de que não me lembro, mas com o propósito de espionar o que acontecia, que o levasse ao campo naquele verão na qualidade de serviçal extra (ele havia sido menino de despensa na família Rukavishnikov); e foi ele, o onipresente Ustin, quem, no inverno de 1917-18, heroicamente levou representantes dos soviets vitoriosos ao estúdio de meu pai no segundo andar e dali, atravessando a sala de música e o *boudoir* de minha mãe, à sala do canto sudeste onde eu nasci e ao nicho na parede, até as tiaras de fogo colorido, que constituíram uma recompensa adequada à cauda-de-andorinha que ele havia um dia capturado para mim.

Por volta das oito da noite, o hall abrigava um acúmulo de sobretudos e galochas. Numa sala de reuniões vizinha à biblioteca, numa mesa comprida coberta com pano verde (onde aqueles lápis lindamente apontados eram expostos), meu pai e seus colegas se reuniam para discutir alguma fase de sua oposição ao tsar. Por cima de uma balbúrdia de vozes, um alto relógio num canto escuro rompia em badaladas Westminster; e além da sala de reuniões havia profundezas misteriosas — depósitos, uma escada em espiral, uma

espécie de despensa — onde meu primo Yuri e eu costumávamos parar com revólveres na mão a caminho do Texas e onde, uma noite, a polícia colocou um espião gordo, remelento, que se pôs de joelhos com dificuldade diante de nossa bibliotecária, Lyudmilla Borisovna Grinberg, quando descoberto. Mas como eu podia discutir tudo isso com os professores?

5

A imprensa reacionária não perdia ocasião de atacar o partido de meu pai e eu me acostumei com os cartuns mais ou menos vulgares que apareciam de quando em quando — meu pai e Milyukov entregando a Santa Rússia numa bandeja ao Judaísmo Mundial e esse tipo de coisa. Mas um dia, no inverno de 1911, acredito, o mais poderoso dos jornais direitistas empregou um jornalista ordinário para fabricar um artigo vil contendo insinuações que meu pai não podia deixar passar. Como a conhecida cafajestice do autor do artigo fazia dele uma pessoa “não duelável” (*neduelesposobniy*, como dizia o código de duelos russo), meu pai desafiou o muito menos desacreditado editor do jornal em que o artigo havia aparecido.

Um duelo russo era uma coisa muito mais séria do que a variedade parisiense convencional. O editor levou vários dias para decidir se aceitava ou não o desafio. No último desses dias, uma segunda-feira, fui à escola, como sempre. Como consequência de não ler os jornais, eu ignorava completamente a coisa toda. Em algum momento do dia, tomei consciência de que uma revista aberta em determinada página estava correndo de mão em mão e provocando risos. Com um gesto rápido no momento certo tomei posse do que se revelou o último exemplar de um semanário barato que continha um relato sensacionalista do desafio de meu pai, com comentários idiotas sobre a escolha de armas que ele oferecera ao inimigo. Havia observações maliciosas sobre o fato de ele ter retomado um costume medieval que havia criticado em seus próprios escritos. Havia também bastante coisa sobre o número de seus criados e o número de seus ternos. Descobri que ele havia escolhido para padrinho seu cunhado, o almirante Kolomeytsev, herói da guerra japonesa. Durante a batalha de Tsuchima, esse meu tio, então com a patente de capitão, tinha conseguido levar seu destróier até o lado do cruzador em chamas e salvar o comandante em chefe naval.

Depois da aula, me certifiquei de que a revista pertencia a um de meus melhores amigos. Eu o acusei de traição e zombaria. Na luta que se seguiu, ele caiu em cima de uma mesa, bateu o pé na junta e quebrou o tornozelo. Ficou de cama durante um mês, e galantemente escondeu da família e de nossos professores minha parte na história.

A dor de vê-lo carregado escada abaixo se perdeu em minha aflição geral. Por alguma razão, nenhum carro veio me buscar esse dia e durante a fria, tristonha, incrivelmente lenta volta para casa em um trenó de aluguel, tive muito tempo para refletir sobre a questão. Então entendi por que, no dia anterior, minha mãe havia ficado tão pouco comigo e não descera para jantar. Entendi também que treinamento especial Thernant, *maître d'armes* ainda melhor que Loustalot, vinha ensinando a meu pai ultimamente. O que seu adversário iria escolher, eu me perguntava — arma branca ou de fogo? Ou teria a escolha já sido feita? Cuidadosamente, tomei a imagem amada, familiar e muito viva de meu pai lutando esgrima, e tentei transferi-la, menos a máscara e o protetor peitoral, para o local do duelo, algum celeiro ou escola de equitação. Visualizei meu pai e seu adversário, ambos de peito nu, calças pretas, em furioso combate, cada enérgico movimento marcado por aquela estranha deselegância que mesmo o mais estiloso dos espadachins não consegue evitar num combate real. A imagem era tão repulsiva, tão vividamente eu sentia a maturidade e a nudez de um coração pulsando loucamente a ponto de ser perfurado, que me vi esperando momentaneamente um tipo mais abstrato de arma. Mas logo estava em desespero ainda mais profundo.

Enquanto o trenó seguia pela avenida Nevski, onde as luzes fora de foco flutuavam no escuro que se formava, pensei na pesada Browning preta que meu pai guardava na gaveta superior direita de sua mesa. Conhecia aquela pistola tão bem quanto conhecia todas as outras coisas mais visíveis de seu escritório; os *objets d'art* de cristal ou de pedras com veios, elegantes naquela época; as cintilantes fotografias familiares; o imenso Perugino suavemente iluminado; os pequenos óleos holandeses brilhantes, cor de mel; e, bem em cima de sua mesa, o retrato em pastel rosa e enevoado de minha mãe, pintado por Bakst: o artista havia desenhado o rosto dela em três quartos de perfil, realçando maravilhosamente seus traços delicados — a curva para cima do cabelo cor de cinza (ficara grisalho nos seus vinte anos), a curva pura da testa, os olhos azul-pombo, a linha graciosa do pescoço.

Quando insisti que o velho cocheiro, parecido com uma boneca de trapos, fosse mais depressa, ele simplesmente se inclinou para um lado com um movimento semicircular especial do braço, como para fazer o cavalo acreditar que estava a ponto de pegar o chicote curto que levava na perna direita de sua bota de feltro; e isso bastava para fazer o peludo pangaré fazer um arremedo de pressa, tão vago quanto o cocheiro havia feito de pegar seu *knutishko*. No estado quase alucinatorio produzido por essa viagem abafada pela neve, eu revivi todos os famosos duelos que um menino russo conhecia tão bem. Vi Pushkin, mortalmente ferido com o primeiro tiro, sentar-se, inflexível, para disparar sua pistola em d'Anthès. Vi Lermontov sorrir ao encarar Martinov. Vi o atarracado Sobinov no papel de Lenski cair e jogar sua arma voando para a orquestra. Nenhum escritor russo de alguma fama havia deixado de descrever *une rencontre*, uma reunião hostil, sempre, é claro, sob a forma do clássico *duel à volonté* (não o ridículo costas-contra-costas-caminhar-virar-bangue-bangue famoso de filmes e desenhos animados). Em várias famílias importantes tinha havido mortes trágicas no campo de duelo em anos mais ou menos recentes. Lentamente, meu trenó sonhador seguiu a rua Morskaya e lentamente silhuetas de duelistas avançaram um para o outro, ergueram suas pistolas e dispararam — no romper da aurora, em úmidas clareiras de velhas propriedades no campo, em áridos campos de treinamento militar, ou na neve a cair entre duas fileiras de pinheiros.

E por trás de tudo isso havia ainda um abismo emocional muito especial que eu estava tentando desesperadamente contornar, para que não explodisse em uma tempestade de lágrimas, e era a terna amizade que permeava meu respeito por meu pai; o encanto de nossa perfeita concordância; as partidas de Wimbledon que acompanhávamos pelos jornais de Londres; os problemas de xadrez que resolvíamos; os versos jâmbicos de Pushkin que rolavam de sua língua, tão triunfantes, sempre que eu mencionava algum poeta menor do momento. Nossa relação era marcada por aquela troca habitual de *nonsense* doméstico, palavras comicamente distorcidas, imitações de entonações inventadas, e todas aquelas piadas privadas que constituem o código secreto de famílias felizes. Mesmo com tudo isso, ele era extremamente estrito em questões de conduta e dado a observações cortantes quando irritado com um filho ou um criado, mas sua humanidade inerente era grande demais para permitir que sua repreensão a Osip por ter escolhido a camisa errada fosse

realmente ofensiva, assim como o conhecimento em primeira mão do orgulho de um menino temperava a aspereza da censura e resultava em súbito perdão. De forma que fiquei mais intrigado do que satisfeito um dia quando, ao saber que eu havia deliberadamente cortado minha perna pouco acima do joelho com uma navalha (ainda tenho a cicatriz) a fim de evitar uma recitação em classe para a qual não estava preparado, ele pareceu incapaz de manifestar qualquer raiva real; e sua admissão subsequente de uma transgressão semelhante em sua própria infância me recompensou por não ter escondido a verdade.

Me lembro daquela tarde de verão (que já na época parecia distante, embora só houvessem se passado quatro ou cinco anos) em que ele entrou explosivamente em meu quarto, agarrou minha rede, desceu correndo os degraus da varanda — e em seguida voltou trazendo entre indicador e polegar uma rara e magnífica fêmea de *populi* russa que tinha visto se aquecendo numa folha de faia da sacada de seu escritório. Me lembro de nossos longos passeios de bicicleta pela estrada plana de Luga e a forma eficiente como — panturrilhas fortes, calça bombacha, casaco de *tweed*, boné xadrez — ele montava sua “Dux” de selim alto que o valete trazia à varanda como se fosse um cavalo. Examinando o estado do polimento, meu pai calçava as luvas de camurça e sob o olhar ansioso de Osip testava se os pneus estavam suficientemente cheios. Então agarrava o guidão, punha o pé esquerdo no apoio metálico que se projetava da parte posterior da estrutura, empurrava com o pé direito do outro lado da roda traseira e, depois de três ou quatro desses impulsos (com a bicicleta agora em movimento), tranquilamente transferia a perna direita para a posição do pedal, movia a esquerda e montava no selim.

Por fim, eu estava em casa, e imediatamente ao entrar no vestíbulo me dei conta de vozes altas, alegres. Com o senso de oportunidade dos arranjos dos sonhos, meu tio, o almirante, estava descendo a escada. Do patamar atapetado de vermelho acima, onde uma mulher grega de mármore, sem braços, resguardava uma tigela de malaquita para os cartões de visita, meus pais ainda estavam conversando com ele e, quando terminou de descer os degraus, olhou para cima com uma risada, bateu na balaustrada com as luvas que tinha na mão. Entendi imediatamente que não haveria duelo, que o desafio tinha sido respondido com um pedido de desculpas, que estava tudo bem. Eu passei correndo pelo meu tio e alcancei o patamar. Vi o rosto de sempre, sereno, de

minha mãe, mas não pude olhar para o meu pai. E então aconteceu: meu coração inchou dentro de mim como aquela onda sobre a qual o *Buyniy* se ergueu quando seu capitão o levou para o lado do *Suvorov* em chamas, e eu não tinha lenço, e dez anos iriam se passar antes de certa noite de 1922, numa palestra pública em Berlim, em que meu pai protegeu o palestrante (seu velho amigo Milyukov) das balas de dois fascistas russos e, enquanto derrubava vigorosamente um dos assassinos, era fatalmente atingido pelo outro. Mas nenhuma sombra desse evento futuro era projetada na clara escada de nossa casa de São Petersburgo; a mão grande e fresca que pousou em minha cabeça não tremeu, e diversas linhas de jogo numa difícil composição de xadrez ainda não haviam se fundido sobre o tabuleiro.

Capítulo dez

1

Os romances de faroeste do capitão Mayne Reid (1818-83), traduzidos e simplificados, foram tremendamente populares entre as crianças russas no começo deste século, muito depois de sua fama ter declinado nos Estados Unidos. Como falava inglês, pude saborear seu *Cavaleiro sem cabeça* no original integral. Dois amigos trocam de roupa, de chapéu, de cavalo, e o homem errado acaba assassinado — essa é a linha geral de sua trama complicada. A edição que eu tinha (possivelmente a britânica) permanece nas prateleiras de minha memória como um livro gordo encapado com pano vermelho, com um frontispício cinza-aguado, cujo brilho era coberto, quando o livro era novo, com uma folha de papel de seda. Vejo essa folha se desintegrando — primeiro, dobrada indevidamente, depois arrancada —, mas o frontispício em si, que sem dúvida mostrava o infeliz irmão de Louise Pointdexter (e talvez um ou dois coiotes, a menos que eu esteja pensando em *O tiro da morte*, outra história de Mayne Reid), foi tão exposto à luz da minha imaginação que está agora completamente apagado (mas miraculosamente substituído pela coisa *real*, como notei ao traduzir este capítulo para o russo na primavera de 1953, e, especificamente, pela imagem de um rancho que você e eu alugamos naquele ano: uma vastidão de cacto-e-iuca, de onde veio naquela manhã o canto lamentoso de uma codorniz — codorniz de Gambel, acredito — me enchendo de uma sensação de imerecidas conquistas e recompensas).

Vamos agora conhecer meu primo Yuri, um rapaz magro, de rosto pálido, com uma cabeça redonda raspada e luminosos olhos cinzentos. Filho de pais

divorciados, sem tutor que cuidasse dele, menino de cidade sem casa de campo, era sob todos os aspectos diferente de mim. Ele passava os invernos em Varsóvia, com seu pai, o barão Evgeniy Rausch von Traubenberg, governador militar de lá, e os verões em Batovo ou Vyra, a menos que fosse levado ao exterior pela mãe, a excêntrica tia Nina, para *spas* centro-europeus sem graça, onde ela fazia longos passeios solitários, deixando-o aos cuidados de mensageiros e camareiras. No campo, Yuri se levantava tarde e eu não o via antes de voltar para o almoço, depois de quatro ou cinco horas caçando borboletas. Desde sua mais tenra infância, ele era absolutamente destemido, mas era suscetível e melindroso com “história natural”, não conseguia tocar em coisas que se mexiam, não suportava as divertidas cócegas cativas de um sapinho se movendo pela mão fechada como uma pessoa, ou a carícia discreta, agradavelmente fresca, ritmicamente ondulante de uma lagarta subindo pela canela nua. Ele colecionava soldadinhos de chumbo pintado, que não queriam dizer nada para mim, mas cujos uniformes ele conhecia tão bem quanto eu conhecia diferentes borboletas. Ele não praticava nenhum jogo de bola, era incapaz de atirar uma pedra devidamente, não sabia nadar, mas nunca me contou que não sabia, e um dia, quando estávamos tentando atravessar um rio caminhando sobre uma confusão de troncos de pinheiros flutuantes, perto de uma serraria, ele quase morreu afogado quando um tronco particularmente escorregadio começou a oscilar e girar debaixo de seus pés.

Nós tomamos consciência um do outro por volta do Natal de 1904 (eu tinha cinco anos e meio, ele sete), em Wiesbaden: me lembro dele saindo de uma loja de suvenires e correndo para mim com um berloque, um pequeno revólver de prata de dois centímetros e meio, que queria ansiosamente me mostrar — e de repente se estatelou na calçada, mas não chorou ao se levantar, sem dar importância ao joelho que sangrava e ainda agarrado à sua minúscula arma. No verão de 1909 ou de 1910, ele me iniciou entusiasticamente nas possibilidades dramáticas dos livros de Mayne Reid. Ele os tinha lido em russo (sendo em tudo, menos no sobrenome, muito mais russo do que eu) e, quando procurava uma trama para brincadeiras, tendia a combiná-las com Fenimore Cooper e suas própria invenções ardorosas. Eu olhava nossas brincadeiras com um distanciamento maior e tentava me manter fiel ao roteiro. A representação ocorria geralmente no parque de Batovo, onde as trilhas eram ainda mais tortuosas e traiçoeiras do que as de Vyra. Para nossas caçadas humanas mútuas

usávamos revólveres de mola que atiravam, com força considerável, barras do tamanho de lápis (com pontas de latão da qual havíamos virilmente removido a proteção de borracha de sucção). Depois, vieram as armas de ar comprimido de vários tipos, que atiravam balas de cera ou pequenos dardos felpudos, com consequências não letais, mas muitas vezes bem dolorosas. Em 1912, o impressionante revólver com cabo de madrepérola que ele trouxe foi calmamente confiscado e trancado por meu tutor, Lenski, mas não antes de termos estraçalhado a tiros uma tampa de caixa de sapatos (como prelúdio para a coisa de verdade, um ás), que erguíamos alternadamente a uma distância de cavalheiros numa avenida verdejante onde diziam que havia sido travado um duelo muitos e muitos anos antes. No verão seguinte, ele foi para a Suíça com sua mãe — e logo depois de sua morte (em 1919), ao visitar o mesmo hotel e ficar no mesmo quarto que haviam ocupado naquele julho, ela enfiou a mão nos recessos de uma poltrona em busca de um grampo de cabelo que derrubara e encontrou um pequeno couraceiro, sem cavalo, mas com as pernas arqueadas ainda comprimindo um cavalo de batalha invisível.

Quando ele chegou para uma visita de uma semana em junho de 1914 (então com dezesseis anos e meio contra os meus quinze, e a diferença estava começando a aparecer), a primeira coisa que fez, assim que nos vimos sozinhos no jardim, foi tirar casualmente um cigarro com piteira de âmbar de uma elegante cigareira de prata, em cujo interior dourado ele me fez observar gravada a fórmula $3 \times 4 = 12$, em memória das três noites que havia passado, finalmente, com a condessa G. Ele agora estava apaixonado pela jovem esposa de um velho general em Helsingfors e pela filha de um capitão em Gatchina. Eu assistia com uma espécie de desespero cada nova revelação de seu estilo homem do mundo. “De onde posso fazer uns telefonemas muito particulares?”, me perguntou. Então levei-o além dos cinco álamos e do velho poço seco (do qual, apenas dois anos antes, três assustados jardineiros haviam nos içado com corda) até um corredor na ala dos criados onde o arrulhar dos pombos vinha de um convidativo peitoril de janela e onde, numa parede manchada de sol, ficava o mais remoto e mais antigo telefone de nossa casa de campo, um aparelho volumoso em forma de caixa que tinha de ser clamorosamente carregado a manivela para acessar a voz miúda da telefonista. Yuri estava então ainda mais relaxado e sociável que o domador de mustangues de anos anteriores. Sentado em uma mesa rústica contra a parede, balançando

as pernas compridas, ele conversava com os criados (coisa que eu não podia fazer e não sabia fazer) — com um velho criado de suíças que eu nunca tinha visto sorrir antes ou com um flerte da cozinha cujo pescoço nu e olhos ousados eu só notei então. Depois que Yuri encerrou sua terceira conversa interurbana (notei, com uma mistura de alívio e desânimo, que o francês dele era horrível), fomos a pé até o armazém da aldeia que eu nunca sonharia visitar, muito menos para comprar um quilo de sementes de girassol pretas e brancas. Durante toda a nossa volta, entre as borboletas do fim da tarde que se preparavam para se recolher, mascamos e cuspiamos, ele me mostrando como realizar aquilo destramente: abrir a semente em dois entre os dentes posteriores do lado direito, soltar o cerne com a língua, cuspir as metades da casca, deslocar o cerne macio para os molares do lado esquerdo e mastigar ali, enquanto a semente seguinte, que nesse meio-tempo já foi partida à direita, está sendo processada. Por falar em direita, ele admitiu que era um convicto “monarquista” (de natureza mais romântica que política) e continuou deplorando meu alegado (e perfeitamente abstrato) “democratismo”. Ele recitou amostras de seu fluente álbum de poesias e observou com todo orgulho que havia sido elogiado por Dilanov-Tomski, um poeta da moda (que gostava de epígrafes italianas e títulos modulares, como “Canções de amor perdedor”, “Urna noturna” e assim por diante), pela notável rima “longa” “*vnemlyu múze ya*” (“ouça a musa”) e “*lyubvikontúziya*” (“contusão amorosa”) que enfrentei com meu melhor (e ainda não usado) achado: “*zápoved*” (mandamento) e “*posápivat*” (fungar). Ele fervia de raiva pelo desprezo de Tolstoi pela arte da guerra e fervia de admiração pelo príncipe Andrey Bolkonski — pois tinha acabado de descobrir *Guerra e paz*, que eu havia lido pela primeira vez aos onze anos (em Berlim, num sofá turco, em nosso apartamento da Privatstrasse, sombriamente rococó, que dava para um jardim dos fundos escuro e úmido com lariços e gnomos que ficaram para sempre naquele livro, como um velho postal).

Eu de repente me vejo em uniforme da escola de oficiais: estamos passeando de novo em direção à aldeia, em 1916, e (como Maurice Gerald e o condenado Henry Pointdexter) trocamos de roupa: Yuri está usando minha calça de flanela branca e gravata listada. Durante uma breve semana em que ele ficou esse ano, inventamos um divertimento especial que nunca vi descrito em nenhum outro lugar. Havia um balanço no centro de um pequeno parque

infantil circular cercado por jasmims, no fundo de nosso jardim. Ajustamos as cordas de tal forma que o assento verde do balanço passasse a poucos centímetros da testa e do nariz de quem ficasse deitado de costas na areia embaixo. Um de nós começava a brincadeira em pé no assento, balançando com impulso cada vez maior; o outro ficava deitado com a nuca num lugar marcado e, de uma altura que parecia enorme, o assento do balanço descia ventando sobre o rosto deitado. E três anos depois, como oficial da cavalaria no exército de Denikin, ele foi morto combatendo os vermelhos no norte da Crimeia. Eu o vi morto em Yalta, toda a parte da frente do crânio afundada pelo impacto das balas, que o haviam atingido como o assento de ferro de um balanço monstruoso, quando, tendo deixado para trás seu destacamento, ele estava temerariamente atacando sozinho um ninho de metralhadoras vermelho. Assim se saciou uma vida inteira de sede de conduta intrépida em combate, com aquele último galope galante de revólver na mão ou espada desembainhada. Se eu tivesse competência para escrever seu epitáfio, podia resumir o assunto dizendo — com palavras mais ricas do que encontrarei aqui — que Yuri governava todas as emoções, todos os pensamentos com um único dom: um sentido de honra equivalente, moralmente, ao ápice absoluto.

2

Recentemente, reli *O cavaleiro sem cabeça* (numa edição sem graça, sem ilustrações). Tem pontos a favor. Tome, por exemplo, aquele bar num hotel de madeira do Texas no ano de Nosso Senhor (como diria o capitão) de 1850, com seu “atendente” de mangas arregaçadas — ele próprio um dândi, uma vez que a camisa era de babados “do mais fino linho e renda”. As garrafas coloridas (entre as quais um relógio holandês “tiquetaqueava estranhamente”) eram como “um arco-íris cintilando atrás de seus ombros”, como “uma auréola circundando sua cabeça perfumada”. De copo em copo, passavam o gelo, o vinho e o uísque *monongahela*. Um cheiro de almíscar, absinto e casca de limão enchia a sala. O brilho dos lampiões de canfina realçava os asteriscos negros produzidos na areia branca do piso “pela expectoração”. Em outro ano de Nosso Senhor, 1941, peguei umas mariposas muito boas na luz néon de um posto de gasolina entre Dallas e Fort Worth.

Entra no bar o vilão, “o mississipense que chicoteia escravos”, o ex-capitão dos Voluntários, o belo, arrogante, carrancudo Cassius Calhoun. Depois de brindar à “América para os americanos, e confusão a todos os intrusos estrangeiros, principalmente os m—tos [uma omissão que me intrigou amargamente quando topei com ela pela primeira vez: mortos? malvistos?] irlandeses!”, ele se chocava intencionalmente com Maurice, o domador de mustangues (lenço vermelho no pescoço, calça de veludo aberta do lado, sangue quente irlandês), um jovem comerciante de cavalos que era na verdade um baronete, *sir* Maurice Gerald, como sua emocionada noiva descobre no final do livro. Emoções erradas como essa podem ter sido uma das razões porque a fama do autor de origem irlandesa se apagou tão depressa no país de adoção.

Imediatamente depois do choque, Maurice pratica diversos atos, na seguinte ordem: deixa o copo no balcão, tira um lenço de seda do bolso, enxuga do peito bordado da camisa “a sujeira do uísque”, transfere o lenço da mão direita para a esquerda, pega do balcão o copo pela metade, joga o que resta do conteúdo na cara de Calhoun, deposita o copo de novo silenciosamente sobre o balcão. Essa sequência eu ainda sei de cor, tantas vezes eu e meu primo a encenamos.

O duelo tem lugar ali mesmo, no salão vazio do bar, os homens usando Colts de seis tiros. Apesar de meu interesse na luta (... ambos foram feridos... o sangue jorrou sobre o piso coberto de areia...), em minha fantasia não consegui deixar de sair do salão para me misturar à multidão silenciosa em frente do hotel, a fim de distinguir (no “escuro perfumado”) certas *señoritas* “de vocação questionável”.

Com ainda mais excitação foi que li sobre Louise Pointdexter, bela prima de Calhoun, filha de um plantador de açúcar, “o mais elevado e altivo de sua classe” (embora seja um mistério para mim por que um velho que planta cana-de-açúcar tenha de ser elevado e altivo). Ela é mostrada nos espasmos do ciúme (que eu costumava sentir tão agudamente nas miseráveis festas em que Mara Rzheluski, uma pálida menina com um arco de seda branca no cabelo preto, de repente e inexplicavelmente parou de prestar atenção em mim), parada na beira de sua *azotea*, a mão branca pousada na pedra do parapeito “ainda úmida do orvalho da noite”, os seios gêmeos subindo e baixando numa respiração

rápida, espasmódica, os seios gêmeos, deixe-me reler, subindo e baixando, a *lorgnette* voltada para...

Essa *lorgnette* eu encontrei depois nas mãos de Madame Bovary, e depois Anna Karenina a usava, depois passou para a posse da dama do cachorrinho de Tchekhov que a perdeu no píer em Yalta. Quando Louise a segurava, dirigia-a às sombras pintalgadas debaixo das *mezquites*, onde o cavaleiro de sua escolha travava uma conversa inocente com a filha de um rico *hacendado*, doña Isidora Covarubio de los Llanos (cuja “cabeleira luxuriante rivalizava com a cauda de um corcel selvagem”).

“Eu tive a oportunidade”, Maurice depois explicou a Louise, de cavaleiro para amazona, “de ser útil a doña Isidora, quando a resgatei uma vez de índios rudes”. “Chama isso de ligeiro serviço!”, exclamou a jovem creole. “Um homem que fizesse isso por *mim...*” “O que você faria por *ele?*” Maurice perguntou, ansioso. “*Pardieu!* Eu o *amaria!*” “Então eu dou metade da minha vida para ver você nas mãos de Gato Selvagem e de seus companheiros bêbados — e a outra metade para livrar você do perigo”.

E aqui encontramos o galante autor interpolando uma estranha confissão: “O beijo mais doce que recebi na vida foi quando uma mulher — uma bela criatura, no campo de caça — se inclinou na sela e me beijou, eu montado na minha.”

A forma verbal “*sate*” [montado], convenhamos, atribui duração e corpo ao beijo que o capitão tão confortavelmente “recebeu”, mas não pude deixar de sentir, mesmo aos onze anos, que aquela troca amorosa centauriana não deixava de ter suas limitações especiais. Além disso, Yuri e eu conhecíamos um rapaz que havia tentado isso, mas o cavalo da moça empurrou o dele para uma vala. Exausto por nossas aventuras no chaparral, ficamos na grama e discutimos mulheres. Nossa inocência me parece agora quase monstruosa, à luz de várias “confissões sexuais” (a serem encontradas em Havelock Ellis e outros), que compreendem criancinhas pequenas cruzando como loucas. Os pardieiros do sexo nos eram desconhecidos. Se tivéssemos ouvido falar de dois rapazes normais se masturbando idiotamente um na presença do outro (como é descrito com tanta simpatia, com todos os cheiros, em romances americanos modernos), a mera ideia de tal ato teria nos parecido tão cômica e impossível como dormir com um âmelo. Nosso ideal era a rainha Guinevere, Isolda, uma *belle dame* não muito impiedosa, a esposa de outro homem, orgulhosa e dócil,

moderna e rápida, de tornozelos magros e mãos finas. As meninas de meias bonitas e sapatilhas que nós e outros meninos encontrávamos nas aulas de dança e nas festas da árvore de Natal tinham todos os encantos, todos os doces e estrelas da árvore preservados em suas íris flamejantes, e nos provocavam, retribuía olhares, participavam com prazer de nossos sonhos vagamente festivos, mas pertenciam, essas ninfetas, a uma outra classe de criaturas, diferente das beldades adolescentes e vampes de chapéu alto que efetivamente desejávamos. Depois de me fazer assinar com sangue um juramento de segredo, Yuri me contou da mulher casada de Varsóvia por quem, aos doze ou treze anos, ele estivera secretamente apaixonado, e com quem fez amor uns dois anos depois. Por comparação, eu teria soado esquelético, eu temia, se contasse a ele de minhas parceiras da praia, mas não consigo me lembrar o que inventei para equiparar com seu romance. Por volta dessa época, porém, me aconteceu de fato uma aventura romântica real. Eu agora vou fazer uma coisa bem difícil, uma espécie de salto mortal duplo com giro galês (velhos acrobatas saberão do que estou falando), e quero silêncio absoluto, por favor.

3

Em agosto de 1910, meu irmão e eu estávamos em Bad Kissingen com nossos pais e tutor (Lenski); em seguida, meu pai e mãe viajaram de Munique para Paris e de volta a São Petersburgo, depois para Berlim onde nós, meninos, com Lenski, estávamos passando o outono e o começo do inverno, cuidando dos dentes. Um dentista americano — Lowell ou Lowen, não lembro exatamente o nome dele — arrancou alguns dentes nossos e encapou outros com arame antes de nos desfigurar com o aparelho. Ainda mais infernal que a ação da pera de borracha soprando dor quente numa cárie eram os chumaços de algodão — eu não suportava o contato seco e rangente — que eram colocados entre a gengiva e a língua para conveniência do dentista. E haveria, na vidraça diante dos olhos impotentes, uma transparência, alguma cena marinha desbotada ou uvas cinzentas, estremecendo com as reverberações maçantes de bondes distantes debaixo do céu maçante. “*In den Zelten achtezehn A*” — o endereço me volta, dançando trocaicamente, seguido de perto pelo movimento sussurrante do táxi elétrico cor de creme que nos levou até lá. Nós esperávamos todas as compensações possíveis como prêmio por essas manhãs horríveis. Meu irmão

adorava o museu de cera da galeria que saía da Unter den Linden: os granadeiros de Friedrich, Bonaparte conversando com uma múmia, o jovem Liszt, que compôs uma rapsódia dormindo, e Marat que morreu numa banheira; e para mim (que ainda não sabia que Marat tinha sido um ardente lepidopterista) havia a loja da esquina dessa galeria, a famosa loja de borboletas Gruber, um paraíso canforado no alto de uma escada íngreme e estreita que eu subia dia sim, dia não, para perguntar se já haviam conseguido para mim afinal a nova thecla de Chapman ou a recém-descoberta branca de Mann. Experimentamos jogar tênis numa quadra pública, mas um vento de inverno ficava soprando folhas mortas e além disso Lenski não sabia jogar de fato, embora insistisse em nos acompanhar, sem tirar o sobretudo, num desequilibrado jogo a três. Em seguida, passamos nossas tardes num ringue de patinação na Kurfürstendamm. Me lembro de Lenski rodando inexoravelmente na direção de uma coluna que ele tentou abraçar ao se chocar com ela com um barulho horrível; e, depois de perseverar um pouco, conformar-se em se sentar num dos camarotes que circundavam o parapeito aveludado, consumindo ali fatias de torta de moca ligeiramente salgada com chantili, enquanto eu, autossuficiente, passava sempre à frente do trôpego e esforçado Sergey, coitado, uma dessas pequenas imagens irritantes que ficam rodando sem parar na cabeça da gente. Uma banda militar (a Alemanha, na época, era a terra da música), liderada por um maestro excepcionalmente agitado, ganhava vida a cada dez minutos, mas não conseguia abafar o ruído incessante e impetuoso das rodas.

Existia na Rússia, e ainda existe, sem dúvida, um tipo especial de rapaz em idade escolar que, sem ser necessariamente atlético na aparência, nem excepcional no alcance mental, muitas vezes não demonstrando, de fato, nenhuma energia em classe, um físico bastante franzino e mesmo, talvez, um toque de consumição pulmonar, se destaca muito fenomenalmente no futebol e no xadrez e aprende com a maior facilidade e elegância qualquer tipo de esporte ou jogo de habilidade (Borya Shik, Kostya Buketov, os famosos irmãos Sharabanov — onde estão eles agora, meus parceiros de jogos e meus rivais?). Eu era um bom patinador no gelo e mudar para patins de rodas não foi mais difícil do que para um homem substituir a navalha comum por um aparelho de barbear. Muito depressa aprendi dois ou três passos complicados na pista de madeira do ringue, e em nenhum salão dancei com mais empenho e habilidade

(nós, Shiks e Buketovs, não somos bons em danças de salão, como regra geral). Os vários instrutores usavam uniformes escarlate, meio hussardos, meio pajens de hotel. Falavam inglês, de um tipo ou de outro. Entre os visitantes regulares, logo notei um grupo de jovens americanas. No começo, elas todas se fundiram num giro comum de clara beleza exótica. O processo de diferenciação começou quando, durante uma de minhas danças solitárias (e poucos segundos antes de eu sofrer o pior tombo que já sofri num rинque), alguém disse algo a meu respeito quando passei rodopiando e uma voz feminina maravilhosa, anasalada, respondeu: “Nossa, ele não é um charme?”

Vejo ainda sua figura alta com costume sob medida azul-marinho. O grande chapéu de veludo era transpassado por um alfinete deslumbrante. Por razões óbvias, resolvi que seu nome era Louise. À noite, eu ficava acordado e imaginava todo tipo de situações românticas, pensava em sua cintura fina e pescoço branco, e me preocupava com um possível desconforto que antes associava apenas à fricção da cueca. Uma tarde, eu a vi parada no saguão do rинque e o mais vistoso dos instrutores, um rufião de cabelo esticado do tipo Calhoun, a segurava pelo pulso e a interrogava com um sorriso de lado, ela desviando o olhar e infantilmente girando o pulso para cá e para lá na garra dele. E na noite seguinte ele levava um tiro, era laçado, enterrado vivo, levava mais um tiro, era estrangulado, furiosamente insultado, friamente alvejado, poupado e deixado vivo para viver sua vergonha.

Lenski com seus altos princípios, mas bastante simplório, estava no exterior pela primeira vez e teve algum trabalho para harmonizar as delícias do turismo com seus deveres pedagógicos. Tiramos vantagem disso e o guiamos a lugares onde nossos pais não teriam deixado que fôssemos. Ele não conseguia resistir ao Wintergarten, por exemplo, e assim, certa noite, nos vimos lá, tomando chocolate gelado num camarote de orquestra. O espetáculo se desenrolava nas linhas de sempre: um mágico em traje a rigor; depois uma mulher com cintilantes diamantes falsos no peito trinando uma ária de concerto em efusões alternadas de luz verde e vermelha; depois um comediante com patins de roda. Entre ele e um número de bicicleta (de que falo mais depois) havia um item do programa chamado “As garotas de gala” e, algo parecido com o choque físico perturbador e indigno que eu sofrera no tombo no rинque, reconheci minhas damas americanas na guirlanda de “garotas” interligadas, de vozes agudas, todas ondulando sem vergonha da esquerda para

a direita e depois da direita para a esquerda, com o erguer ritmado de dez pernas idênticas saindo de dez corolas de babados. Localizei o rosto de minha Louise — e entendi imediatamente que estava tudo acabado, que eu a tinha perdido, que nunca a perdoaria por cantar tão alto, por sorrir com lábios tão vermelhos, por se disfarçar daquela maneira ridícula, tão contrária ao charme de “orgulhosas creoles” ou mesmo “*señoritas* questionáveis”. Não conseguia parar de pensar nela, claro, mas o choque parece ter liberado em mim certo processo indutivo, pois logo notei que *qualquer* evocação da forma feminina viria acompanhada pelo intrigante desconforto que já me era familiar. Perguntei a meus pais a respeito (eles tinham vindo a Berlim para ver como estávamos passando), e meu pai sacudiu o jornal alemão que tinha acabado de abrir e respondeu em inglês (com a paródia de uma possível citação — uma maneira de falar que ele sempre adotava para seguir em frente): “Isso, meu rapaz, é apenas mais uma das absurdas combinações da natureza, como vergonha e cara vermelha ou tristeza e olhos vermelhos.” “*Tolstoy vient de mourir*”, ele acrescentou de repente em outra voz, perplexa, virando-se para minha mãe.

“*Da chto ti* [algo como “minha nossa”]!”, ela exclamou aflita, juntando as mãos no peito. “*Pora domoy* [Hora de voltar para casa]”, ela concluiu, como se a morte de Tolstoi tivesse sido o portento de desastres apocalípticos.

4

E agora vem o número da bicicleta — ou ao menos a minha versão dele. No verão seguinte, Yuri não nos visitou em Vyra e fiquei sozinho para lidar com minha agitação romântica. Em dias chuvosos, agachado ao pé de uma estante pouco usada, na luz fraca que tudo fazia para desencorajar minha furtiva investigação, eu costumava procurar termos obscuros, obscuramente provocantes e enervantes na edição russa de oitenta e dois volumes da *Encyclopedia* de Brockhaus na qual, para economizar espaço, a palavra-título deste ou daquele artigo era reduzida, ao longo de toda uma discussão detalhada, à sua letra inicial maiúscula, de forma que as colunas de texto denso impresso em tipos miúdos, além de exigir a atenção do leitor, adquiriam o inútil fascínio de uma mascarada, na qual a abreviação de uma palavra não tão conhecida fazia um jogo de esconde-esconde com nossos olhos ávidos...

“Moisés tentou abolir a P. mas fracassou... Em tempos modernos, a P. hospitaleira floresceu na Áustria sob Maria Theresa... Em muitas partes da Alemanha, os proventos da P. iam para o clero... Na Rússia, a P. é tolerada oficialmente desde 1843... Seduzida aos dez ou doze anos por seu senhor, pelos filhos dele ou um de seus lacaios, uma órfã quase invariavelmente termina na P.” — e assim por diante, tudo ajudando a enriquecer de mistério, mais que elucidar sobriamente, as alusões ao amor meretrício que encontrei durante meus primeiros mergulhos em Tchekhov ou Andreiev. Caçar borboletas e vários esportes ocupavam as horas de sol, mas nenhuma quantidade de exercício podia evitar a inquietação que, toda noite, me impelia a vagas viagens de descoberta. Depois de cavalgar a maior parte da tarde, rodar de bicicleta num entardecer colorido era uma sensação curiosamente sutil, quase desencarnada. Eu tinha invertido e abaixado a um nível inferior ao selim o guidão de minha bicicleta Enfield, transformando-a em minha concepção de um modelo de corrida. Deslizava pelas trilhas do parque, seguindo as marcas de ontem dos pneus Dunlop; evitando cuidadosamente as saliências das raízes das árvores; escolhendo um graveto caído e o partindo com a sensível roda dianteira; serpenteando entre duas folhas chatas e depois entre uma pedrinha e um buraco de onde ela havia sido desalojada na tarde anterior; aproveitando o breve chão plano de uma ponte sobre um ribeirão; contornando a cerca de arame da quadra de tênis; abrindo com a roda o portãozinho caído do fim do parque e então, num êxtase melancólico de liberdade, acelerando pelas margens endurecidas, agradavelmente aglutinadas, das longas estradas campestres.

Nesse verão, eu passava sempre na frente de uma certa isbá, dourada à luz do sol baixo, na porta da qual Polenka, filha de nosso cocheiro principal, Zahar, uma garota da minha idade, esperava, encostada ao umbral, os braços nus cruzados no peito de um jeito macio, confortável, peculiar à Rússia rural. Ela me via chegar com um maravilhoso brilho de boas-vindas no rosto, mas quando eu me aproximava isso mudava para um meio sorriso, depois para uma tênue luz nos cantos dos lábios comprimidos e, finalmente, também isso desaparecia, de forma que quando eu chegava a ela não havia nenhuma expressão em seu rosto redondo e bonito. Assim que eu passava, porém, e virava para trás um instante para um último olhar antes de subir a colina, as covinhas estavam de volta, a luz enigmática brincando de novo nos traços afetuosos. Nunca falei com ela, mas muito depois de eu ter parado de andar de

bicicleta àquela hora, nosso relacionamento ocular se renovou de quando em quando durante dois ou três verões. Ela aparecia do nada, sempre parada um pouco longe, sempre descalça, esfregando o arco do pé esquerdo na panturrilha direita ou coçando com o quarto dedo o repartido dos cabelos castanho-claros, e sempre encostada em coisas — na porta do estábulo enquanto meu cavalo era selado, no tronco de uma árvore quando todos os servidores do campo estavam se despedindo de nós, de partida para o inverno na cidade numa fria manhã de setembro. Toda vez, seu peito parecia um pouco mais macio, os braços um pouco mais fortes, e uma ou duas vezes distingui, antes que ela desaparecesse de meu horizonte (aos dezesseis anos se casou com um ferreiro numa aldeia distante), um brilho de suave caçoada nos olhos separados, cor de avelã. Estranho dizer, ela foi a primeira a ter a força pungente de, por meramente *não* permitir que o sorriso murchasse, abrir um buraco ardente em meu sono e de me fazer despertar para uma pegajosa consciência, sempre que sonhava com ela, embora na vida real eu tivesse ainda mais medo de sentir repulsa por seus pés imundos e roupas de cheiro amanhecido do que de insultá-la com a vulgaridade de abusos quase senhoriais.

5

Existem dois aspectos dela especialmente vívidos que eu gostaria de erguer simultaneamente diante de meus olhos para concluir sua imagem que me persegue. O primeiro viveu longo tempo dentro de mim, bem separado da Polenka que eu associava a portas e pores do sol, como se eu tivesse vislumbrado uma encarnação ninfal de sua pobre beleza que era melhor ser deixada em paz. Num dia de junho, no ano em que ela e eu tínhamos treze anos, nas margens do Oredezh, eu estava empenhado em capturar algumas borboletas chamadas parnasianas — *Parnassius mnemosyne*, para ser exato —, estranhas borboletas de antiga linhagem, com asas farfalhantes, brilhantes, semitransparentes, e abdome sedoso em forma de dardo. Minha busca me levava a uma moita densa de racemosos branco-leitosos e alnos mais escuros na beira de um rio azul e frio, quando de repente houve uma forte explosão de água espirrada e gritos, e de trás de um arbusto fragrante vi Polenka e três ou quatro outras crianças nuas se banhando nas ruínas de uma velha casa de banhos poucos metros adiante. Molhada, ofegando, uma narina do nariz

arrebicado escorrendo, as costelas do corpo adolescente arqueadas debaixo da pele clara e arrepiada, as panturrilhas pintalgadas de lama escura, um pente curvo queimando no cabelo escuro de umidade, ela se afastava do assobio e do estalo das hastes de lírios-d'água que uma garota de barriga de tambor e cabeça raspada e um adolescente desavergonhadamente excitado com uma espécie de fio na cintura, localmente usado contra mau-olhado, estavam arrancando da água e as usando num ataque contra ela; e por um ou dois segundos — antes que eu me afastasse numa névoa escura de repulsa e desejo — vi uma estranha Polenka estremecer e se agachar nas pranchas de um cais meio quebrado, cobrindo os seios com os braços dobrados contra o vento leste, enquanto provocava seus perseguidores com a ponta da língua.

A outra cena se refere a um domingo por volta do natal de 1916. Da plataforma silenciosa e coberta de neve da pequena estação de Siverski na linha de Varsóvia (era a mais próxima de nossa casa de campo), eu olhava um bosque prateado distante se transformar em chumbo sob o céu do anoitecer, esperando a emissão da fumaça violeta insossa do trem que me levaria de volta a São Petersburgo depois de um dia de esqui. A fumaça apareceu de fato e no mesmo momento, ela e outra moça passaram por mim, pesadamente agasalhadas, com grandes botas de feltro e horrendos casacos compridos, sem forma, acolchoados, com o forro aparecendo em partes rasgadas do pano preto grosseiro, e ao passar, Polenka, com uma mancha roxa debaixo do olho e o lábio inchado (o marido batia nela aos sábados?), observou em tons melódicos e saudosos para ninguém em particular: “*A barchuk-to menya ne priznal* [Olhe, o patrãozinho não me conhece]” — e essa foi a única vez que a ouvi falar.

6

As noites de verão de minha meninice, que eu costumava passar diante de seu chalé, me falam hoje com essa sua voz. Numa trilha entre campos, que encontrava a estrada desolada, eu desmontava e apoiava minha bicicleta contra um poste de telégrafo. Um pôr do sol, quase formidável em seu esplendor, pairava no céu totalmente exposto. Entre seus acúmulos cambiantes imperceptíveis, podia-se captar detalhes estruturais do vitral brilhante de organismos celestiais, ou fendas luminosas em extensões escuras, ou praias planas, etéreas, que pareciam miragens de ilhas desertas. Na época, eu não sabia

(como agora sei perfeitamente) o que fazer com essas coisas — como me livrar delas, como as transformar em algo que possa ser dirigido ao leitor em caracteres impressos para *ele* lidar com o arrepio abençoado —, e essa incapacidade reforçava minha opressão. Uma sombra colossal começaria a invadir os campos, os postes de telégrafo zumbiam no silêncio — e os que comem à noite subiam pelos caules de suas plantas. Mastiga, mastiga, mastiga — vinha uma linda lagarta listada, que não constava em Spuler, pendurada da haste de uma campânula, trabalhando com as mandíbulas ao longo das beiradas da folha mais próxima que devorava tranquilamente num semicírculo, depois estendia o pescoço e de novo se curvava gradualmente, à medida que aprofundava a nítida curva côncava. Automaticamente, eu poderia colocá-la, com um pedaço de sua planta, dentro de uma caixa de fósforos para levar para casa e deixar que produzisse no ano seguinte uma esplêndida surpresa, mas estava com a cabeça em outra coisa: Zina e Colette, minhas companheiras de praia; Louise, espalhafatosa, todas as garotinhas afogueadas, de cílios baixos e cabelos sedosos das festas animadas; a langorosa condessa G., dama de meu primo; Polenka sorrindo na agonia de meus novos sonhos — tudo se fundia para dar forma a alguém que eu não conhecia, mas que logo conheceria.

Me lembro de um pôr do sol específico. Que emprestou uma fagulha à campainha de minha bicicleta. No alto, acima da música negra dos fios de telégrafo, uma porção de nuvens compridas, violeta-escuro entremeadas de rosa-flamingo, pendiam imóveis num arranjo em leque; a coisa toda era como alguma prodigiosa ovação em termos de cor e forma! Aquilo estava morrendo, entretanto, e tudo mais escurecia também; mas pouco acima do horizonte, num espaço lícido e turquesa, debaixo de estratos negros, o olho encontrava uma vista que só um tolo tomaria erradamente por partes sobressalentes desse ou de qualquer outro pôr do sol. Aquilo ocupava um setor muito pequeno do céu enorme e tinha a peculiar nitidez de algo visto pelo lado errado de um telescópio. Lá estava, à espera, uma família de serenias nuvens em miniatura, um acúmulo de convoluções brilhantes, anacrônicas em sua cremosidade e extremamente remotas; remotas mas perfeitas em todos os detalhes; fantasticamente reduzidas, mas modeladas sem defeito; meu maravilhoso amanhã pronto para ser entregue a mim.

Capítulo onze

1

Para reconstruir o verão de 1914, quando a surda fúria de fazer versos tomou conta de mim, tudo o que preciso é visualizar certo pavilhão. Lá, o rapaz magro de quinze anos que eu era então buscou abrigo durante uma tempestade, das quais houve um número desordenado naquele julho. Eu sonho com meu pavilhão ao menos duas vezes por ano. Como regra geral, ele aparece em meus sonhos bem independente do assunto em questão que, é claro, pode ser qualquer coisa, de abdução a zoolatria. Fica rondando, por assim dizer, com a discrição da assinatura de um artista. Eu o encontro pendurado num canto da tela do sonho ou arditosamente escondido em alguma parte ornamental do quadro. Às vezes, porém, parece estar suspenso a meia distância, um tantinho barroco, e no entanto afinado com as lindas árvores, um pinheiro escuro e uma bétula clara, cuja seiva um dia correu por seus troncos. Losangos de vitral vermelho-vinho, verde-garrafa e azul-céu emprestam um ar de capela à treliça de seus caixilhos. É exatamente como era na minha infância, uma estrutura sólida de madeira acima de uma ravina cheia de samambaias numa parte velha de nosso parque de Vyra, à margem do rio. Do jeito que era, ou talvez um pouco mais perfeito. Na coisa real, estavam faltando alguns vidros, dentro havia folhas secas sopradas pelo vento. A pontezinha estreita que arqueava sobre o riacho em sua parte mais funda, com o pavilhão se erguendo no meio do caminho como um arco-íris coagulado, estava tão escorregadia depois de uma chuarada como se tivesse sido pintada com algum unguento escuro e, em certo sentido, mágico. Etimologicamente, “pavilhão” e “*papilio*” estão

intimamente relacionados. No interior, não havia nada de mobília, exceto uma mesa dobrável com os suportes enferrujados presos à parede debaixo da janela leste, através da qual, por meio de dois ou três compartimentos sem vidro ou palidamente envidraçados, de grossos azuis e vermelhos bêbados, dava para vislumbrar o rio. Na tábua do piso aos meus pés, uma mutuca morta, de costas, perto dos restos marrons de um amentilho de bétula. E as manchas de cal se desintegrando na parte de dentro da porta haviam sido usadas por vários invasores para rabiscar coisas como: “Dasha, Tamara e Lena estiveram aqui”, ou “Abaixo a Áustria!”.

A tempestade passou depressa. A chuva, que tinha sido uma massa de água caindo violentamente, a ponto de fazer as árvores torcerem e retorcerem, reduzira-se de repente a linhas oblíquas de ouro silencioso se quebrando em traços curtos e longos contra o pano de fundo de agitação vegetal. Golfos de azul voluptuoso estavam se expandindo entre grandes nuvens, monte sobre monte de puro branco e cinza-arroxeadado, *lepota* (russo antigo para “beleza imponente”), mitos em movimento, guache e guano, entre cujas curvas podia-se discernir uma alusão mamária ou a máscara mortuária de um poeta.

A quadra de tênis era uma região de grandes lagos.

Além do parque, acima dos campos fumegantes, um arco-íris se esgueirou visível; os campos terminavam na fronteira escura chanfrada de uma remota floresta de pinheiros; parte do arco-íris a atravessava, e aquele setor da borda da floresta cintilava quase magicamente através do véu iridescente, verde pálido e rosa, estendido diante dele: uma ternura e uma glória que transformavam em parentes pobres os reflexos romboides, coloridos que a volta do sol produzira no piso do pavilhão.

Um momento depois, começou meu primeiro poema. O que o detonou? Acho que sei. Sem nenhum vento soprando, o simples peso de uma gota de chuva, brilhando num luxo parasitário sobre uma folha cordiforme, fez sua ponta se curvar, e o que parecia um glóbulo de mercúrio realizou um repentino *glissando* pelo veio central e então, tendo entregado sua carga luminosa, a folha aliviada se endireitou. Ponta, preteza, gota, leveza — o instante que isso tudo levou para acontecer me pareceu não tanto uma fração de tempo, mas uma fissura nele, uma batida de coração perdida, que se reconstituiu de imediato em um tamborilar de rimas: digo “tamborilar” intencionalmente, pois quando uma rajada de vento realmente vinha, as árvores começavam bruscamente a

pingar todas juntas numa grosseira imitação do recente gotejar, da mesma forma que a estância que eu já estava sussurrando parecia o choque de assombro que eu havia experimentado quando por um momento coração e folha tinham sido um só.

2

No ávido calor do começo da tarde, bancos, pontes e troncos (todas as coisas, de fato, exceto a quadra de tênis) estavam secando com incrível rapidez e logo pouco restava de minha inspiração inicial. Embora a clara fissura tivesse se fechado, teimosamente continuei compondo. Meu instrumento por acaso era russo, mas podia igualmente ser ucraniano, inglês básico ou volapuque. O tipo de poema que eu produzi nessa época dificilmente ia além de um sinal que eu dava de estar vivo, de passar ou ter passado, ou esperando passar, por certas emoções humanas intensas. Era um fenômeno de orientação mais que de arte, comparável a faixas de tinta numa pedra à beira da estrada ou a um monte de pedras empilhadas marcando uma trilha montanhosa.

Em certo sentido, porém, toda poesia é posicional: tentar expressar a própria posição a respeito do universo abarcado pela consciência é um impulso imemorial. Os braços da consciência se estendem e prendem, e quanto mais longos são, melhor. Tentáculos, não asas, são os membros naturais de Apolo. Vivian Bloodmark, um amigo filosófico meu, em anos recentes costumava dizer que enquanto o cientista vê tudo o que acontece em um ponto do espaço, o poeta sente tudo o que acontece em um ponto do tempo. Perdido em pensamento, ele batuca no joelho com a varinha mágica de seu lápis e no mesmo instante um carro (placa de Nova York) passa pela rua, uma criança bate uma porta de tela numa varanda vizinha, um velho boceja num pomar enevoadado do Turquestão, um grânulo de areia cinza rola levado pelo vento em Vênus, um *docteur* Jacques Hirsch, em Grenoble, põe os óculos de leitura e trilhões de outras miudezas assim ocorrem — todas formando um organismo de eventos instantâneo e transparente, do qual o poeta (sentado numa cadeira de gramado em Ítaca, N.Y.) é o núcleo.

Nesse verão, eu ainda era muito jovem para desenvolver qualquer riqueza de “sincronização cósmica” (para citar de novo meu filósofo). Mas efetivamente descobri que uma pessoa que espera se tornar poeta tem de ter a capacidade de

pensar em diversas coisas ao mesmo tempo. No curso das lânguidas perambulações que acompanharam a composição de meu primeiro poema, encontrei o velho mestre-escola, um socialista ardoroso, bom homem, intensamente dedicado a meu pai (saúdo sua imagem outra vez), sempre com um apertado ramallete de flores silvestres, sempre sorrindo, sempre suando. Enquanto discutia educadamente com ele a repentina viagem de meu pai à cidade, registrei, simultaneamente, e com igual clareza, não só suas flores murchas, a gravata esvoaçante e os pontos negros das volutas de suas narinas carnosas, como também a vozinha apagada de um cuco que vinha de longe e o lampejo de uma sofia pousando na estrada, e a impressão relembada de quadros (pragas agrícolas ampliadas e escritores russos barbudos) nas bem arejadas salas da escola da aldeia que eu havia visitado uma ou duas vezes; e — para continuar uma tabulação que dificilmente fará justiça à etérea simplicidade de todo o processo — a pulsação de alguma lembrança absolutamente irrelevante (um pedômetro que eu havia perdido) liberou-se de uma célula cerebral vizinha e o sabor da haste de grama que eu estava mascando se misturou com a nota do cuco e com o súbito voo da fritilária, e o tempo todo eu estava ricamente, serenamente consciente de minha múltipla consciência.

Ele sorriu e fez uma curvatura (à maneira efusiva dos radicais russos), deu alguns passos para trás, virou e elegantemente seguiu seu caminho, enquanto eu retomava o fio de meu poema. Durante o breve tempo em que eu estava envolvido em outra coisa, algo parecia ter acontecido às palavras que eu já havia juntado: elas não se mostravam mais tão lustrosas como antes da interrupção. Cruzou minha mente certa suspeita de que eu podia estar lidando com simulacros. Felizmente, esse frio pestanejar de percepção crítica não durou. O fervor que eu vinha tentando reproduzir predominou outra vez e levou seu meio de volta a uma vida ilusória. As fileiras de palavras que revisei estavam de novo tão brilhantes, com seus pequenos peitos inchados e uniformes caprichados, que descartei como mero capricho o fraquejar que eu havia notado com o canto dos olhos.

À parte a crédula inexperiência, um jovem versificador russo tinha de enfrentar uma limitação especial. Contrastando com o rico vocabulário do verso satírico ou narrativo, a elegia russa sofria de um caso sério de anemia verbal. Só em mãos muito experientes podia transcender sua origem humilde — a pálida poesia do século XVIII na França. Verdade, em minha época uma nova escola estava a ponto de romper todos os velhos ritmos, mas era ainda a esses que o principiante conservador se voltava em busca de um instrumento neutro — possivelmente porque não queria ser desviado da expressão simples de emoções simples por aventuras em formas arriscadas. A forma, porém, se vingava. As fórmulas bastante monótonas em que os poetas russos do começo do século XIX torceram a flexível elegia resultaram em certas palavras, ou tipos de palavras (como os equivalentes russos para *fol amour* ou *langoureux et rêvant*), sendo emparelhadas insistentemente, e os líricos posteriores não conseguiriam se livrar disso por um século inteiro.

Num arranjo especialmente obsessivo, peculiar ao jâmbico de quatro a seis pés, um adjetivo longo, tortuoso, ocupava as primeiras quatro ou cinco sílabas dos últimos três pés do verso. Um bom exemplo de tetrâmetro seria *ter-pi beschis-len-ni-e mu-ki* (suportar in-cal-cu-lá-veis tor-mentos). O jovem poeta russo estava sujeito a deslizar com fatal facilidade nesse sedutor abismo de sílabas, e escolho *beschislennie* para ilustrá-lo apenas porque se traduz bem; os favoritos de fato eram componentes elegíacos típicos como *zadumchivie* (pensativo), *utrachennie* (perdido), *muchitel'nie* (angustiado) e assim por diante, todos acentuados na segunda sílaba. Apesar de seu grande tamanho, uma palavra desse tipo tinha apenas um assento próprio e, conseqüentemente, a penúltima tônica métrica do verso encontrava uma sílaba normalmente não acentuada (*ni* no exemplo russo, “*lá*” no exemplo inglês). Isso produzia um movimento agradável que, no entanto, era um efeito conhecido demais para redimir a banalidade de significado.

Principiante inocente, caí em todas as armadilhas do epíteto melodioso. Não que eu não tenha lutado. De fato, estava trabalhando duro em minha elegia, fazendo esforços sem fim sobre cada verso, escolhendo e rejeitando, rolando as palavras na língua com o olhar parado da solenidade do provador de chá, e mesmo assim vinha aquela atroz traição. A moldura impelia o quadro, a

casca dava forma à polpa. O lugar-comum da ordem das palavras (verbo curto ou pronome — adjetivo longo — substantivo curto) engendrava o lugar-comum do pensamento desordenado, e versos como *poeta gorestinie gryozi*, traduzível e acentuado como “as divagações melancólicas do poeta”, levava fatalmente a um verso rítmico terminado com *rozi* (rosas) ou *beryozi* (bétulas) ou *grozi* (tempestades), de forma que certas emoções eram conectadas a certos ambientes não por um ato livre da vontade, mas pela fita desbotada da tradição. Mesmo assim, quanto mais perto de estar pronto o poema chegava, mais certo eu ficava de que aquilo que eu visse diante de mim seria visto pelos outros. Ao focar meus olhos sobre o canteiro de flores em forma de rim (e notar uma pétala rosada caída na terra e uma formiguinha investigando sua borda em decomposição) ou considerando a ilharga bronzeada de um tronco de bétula onde algum vagabundo a havia despido do papel de sua casca grisalha, eu realmente acreditava que tudo isso seria percebido pelo leitor através do véu mágico de minhas palavras como *utrachennie rozi* ou *zadumchivoy beryozi*. Não me ocorreu então que, longe de ser um véu, essas palavras pobres eram tão opacas que, de fato, formavam uma parede na qual tudo o que se podia distinguir eram retalhos desgastados dos poetas maiores e menores que eu imitava. Anos mais tarde, no esquálido subúrbio de uma cidade estrangeira, me lembro de ver um tapume cujas tábuas haviam sido trazidas de algum outro lugar onde foram usadas, aparentemente, como cerca de um circo itinerante. Um pregoeiro versátil havia desenhado animais nelas; mas quem removera as tábuas e depois as juntara de novo, devia ser cego ou louco, porque agora a cerca mostrava apenas partes desconjuntadas de animais (algumas, além do mais, de cabeça para baixo) — uma anca parda, uma cabeça de zebra, uma pata de elefante.

4

No plano físico, meu intenso esforço era marcado por uma variedade de atitudes ou posturas indistintas, como andar, sentar, deitar. Cada uma dessas coisas se rompia outra vez em fragmentos sem importância espacial: no estágio caminhada, por exemplo, eu podia estar vagando no fundo de um parque num momento, e no momento seguinte marchando pelas salas da casa. Ou, para falar do estágio sentado, de repente me dava conta de que um prato de alguma

coisa que eu não conseguia nem me lembrar de ter provado estava sendo retirado e que minha mãe, com a face esquerda tremendo como sempre tremia quando estava preocupada, ali de seu lugar na ponta da mesa, observava atentamente meu humor e falta de apetite. Eu erguia a cabeça para explicar — mas a mesa havia sumido e eu estava sentado sozinho num toco à beira da estrada, a haste de minha rede de borboletas, em movimento metronômico, desenhando arco após arco na areia amarronzada; arco-íris de terra com variações na profundidade do traço indicando diferentes cores.

Quando eu estava inevitavelmente comprometido em concluir meu poema ou morrer, chegou o estado mais próximo do transe. Sem nem uma pontada de surpresa, eu me vi, entre todos os lugares, num sofá de couro na sala fria, mofada, pouco usada, que tinha sido o estúdio de meu avô. Nesse sofá fiquei deitado, numa espécie de congelamento reptiliano, um braço pendurado, de forma que os nós de meus dedos tocavam de leve as figuras florais do tapete. Quando saí desse transe, a flora esverdeada ainda estava lá, meu braço ainda estava pendurado, mas eu agora estava prostrado na beira de um molhe rangente e as ninfeias que eu tocava eram reais, as sombras gordas da folhagem dos amieiros ondulavam na água — apoteoses de manchas de tinta, amebas gigantescas — palpitando ritmadamente, estendendo e recolhendo seus pseudópodes que, quando contraídos, quebravam nas margens arredondadas em máculas fluidas e fugidias, e essas se juntavam de novo para reformular os terminais tateantes. Me recolhi de novo à minha névoa privada e, quando emergi outra vez, o suporte de meu corpo estendido havia se transformado em um banco baixo do parque, e as sombras vivas, entre as quais minha mão mergulhava, agora se mexiam no chão, entre tonalidades de violeta em vez do preto e verde aquosos. Nesse estado, importavam tão pouco as medidas normais da existência que eu não me surpreenderia se saísse desse túnel diretamente em Versailles, no Tiergarten, ou na Floresta Nacional das Sequoias; e, inversamente, quando o velho transe ocorre hoje em dia, estou bastante preparado para me ver, quando acordo, no alto de certa árvore, acima do banco manchado de minha infância, a barriga apertada ao galho grosso, confortável, e um braço pendurado entre as folhas sobre as quais as sombras de outras folhas se movimentam.

Vários sons me atingiam em minhas várias situações. Podia ser o gongo do jantar, ou algo menos usual, como uma música ruim ou um realejo. Em algum

lugar perto dos estábulos, o velho andarilho rodava a manivela, e por força de impressões mais diretas impregnadas em anos mais recentes, eu o via mentalmente do meu poleiro. Pintados na frente de seu instrumento, uma espécie de camponeses dos Bálcãs dançando entre salgueiros palmáceos. De quando em quando, ele mudava a manivela de uma mão para a outra. Eu via a malha e a saia de sua macaquinha fêmea careca, seu colarinho, a ferida viva no pescoço, a corrente que ela agarrava cada vez que o homem puxava, machucando-a seriamente, e os vários criados parados em torno, olhando de boca aberta, sorrindo — gente simples incrivelmente fascinada pelas “proezas” de uma macaca. Outro dia mesmo, perto do lugar onde estou registrando estes assuntos, encontrei um fazendeiro e seu filho (o tipo de menino esperto e saudável que se vê em anúncios de alimentos matinais) igualmente interessados na visão de um gato jovem torturando um filhote de esquilo — deixando que corresse uns centímetros e batendo nele outra vez. A maior parte do rabo do esquilo havia desaparecido, o cotoco estava sangrando. Como não podia escapar correndo, o sujeitinho tentou um último recurso: parou e deitou de lado a fim de se fundir com um pouco de luz e sombra na terra, mas o ofegar muito violento de seu flanco o entregava.

O fonógrafo da família, que a chegada da noite colocava em ação, era outro instrumento musical que eu podia ouvir através de meu verso. Na varanda onde nossos parentes e amigos se reuniam, ele emitia pelo bocal de latão o que chamavam de *tsiganskie romansi*, adorado por minha geração. Eram imitações mais ou menos anônimas de canções ciganas — ou imitações dessas imitações. O que constituía sua ciganice era um profundo gemido monótono cortado por uma espécie de soluço, o partir-se audível de um coração apaixonado. Na melhor das hipóteses eram responsáveis pela nota estrepitosa que vibrava aqui e ali nas obras de poetas de verdade (penso especialmente em Alexander Blok). Na pior, podiam ser comparadas às coisas apaches compostas por mansos homens de letras e entregues a damas pesadas nas casas noturnas de Paris. Seu ambiente natural era caracterizado por rouxinóis em prantos, lilases floridos e alamedas de árvores sussurrantes que enfeitavam os parques da aristocracia dona de terras. Esses rouxinóis trinavam e num bosque de pinheiros o sol poente riscava os troncos de vermelho fogo em diferentes níveis. Um tamborim, ainda soluçante, parecia jazer no musgo que escurecia. Por um

momento, as últimas notas da contralto rouca me perseguiram no anoitecer. Quando o silêncio voltou, meu primeiro poema estava pronto.

5

Era realmente uma mistura terrível, contendo muitos empréstimos além de suas modulações pseudo-pushkinianas. Um eco do trovão de Tyutchev e um raio de sol refletido de Fet eram as únicas coisas desculpáveis. Quanto ao resto, me lembro vagamente da menção à “ferroada da memória” — *vospominan'ya zhalo* (que eu realmente havia visualizado como o ovipositor de uma mosca icneumonídea montada numa lagarta do repolho, mas não ousara dizê-lo) — e algo sobre o encanto de outrora de um realejo distante. O pior de tudo eram as cópias desavergonhadas de letras do tipo *tsiganski* de Apuhtin e do grão-duque Konstantin. Eles costumavam ser oferecidos insistentemente a mim por uma tia jovem e bem atraente que era capaz de despejar também a famosa obra de Louis Bouilhet (*À une femme*), na qual um arco de violino metafórico é usado incongruamente para tocar um violão metafórico, e muitas coisas de Ella Wheeler Wilcox — um tremendo sucesso com a imperatriz e as damas de companhia. Parece não valer a pena acrescentar que, quanto a temas, minha elegia tratava da perda da amante adorada — Delia, Tamara ou Lenore — que eu não havia nunca perdido, nunca amado, nunca conhecido, mas estava completamente pronto a conhecer, amar e perder.

Em minha tola inocência, acreditei que o que eu havia escrito era uma coisa bonita, maravilhosa. Quando a levei para casa, ainda não escrita, mas tão completa que até as pontuações estavam impressas em meu cérebro como a dobra do travesseiro na carne do adormecido, eu não tinha dúvidas de que minha mãe saudaria minha realização com lágrimas de orgulho e satisfação. Não me ocorreu a possibilidade de ela estar, naquela noite específica, ocupada demais com outros acontecimentos para ouvir versos. Nunca em minha vida eu precisara tanto de seus elogios. Nunca eu tinha me sentido tão vulnerável. Meus nervos estavam à flor da pele por causa do escuro da terra, que eu não tinha percebido a se esconder, e a nudez do firmamento, que eu não havia notado a se despir antes. No alto, entre as árvores sem forma que bordejavam o caminho dissolvido, o céu da noite estava pálido de estrelas. Naqueles anos, aquela maravilhosa confusão de constelações, nebulosas, falhas interestelares e

todo o resto do show assombroso provocava em mim uma indescritível sensação de náusea, de pânico absoluto, como se eu estivesse pendurado da terra de cabeça para baixo à beira do espaço infinito, com a gravidade terrestre me segurando ainda pelos calcanhares, mas a ponto de me soltar a qualquer momento.

A não ser por duas janelas de canto do andar superior (a saleta de minha mãe), a casa já estava escura. O vigia da noite abriu o portão para mim e devagar, com cuidado, para não desmanchar os arranjos de palavras de minha cabeça dolorida, subi a escada. Minha mãe estava reclinada no sofá com o *Rech* de São Petersburgo nas mãos e um *Times* de Londres ainda fechado no colo. Um telefone branco brilhava na mesa de tampo de vidro ao lado dela. Mesmo tão tarde, ela ainda esperava que meu pai telefonasse de São Petersburgo onde havia sido retido pela tensão da guerra que se aproximava. Havia uma poltrona ao lado do sofá, mas eu sempre a evitava por causa do cetim dourado, cujo mero aspecto fazia uma franja de tremor percorrer minha espinha como relâmpagos noturnos. Com uma pequena tosse, sentei num apoio de pés e comecei a recitar. Enquanto estava assim engajado, olhava a parede distante na qual vejo tão claramente em retrospecto alguns pequenos daguerreótipos e silhuetas em molduras ovais, uma aquarela de Somov (jovens bétulas, a metade de um arco-íris — tudo muito dissolvido e enevoado), um esplêndido outono em Versailles de Alexandre Benois, e um desenho a crayon que a mãe de minha mãe havia feito na mocidade — aquele pavilhão do parque outra vez com suas lindas janelas parcialmente cobertas por ramos entrelaçados. O Somov e o Benois estão agora em algum museu soviético, mas o pavilhão jamais será nacionalizado.

Como minha memória hesitou um momento na entrada da última estância, onde tantas palavras de abertura haviam se amarrado que a finalmente selecionada estava agora um pouco camuflada por um conjunto de falsas entradas, ouvi minha mãe fungar. Então terminei de recitar e olhei para ela. Estava sorrindo em êxtase através das lágrimas que corriam por seu rosto. “Que maravilha, que bonito”, ela disse, e com a ternura de seu sorriso ainda crescendo, me passou um espelho de mão para que eu visse a mancha de sangue em minha face onde, em algum momento indeterminado, eu havia esmagado um mosquito de barriga cheia com o ato inconsciente de levar o rosto à mão. Mas eu vi mais do que isso. Olhando em meus olhos, tive a

chocante sensação de encontrar meros resíduos do meu eu usual, pedaços de uma identidade evaporada que minha razão precisou de um grande esforço para reunir de novo no espelho.

Capítulo doze

1

Quando conheci Tamara — para lhe dar um nome concolor a seu nome real — ela estava com quinze anos, e eu era um ano mais velho. O local era um campo rústico, mas acolhedor (abetos negros, bétulas brancas, turfeiras, campos de feno e terra nua) pouco ao sul de São Petersburgo. Uma guerra distante estava se arrastando. Dois anos depois, aquele trivial *deus ex machina*, a Revolução Russa, veio, provocando a remoção do cenário inesquecível. De fato, já então, em julho de 1915, sombrios presságios e rumores nos bastidores, o bafo quente de levantes fabulosos, estavam afetando a chamada escola “simbolista” da poesia russa — especialmente o verso de Alexander Blok.

Durante o começo daquele verão e ao longo de todo o verão anterior, o nome de Tamara aparecia (com a fingida ingenuidade tão típica do Destino, quando empenhado numa transação) aqui e ali em nossa propriedade (Entrada Proibida) e na terra de meu tio (Entrada Estritamente Proibida) na margem oposta do Oredezh. Eu o encontrava escrito com um graveto na areia avermelhada de uma avenida do parque, ou riscado num portão caído, ou recém-entalhado (mas não completo) na madeira de algum banco antigo, como se a Mãe Natureza estivesse me dando misteriosos avisos prévios da existência de Tamara. Naquela silenciosa tarde de julho, quando a descobri parada, imóvel (só os olhos se moviam) num bosque de bétulas, ela parecia ser fruto de geração espontânea ali mesmo, entre aquelas árvores vigilantes, com a silenciosa completude de uma manifestação mitológica.

Ela matou com um tapa uma mutuca que estivera esperando pousar e foi em frente para alcançar duas outras moças, não tão bonitas, que a chamavam. Então, de um ponto privilegiado rio acima, eu as vi passarem por cima da ponte, batendo os saltos altos, as três com as mãos nos bolsos dos casacos azul-marinho e, por causa das moscas, sacudindo de vez em quando as cabeças enfeitadas com fitas e flores. Não demorou para eu localizar Tamara na modesta *dachka* (chalé de verão) que a família alugava na aldeia. Eu andava a cavalo ou de bicicleta pela vizinhança e com a súbita sensação de uma estonteante explosão (depois da qual meu coração levava um longo tempo para voltar de onde havia pousado) costumava cruzar com Tamara nesta ou naquela suave curva da estrada. A Mãe Natureza eliminou primeiro uma de suas companheiras, depois a outra, mas não antes de agosto — 9 de agosto de 1915, para ser petraricamente exato, às quatro e meia daquela mais linda tarde da estação no pavilhão de janelas de arco-íris em que eu havia notado minha invasora entrar — só então consegui reunir coragem suficiente para falar com ela.

Vista através das lentes cuidadosamente limpas do tempo, a beleza de seu rosto é tão próxima e tão brilhante como sempre. Ela era baixa e pendia um pouco para o lado mais cheinho, mas muito graciosa, com os tornozelos finos e a cintura flexível. Uma gota de sangue tártaro ou circassiano devia ser responsável pelos olhos pretos e alegres ligeiramente puxados e pelo tom mais escuro de sua face em flor. Uma ligeira penugem, semelhante à que se encontra em frutas do grupo das amêndoas, delineava seu perfil com uma fina aura radiosa. Ela acusava o seu cabelo volumoso e castanho de ser indomável e opressivo, e ameaçava cortá-lo curto, como de fato cortou um ano depois, mas sempre me lembro dele como o conheci, ferozmente preso numa trança grossa, enrolada na nuca e amarrada ali com um grande laço de seda preta. Seu lindo pescoço estava sempre nu, mesmo no inverno em São Petersburgo, pois ela obtivera permissão para remover a gola sufocante do uniforme de estudante russa. Sempre que fazia uma observação engraçada ou produzia uma rodada de seu vasto repertório de poesia menor, tinha um jeito muito sedutor de dilatar as narinas com um pequeno ronco divertido. No entanto, eu nunca tinha certeza de quando ela falava sério, quando não. O cascatear de seu riso pronto, a fala rápida, o rolar de seu *r* muito uvular, o brilho suave, úmido da pálpebra inferior — de fato, todos os seus traços eram extaticamente fascinantes para

mim, mas de uma forma ou de outra, em vez de revelar sua pessoa, tendiam a formar um véu brilhante no qual eu me envolvia toda vez que tentava entender mais sobre ela. Quando eu lhe dizia que íamos nos casar nos últimos dias de 1917, assim que eu terminasse a escola, ela me chamava tranquilamente de bobo. Eu visualizava seu lar, mas vagamente. O primeiro nome e patronímico de sua mãe (que era tudo o que sabia da mulher) tinham conotações clericais ou mercantis. Seu pai, que eu supunha ter pouco interesse na família, era administrador de uma grande propriedade em algum lugar no sul.

O outono chegou cedo naquele ano. Camadas de folhas mortas se empilhavam até a altura do tornozelo por volta do fim de agosto. Veludas e negras antiopas com bordas cor de creme voavam pelas clareiras. O tutor a cujos erráticos cuidados meu irmão e eu estávamos entregues nessa estação costumava se esconder nos arbustos para espionar Tamara e eu com a ajuda de um velho telescópio que encontrou no sótão; mas por sua vez, um dia, o espião foi observado por Apostolski, o velho jardineiro de nariz roxo de meu tio (por sinal um grande abatedor de moças camponesas) que muito gentilmente relatou o caso a minha mãe. Ela não tolerava espionagem e além disso (embora eu não tivesse falado de Tamara) sabia tudo o que tinha de saber sobre meu romance através dos poemas que eu recitava para ela num espírito de louvável objetividade, e que ela copiava amorosamente em um álbum especial. Meu pai estava fora com seu regimento; depois de se familiarizar com o material, achou que era de fato seu dever me fazer algumas perguntas bem desajeitadas quando voltou do front, um mês mais tarde; mas minha mãe se deixava conduzir por sua pureza de coração, que depois a conduziria por dificuldades piores. Ela se contentou em balançar a cabeça, dubiamente, embora não sem ternura, e disse ao mordomo para deixar para mim, toda noite, alguma fruta na varanda acesa.

Levei minha garota adorável a todos aqueles lugares secretos na floresta, onde eu havia sonhado tão ardentemente conhecê-la, criá-la. Em um bosque de pinheiros em particular tudo se encaixou, rasguei o tecido da fantasia, provei a realidade. Como meu tio estava ausente esse ano, podíamos também vagar livremente por seu enorme parque, denso, de dois séculos, com suas clássicas vigas de pedra manchadas de verde na avenida principal e caminhos labirínticos se irradiando de uma fonte central. Andamos de “mãos dadas balançando” à maneira do campo. Colhi dalias para ela às margens do caminho de cascalho, debaixo do olhar distante e benevolente do velho Priapostolski.

Nós nos sentíamos menos seguros quando eu a levava até sua casa, ou perto de sua casa, ou pelo menos até a ponte da aldeia. Me lembro da inscrição grosseira interligando nossos dois nomes em estranhos diminutivos, em certo portão branco e, um pouco distante do rabisco de idiota da aldeia, o adágio “Prudência é amiga da Paixão” numa caligrafia eriçada, bem conhecida por mim. Uma vez, ao pôr do sol, perto do rio negro e alaranjado, um jovem *dachnik* (veranista) com um chicote de montaria na mão, curvou a cabeça para ela ao passar; diante disso, ela corou como uma moça de romance, mas disse apenas, com um sarcasmo espirituoso, que ele nunca havia montado a cavalo na vida. E uma outra vez, quando saímos numa curva da estrada, minhas duas irmãzinhas, em sua louca curiosidade, quase caíram do “torpedo” vermelho da família que virava para a ponte.

Em noites escuras e chuvosas, eu punha um lampião em minha bicicleta com mágicos torrões de carbureto de cálcio, protegia um fósforo do vento forte e, tendo aprisionado a chama branca no vidro, rodava cautelosamente para o escuro. O círculo de luz emitido por meu lampião pegava a úmida e lisa borda da estrada, entre o sistema central de poças e a relva longa da margem. Como um fantasma cambaleante, o raio pálido se enroscava num banco de barro na curva quando eu começava a descida para o rio. Além da ponte, o caminho subia de novo para encontrar a estrada Rozhestveno-Luga e pouco acima dessa junção uma trilha entre arbustos de jasmim gotejantes subia uma íngreme encosta. Eu tinha de desmontar e empurrar a bicicleta. Ao chegar ao alto, minha luz lívida adejava pelas seis colunas do pórtico branco dos fundos da mansão de meu tio, muda e fechada — tão muda e fechada como deve estar hoje, meio século depois. Ali, num canto do abrigo em arco, de onde acompanhara os zigue-zagues de minha luz subindo, Tamara estava esperando, sentada no largo parapeito com as costas numa coluna. Eu apagava meu lampião e tateava meu caminho até ela. Tendemos a falar com mais eloquência sobre essas coisas, sobre muitas outras coisas que sempre esperamos possam sobreviver ao cativeiro do zoológico das palavras — mas os visgos antigos acumulados junto à casa afogam o monólogo de Mnemosine arfando e chiando na noite inquieta. Seu suspiro cessará. O cano da calha de um lado da varanda, um pequeno volume enxerido de água, soava, borbulhando sempre. Por vezes, um ruído adicional perturbava o ritmo da chuva nas folhas e fazia Tamara virar a cabeça na direção de passos imaginários e então, numa tênue

luminosidade — agora surgindo no horizonte de minha memória, apesar de toda aquela chuva —, eu podia distinguir o contorno do rosto dela; mas não havia nada nem ninguém a temer e então ela soltava o ar que havia prendido por um momento e seus olhos se fechavam outra vez.

2

Com a chegada do inverno nosso impulsivo romance foi transplantado para a tristonha São Petersburgo. Nos vimos horrivelmente privados da segurança silvestre a que tínhamos nos acostumado. Hotéis desclassificados a ponto de nos aceitar estavam além dos limites de nossa ousadia e a grande era dos amores em carros ainda era remota. O segredo que havia sido tão prazeroso no campo agora se tornou um fardo, no entanto nenhum de nós conseguia enfrentar a ideia de encontros vigiados na casa dela ou na minha. Consequentemente, fomos forçados a caminhar muito pela cidade (ela com seu casaquinho cinzento de pele, eu de polainas brancas e gola de astracá, com um soco inglês no bolso debruado de veludo), e essa busca permanente por algum tipo de refúgio produziu uma estranha sensação de desesperança que, por sua vez, prenunciou outras perambulações, muito mais tardias e mais solitárias.

Fugimos da escola: esqueço qual era o procedimento de Tamara; o meu consistia em convencer um dos dois motoristas a me deixar nesta ou naquela esquina a caminho da escola (ambos eram camaradas e na realidade se recusavam a aceitar meu dinheiro, convenientes cinco rublos que vinham do banco em apetitosas e pesadas salsichas de dez ou vinte moedas brilhantes, na lembrança estética que posso me permitir livremente agora que minha orgulhosa pobreza de emigrado é também uma coisa do passado). Não tinha também nenhum problema com nosso maravilhoso, eminentemente subornável Ustin, que recebia os telefonemas no aparelho do térreo, cujo número era 24-43, *dvadtsat' chetire sorok tri*; ele respondia energicamente que eu estava com dor de garganta. A propósito, imagino o que aconteceria se eu fizesse um chamado internacional de minha mesa agora mesmo? Sem resposta? Não existe tal número? Não existe tal país? Ou a voz de Ustin diria "*Moyo pochtenietse!*" (o lisonjeiro diminutivo de "meus respeitos")? Afinal de contas, existem eslavos e curdos muito conhecidos que têm bem mais de cento e cinquenta anos. O telefone de meu pai em seu escritório (584-51) não estava

no catálogo e meu chefe de disciplina em suas tentativas de descobrir a verdade sobre minha má saúde não conseguiu nada, embora eu às vezes faltasse três dias seguidos.

Caminhávamos debaixo da renda branca de alamedas cobertas de gelo em parques públicos. Nos abraçávamos em bancos frios — depois de remover sua lisa capa de neve, depois nossas luvas incrustadas de neve. Vagávamos por museus. Eram sonolentos e desertos nas manhãs de dias de semana, e muito quentes, em contraste com a névoa glacial e o sol vermelho que, como uma lua afogueada, pendia das janelas orientais. Neles procurávamos as salas sossegadas dos fundos, as mitologias temporárias que ninguém olhava, as gravuras, as medalhas, os objetos paleográficos, a história da imprensa — coisas pobres assim. Nossa melhor descoberta, acho, foi uma salinha onde guardavam vassouras e escadas; mas uma pilha de molduras vazias de repente começou a escorregar e cair no escuro e atraiu um inquisitivo amante da arte, então fugimos. O Hermitage, o Louvre de São Petersburgo, oferecia ótimos nichos, principalmente numa certa sala do térreo, entre gabinetes com escaravinhos, atrás do sarcófago de Nana, alto sacerdote de Ptah. No Museu Russo do Imperador Alexandre III, dois salões (o 30 e o 31, no canto nordeste) que abrigavam pinturas repelentemente acadêmicas de Shishkin (“Clareira numa floresta de pinheiros”) e de Harlamov (“Cabeça de jovem cigano”), ofereciam um pouco de privacidade por causa de alguns altos painéis com desenhos — até que um veterano boca suja da campanha turca ameaçou chamar a polícia. Então, desses grandes museus avançamos para museus menores, como o Suvorov, por exemplo, onde me lembro de uma sala silenciosa cheia de velhas armaduras, tapeçarias, e bandeiras de seda rasgadas, com diversos manequins de peruca e botas pesadas com uniformes verdes montando guarda a nós. Mas onde quer que fôssemos, invariavelmente, depois de algumas visitas, este ou aquele atendente grisalho, remelento, de sola de feltro, acabava desconfiado e tínhamos de transferir nosso furtivo frenesi para outro lugar — para o Museu Pedagógico, para o Museu de Carruagens da Corte, ou para um minúsculo museu de mapas antigos que guias de viagem nem registram — e depois, de volta ao frio, a alguma alameda de pedra de grandes portões e leões verdes com aros na boca, à paisagem de neve estilizada do “Mundo de Arte”, *Mir Iskusstva* — Dobuzhinski, Alexandre Benois —, tão querido a mim naqueles dias.

No fim das tardes, sentávamos na última fila de um dos dois cinemas (o Parisiana e o Piccadilly) na avenida Nevski. A arte estava progredindo. As ondas do mar eram tingidas de um azul enjoativo e quando se erguiam e quebravam em espuma contra uma rocha negra, lembrada (Rocher de la Vierge, Biarritz — engraçado, pensava, ao ver de novo a praia de minha infância cosmopolita), havia uma máquina especial que imitava o som da arrebatada, fazendo o tipo de chiado chocho que nunca conseguia parar exatamente com a cena e durante três ou quatro segundos acompanhava a próxima imagem — um efervescente funeral, digamos, ou maltrapilhos prisioneiros de guerra com seus garbosos captivos. Quase sempre, o título do filme principal era citação de algum poema ou canção populares e podia ser bem longo, tal como *O botão de crisântemo não mais no jardim* ou *Seu coração era um brinquedo nas mãos dele e como brinquedo se quebrou*. Estrelas femininas tinham testas baixas, magníficas sobrancelhas, olhos generosamente sombreados. O ator favorito da época era Mozzhuhin. Um diretor famoso havia adquirido no campo perto de Moscou uma mansão de colunas brancas (não diferente da de meu tio) e a casa aparecia em todos os filmes que ele fazia. Mozzhuhin conduzia um trenó elegante para a casa, fixava um olhar de aço na luz de uma janela, enquanto um famoso musculozinho se contraía sob a pele esticada de seu maxilar.

Quando nos faltavam museus e cinemas e a noite ainda era jovem, nos reduzíamos a explorar a vastidão da cidade mais desolada e enigmática do mundo. Luzes solitárias das ruas se metamorfoseavam em criaturas marinhas com espinhas prismáticas na umidade congelada de nossos cílios. Ao atravessarmos vastas praças, vários fantasmas arquitetônicos se erguiam em súbito silêncio diante de nós. Sentíamos uma fria emoção, geralmente associada não com altura, mas com profundidade — com o abismo que se abre aos nossos pés —, quando grandes, monolíticos pilares de granito polido (polido por escravos, repolidos pela lua e girando maciamente no vácuo polido da noite) se erguiam acima de nós para sustentar as misteriosas rotundidades da catedral de Santo Isaac. Parávamos à margem, por assim dizer, desses perigosos maciços de pedra e metal e, de mãos dadas, em assombro liliputiano, esticávamos o pescoço para ver novas visões colossais subirem em nossa direção: os dez atlantes cinzentos brilhantes do pórtico de um palácio, ou um vaso gigante de porfírio perto do portão de ferro de um jardim, ou aquela coluna

enorme com um anjo negro no topo que obsedava, mais que adornava, a praça do Palácio banhada em luar e subia e subia, tentando em vão atingir a sub-base do “*Exegi monumentum*” de Pushkin.

Ela argumentou depois, em seus raros momentos de mau-humor, que nosso amor não havia resistido à pressão daquele inverno; aparecera uma falha, ela disse. Ao longo de todos aqueles meses, eu escrevi versos para ela, dela, sobre ela, dois ou três poemas por semana; na primavera de 1916, publiquei uma coletânea deles — e fiquei horrorizado quando ela chamou minha atenção para algo que eu não tinha notado absolutamente ao compor o livro. Lá estava, a mesma falha nefasta, a banal nota vazia, e a superficial sugestão de que nosso amor estava condenado, uma vez que jamais conseguiria recapturar o milagre de seus momentos iniciais, o farfalhar e o ímpeto daqueles limoeiros sob a chuva, a compaixão do campo selvagem. Além disso — mas nenhum de nós dois viu isso na época —, meus poemas eram coisa juvenil, bastante desprovidos de mérito e não deviam nunca ser postos à venda. O livro (um exemplar do qual ainda existe, infelizmente, nas “estantes fechadas” da biblioteca Lenin, em Moscou) mereceu o que recebeu nas garras dilacerantes dos poucos críticos que o notaram em periódicos obscuros. Meu professor de literatura russa na escola, Vladimir Hippius, um poeta de primeira linha, embora um pouco esotérico, que eu muito admirava (ele superava em talento, acredito, sua prima muito mais conhecida, Zinaida Hippius, poetisa e crítica), levou um exemplar para a classe e provocou a delirante hilaridade da maioria dos meus colegas aplicando seu ardente sarcasmo (ele era um homem ardoroso com seu cabelo vermelho) a meus versos mais românticos. A prima famosa, numa sessão do Fundo Literário, pediu a meu pai, seu presidente, que me dissesse, por favor, que eu nunca, nunca seria escritor. Um jornalista bem-intencionado, carente, sem talento, que tinha razões para ser grato a meu pai, escreveu um artigo impossivelmente entusiasmado a meu respeito, umas quinhentas linhas gotejantes de elogios absolutos; foi interceptado a tempo por meu pai e me lembro dele e de mim, lendo o manuscrito, rangendo os dentes e gemendo — o ritual adotado por nossa família quando confrontados com algo de muito mau gosto ou pela *gaffe* de alguém. A questão toda me curou permanentemente de todo interesse pela fama literária e foi provavelmente a causa daquela patológica e nem sempre justificada indiferença a críticas que,

em anos recentes, me privou das emoções que dizem que a maioria dos autores experimenta.

Aquela primavera de 1916 é uma que vejo como o protótipo de uma primavera de São Petersburgo, ao me lembrar de imagens específicas, como, por exemplo, Tamara usando um chapéu branco que eu não conhecia, entre os espectadores de um disputado jogo de futebol entre escolas no qual, naquele domingo, a mais cintilante sorte me ajudou a defender gol após gol; e uma borboleta antipa, exatamente da mesma idade de nosso romance, tomando sol em suas asas negras machucadas, as bordas agora desbotadas pela hibernação, no encosto de um banco no jardim Alexandrovski; e o ressoar de sinos de catedral no ar mordente, acima do azul-escuro corrugado do Neva, voluptuosamente livre de gelo; e a feira na lama de neve cravejada de confete do bulevar da Guarda Montada após o Domingo de Ramos, com seu rumor chiante e sonolento, seus brinquedos de madeira, os altos pregões de “delícias turcas” e diabos cartesianos chamados de *amerikanskije zhiteli* (“habitantes americanos”) — minúsculos duendes de vidro que subiam e desciam em tubos de vidro cheios com álcool tingido de rosa ou lilás como americanos de verdade fazem (embora tudo o que o epíteto quisesse dizer fosse “de outro mundo”) nos poços de arranha-céus transparentes quando as luzes de escritório se apagam no céu esverdeado. A excitação das ruas deixava a pessoa bêbada com o desejo de floresta e campos. Tamara e eu estávamos especialmente ansiosos por voltar a nossos velhos esconderijos, mas durante todo o mês de abril a mãe dela ficou hesitando entre alugar o mesmo chalé outra vez ou economicamente permanecer na cidade. Por fim, sob certa condição (aceita por Tamara com a fortitude da sereiazinha de Hans Andersen), o chalé foi alugado e um verão glorioso imediatamente nos envolveu e lá estava ela, minha feliz Tamara, nas pontas dos pés, tentando puxar um ramo de racemosa para colher seu fruto enrugado, com o mundo todo e suas árvores orbitando em torno de seu olho risonho, e uma mancha escura devido a seus esforços ao sol se formando debaixo de seu braço erguido no xantungue cru do vestido amarelo. Nós nos perdemos em florestas cheias de musgo, nos banhamos numa angra de conto de fadas, juramos eterno amor debaixo das coroas de flores que ela, como toda sereiazinha russa, gostava tanto de trançar, e logo no começo do outono ela se mudou para a cidade em busca de um emprego (essa era a condição imposta pela mãe) e no decorrer dos meses seguintes não a vi nem uma vez, envolvido

como estava no tipo de experiência variada que eu achava que um *littérateur* elegante devia procurar. Eu já havia entrado numa fase extravagante de sentimento e sensualidade, que duraria cerca de dez anos. Ao olhar para isso da torre do presente, vejo a mim mesmo como cem jovens diferentes ao mesmo tempo, todos perseguindo uma garota cambiante em uma série de casos amorosos simultâneos ou sobrepostos, alguns deliciosos, alguns sórdidos, que iam de aventuras de uma só noite a prolongados envolvimento e dissimulações, com resultados artísticos muito pobres. Não só a experiência em questão, e as sombras de todas aquelas damas encantadoras, me são inúteis agora na reconstrução de meu passado, como criam um incômodo desfocado, e por mais que ajuste as lentes da memória, não consigo me lembrar como Tamara e eu nos separamos. É possível que exista outra razão também para esse desfocado: tínhamos nos separado muitas vezes antes. Durante aquele último verão no campo, costumávamos nos separar para sempre depois de cada encontro secreto quando, na fluida escuridão da noite, naquele velha ponte de madeira entre a lua mascarada e o rio enevoado, eu beijava suas pálpebras quentes e úmidas, o rosto resfriado pela chuva, imediatamente depois voltava a ela para mais uma despedida — e depois a longa, escura, cambaleante subida pela encosta, meus pés lentos pedalando com muito esforço, tentando pisotear o escuro monstruosamente forte e flexível que se recusava a ficar por baixo.

Me lembro, porém, com dolorosa vivacidade, de uma certa noite do verão de 1917 quando, depois de um inverno de incompreensível separação, encontrei Tamara por acaso em um trem de subúrbio. Durante alguns minutos, entre duas paradas, no vestíbulo de um vagão sacolejante e estridente, ficamos parados lado a lado, eu num estado de intenso embaraço, de esmagador arrependimento, e ela consumindo uma barra de chocolate, quebrando metodicamente pedacinhos duros daquilo, e falando do escritório onde trabalhava. De um lado do trilho, acima de pântanos azulados, a fumaça escura de turfa queimada se misturava com a ardente devastação de um pôr do sol âmbar, imenso. Pode-se provar, acho, por registros publicados, que Alexander Blok já naquela época estava anotando em seu diário a mesmíssima fumaça de turfa que eu vi, e o céu convulso. Houve um período posterior em minha vida em que posso ter achado isso relevante para meu último vislumbre de Tamara, quando ela se virou nos degraus para olhar para mim antes de descer para o crepúsculo perfumado de jasmim, enlouquecido de grilos, de

uma pequena estação; mas hoje em dia nenhuma marginália alheia é capaz de abrandar a pureza da dor.

3

Quando, no fim do ano, Lenin assumiu, os bolcheviques imediatamente subordinaram tudo à retenção do poder, e um regime de derramamento de sangue, de campos de concentração e sequestros começou sua estupenda carreira. Na época, muitos acreditaram que era possível lutar contra a gangue de Lenin e preservar as conquistas da Revolução de Março. Meu pai, que havia sido eleito para a Assembleia Constituinte que, em sua fase preliminar, lutou para impedir o entrincheiramento dos soviets, resolveu permanecer o maior tempo possível em São Petersburgo, mas mandar sua grande família para a Crimeia, região que ainda estava livre (liberdade que duraria apenas algumas semanas). Viajamos em dois grupos, meu irmão e eu seguindo separados de minha mãe com as três crianças menores. A era soviética tinha uma tênue semana de vida; jornais liberais ainda eram publicados; e ao se despedir de nós na estação Nikolaevski, esperando conosco, meu imperturbável pai se instalou numa mesa de canto no bufê para escrever, com sua caligrafia “celestial” (como diziam os linotipistas, deslumbrados com a ausência de correções), um artigo capital para o moribundo *Rech* (ou talvez alguma publicação de emergência), naquelas longas tiras de papel pautado que correspondiam, proporcionalmente, às colunas impressas. Pelo que me lembro, a razão principal para mandar meu irmão e eu embora tão prontamente era a possibilidade de sermos convocados pelo novo exército “vermelho” se ficássemos na cidade. Eu estava aborrecido de ir para uma região fascinante no meio de novembro, não muito depois de encerrada a estação de coleta, uma vez que nunca havia sido muito bom em cavar em busca de pupas (embora tenha acabado encontrando algumas, debaixo de um grande carvalho em nosso jardim na Crimeia). O aborrecimento se transformou em aflição quando, depois de fazer uma precisa cruz na testa de cada um de nós, meu pai casualmente acrescentou que, muito provavelmente, *ves'ma vozmozhno*, nunca nos veria de novo; em seguida, de capa de chuva e boné cáqui, com a pasta debaixo do braço, ele se afastou na neblina vaporosa.

A longa viagem para o Sul começou toleravelmente bem, com o aquecimento ainda zumbindo e as luzes ainda intactas no vagão-dormitório de primeira classe Petrogrado-Simferopol, e uma cantora passavelmente famosa com maquiagem dramática e um buquê de crisântemos embrulhados em papel pardo apertado ao peito, estava parada no corredor, tamborilando na vidraça, ao longo do qual alguém caminhava, acenando, quando o trem começou a deslizar, sem nenhum solavanco a indicar que estávamos deixando aquela cidade cinzenta para sempre. Mas logo depois de Moscou, nosso conforto chegou ao fim. Em vários pontos de nosso avanço horrivelmente lento, o trem, inclusive nosso vagão-dormitório, foi invadido por soldados mais ou menos bolchevizados que voltavam para casa do front (eram chamados de “desertores” ou de “heróis vermelhos”, dependendo das opiniões políticas de quem falava). Meu irmão e eu achamos bem divertido nos trancar em nosso compartimento e frustrar todas as tentativas de nos perturbarem. Vários soldados que viajavam no teto aumentaram a diversão tentando usar, não sem sucesso, a ventilação de nosso compartimento como toailete. Meu irmão, que era um ator de primeira classe, conseguiu simular todos os sintomas de um caso sério de tifo e isso nos ajudou quando a porta finalmente cedeu. Cedo, na terceira manhã, numa vaga parada, eu me aproveitei de uma interrupção naqueles alegres procedimentos para respirar um pouco de ar fresco. Gingando segui o corredor, passando por cima de corpos de homens que roncavam, e descí. Uma névoa leitosa pairava sobre a plataforma de uma estação anônima — estávamos em algum lugar não longe de Cracóvia. Eu estava usando polainas e um chapéu-coco. A bengala que levava, peça de colecionador que pertencera a meu tio Ruka, era de uma madeira clara, lindamente rajada, e o castão era um liso globo rosado de coral com uma corozinha de ouro. Se eu fosse um daqueles trágicos miseráveis que rondavam a névoa daquela plataforma de estação onde um frágil e jovem janota passeava de um lado para outro, não teria resistido à tentação de destruí-lo. Quando estava a ponto de embarcar no trem, ele deu um tranco e começou a rodar; meu pé escorregou e minha bengala voou para debaixo das rodas. Eu não tinha nenhuma afeição especial pela coisa (de fato, eu a perdi por descuido alguns anos depois), mas era observado e o fogo de meu *amour propre* adolescente me levou a fazer o que não consigo me imaginar fazendo hoje em dia. Esperei um, dois, três, quatro vagões passarem (os trens russos eram notoriamente lentos em ganhar velocidade) e então, por fim, com os trilhos

revelados, peguei minha bengala entre eles e corri atrás dos para-choques que se afastavam como num pesadelo. Um forte braço proletário, de acordo com as regras da ficção sentimental (mais que as do marxismo), me ajudou a subir. Se tivesse sido deixado para trás, essas regras ainda valeriam, uma vez que eu teria ficado perto de Tamara, que, por essa altura, também se mudara para o Sul e estava vivendo num povoado ucraniano a menos de cento e cinquenta quilômetros do cenário dessa ridícula ocorrência.

4

Soube de sua localização inesperadamente, mais ou menos um mês depois da chegada ao sul da Crimeia. Minha família se instalou nos arredores de Yalta, em Gaspra, perto da aldeia de Koreiz. O lugar todo parecia completamente estrangeiro; os cheiros não eram russos, os sons não eram russos, o burro que zurrava toda tarde quando o muezim começava a cantar do minarete da aldeia (uma esguia torre azul silhuetaada contra um céu cor de pêssego) era positivamente de Bagdá. E lá estava eu parado numa trilha calcária para cavaleiros, perto de um leito de riacho calcário onde bandas separadas de água, como serpentes estreitas, deslizavam sobre pedras ovais — lá estava eu, segurando uma carta para Tamara. Olhei as abruptas montanhas Yayla, cobertas até as sobranceiras rochosas com o astracá de escuros pinheiros tauriformes; na vastidão de vegetação perene semelhante a um chaparral entre as montanhas e o mar; no translúcido céu rosado, onde brilhava um tímido crescente, com uma única estrela úmida perto; e todo o cenário artificial me parecia algo de uma edição lindamente ilustrada, embora tristemente resumida, de *As mil e uma noites*. De repente, senti todas as pontadas do exílio. Havia o caso de Pushkin, claro — Pushkin que tinha vagado banido por ali, entre aqueles ciprestes e loureiros naturalizados —, mas embora algum estímulo possa ter vindo de suas elegias, não creio que minha exaltação fosse uma pose. Daí em diante, durante muitos anos, até escrever um romance que me aliviou dessa fértil emoção, a perda de meu país era para mim equacionada com a perda de meu amor.

Enquanto isso, a vida em família havia mudado completamente. A não ser por algumas joias astutamente enterradas no conteúdo normal de uma embalagem de talco, estávamos absolutamente arruinados. Mas isso era uma

questão muito pequena. O governo tártaro local havia sido eliminado por um soviete novo em folha e vivíamos submetidos ao absurdo e humilhante senso de absoluta insegurança. Durante o inverno de 1917-18, e avançando pela ventosa e clara primavera da Crimeia, a morte idiota caminhava ao nosso lado. Dia sim, dia não, no branco píer de Yalta (onde, como você lembra, a dama de “A dama do cachorrinho” de Tchekhov perdeu sua *lorgnette* em meio à multidão em férias), várias pessoas inofensivas haviam, previamente, recebido pesos amarrados aos pés e em seguida sido fuziladas por duros marinheiros bolcheviques importados de Sebastopol com essa finalidade. Meu pai, que não era inofensivo, tinha se juntado a nós nesse momento, depois de algumas perigosas aventuras e, naquela região de especialistas em pulmão, adotou o disfarce mimético de médico sem mudar de nome (“simples e elegante”, como um observador de xadrez teria dito do movimento correspondente num tabuleiro). Morávamos numa *villa* inconspícua que uma amiga gentil, a condessa Sofia Panin, havia posto à nossa disposição. Certas noites, quando o rumor dos assassinos próximos era especialmente forte, os homens de nossa família se alternavam na patrulha da casa. As sombras esguias das folhas de loureiro moviam-se cautelosamente na brisa marinha ao longo de um muro pálido, como se apontassem alguma coisa, com uma grande manifestação de segredo. Tínhamos uma espingarda e uma automática belga e fazíamos todo o possível para desprezar o decreto que dizia que qualquer pessoa que possuísse armas de fogo ilegais seria executada na hora.

O acaso foi generoso conosco; nada aconteceu além do choque que levamos no meio de uma noite de janeiro, quando uma figura que parecia um bandoleiro, toda vestida de couro e pele, se esgueirou em nosso meio — mas afinal era apenas nosso antigo chofer, Tsiganov, que não havia se importado de viajar desde São Petersburgo em para-choques e trens de carga, através da imensa, gelada e selvagem vastidão da Rússia, com o mero propósito de nos trazer uma muito bem-vinda soma de dinheiro inesperadamente enviada a nós por alguns bons amigos. Ele trouxe também a correspondência recebida em nosso endereço de São Petersburgo; no meio dela havia uma carta de Tamara. Depois de uma estada de um mês, Tsiganov declarou que o cenário da Crimeia o entediava e partiu, para seguir até o norte, com uma grande mala nas costas, contendo vários artigos que teríamos alegremente dado a ele se soubéssemos que os cobijava (tais como uma prensa de calças, tênis, camisolas noturnas, um

despertador, um ferro de passar, diversas outras coisas ridículas de que esqueci) e a ausência das quais só gradualmente vieram à luz, se não apontadas, com zelo vingativo, por uma anêmica criada cujo pálido encanto ele havia surripiado também. Curiosamente, ele havia nos convencido a transferir as pedras preciosas de minha mãe da embalagem de talco (que ele havia detectado de imediato) para um buraco cavado no jardim debaixo de um carvalho versátil — e lá estavam todas elas depois que ele foi embora.

Então, um dia da primavera de 1918, quando os pompons das amendoeiras em flor enfeitavam a encosta escura da montanha, os bolcheviques desapareceram e um exército de alemães singularmente silencioso os substituiu. Russos patriotas ficaram divididos entre o alívio animal de escapar dos executores nativos e a necessidade de dever seu resgate ao invasor estrangeiro — ainda mais alemães. Estes últimos, porém, estavam perdendo sua guerra no Ocidente e tinham vindo a Yalta na ponta dos pés, com sorrisos tímidos, um exército de aparições cinzentas fácil para um patriota ignorar, e ignorado ele foi, a não ser por alguns invasores bastantes ingratos que desrespeitavam sem muito empenho as placas de NÃO PISE NA GRAMA que apareceram nos gramados dos parques. Dois meses mais tarde, depois de consertarem lindamente o encanamento de várias *villas* deixadas vagas pelos comissários, os alemães desapareceram por sua vez; os brancos se infiltraram do leste e logo começaram a combater o exército vermelho, que estava atacando a Crimeia pelo norte. Meu pai se tornou ministro da Justiça do governo regional localizado em Simferopol, e sua família foi alojada perto de Yalta, nas terras de Livadia, antigo domínio do tsar. Uma impetuosa, febril alegria associada às cidades dominadas pelos brancos trouxe de volta, numa versão vulgarizada, as amenidades dos anos de paz. Cafés fizeram muito sucesso. Todo tipo de teatro vicejava. Uma manhã, numa trilha de montanha, encontrei de repente um estranho cavaleiro, vestido com costume circassiano, com rosto tenso e suado pintado com um fantástico amarelo. Ele ficava puxando furiosamente as rédeas do cavalo que, sem lhe dar atenção, desceu o caminho íngreme com passo curiosamente decidido, como o de uma pessoa ofendida deixando uma festa. Eu já tinha visto cavalos fugidos, mas nunca um que fugisse a passo, e minha perplexidade ganhou um toque ainda mais agradável quando reconheci o infeliz cavaleiro como Mozzhuhin, que Tamara e eu havíamos admirado tantas vezes na tela do cinema. O filme *Haji Murad* (baseado no conto de Tolstoi

sobre esse valente e audaz cavaleiro, chefe de montanha) estava em ensaios nos pastos das montanhas da cordilheira. “Pare esta fera [*Derzhite proklyatoe zhivotnoe*]”, ele disse entredentes ao me ver, mas no mesmo momento, com um som poderoso de pedras pisadas e amassadas, dois tártaros autênticos vieram correndo em socorro e eu segui meu caminho, com minha rede de borboletas, para os penhascos mais altos onde a variedade euxina das *Hiparchia hippolyte* estava à minha espera.

No verão de 1918, num pobre pequeno oásis de miragem de juventude, meu irmão e eu costumávamos frequentar uma família afável e excêntrica que possuía a propriedade litorânea Oleiz. Uma amizade divertida logo surgiu entre mim e minha coetânea Lidia T. Havia muitos jovens em torno sempre, jovens lindezas de membros bronzeados e pulseiras, um bem conhecido pintor chamado Sorin, atores, um bailarino, oficiais alegres do exército branco, alguns dos quais iam morrer logo, e com as frestas na praia, refeições ao ar livre, as fogueiras, o mar cintilante de luar e um bom suprimento de vinho Muscat Lunel da Crimeia, muita diversão amorosa acontecia; e o tempo todo, contra esse pano de fundo frívolo, decadente e um tanto irreal (que eu ficava contente de acreditar que conjurava a atmosfera da visita de Pushkin à Crimeia um século antes), Lidia e eu jogávamos um pequeno jogo oasiano de nossa invenção. A ideia consistia em parodiar uma abordagem biográfica projetada, por assim dizer, no futuro e assim transformar o muito ilusório presente numa espécie de passado paralisado conforme percebido por um cambaleante memorialista que relembra, através de uma névoa desamparada, sua relação com um grande escritor quando ambos eram jovens. Por exemplo, Lidia ou eu (era uma questão de inspiração momentânea) podíamos dizer, no terraço, depois do jantar: “O escritor gostava de sair para o terraço depois do jantar” ou “Sempre lembraria da observação que V. V. fez numa noite quente: ‘Está’, disse ele, ‘uma noite quente’”; ou, ainda mais idiota: “Ele tinha o costume de acender o cigarro antes de fumar” — tudo isso dito com um fervor muito pensativo, reminiscente, que parecia hilário e inofensivo para nós na época; mas agora — agora me pego pensando se não perturbamos involuntariamente algum demônio perverso e maligno.

Ao longo de todos aqueles meses, cada vez que um saco de correspondência conseguia chegar da Ucrânia a Yalta, havia uma carta para mim de minha Cynara. Nada é mais oculto do que a maneira como cartas, sob

os auspícios de inimagináveis portadores, circulam através da estranha teia da guerra civil; mas sempre que, devido a essa teia, havia uma quebra em nossa correspondência, Tamara agia como se considerasse as entregas como fenômenos naturais comuns tais como o clima ou as marés, que assuntos humanos não conseguem afetar, e me acusava de não responder, quando, de fato, eu não fazia nada além de escrever para ela e pensar nela durante aqueles meses — apesar de minhas muitas traições.

5

Feliz é o romancista que consegue preservar uma carta de amor de verdade, que recebeu quando jovem, dentro de uma obra de ficção, engastada nela como um bala limpa em carne mole e bem segura ali, entre vidas espúrias. Eu gostaria de ter guardado dessa maneira toda a nossa correspondência. As cartas de Tamara eram uma conjuração comprovada da paisagem rural que conhecemos tão bem. Eram, em certo sentido, uma resposta antifonal distante, mas maravilhosamente clara ao lirismo muito menos expressivo que um dia dediquei a ela. Por meio de palavras pouco paparicadas, cujo segredo não consigo descobrir, sua prosa feminina de secundarista conseguia evocar com força plangente todo sopro de folha molhada, cada fronde de feno enferrujada pelo outono no campo de São Petersburgo. “Por que ficávamos tão alegres quando chovia?”, ela perguntava em uma de suas últimas cartas, retrocedendo por assim dizer à fonte pura da retórica. “*Bozhe moy*” (*mon Dieu* — mais do que “meu Deus”), para onde foi, todo aquele distante, claro, afetuoso (*Vsyo eto dalyokoe, svetloe, miloe* — em russo não é preciso um sujeito aqui, uma vez que esses são adjetivos neutros que desempenham o papel de substantivos abstratos, num palco nu, numa luz suave).

Tamara, Rússia, a mata virgem se transformando aos poucos em velhos jardins, minhas bétulas e abetos do Norte, a visão de minha mãe baixando sobre os joelhos e as mãos para beijar a terra cada vez que voltávamos da cidade ao campo para passar o verão, *et la montagne et le grand chêne* — são coisas que o destino um dia embrulhou de modo desordenado e jogou no mar, me separando completamente de minha meninice. Eu me pergunto, no entanto, se existe realmente muito a dizer a respeito de destinos mais anestésicos, por, digamos, uma continuidade temporal tênue, segura, de cidade pequena, com

sua primitiva ausência de perspectiva, quando, aos cinquenta anos, a pessoa ainda mora na casa de madeira da infância, de forma que toda vez que limpa o sótão a pessoa encontra a mesma pilha de velhos livros de escola marrons, ainda juntos em meio a acúmulos posteriores de objetos mortos e onde, em manhãs ensolaradas de domingo, a esposa para na calçada para suportar um minuto ou dois aquela terrível mulher McGee, falante, tingida, presa à igreja, que, lá em 1915, era a bonita, mal comportada Margaret Ann de boca com sabor de menta e dedos hábeis.

A ruptura em meu próprio destino me permite, em retrospecto, um deleite sincopado que eu não perderia por nada deste mundo. Desde aquela troca de cartas com Tamara, as saudades de casa foram para mim uma questão sensual e particular. Hoje em dia, as imagens mentais de grama cerrada nas Yayla, de um cânion nos Urais ou de planícies salinas na região de Aral, me afetam nostalgicamente e patrioticamente tão pouco ou tanto quanto, digamos, Utah; mas me mostre qualquer coisa em qualquer continente que se pareça com o campo de São Petersburgo e meu coração derrete. Como seria ver de fato outra vez meu antigo ambiente, eu mal posso imaginar. Às vezes, fantasio que estou revisitando o campo com um passaporte falso, com um nome adotado. Poderia ser feito.

Mas não acho que algum dia o farei. Venho sonhando com isso com muito empenho e por muito tempo. Da mesma forma, durante a última metade de minha estada de dezesseis meses na Crimeia, planejei durante tanto tempo me juntar ao exército de Denikin, com a intenção não tanto de montar um cavalo de batalha todo paramentado nos arrabaldes pavimentados de São Petersburgo (sonho de meu pobre Yuri), quanto de encontrar Tamara em seu povoado ucraniano, que o exército havia deixado de existir quando por fim me decidi. Em março de 1919, os vermelhos irromperam na Crimeia do Norte e através de vários portos começou uma tumultuada evacuação de grupos antibolcheviques. Sobre o mar vítreo da baía de Sebastopol, sob o fogo selvagem de metralhadoras da margem (as tropas bolcheviques tinham acabado de tomar o porto), minha família e eu partimos para Constantinopla e o Pireu num pequeno e ordinário navio grego, *Nadezhda* (Esperança), que levava uma carga de frutas secas. Me lembro de tentar me concentrar, enquanto ziguezagueávamos pela baía, em um jogo de xadrez com meu pai — um dos cavalos havia perdido a cabeça, e uma ficha de pôquer substituía uma torre que

faltava — e a sensação de deixar a Rússia era totalmente eclipsada pela ideia torturante de que, com vermelhos ou sem vermelhos, as cartas de Tamara continuariam chegando, miraculosamente e inutilmente, à Crimeia do Sul, lá procurariam um destinatário fugitivo e bateriam as asas fracamente como borboletas confusas soltas numa zona estrangeira, na altitude errada, entre flora desconhecida.

Capítulo treze

1

Em 1919, via Crimeia e Grécia, um bando de Nabokovs — três famílias, de fato — fugiu da Rússia para a Europa Ocidental. Ficou arranjado que meu irmão e eu iríamos para Cambridge, numa bolsa atribuída mais como compensação por tribulações políticas do que por reconhecimento de mérito intelectual. O resto de minha família esperava ficar um tempo em Londres. As despesas de sobrevivência seriam pagas por um punhado de joias que Natasha, uma velha camareira previdente, pouco antes de minha mãe partir de São Petersburgo em novembro de 1917, havia jogado de uma penteadeira para dentro de um *nécessaire* e que durante um breve momento passara por uma internação ou talvez algum tipo de misteriosa maturação em um quintal da Crimeia. Tínhamos deixado nossa casa no Norte pelo que achávamos que seria uma breve espera, uma pausa prudente empoleirada na ponta sul da Rússia; mas a fúria do novo regime recusara-se a se apagar. Na Grécia, durante dois meses de primavera, enfrentando o constante ressentimento de intolerantes cães pastores, procurei em vão pela *Anthocharis* de Gruner, pela borboleta-maravilha de Heldreich, pela pierídea branca de Kruiper: eu estava na parte errada do país. No navio *Pannonia* da Cunard, que em 18 de maio de 1919 (vinte e um anos antes da hora no que me diz respeito) partiu da Grécia para Nova York, mas nos deixou em Marselha, aprendi a dançar o foxtrote. A França passou chacoalhando na noite escura como carvão. O pálido Canal ainda estava oscilando dentro de nós quando o trem Dover-Londres chegou tranquilamente ao ponto final. Imagens repetitivas de peras cinzentas nas

paredes encardidas da Victoria Station anunciavam o sabonete que as governantas tinham usado para me dar banho em minha infância. Uma semana depois, eu já estava dançando de rosto colado em um baile beneficente com minha primeira namorada inglesa, uma esbelta e indócil garota cinco anos mais velha que eu.

Meu pai tinha estado em Londres antes — pela última vez em fevereiro de 1916, quando, com outros cinco importantes representantes da imprensa russa, havia sido convidado pelo governo britânico a dar uma olhada no esforço de guerra da Inglaterra (o qual, insinuava-se, não gozava de apreciação suficiente por parte da opinião pública russa). No caminho, desafiado por meu pai e por Kornei Chukovski a achar uma rima para *Afrika*, o poeta e romancista Aleksei Tolstoi (nenhuma relação com o conde Leon Tolstoi) havia produzido, mesmo com enjoo de mar, o encantador dístico:

Vizhu pal'mu i Kafrika.

Eto — Afrika.

(Vejo uma palmeira e um pequeno cafre. É a África.)

Na Inglaterra, os visitantes viram a Frota. Jantares e discursos se sucederam nobremente. A oportuna captura de Erzerum pelos russos e a iminente introdução do alistamento obrigatório na Inglaterra (“*Will you march too or wait until March 2?*”, como dizia o trocadilho dos cartazes) haviam fornecido aos palestrantes muitos tópicos. Ocorrera um banquete oficial, presidido por sir Edward Grey, e uma engraçada entrevista com George V a quem Chukovski, o *enfant terrible* do grupo, insistiu em perguntar se gostava das obras de Oscar Wilde — “*dze uorks of Uuald*”. O rei, intrigado com o sotaque de seu inquiridor e que, de qualquer forma, nunca havia sido um leitor voraz, retrucou devidamente ao perguntar o que os convidados achavam do fog de Londres (mais tarde, Chukovski, triunfante, costumava citar esse fato como exemplo da hipocrisia britânica — tornar tabu um escritor por causa de sua moral).

Uma visita recente à Biblioteca Pública de Nova York revelou que o incidente acima não aparece no livro de meu pai *Iz Voyuyushchey Anglii*, Petrogrado, 1916 (*Um relato da Inglaterra em guerra*) — e, de fato, não há no livro muitas amostras de seu humor costumeiro além, talvez, da descrição de um jogo de badminton (ou seria de *fives*?) que ele disputou com H. G. Wells, e

um divertido relato de uma visita a alguma trincheira da linha de frente em Flandres, onde a hospitalidade chegou a ponto de permitir a explosão de uma granada alemã a poucos metros dos visitantes. Antes de ser publicado em forma de livro, esse relato apareceu em capítulos em um diário russo. Lá, com uma certa ingenuidade de velho mundo, meu pai havia mencionado ter dado de presente sua caneta-tinteiro Swan ao almirante Jellicoe que, à mesa, a havia pedido emprestada para autografar um menu e elogiara a pena suave e fluente. Essa infeliz menção ao fabricante da caneta ressoou de imediato nos jornais de Londres com um anúncio da Mabie, Todd and Co., Ltd, que citava uma tradução da passagem e mostrava meu pai entregando o produto da firma ao comandante em chefe da Grande Frota, debaixo do caótico céu de uma batalha naval.

Mas agora não havia banquetes, nem discursos nem jogos de *fives* com Wells, que se mostrava impossível de convencer que o bolchevismo não passava de uma forma brutal e absoluta de opressão bárbara — tão velha, em si mesma, como as areias do deserto —, e nada parecida com o experimento revolucionário novo e atraente que tantos observadores estrangeiros pensavam ser. Depois de vários meses dispendiosos numa casa alugada em Elm Park Gardens, meus pais e os três filhos menores deixaram Londres para Berlim (onde, até sua morte, em março de 1922, meu pai se juntou a Iosif Hessen, um colega do Partido da Liberdade do Povo, editando um jornal emigrado russo), enquanto meu irmão e eu estudávamos em Cambridge — ele na Christ College, eu na Trinity.

2

Tive dois irmãos, Sergey e Kirill. Kirill, o filho mais novo (1911-64), era também meu afilhado, como acontecia nas famílias russas. A certo estágio da cerimônia de batismo, em nossa sala de Vyra, eu o carreguei desajeitadamente antes de entregá-lo a sua madrinha, Ekaterina Dmitrievna Danzas (prima-irmã de meu pai e sobrinha-neta do coronel K. K. Danzas, padrinho de Pushkin em seu duelo fatal). Na infância, Kirill ficava junto com minhas duas irmãs nos remotos quartos das crianças, que eram completamente separados dos apartamentos dos irmãos mais velhos na casa da cidade e do campo. Eu o vi muito pouco durante minhas duas décadas de expatriado europeu, em 1919-

-1940, e nunca depois disso, até minha visita seguinte à Europa, em 1960, quando se deu um breve período de encontros muito amigáveis e alegres.

Kirill estudou em Londres, Berlim e Praga, e fez a faculdade de Louvain. Casou-se com Gilberte Barbanson, uma moça belga, teve uma agência de viagem (que conduzia com humor, mas não sem sucesso) em Bruxelas e morreu de um ataque cardíaco em Munique.

Ele adorava cidades praianas e comida gordurosa. Abominava, tanto quanto eu, as touradas. Falava cinco línguas. Era um empenhado brincalhão. Sua grande realidade na vida era a literatura, principalmente poesia russa. Os versos que escreveu revelam a influência de Gumilyov e Hodasevich. Ele publicou esparsamente e foi sempre reticente sobre sua escrita, assim como era sobre sua existência interior, enevoada de ironia.

Por várias razões, acho extremamente difícil falar de meu outro irmão. Aquela busca tortuosa por Sebastian Knight (1940), com suas *gloriettes* e combinações auto-mate não é, realmente, nada, em comparação com a tarefa que eu enfrentei na primeira versão destas memórias e que enfrento agora. Exceto por duas ou três pobres aventurazinhas que esbocei nos primeiros capítulos, a infância dele e a minha raramente se fundiam. Ele é uma mera sombra no fundo de minhas lembranças mais ricas e mais detalhadas. Eu era o filho mimado; ele, a testemunha dos mimos. Nascido de cesariana dez meses e meio depois de mim, em 12 de março de 1900, ele amadureceu mais cedo que eu e fisicamente parecia mais velho. Raramente brincávamos juntos, ele era indiferente à maior parte das coisas de que eu gostava — trens de brinquedo, revólveres de brinquedo, índios pele-vermelha, almirantes vermelhas. Aos seis ou sete anos, desenvolveu uma apaixonada adulação por Napoleão, tolerada por Mademoiselle, e levava para a cama um pequeno busto de bronze dele. Quando criança, eu era agitado, aventureiro e um pouco valentão. Ele era calado e desatento, e passava muito mais tempo que eu com nossos mentores. Aos dez anos, começou a se interessar por música, e daí em diante fez inúmeras aulas, ia a concertos com nosso pai e passava horas sem fim tocando trechos de óperas num piano do andar de cima, perfeitamente audível. Eu me esgueirava por trás e o cutucava nas costelas — uma lembrança infeliz.

Íamos a escolas diferentes; ele ia ao antigo *gimnasiya* de meu pai, usava o uniforme preto regulamentar ao qual, aos quinze anos, acrescentou um toque ilegal: polainas cinza-rato. Por volta dessa época, uma página de diário que

encontrei em sua mesa e li, e em idiota assombro mostrei a meu tutor, que prontamente a mostrou a meu pai, forneceu repentinamente um esclarecimento retroativo de certas estranhezas de seu comportamento.

O único jogo de que ambos gostávamos era tênis. Jogávamos juntos com frequência, principalmente na Inglaterra, numa quadra de grama irregular em Kensington, numa quadra de saibro bom em Cambridge. Ele era canhoto. Tinha uma séria gagueira que comprometia discussões sobre pontos duvidosos. Apesar de um saque fraco e da ausência de qualquer *backhand* de verdade, ele não era fácil de vencer, sendo o tipo de jogador que nunca cometia uma dupla falta e rebatia tudo com a consistência de uma parede. Em Cambridge, nos encontramos mais do que em qualquer outro lugar antes, e pela primeira vez tivemos alguns amigos comuns. Nós dois nos formamos nas mesmas disciplinas, com as mesmas notas, depois do que ele se mudou para Paris onde, durante os anos seguintes, deu aulas de inglês e russo, como eu dei em Berlim.

Nos encontramos de novo nos anos 1930 e tivemos uma relação muito amigável em 1938-40, em Paris. Ele aparecia muitas vezes para bater um papo, na rue Boileau onde eu morava em dois quartos miseráveis com você e nosso filho, mas aconteceu que ele (que estivera ausente por algum tempo) só ficou sabendo de nossa mudança para a América depois que partimos. Minhas lembranças mais desoladas estão associadas a Paris, e o alívio de ir embora foi absoluto, mas lamento que ele tenha tido de gaguejar sua perplexidade a um porteiro indiferente. Sei muito pouco de sua vida durante a guerra. A certo momento, ele foi empregado como tradutor de um escritório em Berlim. Homem franco e destemido, criticou o regime na frente de colegas, que o denunciaram. Foi preso, acusado de ser “espião britânico” e mandado para um campo de concentração em Hamburgo, onde morreu de inanição em 10 de janeiro de 1945. É uma daquelas vidas que pedem desamparadamente alguma coisa devida — compaixão, compreensão, qualquer coisa —, que o mero reconhecimento dessa carência não pode nem substituir, nem redimir.

3

O começo de meu primeiro semestre em Cambridge não foi auspicioso. No fim da tarde de um dia enfadonho e úmido de outubro, com a sensação de estar participando de algum estranho ato teatral, vesti minha recém-adquirida

beca acadêmica azul-escura e o chapéu quadrado para a primeira visita formal a E. Harrison, meu tutor acadêmico. Subi a escada e bati na porta maciça que estava ligeiramente aberta. “Entre”, disse uma voz distante com oca aspereza. Atravessei uma espécie de sala de espera e entrei no escritório de meu tutor. O marrom anoitecer havia se adiantado a mim. Não havia luz na sala, a não ser pelo refulgir de uma grande lareira, perto da qual sentava-se uma figura sombria numa poltrona ainda mais sombria. Avancei dizendo: “Meu nome é...” e pisei na bandeja de chá no tapete ao lado da poltrona baixa de vime de Mr. Harrison. Com um grunhido, ele se curvou de lado na cadeira para endireitar o bule, depois recolheu e jogou de volta dentro dele a massa escura de folhas de chá que o bule havia vomitado. Assim começou o período universitário de minha vida, com uma nota de embaraço, uma nota que seria persistentemente recorrente durante meus três anos de residência.

Mr. Harrison achou que era uma ótima ideia acomodar um “russo branco” com outro e então, de início, dividi um apartamento em Trinity Lane com um confuso compatriota. Depois de alguns meses, ele deixou a faculdade e eu continuei como único ocupante daquele apartamento. Que parecia intoleravelmente esquelético em comparação com meu remoto e então inexistente lar. Me lembro bem dos ornamentos no aparador da lareira (um cinzeiro de vidro, com o emblema da Trinity, deixado por algum morador anterior; uma concha na qual encontrei aprisionado o marulhar de um de meus verões à beira-mar) e o velho piano mecânico de minha zeladora, um aparelho patético, cheio de música rompida, esmagada, enovelada, que se experimentava uma vez e nunca mais. A estreita Trinity Lane era uma ruazinha sossegada e bem triste, sem quase nenhum tráfego, mas com um passado longo e sombrio, que começava no século XVI, quando se chamava Finsilver Lane, embora apelidada na época com um nome mais grosseiro devido ao então abominável estado de seus esgotos. Sofri muito com o frio, mas é absolutamente falso, como afirmam alguns, que a temperatura polar dos quartos em Cambridge fazia a água congelar nas jarras da pia. Na verdade, dificilmente havia nada mais que uma fina camada de gelo na superfície, e essa era fácil de, usando a escova de dentes, quebrar em pedaços tilintantes, um som que, em retrospecto, tem até um certo apelo festivo a meu ouvido americanizado. Fora isso, acordar de manhã não era nada divertido. Ainda sinto nos ossos a desolação das caminhadas noturnas pela Trinity Lane até os

banhos, arrastando os pés, soltando fumaça pálida pela boca, num roupão fino por cima do pijama e com uma fria e chata bolsa de esponja debaixo do braço. Nada no mundo podia me fazer usar diretamente na pele as roupas de baixo de lã que mantinham os ingleses secretamente aquecidos. Sobretudos eram considerados efeminados. A roupa usual de um estudante de graduação médio de Cambridge, fosse ele atleta ou poeta esquerdista, fazia soar uma nota vigorosa e lúgubre: os sapatos tinham grossas solas de borracha, as calças de flanela eram cinza-escuras, e o suéter abotoado, chamado “*junper*”, debaixo do paletó Norfolk, era de um marrom conservador. O que acho que podia ser chamado de turma alegre usava tênis velho, calça de flanela cinza muito clara, um “*junper*” amarelo vivo e o paletó de um terno bom. Nessa época, minha preocupação juvenil com roupas estava minguando, mas me parecia divertido, depois da moda formal da Rússia, andar de chinelo, evitar ligas, e usar o colarinho costurado à camisa — uma audaciosa inovação naqueles dias.

A branda mascarada a que me juntei indolentemente deixou impressões tão insignificantes em minha mente que seria tedioso continuar. A história de meus anos de faculdade na Inglaterra é realmente a história de minha tentativa de me tornar um escritor russo. Eu tinha a sensação de que Cambridge e todos os seus aspectos famosos — elmos veneráveis, janelas com brasão, loquazes torres de relógio — eram completamente inconsequentes em si mesmos, e existiam apenas para emoldurar e dar suporte a minha rica nostalgia. Emocionalmente, eu estava na posição de um homem que, tendo perdido uma parenta querida, se dava conta — tarde demais — de que por alguma preguiça da alma humana anestesiada pela rotina, ele não havia se dado ao trabalho de conhecê-la tão bem quanto merecia, nem demonstrado totalmente as marcas de sua afeição, não totalmente conscientes então, mas agora insuportáveis. Enquanto, com olhos ardendo, eu meditava diante da lareira de meu quarto em Cambridge, toda a potente banalidade das brasas, da solidão e dos sinos distantes me pressionavam, contorcendo as dobras de meu rosto como o rosto de um piloto é desfigurado pela velocidade fantástica de seu voo. E eu pensava em tudo o que havia perdido em meu país, nas coisas que eu não teria deixado de notar e valorizar, se desconfiasse antes que minha vida ia dar uma guinada tão violenta.

Para alguns dos vários colegas emigrados que encontrei em Cambridge a tendência geral de meus sentimentos era uma coisa tão óbvia e conhecida que

soaria chata e pareceria quase imprópria se posta em palavras. Com o mais branco daqueles russos brancos eu logo descobri que patriotismo e política se reduziam a um ressentimento rosnado dirigido mais contra Kerenski do que a Lenin, e que se devia exclusivamente a desconfortos e perdas materiais. Assim, também, encontrei algumas dificuldades bastante inesperadas com conhecidos ingleses que eram considerados cultos, sutis, humanos, mas que, apesar de toda sua decência e refinamento, caíam no mais espantoso disparate quando se discutia a Rússia. Quero apontar aqui um jovem socialista que conheci, um gigante magricela cuja manipulação lenta e múltipla de um cachimbo era horrivelmente desagradável quando você não concordava com ele, e deliciosamente tranquila quando sim. Com ele, tive muitas alterações políticas, cuja amargura invariavelmente se dissolvia quando nos voltávamos para os poetas de que ambos gostávamos. Hoje ele não é desconhecido entre seus pares, coisa que é, admito prontamente, uma frase completamente sem sentido, mas estou fazendo o possível para esconder sua identidade; permitam que me refira a ele pelo nome de “Nesbit”, como o apelidei (ou afirmo agora tê-lo apelidado), não só por sua pretensa semelhança com os primeiros retratos de Máximo Gorki, uma mediocridade regional daquela era, de quem um dos primeiros contos (“Meu companheiro de viagem” — outra nota adequada) havia sido traduzido por um certo R. Nesbit Bain, mas também porque “Nesbit” tem a vantagem de entrar em uma voluptuosa associação palindrômica com “Ibsen”, nome que terei de evocar agora.

Pode ser verdade, como disseram alguns, que a simpatia pelo leninismo por parte da opinião de liberais ingleses e americanos nos anos vinte foi provocada pela consideração da política interna. Mas foi também devida à simples informação equivocada. Meu amigo sabia pouco do passado da Rússia, e esse pouco lhe tinha chegado através de canais comunistas poluídos. Quando desafiado a justificar o bestial terror que havia sido sancionado por Lenin — a casa de tortura, o muro manchado de sangue — Nesbit batia as cinzas de seu cachimbo na borda do guarda-fogo, recruzava sinistramente as pernas imensas, destramente cruzadas com seus sapatos pesados, e murmurava alguma coisa sobre o “bloqueio aliado”. Ele amontoava como “elementos tsaristas” emigrados russos de todas as cores, de camponeses socialistas a generais brancos — muito como os escritores soviéticos de hoje usam o termo “fascista”. Ele nunca se deu conta de que, fossem ele e outros idealistas estrangeiros russos na

Rússia, ele e eles teriam sido destruídos pelo regime de Lenin com tanta naturalidade como coelhos são destruídos por furões e fazendeiros. Ele afirmava que a razão para o que chamava afetadamente de “menos variedade de opinião” sob os bolcheviques do que nos sombrios dias tsaristas era “a falta de qualquer tradição de livre expressão na Rússia”, argumento que recolheu, acredito, do tipo de insensatos artigos com títulos como “Alvorecer na Rússia” que eloquentes leninistas ingleses e americanos escreviam naquela época. Mas a coisa que talvez mais me irritasse era a atitude de Nesbit quanto ao próprio Lenin. Todos os russos cultos e com discernimento sabiam que esse astuto político tinha tanto gosto e interesse em questões estéticas quanto um burguês russo comum do tipo *épiciér* flaubertiano (o tipo que admirava Pushkin por força dos vis libretos de Tchaikovsky, chorava em óperas italianas e sentia atração por qualquer pintura que contasse uma história); mas Nesbit e seus altivos amigos viam nele uma espécie de sensível patrono poético e promotor de novas tendências em arte e davam um sorriso superior quando eu tentava explicar que a relação entre política avançada e arte avançada era puramente verbal (alegremente explorada pela propaganda soviética), e que quanto mais radical um russo era em política, mais conservador era no lado artístico.

Eu tinha à mão uma porção de verdades assim que gostava de expor, mas que Nesbit, fortemente entrincheirado em sua ignorância, considerava meras fantasias. A história da Rússia (posso, por exemplo, declarar) podia ser considerada de dois pontos de vista (ambos, por alguma razão, incomodavam igualmente a Nesbit): primeiro, como a evolução da polícia (uma força curiosamente impessoal e destacada, trabalhando às vezes numa espécie de vazio, às vezes desamparada, e em outros momentos superando o governo em brutal perseguição); e segundo, como desenvolvimento de uma cultura maravilhosa. Sob o poder dos tsares (posso continuar), apesar do caráter fundamentalmente inepto e feroz de seu poder, um russo amante da liberdade tivera incomparavelmente mais meios de se expressar, e costumava correr incomparavelmente menos risco ao fazê-lo, do que sob Lenin. Desde as reformas dos anos 1860, o país possuía (embora nem sempre respeitasse) uma legislação de que qualquer democracia ocidental teria orgulho, uma vigorosa opinião pública que mantinha déspotas à distância, periódicos amplamente lidos de todas as tonalidades de pensamento liberal e, o que era especialmente notável, juízes surpreendentemente destemidos e independentes. (“Ora, que é

isso...”, Nesbit contrapunha). Quando revolucionários eram capturados, o banimento para Tomsk ou Omsk (hoje Bombsk) eram férias relaxadas em comparação com os campos de concentração que Lenin estabeleceu. Exilados políticos escapavam da Sibéria com facilidade farsesca, como prova a famosa fuga de Trotsky — Papai Leon, ou *Santa Claws* Trotsky — deslizando alegremente num trenó natalino puxado por renas: Vamos, Rocket, vamos, Stupid, vamos, Butcher e Blitzen!

Logo me dei conta de que, se minhas posições, posições não raras entre democratas russos no exterior, eram recebidas com dolorida surpresa ou polidos sorrisos de desdém por democratas ingleses in situ, um outro grupo, os ultraconservadores ingleses, fechava decididamente comigo, mas o fazia por uma motivação tão grosseiramente reacionária que eu ficava apenas embaraçado com seu desprezível apoio. De fato, me orgulho de ter discernido naquela época os sintomas do que é tão claro hoje, quando uma espécie de círculo familiar se formou gradualmente, ligando representantes de todas as nações, alegres construtores de império em suas clareiras na selva, policiais franceses, o produto germânico inominável, o bom e velho russo ou polonês *pogromshchik* que frequenta a igreja, o esqualido linchador americano, o homem de dentes ruins que esguicha histórias contra as minorias no bar ou no banheiro e, em outro ponto do mesmo círculo sub-humano, aqueles impiedosos autômatos de cara empastada em opulentas calças John Held e paletós com ombreiras, aqueles *Sitzriesen* à espreita em todas as nossas mesas de conferência, homens — ou devo dizer coisas? — que o Estado soviético começou a exportar por volta de 1945, depois de mais de duas décadas de criação e modelagem seletiva, durante as quais a moda masculina no exterior tivera tempo de mudar, de forma que o símbolo da disponibilidade infinita de tecido só provocava um cruel escárnio (como ocorreu na Inglaterra pós-guerra quando um famoso time soviético de jogadores de futebol desfilou à paisana).

4

Eu logo me afastei da política e me concentrei na literatura. Abriguei em meu apartamento em Cambridge os escudos vermelhos e os relâmpagos azuis da *Canção da campanha de Igor* (esse incomparável e misterioso épico do final do século XII ou final do século XVIII), a poesia de Pushkin e Tyutchev, a prosa

de Gogol e Tolstoi, e também a maravilhosa obra dos grandes naturalistas russos que haviam explorado e descrito o lado selvagem da Ásia Central. Numa banca de livros em Market Place, topei inesperadamente com uma obra russa, um exemplar de segunda mão do *Dicionário interpretativo da língua russa viva*, de Dahl, em quatro volumes. Comprei-o e resolvi ler ao menos dez páginas por dia, grifando palavras e expressões que poderiam me agradar especialmente, e mantive isso durante um tempo considerável. Meu medo de perder ou corromper, através de influência estrangeira, a única coisa que eu havia preservado da Rússia — sua língua — se tornou positivamente mórbido e consideravelmente mais aflitivo que o medo que eu viveria duas décadas depois de nunca ser capaz de levar meu texto em inglês a algum ponto próximo do nível do meu russo. Eu costumava ficar até tarde da noite, cercado por um acúmulo quase quixotesco de volumes dificultosos, e fazer poemas polidos e bastante estéreis em russo, nascidos não tanto das células vivas de alguma emoção impositiva, mas em torno de um termo vívido ou de uma imagem verbal que eu queria usar por ela mesma. Na época, teria me horrorizado descobrir o que hoje vejo claramente, a influência direta sobre minhas estruturas russas de vários padrões de verso ingleses (“georgianos”) contemporâneos que corriam pelo quarto e por cima de mim como camundongos domesticados. E pensar no trabalho em que me empenhei! De repente, nas primeiras horas de uma manhã de novembro, eu tomava consciência do silêncio e do frio (meu segundo inverno em Cambridge parece ter sido o mais frio e o mais prolífico). As chamas vermelhas e azuis em que eu andara vendo uma batalha fabulosa haviam afundado no fulgor lúgubre de um pôr do sol ártico entre pinheiros grisalhos. Mesmo assim não conseguia me obrigar a ir para a cama, abominando não tanto a insônia, mas a inevitável dupla sístole, provocada pelo frio dos lençóis, e também a curiosa afecção chamada *anxietas tibiarum*, um doloroso estado de inquietação, um martirizante aumento de sensação muscular, que leva a uma mudança contínua da posição dos membros. Então eu punha mais carvão no fogo e ajudava a reavivar as chamas estendendo uma folha do *Times* de Londres sobre a mandíbula negra e fumegante da lareira, cobrindo completamente seus recessos abertos. O papel esticado começava a produzir um zumbido, que adquiria a uniformidade da pele de um tambor e a beleza de um pergaminho iluminado. Então, com o zumbido se transformando num rugido, uma mancha alaranjada

aparecia no meio da folha, e qualquer que fosse o trecho de texto ali impresso (por exemplo: “A Liga não tem controle sobre nem um guinéu nem uma arma” ou “... as vinganças que Nêmesis obteve sobre a hesitação aliada e a indecisão da Europa central e oriental...”) se destacava com terrível clareza — até de repente a mancha alaranjada estourar. Então a folha em chamas, com o chiado de uma fênix liberada, voava chaminé acima para se juntar às estrelas. Se o pássaro de fogo fosse observado, a multa era de doze xelins.

A cena literária, Nesbit e seus amigos, embora elogiasse meus trabalhos noturnos, franzia a testa para várias outras coisas de que eu gostava, como entomologia, trotes, garotas e, principalmente, atletismo. Dos jogos que joguei em Cambridge, o futebol foi uma ventania que desimpediou o meio de um período bastante conturbado. Eu adorava ser goleiro. Na Rússia e em países latinos, essa arte galante sempre foi cercada com uma auréola de glamour singular. Isolado, solitário, impassível, o craque goleiro é seguido nas ruas por meninos fascinados. Ele se compara ao toureiro e ao ás da aviação como objeto de emocionada adulação. A camiseta, o boné, as joelheiras, as luvas saindo do bolso de trás do calção, o isolam do resto do time. Ele é a águia solitária, o homem misterioso, o último defensor. Fotógrafos dobram reverentemente um joelho para fotografá-lo no ato de fazer um mergulho espetacular na boca do gol para desviar com as pontas dos dedos um chute baixo, rápido como o relâmpago, e o estádio ruge o aplauso, enquanto ele permanece um momento ou dois esticado onde caiu, o gol ainda intacto.

Mas na Inglaterra, pelo menos na Inglaterra de minha juventude, o horror nacional por exibir-se e uma preocupação muito severa com trabalho sólido de equipe não levavam ao desenvolvimento da arte excêntrica do goleiro. Essa é, ao menos, a explicação que eu desencavei por não ser extremamente bem-sucedido nos campos de Cambridge. Ah, é claro que tive meus dias de brilho e animação — o cheiro bom da grama, aquele famoso centroavante do interuniversidades driblando mais e mais perto de mim com a bola nova, fulva, nos pés rápidos, e então o chute certo, a defesa por sorte, o prolongar do formigamento... Mas existiram outros dias, mais memoráveis, mais esotéricos, sob céus carregados, a área do gol uma massa de lama negra, a bola tão escorregadia como um pudim de ameixa e minha cabeça estalando de nevralgia depois de uma noite sem dormir, fazendo versos. Eu me atrapalhava horrivelmente — e recuperava a bola da rede. Misericordiosamente o jogo

mudava para o lado oposto do campo encharcado. Uma garoa fraca, cansada, começava, hesitava e continuava outra vez. Com uma ternura arrulhante em seu crocitar abafado, gralhas dilapidadas batiam as asas num olmo sem folhas. Formava-se uma neblina. Ora o jogo virava um vago agitar de cabeças perto do gol remoto da St. John's ou da Christ's, ou qualquer faculdade que estivéssemos enfrentando. Os sons distantes, borrados, um grito, um assobio, o som surdo de um chute, tudo aquilo era perfeitamente sem importância e não tinha nenhuma ligação comigo. Eu era menos o protetor de um gol de futebol do que o protetor de um segredo. De braços cruzados, as costas apoiadas na trave vertical, eu gozava o prazer de fechar os olhos e assim ouvir meu coração batendo, sentir a garoa cega em meu rosto e ouvir, à distância, os sons partidos do jogo, pensando comigo mesmo, como um fabuloso ser exótico num disfarce de jogador de futebol inglês, compondo versos numa língua que ninguém entendia, sobre um país remoto que ninguém conhecia. Não era de admirar que eu não fosse muito popular entre meus companheiros de time.

Nem uma vez em meus três anos de Cambridge — repito: nem uma vez — visitei a biblioteca da universidade, ou sequer me dei ao trabalho de descobrir onde ficava (conheço sua nova localização agora), ou descobrir se existia uma biblioteca universitária onde livros pudessem ser emprestados para ler para seus trabalhos. Eu faltava às aulas. Escapulia para Londres ou outros lugares. Tinha vários casos amorosos simultaneamente. Tive entrevistas horrendas com Mr. Harrison. Traduzi para o russo um grupo de poemas de Rupert Brooke, *Alice no país das maravilhas* e *Colas Breugnon*, de Romain Rolland. Em termos escolares, eu podia muito bem ter frequentado o Inst. M. M. de Tirana.

Coisas como *muffins* e *crumpets* que se tomava com chá depois dos jogos ou os gritos de “Jornal, jornal!” do vendedor com sotaque *cockney* misturados à campainha da bicicleta nas ruas que escureciam me pareciam na época mais característicos de Cambridge do que parecem agora. Não consigo impedir de me dar conta de que, à parte costumes notáveis, porém mais ou menos passageiros, e mais profundos que regra ou ritual, de fato existia algo em Cambridge que muitos alunos solenes já tentaram definir. Vejo essa característica básica como a consciência constante que alguém poderia ter de uma ilimitada extensão de tempo. Não sei se alguém jamais irá a Cambridge em busca das marcas que os pinos de minha chuteira deixaram na lama negra

diante de um gol boquiaberto, ou para seguir a sombra de meu boné no quadrângulo da escada de meu tutor; mas sei que eu pensava em Milton, em Marvell, em Marlowe, com mais que uma emoção de turista ao passar ao lado dos reverendos muros. Nada do que se olhava estava fechado em termos de tempo, tudo era uma abertura natural para o tempo, de forma que a cabeça se acostumava a trabalhar num ambiente particularmente puro e amplo, e como, em termos de espaço, a alameda estreita, o claustro gramado, o arco escuro nos limitavam fisicamente, aquela diáfana, evanescente textura de tempo era, por contraste, especialmente bem-vinda, assim como a visão do mar por uma janela nos alivia grandemente, mesmo que não se goste de velejar. Eu não tinha nenhum interesse na história do lugar e tinha toda certeza de que Cambridge não estava de forma alguma afetando minha alma, embora na verdade Cambridge é que fornecesse não só a moldura efetiva, mas também as próprias cores e ritmos internos de meus pensamentos russos muito especiais. O ambiente, creio eu, acaba atuando sobre a criatura se já existe, nessa criatura, uma certa partícula ou traço reagente (o inglês que me foi impregnado quando criança). Disso eu tive o primeiro indício pouco antes de deixar Cambridge, durante minha última e mais triste primavera lá, quando senti, de repente, que algo em mim estava tão naturalmente em contato com meu ambiente imediato quanto estava com meu passado russo, e que esse estado de harmonia tinha sido alcançado no momento exato em que uma cuidadosa reconstrução de meu artificial, mas lindamente exato mundo russo, se completara. Acho que uma das pouquíssimas ações “práticas” de que jamais fui culpado foi usar parte desse material cristalino para obter um diploma com mérito.

5

Me lembro de um fluxo onírico de barcos e canoas no Cam, o gemido havaiano dos fonógrafos passando devagar por sombra e sol, e a mão de uma moça girando suavemente para lá e para cá o cabo de seu guarda-sol brilhante como um pavão, reclinada nas almofadas do barco que eu impulsionava com a vara sonhadoramente. Os cones rosados das nogueiras estavam em plena floração; formavam massas que se sobrepunham ao longo das margens, preenchiam o céu que surgia do rio, e o padrão especial de suas flores e folhas produzia uma espécie de efeito *en escalier*, a figuração angular de alguma

esplêndida tapeçaria em verde e rosa antigo. O ar era tão cálido quanto na Crimeia, com o mesmo aroma doce e veludoso de um certo arbusto florido que nunca soube identificar propriamente (depois senti o cheiro dele em jardins dos estados do Sul). Os três arcos de uma ponte italianizada, atravessando a corrente estreita, se combinavam para formar, com a ajuda de suas réplicas quase perfeitas, quase sem ondas na água, três ovais adoráveis. A água, por sua vez, lançava um retalho de luz rendada na pedra do intradorso debaixo do qual o barco deslizava. De quando em quando, caída de uma árvore em flor, uma pétala descia, descia, descia, e com a estranha sensação de ver algo que nem um adorador, nem um espectador casual devia ver, conseguia-se um vislumbre de seu reflexo que rapidamente — mais rapidamente do que a pétala caía — subia ao encontro dela; e por uma fração de segundo dava medo que o truque não fosse funcionar, que o óleo bendito não pegaria fogo, que o reflexo ia errar e a pétala flutuaria sozinha, mas todas as vezes a delicada união se realizava, com a mágica precisão da palavra de um poeta que encontra a meio caminho sua lembrança, ou a de um leitor.

Quando, depois de uma ausência de quase dezessete anos, revisitei a Inglaterra, cometi o erro terrível de ir ver Cambridge outra vez não no glorioso final do semestre de Páscoa, mas num dia cru de fevereiro que me lembrou apenas de minha confusa e velha nostalgia. Eu estava tentando sem nenhuma esperança encontrar um trabalho acadêmico na Inglaterra (a facilidade com que obtive esse tipo de emprego nos Estados Unidos é para mim, em retrospecto, uma fonte constante de grato assombro). Sob todos os aspectos a visita não foi um sucesso. Almocei com Nesbit num lugarzinho que devia ser cheio de recordações, mas que, devido a várias mudanças, não era. Ele tinha parado de fumar. O tempo amaciara seus traços e ele não se parecia mais com Gorki, nem com o tradutor de Gorki, mas lembrava um pouco Ibsen, menos a vegetação simiesca. Uma preocupação acidental (a prima ou irmã solteira que cuidava da casa para ele tinha acabado de ser encaminhada para a clínica de Binet ou algo assim) parecia impedi-lo de se concentrar na questão muito pessoal e urgente que eu queria discutir com ele. Sobre uma mesa, havia uma pilha de volumes encadernados da *Punch* numa espécie de pequeno vestíbulo em que existira antes um aquário de peixes dourados — e tudo parecia tão diferente. Diferentes também eram os uniformes espalhafatosos usados pelas garçonetes, nenhuma das quais tão bonita quanto aquela de quem eu me

lembrava tão claramente. Bastante desesperado, como se lutasse contra o tédio, Ibsen partiu para a política. Eu sabia muito bem o que esperar — a denúncia do stalinismo. No começo dos anos vinte, Nesbit havia atribuído erroneamente seu efervescente idealismo por alguma coisa romântica e humana no domínio horrendo de Lenin. Ibsen, nos dias do não menos horrendo Stalin, estava tomando erroneamente um aumento quantitativo de seu próprio conhecimento por uma mudança qualitativa no regime soviético. A nuvem de tempestade dos expurgos que afetara os “velhos bolcheviques”, os heróis de sua juventude, haviam lhe dado um choque salutar, algo que na época de Lenin nem todos os gemidos vindos do campo de trabalho forçado Solovski, nem a masmorra de Lubyanka, haviam conseguido fazer. Com horror ele pronunciou os nomes de Ezhov e Yagoda — mas esqueceu inteiramente seus predecessores, Uritski e Dzerzhinski. O tempo havia melhorado sua avaliação dos acontecimentos soviéticos contemporâneos, mas ele não se dava ao trabalho de reconsiderar as noções preconceituosas de sua juventude e ainda via o breve reinado de Lenin como uma espécie de glamoroso *quinquennium Neronis*.

Ele olhou o relógio dele, eu olhei o meu, nos despedimos e eu vaguei pela cidade na chuva, depois visitei os parques das universidades, por algum tempo olhei as gralhas na rede negra dos elmos nus e os primeiros crócus na grama pontilhada de gotículas de névoa. Ao passear debaixo dessas árvores decantadas, tentei me colocar no mesmo estado de espírito extático de reminiscências de meus anos de estudante, da mesma forma como nesses anos eu havia experimentado a minha meninice, mas tudo o que consegui evocar foram pequenas imagens fragmentadas: M. K., um russo, amaldiçoando, dispepticamente, as consequências de um jantar no College Hall; N. R., outro russo, fazendo uma farrá como se fosse criança; P. M. irrompendo em meu quarto com um exemplar de *Ulisses* recém-contrabandeado de Paris; J. C. passando tranquilamente para dizer que ele também tinha acabado de perder o pai; R. C. me convidando gentilmente a ir com ele numa viagem aos alpes suíços; Christopher não-sei-quê, escapando de uma partida de tênis em duplas ao saber que seu parceiro seria um hindu; T., um garçom muito velho e frágil, no salão, derramando a sopa em cima do professor A. E. Housman, que se pôs de pé subitamente como alguém que volta de um transe; S. S. que não tinha nenhuma ligação com Cambridge, mas que tendo cochilado em sua poltrona numa festa literária (em Berlim), e recebendo uma cotovelada de um vizinho,

também se pôs de pé subitamente — no meio de um conto que alguém estava lendo; o Rato-do-campo de Lewis Carroll começando inesperadamente a contar uma história; E. Harrison inesperadamente me dando de presente *The Shropshire Lad*, um pequeno volume de versos sobre jovens rapazes e a morte.

O dia enfadonho havia descambado para uma faixa amarelo-pálido no poente cinzento quando, num impulso, resolvi visitar meu velho tutor. Como um sonâmbulo, subi a escada familiar e bati automaticamente na porta entreaberta com o nome dele. Com uma voz que era um tantinho menos abrupta e um pouquinho mais profunda, ele me mandou entrar. “Não sei se lembra de mim...”, comecei a dizer, ao atravessar a sala em penumbra até onde ele estava sentado perto da lareira confortável. “Vamos ver”, disse ele, virando devagar na poltrona baixa, “parece que não sei exatamente...”. Houve um crepitar desanimador, um estrépito fatal: eu tinha pisado na bandeja de chá que estava aos pés de sua poltrona de vime. “Ah, claro”, disse ele, “sei quem é você”.

Capítulo catorze

1

A espiral é um círculo espiritualizado. Na forma espiral, o círculo desencurvado, desenrolado, deixa de ser vicioso; foi libertado. Pensei nisso quando era menino de escola e descobri também que a série triádica de Hegel (tão popular na velha Rússia) expressava meramente a “espiralidade” de todas as coisas em relação ao tempo. Curva se segue a curva, e toda síntese é a tese da série seguinte. Se considerarmos a espiral mais simples, pode-se distinguir nela três estágios, correspondentes à tríade: podemos chamar de “tética” a pequena curva ou arco que inicia a convolução no centro; “antitético” o arco maior que fica na frente do primeiro no processo de lhe dar continuidade; e “sintético” o arco ainda mais amplo que continua o segundo, acompanhando o primeiro pelo lado externo. E assim por diante.

Uma espiral colorida dentro de uma bola de vidro, é assim que vejo a minha vida. Os vinte anos que passei em minha Rússia natal (1899-1919) se encarregam do arco tético. Os vinte e um anos de exílio voluntário na Inglaterra, na Alemanha e na França (1919-1940) fornecem a óbvia antítese. O período passado em meu país de adoção (1940-1960) forma a síntese — e uma nova tese. No momento, estou preocupado com meu estágio antitético e mais particularmente com minha vida na Europa continental depois que me formei em Cambridge em 1922.

Quando olho para trás, para aqueles anos de exílio, me vejo, e a milhares de outros russos, levando uma existência estranha, mas de jeito nenhum desagradável, em indigência material e luxo intelectual, entre estranhos

perfeitamente desimportantes, alemães e franceses espectrais cujas cidades mais ou menos ilusórias, nós, emigrados, habitávamos. Esses aborígenes eram, aos olhos da mente, tão planos e transparentes como figuras recortadas em celofane e, embora usássemos seus aparelhos, aplaudíssemos seus palhaços, colhêssemos suas ameixas e maçãs na beira das estradas, nenhuma comunicação real, do tipo humano rico tão difundida em nosso meio, existia entre nós e eles. Às vezes parecia que nós os ignorávamos do jeito que um invasor muito idiota ignora a massa sem forma e sem rosto de nativos; mas de vez em quando, com bastante frequência na verdade, um mundo espectral através do qual desfilávamos serenamente nossas feridas e nossas artes produzia uma espécie de horrível convulsão e nos mostrava quem era o cativo desencarnado e quem o senhor de verdade. Nossa absoluta dependência física desta ou daquela nação, que havia friamente nos dado refúgio político, se tornava dolorosamente evidente quando algum sórdido “visto”, algum diabólico “cartão de identificação”, tinha de ser obtido ou prolongado, porque então um ávido inferno burocrático tentava se fechar sobre o postulante e ele podia murchar enquanto seu dossiê rodava mais e mais longe nas mesas de cônsules e policiais com bigodes de rato. *Dokumenti*, dizem, é uma placenta russa. A Liga das Nações equipava emigrados que tinham perdido a cidadania russa com um passaporte chamado “nansen”, um documento muito inferior com uma cor verde enjoativa. Seu portador era pouco mais que um criminoso em liberdade condicional e tinha de enfrentar as mais odiosas dificuldades cada vez que queria viajar de um país para outro, e quanto menor o país, maior a confusão que aprontavam. Em algum lugar no fundo de suas glândulas, as autoridades secretavam a noção de que por pior que fosse um estado — digamos, a Rússia soviética — qualquer fugitivo dela era intrinsecamente desprezível, uma vez que ele existia fora de uma administração nacional; e portanto era visto com a absurda reprovação com que certos grupos religiosos veem uma criança nascida fora do casamento. Nem todos nós consentíamos em ser bastardos ou fantasmas. Doces são as lembranças que alguns emigrados russos prezam de como insultaram ou enganaram altos funcionários de vários ministérios, *Préfetures* e *Polizeipraesidioms*.

Em Berlim e Paris, as duas capitais do exílio, os russos formavam colônias compactas, com um coeficiente de cultura que superava grandemente os meios culturais das comunidades estrangeiras necessariamente mais diluídas entre as

quais eram colocados. Dentro dessas colônias eles se mantinham fechados em si mesmos. Tenho em vista, evidentemente, intelectuais russos, pertencentes sobretudo a grupos democráticos, e não o tipo mais espalhafatoso de pessoa que “era, sabe, conselheiro do tsar ou algo assim”, em que as sócias de clubes americanos pensam imediatamente sempre que se fala de “russos brancos”. A vida nesses assentamentos era tão cheia e tão intensa que esses *intelligenti* russos (uma palavra que tinha conotações mais socialmente idealistas e menos posudas que a palavra “intelectual”, conforme é usada nos Estados Unidos) não tinham nem tempo nem motivos para procurar laços fora de seus próprios círculos. Hoje, num mundo novo e amado, onde aprendi a me sentir em casa com a mesma facilidade com que parei de cortar com um traço os meus setes, pessoas extrovertidas e cosmopolitas a quem menciono essas questões do passado pensam que estou brincando, ou me acusam de ser esnobe ao contrário, quando afirmo que no curso de quase um quinto de século passado na Europa Ocidental, não tive entre o punhado de alemães e franceses que conheci (sobretudo zeladoras e literatos) mais que dois bons amigos, no total.

De alguma forma, em meus anos isolado na Alemanha, nunca encontrei aqueles gentis músicos de antigamente que, nos romances de Turgueniev, tocavam suas rapsódias noite de verão adentro; ou aqueles felizes velhos caçadores com suas capturas alfinetadas no alto do chapéu de que a Idade da Razão tanto caçoava; o cavalheiro de La Bruyère que derrama lágrimas diante de uma lagarta parasitada, os “filósofos mais graves que sábios” de Gay, que, vejam vocês, “caçam a ciência nas borboletas” e, menos insultuosos, os “curiosos alemães” de Pope, que “tanto prezam” aquelas “feiras de insetos”; ou simplesmente os sujeitos ditos saudáveis e bondosos que durante a última guerra os soldados saudosos do Meio Oeste americano pareciam preferir aos cautelosos fazendeiros franceses ou à enérgica Madelon II. Ao contrário, a figura mais vívida que encontro quando repasso na memória o magro conjunto de conhecidos não russos e não judeus nos anos entreguerras é a imagem de um jovem estudante universitário alemão, bem criado, calado, de óculos, cujo hobby era a pena capital. Em nosso segundo encontro, ele me mostrou uma coleção de fotografias entre as quais havia uma série comprada (“*Ein bischen retouchiert*”, disse ele franzindo o nariz sardento) que mostrava estágios sucessivos de uma execução rotineira na China; ele comentou, com muito conhecimento, como era esplêndida a espada letal e o espírito de perfeita

cooperação entre o carrasco e a vítima, que culminava com um verdadeiro gêiser de sangue cinza-enevado jorrando do pescoço da parte decapitada fotografado com toda clareza. Sendo bastante abastado, esse jovem colecionador podia viajar e viajava de fato, entre as humanidades que estudava para seu doutoramento. Ele reclamou, porém, de contínua má sorte e acrescentou que se não visse alguma coisa realmente boa dentro em breve, talvez não suportasse a pressão. Tinha assistido a alguns enforcamentos passáveis nos Bálcãs e uma bem anunciada, embora bastante árida e mecânica *guillotinate* (ele gostava de usar o que achava ser francês coloquial) no bulevar Arago em Paris; mas de alguma forma nunca estava suficientemente perto para observar tudo em detalhes, e a caríssima câmera minúscula na manga de sua capa de chuva não funcionava tão bem como ele esperava. Mesmo com um terrível resfriado, ele tinha ido a Regensburg onde a decapitação era realizada violentamente com um machado: esperava grandes coisas desse espetáculo, mas para sua intensa decepção o sujeito parecia ter sido drogado e mal reagira, além de se jogar molemente no chão enquanto o carrasco mascarado e seu atrapalhado ajudante se lançavam sobre ele. Dietrich (primeiro nome de meu conhecido) esperava algum dia ir aos Estados Unidos para assistir a algumas eletrocuções; em sua inocência, da palavra inglesa “electrocution”, ele derivou o adjetivo “cute” [gracioso], que tinha aprendido com um primo que estivera na América, e com uma ligeira carranca de curiosa preocupação Dietrich se perguntava se era realmente verdade que, durante a performance, sensacionais jatos de fumaça saíam dos orifícios naturais do corpo. Em nosso terceiro e último encontro (ainda havia nele detalhes que eu queria arquivar para possível utilização) ele me contou, com tristeza, mais que com raiva, que uma vez passara uma noite inteira observando pacientemente um bom amigo que tinha decidido se suicidar com um tiro, e concordara em fazê-lo com um disparo no céu da boca, de frente para o aficionado e com boa luz, mas, desprovido de ambição ou sentido de honra, em vez disso tinha ficado absolutamente bêbado. Embora eu tenha perdido o contato com Dietrich há muito tempo, posso bem imaginar a expressão de calma satisfação em seus olhos azul-peixe ao mostrar, hoje em dia (talvez no momento exato em que escrevo isto), uma nunca esperada profusão de tesouros aos coveteranos que gargalham, dando tapas nas coxas — as fotos absolutamente *wunderbar* que tirou durante o reino de Hitler.

Já falei o suficiente da melancolia e da glória do exílio em meus romances russos, principalmente no melhor deles, *Dar* (recentemente publicado em inglês como *The gift* [*O dom*]); mas pode ser conveniente uma rápida recapitulação. Com muito poucas exceções, todas as forças criativas de mente liberal — poetas, romancistas, críticos, historiadores, filósofos etc. — haviam deixado a Rússia de Lenin e Stalin. Os que não o fizeram estavam murchando lá ou adulterando seus dotes para obedecer as exigências políticas do Estado. O que os tsares nunca conseguiram realizar, especificamente, a submissão completa das mentes à vontade do governo, foi obtido pelos bolcheviques num átimo depois que o contingente principal de intelectuais escapou para o exterior ou foi destruído. O feliz grupo de expatriados podia agora perseguir seus interesses com tão absoluta impunidade que, de fato, às vezes se perguntavam se a sensação de gozar de absoluta liberdade mental não se devia ao fato de trabalharem num vazio absoluto. Verdade que havia entre os emigrados um número suficiente de bons leitores para garantir a publicação em Berlim, Paris e outras cidades, de livros e periódicos russos em escala comparativamente grande; mas, como nenhum desses escritos podia circular dentro da União Soviética, a coisa toda adquiria um certo ar de frágil irrealdade. O número de títulos era mais impressionante que o número de exemplares que qualquer obra específica vendia, e os nomes das editoras — Orion, Cosmos, Logos e assim por diante — tinham o aspecto frenético, instável e ligeiramente ilegal que têm as empresas que publicam literatura astrológica ou de fatos-da-vida. Em sereno retrospecto, porém, e a julgar apenas por padrões artísticos e acadêmicos, os livros produzidos *in vacuo* por escritores emigrados parece hoje, sejam quais forem seus defeitos individuais, mais permanentes e aptos a consumo humano do que as torrentes convencionais, escravizadas, singularmente provincianas de consciência política que vieram durante esses anos das penas de jovens autores soviéticos que um Estado paternal supria de tinta, cachimbos e pulôveres.

O editor do diário *Rul'* (que publicou meus primeiros livros), Iosif Vladimirovich Hessen, permitiu com grande indulgência que eu enchesse seu setor de poesia com minhas rimas imaturas. As noites azuis de Berlim, a noqueira em flor na esquina, despreocupação, pobreza, amor, a tonalidade

tangerina das luzes prematuras das lojas, e uma dolorida ânsia animal pelo cheiro ainda fresco da Rússia — tudo isso posto em verso, copiado à mão e despachado para a sala do editor, onde o míope I. V. levava o novo poema para perto do rosto e depois de um breve, quase tátil, ato de reconhecimento o pousava na mesa. Em 1928, meus romances estavam começando a dar algum dinheirinho em traduções alemãs e, na primavera de 1929, você e eu fomos caçar borboletas nos Pirineus. Mas só no final dos anos 1930 deixamos Berlim para sempre, embora muito antes disso eu fizesse viagens a Paris para leituras públicas de meu trabalho.

Um aspecto excepcional da vida de emigrado, adequado a seu caráter itinerante e dramático, era a frequência anormal dessas leituras literárias em casas particulares ou salões alugados. Os vários tipos de participantes se distinguem com muita clareza no teatro de marionetes de minha cabeça. Havia a atriz apagada, com olhos como pedras preciosas, que depois de apertar por um momento um lenço amassado na mão à boca febril, evocava ecos nostálgicos do Teatro de Arte de Moscou, sujeitando algum famoso texto em verso à ação, meio dissecação, meio carícia, com sua voz lenta e límpida. Havia o lamentável autor de segunda classe cuja voz se arrastava numa névoa de prosa rítmica e dava para ver o tremor nervoso de seus pobres dedos desajeitados, mas cuidadosos, cada vez que enfiava a página que acabara de ler debaixo das próximas, de forma que o manuscrito mantinha durante toda a leitura sua assustadora e penosa espessura. Havia o jovem poeta em quem os invejosos membros de sua irmandade não podiam deixar de perceber um perturbador traço de gênio tão notável quanto a lista branca de um gambá, ereto no palco, pálido, olhos vidrados com nada nas mãos para ancorá-lo neste mundo, ele jogava a cabeça para trás e enunciava seu poema num cântico altamente irritante, rolante, parava bruscamente no final, batendo a porta do último verso à espera de que o aplauso preenchesse o silêncio. E havia o velho *cher maître* derramando pérola a pérola uma história admirável que ele havia lido vezes inumeráveis e sempre da mesma maneira, com a expressão de obstinado desprazer que seu rosto nobremente enrugado tinha no frontispício de suas obras reunidas.

Acredito que teria sido fácil para um observador distanciado caçar de toda aquela gente quase impalpável que imitava em cidades estrangeiras uma civilização morta, as remotas, quase lendárias, quase sumérias miragens de São

Petersburgo e Moscou, 1900-1916 (que mesmo então nos anos vinte e trinta soavam como 1916-1900 a.C.). Mas ao menos eram rebeldes como a maior parte dos escritores russos tinha sido desde que existia literatura russa, e fiéis a esse Estado insurgente, que seu senso de justiça e liberdade almejava com tanta força como havia almejado sob a opressão dos tsares, os emigrados viam como monstruosamente não russo e sub-humano o comportamento daqueles autores mimados na União Soviética, a reação servil por parte desses autores a todas as cores de todos os decretos governamentais; pois a arte da prostração estava crescendo lá na exata proporção da crescente eficiência da polícia política primeiro de Lenin, depois de Stalin, e o escritor soviético bem-sucedido era aquele cujo ouvido fino captava o tênue sussurro de uma sugestão oficial muito antes de ela se tornar um som forte.

Devido à circulação limitada de suas obras no exterior, mesmo a geração mais velha de escritores emigrados, cuja fama já estava solidamente estabelecida na Rússia pré-revolução, não podia esperar que seus livros garantissem sua sobrevivência. Escrever uma coluna semanal para um jornal emigrado nunca era suficiente para sustentar juntos o corpo e a pena. De quando em quando, traduções para outras línguas traziam um lucro inesperado; mas fora isso, bolsas de várias organizações de emigrados, ganhos com leituras públicas e a pródiga generosidade de particulares eram responsáveis pelo prolongamento da vida de autores velhos. Os mais jovens, menos conhecidos, porém mais adaptáveis, suplementavam os subsídios casuais assumindo diversos trabalhos. Me lembro de ter ensinado inglês e tênis. Pacientemente eu domava a tendência persistente de homens de negócios berlinenses pronunciarem “*business*” como se rimasse com “*dizziness*”; e, como um autômato elegante, debaixo das nuvens lentas de um longo dia de verão, em quadras empoeiradas, eu atirava bola atrás de bola pela rede às suas filhas bronzeadas, de cabelo curto. Ganhei cinco dólares (uma soma e tanto durante a inflação da Alemanha) por minha tradução para o russo de *Alice no país das maravilhas*. Ajudei a compilar uma gramática russa para estrangeiros na qual o primeiro exercício começava com as palavras *Madam, ya doktor, vot banan* (Madame, eu sou o médico, eis aqui uma banana). O melhor de tudo era que eu costumava compor para um jornal diário emigrado, o *Rul'* de Berlim, as primeiras palavras cruzadas em russo, que batizei de *krestoslovitsi*. Acho estranho lembrar essa existência esquisita. Muito amada por escritores de textos de capa é a lista de profissões

mais ou menos terrenas desempenhadas por um jovem autor (escrevendo sobre Vida e Ideias — que são muito mais importantes, claro, do que a mera “arte”): jornalista, atendente de lanchonete, monge, lutador, capataz numa siderúrgica, motorista de ônibus e assim por diante. Ah, nenhuma dessas vocações foi minha.

Minha paixão por boa literatura me pôs em contato próximo com vários autores russos no exterior. Eu era jovem naquela época e muito mais interessado em literatura do que sou hoje. A prosa e a poesia correntes, planetas brilhantes e pálidas galáxias, fluíam do peitoril de minha janela de sótão noite após noite. Havia autores independentes de diversas idades e talentos, e havia grupos e camarilhas dentro das quais muitos escritores jovens ou quase jovens, alguns dotados, se reuniam em torno de um crítico filosofante. O mais importante desses mistagogos combinava talento intelectual com mediocridade moral, uma nefasta firmeza de gosto em poesia russa moderna e um conhecimento irregular de clássicos russos. Seu grupo acreditava que nem uma mera negação do bolchevismo, nem os ideais rotineiros das democracias Ocidentais, eram suficientes para construir uma filosofia na qual pudesse se apoiar a literatura emigrada. Tinham sede de um credo como um detento viciado em drogas tem sede de seu paraíso particular. Mais patético ainda era que invejavam grupos católicos parisienses pelas maduras sutilezas tão obviamente ausentes do misticismo russo. A névoa dostoiévskiana não podia competir com o pensamento neotomista; mas não havia outros caminhos? Acreditava-se que a ânsia por um sistema de fé, um balanço constante no limiar de alguma religião aceita, fornecia uma satisfação especial própria. Só muito mais tarde, nos anos quarenta, alguns desses escritores finalmente descobriram uma ladeira definida pela qual deslizar numa atitude mais ou menos genuflexória. Essa ladeira era o entusiástico nacionalismo que podia chamar um Estado (no caso da Rússia de Stalin) de bom e adorável por nenhuma outra razão além do fato de seu exército ter ganhado uma guerra. No começo dos anos trinta, porém, o precipício nacionalista era apenas vagamente percebido e os mistagogos ainda gozavam as emoções da escorregadia suspensão. Em sua atitude diante da literatura eram curiosamente conservadores; para eles a salvação da alma vinha primeiro, encaixar-se na política em seguida e a arte por último. Um olhar retrospectivo hoje percebe o fato surpreendente de esses belettristas livres no exterior macaquearem o

pensamento agrilhado de sua pátria, ao decretar que ser representante de um grupo ou de uma época era mais importante do que ser um escritor individual.

Vladislav Khodasevich costumava reclamar, nos anos vinte e trinta, que jovens poetas emigrados haviam pego emprestado dele sua forma de arte ao acompanharem os grupos principais na *angoisse* e no remodelamento da alma então em moda. Desenvolvi um grande afeto por esse homem amargo, envolto em ironia e gênio metálico, cuja poesia era uma maravilha tão complexa como a de Tyuchev ou Blok. Ele tinha, fisicamente, um aspecto doentio, com narinas desdenhosas e sobrancelhas hirsutas, e quando o evoco mentalmente nunca levanta de uma cadeira dura onde está sentado com as pernas finas cruzadas, os olhos brilhando de malevolência e inteligência, os dedos longos encaixando numa piteira a metade de um cigarro *Caporal Vert*. Poucas coisas na poesia moderna se comparam ao poemas de sua *Lira pesada*, mas infelizmente para sua fama a perfeita franqueza que ele se permitia ao manifestar suas antipatias conquistou-lhe alguns inimigos terríveis nos círculos críticos mais poderosos. Nem todos os mistagogos eram Alyoshas dostoievskianos; havia também alguns Smerdyakovs no grupo, e a poesia de Hodasevich era desconsiderada com a radicalidade de um golpe vingativo.

Outro escritor independente era Ivan Bunin. Sempre preferi seu verso pouco conhecido a sua prosa celebrada (a inter-relação deles, no quadro de seu trabalho, lembra o caso de Hardy). Na época, encontrei-o profundamente perturbado pelo problema pessoal do envelhecimento. A primeira coisa que me disse foi observar com satisfação que sua postura era melhor que a minha, apesar de ele ser uns trinta anos mais velho que eu. Ele gozava o prêmio Nobel que acabara de receber e me convidou a algum restaurante caro e elegante em Paris para uma conversa de coração para coração. Infelizmente, eu tinha uma mórbida aversão por restaurantes e cafés, principalmente os de Paris — detesto multidões, garçons malcriados, boêmios, coquetéis de vermute, café, *zakuski*, shows e coisas assim. Gosto de comer e beber numa posição recumbente (de preferência num sofá) e em silêncio. Conversas do coração, confissões à maneira de Dostoievski, também não são do meu estilo. Bunin, um velho cavalheiro vigoroso, com um vocabulário rico e pouco casto, ficou intrigado com minha indiferença às perdizes, que eu havia comido o suficiente na infância, e exasperado com minha recusa em discutir questões escatológicas. No fim da refeição, estávamos absolutamente entediados um com o outro.

“Você vai morrer com dores horríveis e em completo isolamento”, Bunin observou amargamente quando íamos para a chapelaria. Uma moça bonita, de aspecto frágil, trouxe nossos pesados sobretudos e caiu com eles nos braços em cima do balcão baixo. Eu quis ajudar Bunin a vestir o seu raglá, mas ele me deteve com um gesto orgulhoso da mão aberta. Ainda nos debatendo um pouco — *ele* estava tentando ajudar a *mim* — saímos para a pálida desolação de um dia de inverno em Paris. Meu companheiro estava abotoando o colarinho quando um olhar de surpresa e aflição retorceu seu belos traços. Abrindo o sobretudo cuidadosamente, começou a tatear alguma coisa debaixo da axila. Fui ajudá-lo e juntos finalmente removemos de sua manga meu longo cachecol de lã que a moça havia enfiado no casaco errado. A coisa foi saindo centímetro a centímetro; era como desembrulhar uma múmia e ficamos rodando um em torno do outro no processo, para a risonha diversão de três prostitutas de rua. Então, quando a operação terminou, caminhamos sem dizer uma palavra até uma esquina onde apertamos as mãos e nos separamos. Posteriormente costumávamos nos encontrar com frequência, mas sempre no meio de outras pessoas, geralmente na casa de I. I. Fondaminski (uma alma santificada e heroica que fez mais pela literatura russa emigrada que qualquer outro homem e que morreu numa prisão alemã). De alguma forma, Bunin e eu adotamos um modo de conversação gozador e bastante deprimente, uma variedade russa das “brincadeiras” americanas, e isso impedia qualquer troca real entre nós.

Conheci muitos outros autores russos emigrados. Não conheci Poplavski, que morreu jovem, um violino distante entre balalaicas próximas.

Durma, ó Morella, como são horríveis as vidas aquilinas

Nunca esquecerei suas plangentes tonalidades, nem me perdoarei jamais a mal-humorada resenha em que o ataquei por erros triviais em seus versos imaturos. Conheci o sábio, afetado, encantador Aldanov; o decrépito Kuprin, levando cuidadosamente uma garrafa de *vin ordinaire* pelas ruas chuvosas; Ayhenvald — uma versão russa de Walter Pater —, depois morto por um bonde; Marina Tsvetaeva, esposa de um agente duplo e poeta de gênio que, no final dos anos trinta, voltou à Rússia e morreu lá. Mas o autor que mais me interessou foi naturalmente Sirin. Ele pertencia à minha geração. Entre os jovens escritores produzidos no exílio, ele era o mais solitário e o mais

arrogante. A começar pelo surgimento de seu primeiro romance em 1925 e ao longo dos quinze anos seguintes, até ele desaparecer tão estranhamente como havia aparecido, sua obra sempre despertou um agudo e bastante mórbido interesse por parte dos críticos. Assim como publicistas marxistas dos anos 1880 da velha Rússia denunciariam sua falta de interesse pela estrutura econômica da sociedade, também os mistagogos das letras emigradas deploravam sua falta de visão religiosa e de preocupação moral. Tudo nele acabava ofendendo as convenções russas e principalmente aquele senso de decoro russo que, por exemplo, um americano hoje ofende tão perigosamente quando, na presença de militares soviéticos importantes, enfia ambas as mãos nos bolsos da calça. Inversamente, os admiradores de Sirin valorizavam muito, talvez demais, seu tipo fora do comum, sua precisão brilhante, sua imagética funcional e esse tipo de coisa. Leitores russos que foram criados na sólida objetividade do realismo russo e haviam denunciado o engodo de impostores decadentes, ficavam impressionados com os ângulos espelhados de suas frases claras, mas estranhamente desorientadoras, e pelo fato de a vida real de seus livros fluir em suas figuras de linguagem, que um crítico comparou a “janelas dando para um mundo contíguo... um corolário deslizante, a sombra de um trem de pensamento”. Através do escuro céu do exílio, Sirin passou, para usar um símile de natureza mais conservadora, como um meteoro e desapareceu deixando em seu rastro não muito mais que um vago senso de inquietação.

3

No curso de meus vinte anos de exílio, dediquei uma prodigiosa quantidade de tempo à composição de problemas de xadrez. Uma certa posição é elaborada no tabuleiro e o problema a ser resolvido é como chegar ao mate ao rei preto em determinado número de movimentos, geralmente dois ou três. É uma arte bela, complexa e estéril, relacionada com a forma normal do jogo apenas na medida em que, digamos, as propriedades de uma esfera são usadas tanto por um prestidigitador preparando um novo número como pelo jogador de tênis para vencer um torneio. A maioria dos jogadores de xadrez, na verdade, tanto amadores quanto mestres, se interessa apenas um pouco por esses enigmas altamente especializados, caprichosos, cheios de estilo, e, embora aprecie um problema absorvente, ficaria absolutamente perdida se solicitada a compor um.

A inspiração de um tipo quase musical, quase poético ou, para ser mais exato, de um tipo poético-matemático, conduz o processo de conceber uma composição de xadrez desse tipo. Frequentemente, no meio amigável do dia, à margem de alguma ocupação trivial, na trilha ociosa de um pensamento passageiro, eu experimentava, sem aviso, uma picada de prazer mental quando o botão de um problema de xadrez desabrochava em minha mente, me prometendo uma noite de trabalho e felicidade. Pode ser uma nova maneira de fundir um recurso estratégico fora do comum com uma linha de defesa fora do comum; pode ser um lampejo da real configuração de homens que iriam representar afinal, com humor e elegância, um tema difícil que eu perdera a esperança de expressar antes; ou pode ser um mero gesto feito na névoa de minha mente por várias unidades de força representadas por enxadristas — uma espécie de rápida pantomima, sugerindo novas harmonias e novos conflitos; fosse o que fosse, pertencia a uma ordem especialmente estimulante de sensação, e meu único conflito com isso hoje é que a manipulação maníaca de figuras esculpidas e suas contrapartidas mentais, durante a maior parte dos anos efervescentes e prolíficos, consumiram tanto do tempo que eu podia ter devotado à aventura verbal.

Peritos distinguem várias escolas na arte dos problemas de xadrez: a anglo-americana que combina apurada construção com ousados padrões temáticos e recusa à constrição de regras convencionais; o áspero esplendor da escola teutônica; os produtos altamente acabados, mas desagradavelmente engenhosos e insípidos, do estilo tcheco com sua estrita obediência a certas condições artificiais; os velhos estudos russos de finais, que atingem cintilantes picos da arte, e o problema mecânico soviético do tipo chamado de “tarefa”, que substitui a estratégia artística pelo pesado trabalho de temas à sua capacidade extrema. É preciso explicar que temas, em xadrez, são recursos como avançar, recuar, imobilizar o adversário, desmobilizar o adversário; mas só quando combinado de uma certa forma o problema é satisfatório. Dissimulação, ao ponto de diabolismo, e originalidade, beirando o grotesco, eram minhas noções de estratégia; e embora em termos de construção eu tentasse me limitar, sempre que possível, às regras clássicas, tais como economia de força, unidade, eliminação de fraquezas, estava sempre pronto a sacrificar a pureza da forma às exigências de conteúdo fantástico, fazendo a forma inchar e explodir como uma esponja que contém um pequeno diabo furioso.

Uma coisa é conceber o jogo principal de uma composição, e outro é construí-lo. O esforço mental é formidável; o elemento tempo desaparece inteiramente da consciência da pessoa: a mão que constrói pega um peão da caixa, segura-o, enquanto a mente ainda avalia a necessidade de uma pista falsa ou um tapa-buraco e, quando o punho se abre, toda uma hora talvez se passou, virou cinzas na incandescente cerebração do planejador. O tabuleiro diante dele é um campo magnético, um sistema de pressões e abismos, um firmamento estrelado. Os bispos se deslocam por ele como faróis. Este ou aquele cavalo é uma alavanca ajustada e experimentada, e reajustada e experimentada de novo, até o problema estar sintonizado ao nível necessário de beleza e surpresa. Quantas vezes batalhei para prender a força terrível da dama branca a fim de evitar uma solução dupla! Deve-se entender que a competição nos problemas de xadrez não é realmente entre brancas e pretas, mas entre o compositor e o hipotético solucionador (assim como numa obra de ficção de primeira linha o choque real não é entre os personagens, mas entre o autor e o mundo), de forma que uma grande parte do valor de um problema se deve ao número de “tentativas” — movimentos de abertura ilusórios, pistas falsas, linhas de jogo enganosas, preparadas astutamente, amorosamente, para fazer o pretenso solucionador se perder. Mas por mais que eu possa falar sobre essa questão de composição de problema, parece que não consigo transmitir suficientemente o êxtase que existe no cerne do processo e seus pontos de conexão com várias outras operações da mente criativa, mais abertas e frutíferas, do mapeamento de mares perigosos à escritura de um daqueles incríveis romances em que o autor, num ataque de lúcida loucura, coloca para si mesmo certas regras únicas que ele respeita, certos obstáculos de pesadelos que ele supera, com o empenho de uma divindade construindo um mundo vivo a partir dos ingredientes mais improváveis — rochas, carbono e cega pulsação. No caso da composição de problema, o evento é acompanhado por uma madura satisfação física, principalmente quando os enxadristas estão começando a encenar adequadamente, num penúltimo ensaio, o sonho do compositor. Existe uma sensação de conforto (que remonta à infância da pessoa, de planejar brincadeiras na cama, com partes de brinquedos se encaixando em cantos da mente); existe o jeito delicioso como uma peça é emboscada atrás da outra, dentro do conforto e do calor de uma casa fora do caminho; e existe o movimento suave de uma máquina bem lubrificada e

polida que corre docemente ao toque de dois dedos em pinça erguendo ligeiramente e baixando ligeiramente uma peça.

Me lembro de um problema em particular que eu vinha tentando compor havia meses. Chegou uma bela noite em que consegui finalmente expressar aquele tema particular. Era destinado à apreciação do solucionador mais experiente. O pouco sofisticado poderia perder inteiramente o foco do problema e descobrir sua solução simples, “tética”, sem ter passado pelos prazerosos tormentos preparados para o sofisticado. Este último começaria caindo num padrão de jogo ilusório de um elegante tema vanguardista (expondo o rei branco a xeques), que o compositor tinha feito os maiores esforços para “plantar” (com apenas um obscuro movimentozinho de um inconspícuo peão para perturbá-lo). Depois de passar por esse inferno “antitético”, o solucionador, já ultrassofisticado, atingiria o simples movimento-chave (bispo para c2) como alguém numa busca frenética poderia ir de Albany a Nova York via Vancouver, Eurásia e Açores. A experiência agradável da rota em circunlóquios (paisagens estranhas, gongos, tigres, costumes exóticos, o circuito repetido três vezes de recém-casados em torno do fogo sagrado de um braseiro de terra) o recompensaria amplamente pela desgraça do engano, e, depois disso, a chegada dele ao movimento-chave simples lhe forneceria uma síntese de pungente prazer artístico.

Me lembro de emergir de um enlevo de concentrado pensamento enxadrista e ali, num grande tabuleiro inglês de couro cor de creme e vermelho-cardeal, a posição impecável finalmente se equilibrou como uma constelação. Funcionou. Estava viva. Minhas peças Staunton (um jogo de vinte anos que me foi dado pelo irmão anglicizado de meu pai, Konstantin), esplendidamente maciças, de madeira castanha ou preta, de até dez centímetros de altura, exibiam seus contornos brilhantes como se tivessem consciência do papel que desempenharam. Ah, se examinadas de perto, dava para ver que alguns homens estavam lascados (depois de viajar em sua caixa pelos cinquenta ou sessenta endereços para os quais me mudei naqueles anos); mas o topo da torre do rei e a testa do cavalo do rei ainda mostravam uma pequena coroa carmesim pintada, lembrando a marca redonda da testa de um hindu alegre.

Um ribeirão de tempo se comparado a seu lago congelado no tabuleiro, meu relógio marcava três e meia. A estação era maio — meados de maio, 1940. No dia anterior, depois de meses solicitando e xingando, o emético de uma

propina foi administrado ao rato certo no departamento certo e isso resultou finalmente num *visa de sortie* que, por sua vez, condicionava a permissão de atravessar o Atlântico. De repente, senti que ao completar o meu problema de xadrez todo um período de minha vida chegava a um final satisfatório. Tudo em torno estava muito quieto, vagamente marcado, por assim dizer, pela qualidade de meu alívio. Dormindo no quarto ao lado estavam você e nosso filho. O abajur de minha mesa estava encapuzado com papel azul de pão de açúcar (uma divertida precaução militar) e a luz resultante emitia um tom lunar às volutas de ar pesado de fumaça de tabaco. Cortinas opacas me separavam de Paris em blecaute. A manchete de um jornal pendurado de uma cadeira falava que Hitler atacara os Países Baixos.

Tenho na minha frente a folha de papel na qual, naquela noite em Paris, desenhei o diagrama da posição do problema. Brancas: rei em a7 (significa primeira fila, sétima casa), dama em b6, torres em f4 e f5, bispos em e4 e h8, cavalos em d8 e e6, peões em b7 e g3. Pretas: rei em e5, torre em g7, bispo em h6, cavalos em e2 e g5, peões em c3, c6 e d7. Branco joga e dá mate em dois lances. A trilha falsa, a irresistível “tentativa”, é: peão para b8, promovendo a cavalo, com três lindos mates em resposta a xeques revelados pelas pretas; mas as pretas podem derrotar toda a brilhante situação caso *não* deem xeque nas brancas e façam, em vez disso, um modesto movimento de espera em algum outro ponto do tabuleiro. Num canto da folha do diagrama, noto certa marca estampada que adorna também outros papéis e livros que trouxe da França para a América em maio de 1940. É um carimbo circular, na última tonalidade do espectro — *violet de bureau*. No centro há duas letras de corpo 12, *R.F.*, que significam evidentemente *République Française*. Outras letras de tipo menor, correndo no perímetro, dizem *Contrôle des Informations*. No entanto, só agora, muitos anos depois, é que a informação escondida em meus símbolos de xadrez, que aquele controle permitiu passar, pode ser e, de fato é, divulgada.

Capítulo quinze

1

Estão passando, acelerados, acelerados, os anos deslizantes — para usar uma inflexão comovente de Horácio. Os anos estão passando, minha querida, e hoje ninguém sabe o que você e eu sabemos. Nosso filho está crescendo; as rosas de Pesto, a enevoadada Pesto, se foram; idiotas mentalmente mecânicos remendam e adulteram forças da natureza que suaves matemáticos, para sua própria surpresa secreta, parecem ter previsto; então talvez seja hora de examinarmos nossos antigos instantâneos, desenhos das cavernas de trens e aviões, camadas de brinquedos no armário de trastes.

Devemos ir ainda mais atrás, até uma manhã de maio de 1934, e traçar, com respeito a esse ponto fixo, o gráfico de um setor de Berlim. Lá estava eu voltando para casa a pé, às cinco da manhã, da maternidade perto da Bayerischer Platz, à qual tinha levado você duas horas antes. Flores de primavera enfeitavam os retratos de Hindenburg e Hitler na vitrina de uma loja que vendia molduras e fotografias coloridas. Grupos esquerdistas de pardais realizavam barulhentas sessões matinais nos lilases e limoeiros. Uma amanhecer límpido havia desanuviado completamente um lado da rua vazia. Do outro lado, as casas ainda pareciam azuis de frio e várias sombras alongadas se estendiam gradualmente, telescopicamente, do jeito corriqueiro que dias jovens têm quando estão superando a noite numa cidade bem-cuidada, bem-saneada, onde o cheiro do chão asfaltado sublinha o aroma de seiva da sombra das árvores; mas para mim a parte óptica do processo parecia bem nova, como um jeito incomum de arrumar a mesa, porque nunca tinha visto antes aquela

rua específica ao nascer do dia, embora, por outro lado, tivesse passado ali com frequência, sem filho, em tardes ensolaradas.

Na pureza e vacuidade da hora menos familiar, as sombras estavam do lado errado da rua, investindo-a com um senso de inversão não de todo deselegante, igual a quando alguém vê refletida no espelho de uma barbearia a janela para a qual o barbeiro melancólico volta o olhar enquanto afia a navalha (como fazem todos eles nesses momentos) e, emoldurada por essa janela refletida, um trecho de calçada onde passa uma procissão de pedestres despreocupados na direção errada, para o mundo abstrato que de repente perde a diversão e libera uma torrente de terror.

Sempre que começo a pensar em meu amor por uma pessoa, tenho o hábito de imediatamente desenhar os raios de meu amor — a partir de meu coração, a partir do núcleo macio de uma questão pessoal — para pontos monstruosamente remotos do universo. Algo me impele a comparar a consciência de meu amor a coisas inimagináveis e incalculáveis, como o comportamento de uma nebulosa (cuja mera distância parece uma forma de insanidade), os horrendos abismos de eternidade, o incognoscível além do desconhecido, o desamparo, o frio, as nauseantes involuções e interpenetrações de espaço e tempo. É um hábito pernicioso, mas não posso fazer nada a respeito. Posso comparar ao movimento incontrolável da língua de um insone conferindo um dente cortante na noite de sua boca, machucando-se ao fazer assim, mas mesmo assim perseverando. Conheci pessoas que, ao tocar acidentalmente alguma coisa — a coluna da porta, uma parede —, tinham de realizar uma certa sequência muito rápida e sistemática de contatos manuais com várias superfícies da sala antes de retornar a uma existência equilibrada. Não se pode evitar; tenho de saber onde estou, onde você está e onde está meu filho. Quando ocorre dentro de mim essa explosão de amor silenciosa, em câmara lenta, desdobrando seus limiares solventes e me dominando com a sensação de algo muito mais vasto, muito mais duradouro e poderoso do que a acumulação de matéria ou energia em qualquer cosmos imaginável, então minha mente não consegue senão beliscar a si mesma para ver se está realmente acordada. Tenho de fazer um rápido inventário do universo, como um homem num sonho tenta justificar o absurdo de sua posição se certificando de que está sonhando. Tenho de ter todo o espaço e todo o tempo participando de minha emoção, de meu amor mortal, de forma que o limiar de sua mortalidade seja

removido, me ajudando assim a combater a degradação, o ridículo e o horror absolutos de ter desenvolvido uma infinidade de sensação e pensamento dentro de uma existência finita.

Como, em minha metafísica, sou um convicto não sindicalizado e não vejo utilidade no turismo organizado por paraísos antropomórficos, só me restam meus próprios recursos, nada negligenciáveis quando penso nas melhores coisas da vida; quando, como agora, rememoro minha preocupação com nosso bebê, quase um sofrimento gestante. Você se lembra das descobertas que fizemos (supostamente feitas por todos os pais): a forma perfeita das unhas em miniatura da mão que você me mostrou em silêncio, espriada como uma estrela-do-mar na palma de sua mão; a textura epidérmica de membros e face chamavam a atenção em tons distantes, tênues, como se a maciez do toque só pudesse ser reproduzida pela maciez da distância; aquele algo flutuante, declinante, fugidio no tom azulado escuro da íris que merecia reter ainda as sombras que havia absorvido de fabulosas florestas antigas, onde havia mais pássaros que tigres e mais frutos que espinhos e onde, em alguma profundidade variegada, nascera a mente do homem; e, acima de tudo, a primeira jornada de um bebê à dimensão seguinte, o nexu recém-estabelecido entre olho e objeto alcançável, que os carreiristas jovens em biométrica ou no esquema dos labirintos de ratos acham que podem explicar. Me ocorre que a reprodução mais próxima que se pode obter do nascimento da mente é a punhalada de assombro que acompanha o momento preciso em que, olhando um emaranhado de ramos e folhas, a pessoa de repente se dá conta de que o que parecera um componente natural desse emaranhado é um inseto ou pássaro maravilhosamente bem disfarçado.

Existe também intenso prazer (e, afinal, o que mais deve produzir a busca da ciência?) em encontrar o enigma do florescer inicial da mente do homem postulando uma pausa voluptuosa no crescimento do resto da natureza, um ócio e uma disponibilidade que permitiram em primeiríssimo lugar a formação do *Homo poeticus* — sem o qual o *sapiens* não poderia ter se desenvolvido. “Luta pela vida”, sei! A maldição da batalha e do esforço leva o homem de volta à condição de javali, à louca obsessão de busca de comida da fera que ruge. Você e eu muitas vezes observamos aquele brilho maníaco no olho maquinador da dona de casa ao passar a vista na comida do armazém ou na morgue de um

açougue. Trabalhadores do mundo, debandar! Os velhos livros estão errados. O mundo foi feito num domingo.

2

Ao longo de todos os anos da infância de nosso filho, na Alemanha de Hitler e na França de Maginot, estávamos constantemente mais ou menos duros, mas amigos maravilhosos cuidavam que ele tivesse tudo do melhor. Embora impotentes para fazer muita coisa, você e eu juntos mantivemos um olhar feroz para qualquer possível brecha entre a infância dele e nossos próprios anos iniciais no passado opulento, e foi aí que aqueles fados amigos entraram, retificando a brecha toda vez que ela ameaçava se abrir. Então a ciência de construir bebês também tinha feito o mesmo progresso fenomenal, moderno, que a aviação ou a agricultura — *eu*, aos nove meses, não comia meio quilo de espinafre numa refeição nem tomava o suco de uma dúzia de laranjas por dia; e a higiene pediátrica que você adotou foi incomparavelmente mais artística e escrupulosa do que qualquer coisa que as velhas babás podiam sonhar quando éramos bebês.

Acho que pais burgueses — trabalhadores de colarinho duro e calça risca de giz, dignos, pais de escritório, tão diferentes dos jovens veteranos americanos de hoje ou de um alegre e desempregado expatriado russo de quinze anos atrás — não entenderão minha atitude com nosso filho. Sempre que você o carregava, repleto do leite morno preparado e grave como um ídolo, e esperava o sinal de liberação pós-lático antes de tornar horizontal um bebê vertical, eu costumava participar tanto de sua espera quanto do estufamento na avidez dele, que eu exagerava, e portanto me ressentia de sua alegre convicção de uma dissipação rápida do que eu sentia ser uma opressão dolorosa; e quando, por fim, uma surda bolhazinha efetivamente subia e estourava em sua boca solene, eu experimentava um alívio adorável enquanto você, com um murmúrio de congratulação, se inclinava e o depositava na penumbra debruada de branco de seu berço.

Sabe, ainda sinto nos pulsos certos ecos da ação de empurrar o carrinho como, por exemplo, a suave pressão para baixo que se faz na alça para erguer a frente e subir a calçada. Primeiro, foi um complicado veículo cinza-rato de fabricação belga, com gordos pneus automobilísticos e molas luxuriantes, tão

grande que não se conseguia entrar com ele em nosso minúsculo elevador. Ele rodava nas calçadas em um lento mistério majestoso, com o bebê preso ali dentro deitado de costas, bem coberto com plumas, seda e pele; só seus olhos se mexiam, alertas, e às vezes viravam para cima com um rápido movimento dos cílios fartos para acompanhar o recuar do azul riscado de galhos que fugia pela borda da capota semifechada do carrinho, e depois lançava um olhar desconfiado ao meu rosto para ver se as árvores e o céu a brincar não pertenciam, talvez, à mesma ordem de coisas que os chocalhos e o humor paternal. Em seguida, veio um carro mais leve e nesse, à medida que espichava, ele tendia a se levantar, esticando as correias; agarrando-se às bordas; mantendo-se ali menos como o passageiro grogue de um barco de diversão do que como um cientista em transe em sua espaçonave; examinando a variedade colorida de um mundo vivo, quente; olhando com filosófico interesse o travesseiro que ele conseguiu jogar para fora; caindo ele próprio quando uma correia se partiu um dia. Ainda mais tarde, ele usou um daqueles pequenos carrinhos mais simples, em que ele ia sentado; da altura segura, com molas, a criança ia baixando, baixando, até, quando tinha um ano e meio, tocar o chão à frente do carrinho em movimento deslizado para fora do assento e batendo os calcanhares na calçada, se preparando para ser solta em algum jardim público. Uma nova onda de evolução começou a crescer, levantando-o gradualmente do chão quando, em seu segundo aniversário, ganhou um carro de corrida Mercedes pintado de prata, de um metro e vinte de comprimento, operado por pedais internos, como um órgão, e esse ele costumava dirigir bombeando com ruído para cima e para baixo das calçadas da Kurfürstendamm, enquanto das janelas abertas multiplicava-se o rugir de um ditador ainda batendo no peito no vale neandertal que tínhamos deixado lá para trás.

Pode ser reconfortante revisitar os aspectos filogenéticos da paixão que meninos têm por coisas sobre rodas, particularmente trens. Claro, sabemos o que o charlatão vienense achava do assunto. Vamos deixar que ele e seus companheiros de viagem continuem, no vagão de pensamento de terceira classe, através da polícia estatal do mito sexual (incidentalmente, que grande erro da parte dos ditadores ignorar a psicanálise — toda uma geração podia tão facilmente ser corrompida desse jeito!). Crescimento rápido, velocidade quântica de pensamento, a montanha-russa do sistema circulatório — todas as formas de vitalidade são formas de velocidade e não é de admirar que uma

criança em crescimento deseje desnaturar a natureza preenchendo um mínimo espaço de tempo com um máximo de prazer espacial. O mais íntimo do homem é o prazer espiritual que deriva das possibilidades de escapar e ser mais rápido que a gravidade, de superar ou reencenar a atração da terra. O paradoxo miraculoso de objetos redondos e lisos conquistarem o espaço simplesmente rolando sem parar, em vez de laboriosamente erguer os membros a fim de avançar, deve ter dado à jovem humanidade um choque extremamente salutar. A fogueira que o sonhador selvagenzinho observa, acorocado sobre calcanhares nus, ou o incontrolável avanço de um incêndio na floresta — acredito que essas coisas também afetaram um ou dois cromossomos pelas costas de Lamarck, do jeito misterioso que geneticistas ocidentais são tão pouco propensos a elucidar quanto físicos profissionais a discutir o exterior do interior, o paradeiro da curvatura; porque toda dimensão pressupõe um meio dentro do qual pode agir, e se, na espiral propulsora das coisas, o espaço se curva em algo similar ao tempo, e o tempo, por sua vez, se curva em algo similar ao pensamento, então, certamente, segue-se outra dimensão — talvez um Espaço especial, não o antigo, como queremos crer, a menos que as espirais se tornem círculos viciosos outra vez.

Mas seja qual for a verdade, nunca esqueceremos, você e eu, e para sempre defenderemos, neste ou em algum outro campo de batalha, as pontes em que passamos horas esperando com nosso pequeno filho (entre as idades de dois e seis) que um trem passasse por baixo. Já vi crianças mais velhas e menos felizes pararem por um momento para se debruçar do peitoril e cuspir na chaminé asmática da máquina que estava passando debaixo, mas nem você nem eu estamos prontos para admitir que a mais normal de duas crianças é aquela que resolve pragmaticamente a exaltação sem rumo de um transe obscuro. Você não fez nada para restringir ou racionalizar aquelas paradas de horas e horas em pontes ventosas quando, com um otimismo e uma paciência que não conhecia limites, nosso filho ansiava que um semáforo se abrisse e uma locomotiva viesse crescendo e tomando forma num ponto onde todos os muitos trilhos convergiam, à distância, entre os fundos lisos das casas. Em dias frios, ele usava um casaco de pele de carneiro, com boné semelhante, ambos de uma cor amarronzada manchada de um cinza-geada, e isso, as luvas sem dedos, o ardor de sua convicção, o deixavam brilhante, e mantinham *você* aquecida também, uma vez que tudo o que tinha de fazer para impedir que seus dedos delicados

congelassem era segurar uma das mãos dele, alternadamente na sua direita e esquerda, mudando a cada minuto e pouco, e se deslumbrando com a incrível quantidade de calor gerada pelo corpo de um bebê grande.

3

Além dos sonhos de velocidade, ou relacionados a eles, existe em toda criança uma urgência essencialmente humana de reformular a terra, de agir sobre um ambiente friável (a menos que seja um marxista nato ou um cadáver e espere passivamente que o meio ambiente modele a *ela*). Isso explica o prazer de uma criança em cavar, em fazer estradas e túneis para seus brinquedos favoritos. Nosso filho tinha uma minúscula miniatura do Bluebird de sir Malcolm Campbell, de aço pintado e com pneus removíveis, e com isso brincava sem parar no chão, e o sol transformava numa espécie de nimbo seu cabelo loiro meio comprido, e atribuía um tom de caramelo a suas costas nuas riscadas pelos suspensórios do short tricotado azul-marinho (debaixo do qual, quando despido, via-se que tinha o traseiro e as riscas naturalmente brancos.) Nunca em minha vida sentei em tantos bancos e cadeiras de jardim, em plataformas de pedra e degraus de pedra, em parapeitos de terraço e beiradas de fontes como naqueles dias. Os populares pinheirais desertos em torno do lago de Grunewald em Berlim nós visitávamos apenas raramente. Você questionava o direito de um lugar se chamar de floresta quando estava tão cheio de lixo, tão mais juncado de dejetos que as ruas lustrosas e constrangidas da cidade em torno. Coisas curiosas apareciam em Grunewald. A visão de uma cama de ferro exibindo a anatomia de suas molas no meio de uma clareira ou a presença de um manequim preto de modista deitado debaixo de um arbusto de espinheiro em flor faziam pensar quem exatamente tinha se dado ao trabalho de levar essas e outras coisas para espalhar em pontos tão remotos da floresta sem trilhas. Uma vez, topei com um espelho terrivelmente desfigurado, mas ainda alerta, cheio de reflexos silvestres — bêbado, por assim dizer, com uma mistura de cerveja e *chartreuse* —, apoiado, numa inclinação surrealista, contra o tronco de uma árvore. Talvez essas intrusões num ambiente de lazer da burguesia fossem uma visão fragmentária da confusão que viria depois, um pesadelo profético de destruições explosivas, algo como a pilha de cabeças mortas que o vidente Cagliostro vislumbrou na vala circundante de um jardim real. E mais

perto do lago, no verão, principalmente aos domingos, o lugar ficava infestado de corpos humanos em vários estágios de nudez e solarização. Só os esquilos e certas lagartas conservavam seus casacos. De combinação, donas de casa de pés cinzentos sentavam-se na gordurosa areia cinzenta; homens repulsivos com voz de foca, com sungas enlameadas, cabriolavam na praia; moças notavelmente atraentes, mas muito desarrumadas, destinadas a gestar alguns poucos anos depois — no começo de 1946, para ser exato — uma repentina geração de bebês com sangue turco ou mongol nas veias inocentes, eram perseguidas e levavam tapas no traseiro (que as faziam gritar “Ai, ai!”); e as exalações vindas desses infelizes festivaleiros, e de suas roupas espalhadas (organizadamente estendidas aqui e ali no chão), misturava-se ao fedor da água estagnada para formar um inferno de odores que, de alguma forma, nunca vi repetido em nenhum outro lugar. As pessoas não tinham permissão para tirar a roupa nos jardins e parques urbanos de Berlim; mas camisas podiam ser desabotoadas, e fileiras de rapazes, de pronunciado tipo nórdico, se sentavam de olhos fechados em bancos e expunham suas espinhas frontais e peitorais à ação nacionalmente aprovada do sol. O medroso e talvez exagerado temor que se percebe nestas notas pode ser atribuído, talvez, ao medo constante que vivíamos de que alguma contaminação afetasse nosso filho. Você sempre considerou abominavelmente banal, e não desprovido de certo peculiar sabor filistino, a ideia de que meninos pequenos, para ser encantadores, deviam odiar tomar banho e adorar matar.

Eu gostaria de lembrar cada pequeno parque que visitamos; gostaria de ter a habilidade do professor Jack, de Harvard e Arnold Arboretum, que disse aos seus alunos que podia identificar gravetos de olhos fechados, meramente a partir do som que faziam no ar (“carpino, madressilva, choupo-da-italia. Ah — um relatório enrolado”). Muitas vezes, claro, sou capaz de determinar a posição geográfica deste ou daquele parque por algum traço ou conjunto de traços particulares: cercas de buxo-anão ao longo de estreitos caminhos de cascalho, que se cruzam como pessoas em peças de teatro; um banco baixo azul contra uma cerca viva cuboide de teixo; um canteiro de rosas quadrado, emoldurado por uma borda de heliotrópios — esses traços são evidentemente associados a parques de área pequena em intersecções de ruas na Berlim suburbana. Com a mesma clareza, uma cadeira de ferro fino, com sua sombra em teia por baixo, um pouco deslocada do centro, ou um borrifador rotatório agradavelmente

altivo, embora claramente psicopata, com um arco-íris privado pendurado em seu jato acima da grama cheia de joias, identificam um parque parisiense; mas, como você vai entender muito bem, o olho da memória está tão firmemente focado numa figurinha agachada no chão (carregando com seixos um caminhãozinho ou contemplando a mangueira molhada e brilhante de um jardineiro à qual adere um pouco do cascalho sobre o qual a borracha acaba de deslizar) que os diversos locais — Berlim, Praga, Franzensbad, Paris, a Riviera, Paris de novo, Cap d'Antibes e assim por diante — perdem toda soberania, fundem seus generais petrificados e folhas mortas, cimentam a amizade de seus caminhos entrelaçados e se unem numa federação de luz e sombra através da qual crianças graciosas, de joelhos nus, deslizam em chiantes patins de rodas.

De quando em quando, um retalho reconhecido de passado histórico ajuda a identificação local — e substituí outros laços por aqueles sugeridos por uma visão pessoal. Nosso filho devia ter quase três anos naquele dia ventoso de Berlim (onde, é claro, ninguém conseguia escapar da familiaridade com o ubíquo retrato do Führer) quando estávamos, ele e eu, diante de um canteiro de pálidos amores-perfeitos, cada rosto voltado para cima com uma marca escura como um bigode, e nos divertimos muito com minha observação muito tola, comentando sua semelhança com uma multidão de saltitantes pequenos Hitleres. Da mesma forma, posso citar um florido jardim em Paris como o local onde notei, em 1938 ou 1939, uma menina calada de uns dez anos, com um rosto branco inexpressivo, parecendo, com suas roupas escuras, gastas, pouco razoáveis, ter escapado de um orfanato (coerentemente, fui brindado depois com um relance dela sendo levada embora por duas freiras esvoaçantes), que havia amarrado habilmente uma borboleta viva num fio e estava passeando com o lindo inseto a voejar, ligeiramente aleijado naquela guia de elfo (subproduto, talvez, de uma boa dose de delicado trabalho de agulha naquele orfanato). Você sempre me acusou de insensibilidade desnecessária em minhas objetivas observações entomológicas nas nossas viagens aos Pireneus e aos Alpes; então, se desviei a atenção de nosso filho daquela pretensa Titânia, não foi porque tivesse pena da admirável vermelha (almirante, na fala vulgar), mas porque havia um simbolismo vagamente repulsivo em sua diversão sombria. Na verdade, posso ter me lembrado do truque simples, antiquado, que um policial francês usava — e sem dúvida ainda usa — ao conduzir à prisão um operário de nariz vermelho, numa arruaça domingueira, transformando-o num

satélite singularmente dócil e até alegre, prendendo uma espécie de pequeno anzol de pesca na carne malcuidada, mas ainda sensível e suscetível do sujeito. Você e eu fizemos o possível para cercar de ternura vigilante a confiante ternura de nosso filho, mas nos confrontamos inevitavelmente com o fato de que as imundícies deixadas por marginais na caixa de areia de um parquinho era o menos sério dos crimes possíveis, e que os horrores que gerações anteriores haviam descartado mentalmente como anacronismos ou coisas que ocorriam apenas em remotos emirados e mandarinados estava a todo nosso redor.

Com o passar do tempo, e a sombra da história feita por idiotas corromper até a exatidão dos relógios de sol, nos mudamos mais febrilmente pela Europa, e parecia que não nós, mas aqueles jardins e parques é que viajavam. As avenidas irradiantes e os complicados rés-do-chão de Le Nôtre ficaram para trás, como trens estacionados em desvios. Em Praga, para onde fomos na primavera de 1937, mostrar nosso filho a minha mãe, havia o parque Stromovka, com sua atmosfera de distâncias ondulando livremente além de pérgolas treinadas pelo homem. Você deve lembrar também daqueles jardins de pedra de plantas alpinas — erva-pinheira e gerânio-morango — que nos escoltou, por assim dizer, aos Alpes da Saboia, nos acompanhando numas férias (pagas com algo que meus tradutores haviam vendido) e depois nos acompanhando de volta a cidades da planície. Mãos de madeira com punhos pregadas em troncos nos velhos parques de estâncias de saúde apontavam a direção de onde vinha o ritmo abafado de uma banda de música. Uma trilha inteligente acompanhava o caminho principal; nem sempre paralelo a ela, mas reconhecendo livremente sua diretiva, e do tanque de patos ou lago de ninfeias saltando de volta para se juntar à procissão de plátanos neste ou naquele ponto em que o parque desenvolvera uma fixação cidade-pai e sonhara um monumento. Raízes, raízes de verdor lembrado, raízes de memória e de plantas pungentes, raízes, numa palavra, são capazes de atravessar longas distâncias superando alguns obstáculos, penetrando em outros, se insinuando em rachaduras estreitas. De forma que esses jardins e parques atravessaram a Europa Central conosco. Caminhos de cascalho se juntavam e paravam num *rond-point* para ver você ou eu nos curvamos e estremecermos ao procurar uma bola debaixo de um arbusto de cerca viva onde, na terra escura, úmida, nada além de um bilhete de bonde roxo perfurado ou um pedaço de gaze e algodão sujos podia ser detectado. Um banco circular contornava um grosso

tronco de carvalho para ver quem estava sentado do outro lado e lá encontrar um velho abatido lendo um jornal em língua estrangeira, tirando sujeira do nariz. Árvores perenes de folhas brilhantes cercando um gramado onde nosso filho descobriu seu primeiro sapo vivo irrompiam em um labirinto podado de topiaria, e você disse que achava que ia chover. Em algum estágio posterior, sob céus menos pesados, havia uma grande exibição de vales de rosas e alamedas entrelaçadas, treliças onde balançavam trepadeiras, prontas para se transformar em vinhas de pérgulas com colunas se tivessem a chance ou, se não, de revelar o mais estranho dos estranhos banheiros públicos, uma coisa miserável que parecia um chalé de limpeza duvidosa, com uma atendente vestida de preto, tricotando algo preto na entrada.

Descendo uma encosta, um caminho lajeado tateava com cautela, pondo sempre o mesmo pé à frente, através de um jardim de íris; debaixo de faias; e então se transformava em um caminho de terra rápido, entalhado com duras marcas de cascos de cavalo. Os jardins e parques pareciam se deslocar mais depressa à medida que as pernas de nosso filho ficavam mais longas, e quando ele tinha uns quatro anos, as árvores e arbustos floridos viraram resolutamente para o mar. Como o entediado chefe de estação que vemos sozinho na plataforma de alguma pequena estação em velocidade onde nosso trem não para, este ou aquele cinzento vigia de parque recua quando o parque passa e passa, nos levando para o sul na direção das laranjeiras, dos arbustos, da penugem de pintainhos de mimosas e da *pâte tendre* de um céu impecável.

Jardins em patamares nas colinas, uma sucessão de terraços em que cada degrau de pedra ejetava um espalhafatoso gafanhoto, desciam de plataforma em plataforma para o mar, com as oliveiras e os oleandros se sobrepondo na pressa de obter uma vista da praia. Lá nosso filho se ajoelhou imóvel para ser fotografado numa névoa de sol contra a cintilação do mar, que é um borrão leitoso nos instantâneos que conservamos, mas que era, na vida real, azul prateado, com grandes manchas de azul arroxeadado mais longe, causadas pelas correntes quentes em colaboração e corroboração (escuta os seixos rolando com a onda que recua?) de velhos poetas eloquentes e de seus símiles sorridentes. E entre os globos de vidro lambidos pelo mar como caramelos — limão, cereja, menta — e os seixos agrupados, as pequenas conchas aflautadas com interiores lustrosos, e às vezes caquinhos de cerâmica, ainda bonitos no esmalte e na cor, apareciam. Eram trazidos a você ou a mim para inspeção, e se tinham divisas

em índigo, ou faixas de ornamento florido, ou qualquer tipo de emblema alegre, e julgados preciosos, lá iam eles com um clique para dentro do balde de brinquedo e, se não, um plop e um esguicho marcavam sua volta ao mar. Não duvido que entre aqueles cacos convexos de maiólica encontrados por nosso filho houvesse um cuja borda de decoração em pergaminho se encaixasse exatamente e desse continuidade ao padrão de um fragmento que encontrei em 1903 na mesma praia, e que os dois se encaixassem com um terceiro que minha mãe encontrara naquela praia de Mentone em 1882, e com um quarto pedaço da mesma cerâmica encontrado pela mãe *dela* cem anos atrás — e assim por diante, até que esse sortimento de partes, se todas tivessem sido preservadas, pudesse ser juntado e formar uma tigela completa, absolutamente completa, quebrada por alguma criança italiana, Deus sabe onde e quando, e agora remendada por *estes* rebites de bronze.

No outono de 1939, voltamos a Paris, e por volta de 20 de maio do ano seguinte estávamos de novo perto do mar, dessa vez na costa ocidental da França, em St. Nazaire. Ali, um último jardimzinho nos cercou, quando você e eu, e nosso filho, então com seis anos, entre nós dois, o atravessamos a caminho das docas, onde, por trás dos prédios à nossa frente, o navio de cruzeiro *Champlain* esperava para nos levar a Nova York. Esse jardim era o que os franceses chamam, foneticamente, de *skwarr*, e os russos *skver*, talvez porque seja o tipo de coisa geralmente encontrado em ou perto de praças públicas na Inglaterra. Plantado no último limite do passado e no limiar do presente, ele permanece em minha memória apenas como um desenho geométrico que sem dúvida eu poderia preencher com facilidade com as cores de flores plausíveis, se fosse suficientemente descuidado para romper o silêncio da memória pura que (exceto, talvez, pelo zumbido fortuito devido à pressão de meu próprio sangue cansado) deixei intocado, e ao qual humildemente dei ouvidos, desde o início. O que realmente me lembro de seu desenho neutro florido é a inteligente conexão temática com jardins e parques transatlânticos; porque de repente, quando chegamos ao fim do caminho, você e eu vimos algo que não apontamos imediatamente a nosso filho, de forma a gozar mais plenamente o choque de prazer, o encantamento e a alegria que ele experimentaria ao descobrir diante dele o protótipo inautenticamente gigantesco, irrealistamente real, de vários barcos de brinquedo que ele fizera navegar no banho. Ali, na nossa frente, onde uma fileira descontínua de casas se punha entre nós e o

porto, e onde o olho encontrava toda sorte de estratagemas, como roupas de baixo azul-claro e rosa dançando num varal, ou uma bicicleta de mulher e um gato listrado repartindo estranhamente uma varanda rudimentar de ferro fundido, era uma enorme satisfação distinguir, entre os ângulos misturados de telhados e paredes, a esplêndida chaminé de um navio se erguendo atrás do varal como algo em uma imagem de adivinhação — Encontre o Que o Marinheiro Escondeu — que quando se descobre não se consegue mais deixar de ver.

Apêndice

“Capítulo dezesseis” ou “Sobre *Prova conclusiva*”¹

Os dois livros de memórias que tenho na minha frente, um de um autor russo de nascimento, hoje cidadão deste país, outro de uma bisneta de um grande educador norte-americano, são coisas extremamente elaboradas. É raro duas realizações desse porte chegarem à mesa do resenhista praticamente no mesmo dia.

Um pequeno grupo de admiradores do sr. Nabokov não poderá deixar de se animar com a publicação deste novo trabalho. Embora o subtítulo de “memórias” pareça um passo óbvio, existem certos aspectos — não necessariamente virtudes — de *Prova conclusiva* que o colocam completamente à parte de autobiografias existentes, verdadeiras, mais ou menos verdadeiras ou deliberadamente fictícias. Se sua originalidade não é tão atraente quanto o brilho humano e profundo que impregna cada página de *When Lilacs Last*, de Miss [Braun], ela contém, por outro lado, fontes especiais de prazer que nenhum leitor inteligente deixará passar.

Muito particular no que diz respeito a biografias, o livro do sr. Nabokov é mais fácil de definir em termos do que não é, do que em termos do que é. Não é, por exemplo, uma daquelas coisas verborrágicas, disformes e desajeitadas, repousando pesadamente nas notas de um diarista, que especialistas em outras artes ou outros administradores de nossa existência pública são aptos a produzir (“Noite de quarta-feira, por volta das 11h40, o general Fulano de Tal telefonou. Eu disse a ele...”). Nem é a cozinha de um escritor profissional, com pedaços de material fora do comum boiando num caldo tépido de sabor literário e pessoal. Enfaticamente, não é o tipo de reminiscências populares e

chamativas em que o autor se alça às altas esferas da ficção de quinta categoria, e com tranquila impudicícia registra resmas e resmas de diálogo (Maw e o vizinho. Maw e as crianças. Bill e Paw, Bill e Picasso) que nenhum cérebro humano conseguiria preservar com nada nem próximo daquela forma particular.

Pode parecer ao crítico que a importância permanente de *Prova conclusiva* repouse no fato de ser o ponto de encontro entre uma forma artística impessoal e uma história de vida muito pessoal. O método de Nabokov é explorar as regiões mais remotas de sua vida passada em busca do que pode ser chamado de trilhas ou correntes temáticas. Uma vez encontrado, este ou aquele tema é seguido ao longo dos anos. No curso de seu desenvolvimento isso guia o autor a novas regiões da vida. O padrão diamantino da arte e os músculos da memória sinuosa se combinam num movimento forte e flexível, e produzem um estilo que parece deslizar pela relva e pelas flores na direção da pedra chata sobre a qual irá ricamente se enrodilhar.

Evidentemente, o método de Nabokov perderia todo o sentido se o material não fosse um relato tão verdadeiro de experiência pessoal quanto a memória seja capaz de produzir. O aparato seletivo pertence à arte; mas as partes selecionadas pertencem a uma vida não adulterada. A memória de Nabokov, principalmente no que diz respeito aos primeiros vinte anos de sua vida, é quase anormal de tão forte, e provavelmente ele teve menos dificuldade que a maioria dos memorialistas teria tido em seguir o plano que estabeleceu para si mesmo: ater-se à verdade custasse o que custasse, e não se deixar tentar a preencher lapsos com verossimilhanças lógicas com pose de lembranças preservadas como preciosidades. Em um ou dois casos a pesquisa pode ter provado que algo foi lembrado incorretamente desde o início; ou a memória pode ter oscilado e praticamente se rendido inconscientemente à fácil verossimilhança que a razão enviou imediatamente em seu socorro; assim, a versão da *New Yorker* do capítulo doze, a vaga explanação de como uma certa carta chegou ao autor é superada por um súbito lampejo de lembrança factual na presente edição, na qual a introdução de material novo, aparentemente irrelevante nesse capítulo, casualmente e muito precisamente permitiu à memória recolher num lugar inesperado o que havia perdido. E em outro capítulo (sete), Nabokov manteve no desenvolvimento da história, como parte de sua textura, a real dificuldade que teve, ao prosseguir, para lembrar o nome

de um cachorro — nome que de repente foi liberado numa célula secreta de sua mente durante o processo de escrever.

O leitor gostará de certo de encontrar por si mesmo as convoluções, o caminho das pedras, os vários disfarces sorridentes desta ou daquela linha temática que corre pelo livro. Há algumas linhas principais e numerosas subordinadas, e todas elas se combinam de um jeito que lembra composições de xadrez, enigmas de vários tipos, mas todas tendendo para sua forma enxadrística apoteótica, de fato, um tema que reaparece em quase todos os capítulos: quebra-cabeças; um tabuleiro armorial; certos “padrões rítmicos”; a natureza “contrapontista” do destino; a “mistura de linhas de jogo” da vida; um jogo de xadrez a bordo enquanto a Rússia fica para trás; os romances de Sirin; seu interesse em problemas de xadrez; os “emblemas” em pedaços de cerâmica quebrada; uma imagem enigma final que completa a espiral do tema.

Muito sedutor também é o tema do “arco-íris”, que começa com um conjunto de cores casual — vitral, luzes festivas, tinta, joias etc. — e depois surge por si como uma entidade prismática numa paisagem montanhosa e além de árvores gotejantes debaixo das quais um poeta adolescente experimenta seu primeiro acesso de versificação adolescente. O leitor acompanhará com prazer o tema de caminhadas e trilhas em parques privados e florestas ancestrais que começa numa alameda de carvalho, leva a curiosas visões da América em florestas russas e turfeiras, e finalmente se desenvolve em jardins e parques públicos que escapam para o mar e para outros horizontes. Talvez o tema mais comovedor do livro seja a linha do “exílio”, ao qual voltarei a me referir. De certa forma, Nabokov passou por todas as dores e prazeres da nostalgia muito antes de a Revolução remover o cenário de seus anos de juventude. Ele se põe a provar que sua infância continha, em escala muito reduzida, os componentes principais de sua maturidade criativa; assim, através da fina película de uma crisálida madura, pode-se ver, em seus pequenos compartimentos de asa, o nascer de cor e padrão, uma revelação em miniatura da borboleta que logo emergirá e deixará suas asas dobradas e contraídas se expandirem a muitas vezes o tamanho pupal.

O desvendar de um enigma é o ato mais puro e mais básico da mente humana. Todas as linhas temáticas mencionadas são gradualmente reunidas, se entrelaçam ou convergem, numa forma sutil, mas natural, de contato que é tanto função da arte quanto um processo possível de ser descoberto na

evolução de um destino pessoal. Dessa forma, por volta do fim do livro, o tema da mimese, do “disfarce críptico” estudado por Nabokov em suas pesquisas entomológicas, chega a um encontro pontual com o tema do “enigma”, com a solução camuflada de um problema de xadrez, com a montagem peça a peça de um desenho em cacos de cerâmica e com uma imagem-enigma em que o olho discerne os contornos de um novo país. Outras linhas temáticas chegam depressa ao mesmo ponto de convergência, como se ansiassem conscientemente pela plenitude da anastomose fornecida conjuntamente pela arte e pelo destino. A solução do tema do enigma é também a solução do tema do exílio, da “perda intrínseca” que percorre todo o livro, e essas linhas se combinam, por sua vez, com a culminação do tema do “arco-íris” (“a espiral da vida numa ágata”) e se fundem, num *rond point* extremamente satisfatório, com os muitos caminhos de jardim, passeios de parque e trilhas de floresta que serpenteiam pelo livro. Não se pode senão respeitar a quantidade de acuidade retrospectiva e a concentração criativa a que o autor teve de recorrer, a fim de planejar seu livro de acordo com o jeito como sua vida foi planejada por jogadores desconhecidos, e nunca se desviar desse plano.

Vladimir Nabokov nasceu em 1899, em São Petersburgo. Seu pai, também Vladimir, era um europeu extremamente culto, um estadista de escol, um rebelde robusto e alegre, cujos irmãos e cunhados eram, na melhor das hipóteses, conservadores bem-humorados e, na pior, ativos reacionários, mas ele próprio pertencia ao grupo liberal que se opunha, no Parlamento e em periódicos de grande tiragem, às tendências autocráticas e às iniquidades do regime do tsar. Leitores norte-americanos de hoje, cuja informação a respeito da Rússia tsarista é absolutamente permeada pela propaganda comunista e por relatos pró-soviéticos que aqui se espalharam nos anos vinte, ficarão surpresos ao descobrir em várias passagens de *Prova conclusiva* como as opiniões podiam ser expressas livremente e o quanto podia ser feito por pessoas civilizadas na Rússia pré-revolução.

A vida numa camada superior, rica, proprietária de terras à qual pertenciam os Nabokov apresenta certas afinidades com a opulência do Sul deste país, e era muito semelhante à vida das mansões rurais da Inglaterra e da França. Os verões, que o autor na infância passava no campo, parecem ter sido especialmente responsáveis por sua formação. A região, com suas aldeias espalhadas entre grandes florestas e pântanos, era pouco povoada, mas

numerosas trilhas antigas (as misteriosas trilhas que serpenteavam por todo o Império desde tempos imemoriais) impediam que o coletor de frutas, o vagabundo, os lindos filhos do cavalheiro, se perdessem na floresta. E como a maioria desses caminhos e as vastidões que atravessavam, ou às quais levavam, não tinham nome, as famílias proprietárias de terras, de geração em geração, os designavam por nomes que devido à influência de governantas e tutores franceses surgiram durante as *promenades* diárias das crianças e os frequentes piqueniques — *Chemin du Pendu, Pont des Vaches, Amérique* e assim por diante.

O autor de *Prova conclusiva* — e por uma feliz coincidência a autora de *When Lilacs Last* também — era o mais velho de cinco filhos. Mas, ao contrário de Miss [Braun], Nabokov tem muito pouco a dizer sobre dois irmãos e duas irmãs, nascidos respectivamente em 1900, 1911, 1902 e 1906. A poderosa concentração da própria personalidade, o ato de uma vontade de artista infatigável e invencível, tem de suportar certas consequências, e o fenômeno acima é, sem dúvida, uma delas.

Com permissão do autor, estou autorizado a mencionar aqui alguns de meus contatos acidentais com sua família. Um primo-irmão dele, também cidadão deste país, me conta que, na juventude, as irmãs de Nabokov e o irmão mais novo escreviam versos líricos com extrema facilidade (coisa que partilhavam com incontáveis jovens russos daquela geração). Num sarau literário em Praga, em algum momento do começo dos anos vinte (provavelmente 1923), me lembro do amigo de Franz Kafka — o talentoso tradutor tcheco de Dostoievski e Rozanov — me apontando a mãe de Nabokov, uma senhora miúda de cabelo grisalho, vestida de preto e acompanhada por uma jovem de olhos límpidos e pele radiosa, a irmã de Nabokov, Elena. Nos anos trinta, quando vivia em Paris, encontrei por acaso o irmão de Nabokov, Sergei: apesar da diferença de menos de um ano entre os dois, pareciam levar vidas completamente separadas desde a adolescência, frequentando escolas diferentes e com grupos de amigos diferentes. Quando conheci Sergei, ele estava vagando numa névoa hedonista, entre a multidão cosmopolita de Montparnasse, tão frequentemente descrita por um certo tipo de escritor norte-americano. Seus dotes linguísticos e musicais se dissolveram na indolência de sua natureza. Tenho razão para pensar que sua infância nunca foi tão feliz quanto a do filho favorito de seus pais. Acusado de simpatias anglo-

saxônicas, Sergei, um homem franco e destemido, apesar de sua aparência efeminada, foi preso pelos alemães e morto num campo de concentração em 1944.

Nas belas páginas de *When Lilacs Last*, que contam as primeiras lembranças de Miss [Braun], ela alude à segurança de um mundo em que a extração de açúcar de bordo ou o bolo de aniversário que a mãe deles fazia eram coisas naturais e permanentes, tão familiares e queridas para os patrícios da Nova Inglaterra ou os principelhos da Filadélfia de hoje quanto foram para os simples e trabalhadores patriarcas duas ou três gerações antes. O mundo do passado de Nabokov, por outro lado, tem um ar singular de luminoso frescor que é um dos temas principais deste livro. Com grande perspicácia, Nabokov enfatiza as previsões muito curiosas de perdas posteriores, que assombravam sua infância — potencializando talvez os seus prazeres. Num ponto conspícuo de seu quarto de criança em São Petersburgo havia um pequeno quadro colorido “no claro estilo esportivo inglês, usado para cenas de caçada e coisas semelhantes, que se prestava muito bem à confecção de quebra-cabeças”; representava, com o devido humor, uma família nobre francesa no exílio: margaridas pontilhavam um prado, havia uma vaca em algum lugar debaixo do céu azul, o gordo nobre velho, com sua brilhante camisola salpicada e culotes castanho avermelhados, sentado à vontade em um banquinho de ordenhar, enquanto a esposa e as filhas se ocupam com umas roupas lavadas de cores suaves num varal. Aqui e ali, na propriedade dos Nabokov no campo, os pais do autor, como se voltassem para casa depois de anos viajando, apontavam os marcos queridos de acontecimentos ocorridos num passado impalpável, mas de alguma forma sempre presente. Nas alamedas de ciprestes de jardins da Crimeia (onde Pushkin passeara cem anos antes) o jovem Nabokov divertia e incomodava uma amiga dele, que tinha gosto por literatura romântica, comentando seus próprios movimentos ou palavras à maneira reminiscendente e ligeiramente afetada que se poderia supor que sua companheira desenvolveria muitos anos depois ao escrever suas memórias (no estilo de memórias ligado a Pushkin): “Nabokov gostava de cerejas, principalmente as maduras” ou “Ele tinha um jeito de apertar os olhos quando olhava o sol baixo” ou “Me lembro de uma noite, quando estávamos deitados numa encosta gramada...” e assim por diante — um jogo que certamente era tolo, mas parece menos tolo agora quando se vê que cai no padrão de perda prevista, de patéticas tentativas de

reter o que foi condenado, que se foi, as coisas adoráveis de uma vida que estava tentando, bem desesperadamente, pensar a si mesma em termos de retrospectiva futura.

Quando a Revolução eclodiu na primavera de 1917, Nabokov pai participava do governo provisório e mais tarde, quando a ditadura bolchevique tomou o poder, foi membro de outro governo provisório, de curta duração no frágil sul ainda livre. O grupo a que pertenciam esses intelectuais russos, tanto liberais quanto socialistas não comunistas, compartilhava ideias básicas de democratas ocidentais. No entanto, os intelectuais norte-americanos de hoje, que aprendem sua história russa com comunistas ou fontes patrocinadas por comunistas, simplesmente não sabem nada sobre o período. Histórias bolcheviques naturalmente depreciaram a luta democrática pré-Revolução, a minimizaram e distorceram violentamente, atirando a ela rudes insultos de propaganda (“reacionários”, “lacaio”, “répteis” etc.), não diferentes do jeito como jornalistas soviéticos qualificam hoje de “fascistas” surpresas autoridades norte-americanas. A surpresa está com trinta anos de atraso.

Os leitores do livro de Nabokov notarão a extraordinária semelhança entre a presente atitude de antigos leninistas e descontentes stalinistas deste país quando à Rússia Soviética e as opiniões impopulares que intelectuais russos sempre expressavam em periódicos emigrados durante as três décadas imediatamente posteriores à Revolução Bolchevique, enquanto nossos entusiasmados radicais se prostravam em adoração à Rússia Soviética. É preciso considerar que os escritores políticos emigrados ou estavam muitos anos adiante de seu tempo na compreensão do verdadeiro espírito e da inevitável evolução do regime soviético, ou que eles possuíam uma intuição e previsão que beirava o miraculoso.

Visualizamos vividamente os anos de faculdade de Miss Braun. O mesmo não se dá com o autor de *Prova Conclusiva*, pois ele não tem nada a dizer sobre as aulas que sem dúvida deve ter frequentado. Depois de deixar a Rússia, no estabelecimento da era soviética, Nabokov completou sua educação na Universidade de Cambridge. De 1922 a 1940, residiu em várias partes da Europa, principalmente Berlim e Paris. Incidentalmente, é curioso comparar as impressões bastante terríveis da Berlim de Nabokov entre as duas guerras com as lembranças de Mr. Spender, contemporâneas, mas muito mais líricas

(conforme publicadas no *Partisan*, uns dois anos atrás), principalmente o trecho sobre “a juventude alemã impiedosamente bonita”.

Ao descrever suas atividades literárias durante os anos de exílio voluntário na Europa, o sr. Nabokov adota o método um tanto aborrecido de se referir a si mesmo na terceira pessoa como “Sirin” — um pseudônimo literário com o qual era, e ainda é, bem conhecido no mundo limitado, mas altamente culto e seletivo, dos expatriados russos. É verdade que tendo praticamente deixado de ser um escritor russo, ele está livre para discutir a obra de Sirin como independente da sua própria. Mas o que se tende a pensar é que seu verdadeiro propósito aí é se projetar, ou ao menos projetar seu eu mais precioso, no quadro que pinta. Vêm à mente aqueles problemas de “objetividade” que a filosofia da ciência levanta. Um observador traça um quadro detalhado de todo o universo, mas quando o terminou se dá conta de que ainda falta alguma coisa: ele próprio. Então ele se coloca no quadro também. Mas novamente um “eu” permanece de fora e assim por diante, numa sequência sem fim de projeções, como aqueles anúncios que mostram uma moça segurando uma foto dela mesma segurando uma foto dela mesma segurando uma foto que só a rusticidade da impressão gráfica impede o olho de discernir. De fato, Nabokov foi um passo adiante e sob a máscara de Sirin projetou uma terceira *persona* chamada Vasili Shishkov. Essa atitude foi resultado de uma disputa que vinha mantendo havia dez anos com o mais dotado dos críticos emigrados, George Adamovich, que de início havia rejeitado, depois aceitado com relutância e por fim admirado com muitos floreios entusiasmados a prosa de Sirin, mas ainda desprezava seus versos. Com a cooperação camarada de um editor de resenhas, Nabokov-Sirin assumiu o nome de Shishkov. Num dia de agosto de 1939, Adamovich, escrevendo para o jornal de língua russa *Poslednija Novosti* (publicado em Paris) sobre o 69º número do periódico *Sovremennyyja Zapiski* (também publicado em Paris), não poupou elogios ao poema de Shishkov “Os poetas”, e sugeriu que só então a emigração russa poderia afinal ter produzido um grande poeta. No outono do mesmo ano, no mesmo jornal, Sirin descreveu em detalhes uma entrevista imaginária que tivera com “Vasili Shishkov”. Numa resposta cambaleante, mas ainda resoluta, Adamovich disse que duvidava que fosse um embuste, mas acrescentou que Sirin podia ser inventivo o bastante para reunir inspiração e gênio que superaria grandemente as capacidades dele, Sirin. Logo depois, a Segunda Guerra Mundial pôs fim à

literatura russa em Paris. Temo não poder acreditar de fato no autor de *Prova conclusiva* quando, em sua lembrança da vida literária, ele enfatiza a perfeita indiferença que sempre sentira pela crítica, adversa ou favorável. De qualquer forma, um traço demoníaco, vingativo e às vezes bastante tolo costumava aparecer em seus próprios artigos críticos.

Como descobrimos o grande segredo envolto em palavras? Vemos que um estrangeiro geralmente não consegue adquirir uma sensação perfeita, nativa, de seus significados. Ele não viveu a infância na calada recepção e estudo inconsciente delas e sentiu como uma palavra se alia a outras e como uma idade — com seus escritos, suas tradições não registradas e seu estilo comum de conversação — flui para outra. Em sua bela, compassiva, intensamente feminina busca pelo reino das coisas passadas, Miss Braun tem uma dificuldade a menos que Nabokov para superar. Verdade que o autor russo teve governantas inglesas quando era criança e passou três anos de faculdade na Inglaterra. Mencionar o caso de Conrad em relação aos romances de Nabokov escritos em inglês (*A verdadeira vida de Sebastian Knight* e *Banda à sinistra*) seria ignorar o sentido da conquista deste último. Conrad — cujo estilo em inglês era, de qualquer forma, uma coleção de gloriosos clichês — não tinha vinte anos de intensa participação na literatura polonesa a seu crédito quando começou a carreira britânica. Nabokov, por outro lado, quando mudou para o inglês, era autor de vários romances e numerosos contos em russo, e de fato conquistou um lugar duradouro na literatura russa, apesar do fato de seus livros serem banidos na terra natal. A única analogia a esse respeito é que ambos os homens podiam ter escolhido o francês tanto quanto o inglês. Na verdade, em meados dos anos trinta, a primeira tentativa de Nabokov em língua que não a sua foi um conto que escreveu em francês (“Mademoiselle O”) que Paulhan publicou em *Mesures* (uma versão inglesa desse conto, com a maior parte da ficção removida por seu autor, apareceu em *The Atlantic Monthly* e foi reeditada em *Nove histórias*). Em forma nova, revisada e expandida, com os últimos remanescentes de ficção abolidos, o conto chegou a seu estado final como o capítulo cinco deste volume. Este resenhador tem uma vaga lembrança de assistir a uma palestra de Nabokov em francês brilhante, em certa *soirée littéraire* — creio que em 1937 — numa sala de concerto parisiense. Uma escritora húngara, hoje esquecida mas então muito *à la mode* como autora de um best-seller francês (algo sobre um gato pescador), que estava

escalada para falar naquela noite, telegrafou horas antes da palestra dizendo que não poderia comparecer, e Gabriel Marcel, um dos organizadores daquela série de palestras, conseguiu convencer Nabokov a aparecer como substituto de última hora, com uma palestra em francês sobre Pushkin (depois publicada na *Nouvelle Revue Française*). O *acte gratuite* (como Mr. Auden charmosamente confunde seu gênero) foi precedido por um curioso movimento, uma espécie de redemoinho na plateia. Toda a colônia húngara havia comprado ingressos; alguns se retiraram ao saber da mudança do programa. Outros húngaros ficaram em abençoada ignorância. A maior parte do contingente francês havia se retirado também. Nas coxias, o enviado húngaro estava apertando a mão de Nabokov violentamente, pois tomou-o pelo marido da escritora. Expatriados russos alertados tinham se reunido lealmente e estavam fazendo o melhor possível para disfarçar os vazios cada vez maiores da sala. Paul e Lucy Léon, amigos fiéis de Nabokov, tinham levado James Joyce como uma surpresa especial; um time de futebol húngaro ocupava a primeira fila.

Hoje o sr. Nabokov deve achar estranho lembrar dos caprichos literários desses primeiros anos. Com sua esposa e filho, ele agora vive neste país do qual é cidadão; vive feliz, pelo que sei, no disfarce simples de um obscuro professor universitário de literatura com longas férias dedicadas à caça de borboletas no Oeste. Em círculos lepidopterológicos, é conhecido como um taxonomista algo excêntrico, com tendências analíticas mais que sintéticas. Em periódicos científicos norte-americanos, tem publicado várias descobertas pessoais relativas a novas espécies ou formas de borboletas; e — na tradição científica que parece tanto impressionar repórteres leigos — outros entomologistas batizaram borboletas e mariposas com o nome dele. O Museu de História Natural de Nova York e o Museu de Zoologia Comparativa de Harvard preservam espécimes-tipo de Nabokov. Numa visita a esta última instituição, mostraram-me diversas mariposas minúsculas — pertencentes a um gênero maravilhosamente multiforme — que Nabokov descobriu nas montanhas Wasatch de Utah, em 1943. Uma delas, McDunnough chamou de *Eupithecia nabokovi*. Isso constitui uma resolução deliciosamente satisfatória de certa linha temática de *Prova conclusiva* onde Nabokov conta com que paixão sonhou na infância descobrir um membro novo daquele grupo particular.

Há certos aspectos técnicos no livro que talvez devam ser mencionados. Nabokov teve algum trabalho com a transliteração do russo. Para ser coerente,

ele devia redigir “Tolstoj” (que rima com “*domoj*” — “lar”), Dostoevskij, Nevskij etc., e Chehov em vez de Tchekhov, mas escolheu deixar nomes conhecidos numa forma mais usual (porém coerentemente usando “i” no final). Para o som especial meio-i, meio-u, que não tem contrapartida exata na Europa Ocidental, utiliza-se “y” toda vez que (uma exceção é Yalta) um “i” ou “j” entraria em choque com o uso.

Doze capítulos de *Prova conclusiva* apareceram na revista *The New Yorker* — e aqui este resenhador, que por acaso tem a informação, gostaria de explicar algumas coisas. Em primeiro lugar, comparando o presente texto com o da *New Yorker*, será notado que em diversos casos (capítulos três, seis, dez e doze constituem exemplos especialmente salientes) grande quantidade de texto novo, como as excursões pelos ancestrais do sr. Nabokov, suas tribulações na coleta de borboletas na Europa, uma interpolação relacionada a Polenka, e muitos novos detalhes de sua vida em São Petersburgo e na riviera da Crimeia, foram acrescentados por Nabokov no processo de trabalho deste livro, depois que os capítulos em questão já haviam aparecido na forma da *New Yorker*. Em todos esses doze capítulos, além disso, existem várias outras mudanças igualmente devidas a maior ou menor reescritura total.

Em segundo lugar, há aquelas discrepâncias, muito menos importantes, entre o texto presente e o da *New Yorker*, que são explicadas com a restauração, pelo autor, de palavras soltas ou grupos de palavras eliminados — com seu relutante consentimento — pela *The New Yorker*, fosse por ser uma “revista de família” (o fim da seção 3 do capítulo dez é um caso), fosse porque *The New Yorker* achou, pessimisticamente, que um termo pouco usual poderia incomodar alguns leitores menos cerebrais. Neste último caso, o sr. Nabokov nem sempre cedeu, e isso resultou em algumas brigas animadas. Algumas delas, como a Batalha da Noite Palpebral, Nabokov perdeu. Outras, ganhou.

Finalmente, havia a questão da gramática correta. Esse tipo, ou, de fato, qualquer tipo de edição, teria parecido um insulto monstruoso a Nabokov, não fosse a *Sovremennyja Zapiski*, nos velhos tempos, ter pedido permissão a Sirin para alterar de qualquer forma uma frase de sua prosa em russo. Mas, como autor de língua inglesa, Nabokov sempre se sentiu inseguro. Apesar de todo ímpeto e força de seu inglês, ele não estava de forma alguma livre de solecismos, alguns dos quais bastante surpreendentes em vista de sua sofisticação geral. De forma que pequenas melhoras sugeridas pelos editores da

New Yorker — a correção de uma inversão, um apoio a algum termo desajeitadamente capenga, a divisão de uma frase longa em duas, a transformação ritualista de “*which’s*” em “*that’s*” — foram humilde e agradecidamente aceitas pelo sr. Nabokov. Os conflitos que ocorreram, tiveram lugar, no geral, em torno de os editores terem inadvertidamente destruído um ritmo querido, ou interpretado erroneamente uma alusão, ou tendido a substituir por nomes cada “ele”, “ela” e “nós” que se espalhavam pelo parágrafo seguinte, deixando o leitorzinho a coçar a cabecinha. E, mais especialmente, havia o caso do Antecedente Faltante que aparecia aqui e ali, levando a muitas contendas, no curso das quais o sr. Nabokov, um antiantecedente de longa data, muitas vezes conheceu a derrota, mas também conquistou umas poucas vitórias.

Aparentemente, no início da colaboração de Nabokov com *The New Yorker*, tentativas editoriais de esclarecer aparentes ambiguidades e retocar sua prosa foram muito mais livres e frequentes que num estágio posterior. Uivos de dor partiam do autor, e resmungos quanto à indignidade de conformar-se aos gostos de uma revista. Gradualmente, porém, o departamento editorial se deu conta de que o esforço que despendia na construção de uma ponte sólida para juntar quaisquer duas ideias que pareciam exceder a abrangência de uma mente suburbana era bastante desnecessário, apesar da boa intenção do procedimento, uma vez que o autor tinha se dado a ainda mais trabalho para destruir ou suspender, ou camuflar, uma ponte que estragasse a paisagem.

O leitor, porém, deve ter acesso ao outro lado da questão. Grande simpatia, um cuidado delicado e amoroso, marcaram todas as consultas editoriais. Nos poucos casos em que mudanças dolorosas no fraseado foram firmemente solicitadas, “bonecos” verbais foram oferecidos à inspeção do autor, sendo a ideia que qualquer palavra a que os editores objetassem fosse alterada pelo próprio Nabokov. Uma vez aceito um conto, o autor tinha liberdade para rejeitar qualquer substituição ou eliminação sugeridas. As explicações ou ampliações solicitadas de vez em quando pelo sr. Ross (“Quantos banheiros tinha a casa?”) eram sempre atendidas pelo sr. Nabokov, e resultavam em alguns parágrafos novos e deliciosos. Katharine White, que se correspondia com o autor a respeito de todas essas questões, se dava a trabalhos sem fim para conferir cada hífen e vírgula, alisando as rugas do humor do autor e fazendo tudo para manter intacto o texto de Nabokov. Uma excelente prova do contato

harmonioso entre autor e editor é o fato de Nabokov preservar zelosamente a maioria das correções quanto à sua sintaxe caprichosa, e também o belo sistema “fechado” de pontuação da *New Yorker*. Por último, mas não menos importante, o maravilhoso Departamento de Pesquisa da *New Yorker* várias vezes salvou o sr. Nabokov — que parecia combinar uma boa dose de distração com seu pedantismo — de vários erros quanto a nomes, números, títulos de livros e coisas assim. De quando em quando, ele discordava dos achados do Departamento e então ocorriam conversas divertidas. Uma delas tinha a ver com a chaminé do cruzador atlântico *Champlain*. Nabokov se lembrava distintamente de que era branca. Um checador da *New Yorker* conversou com a companhia francesa; disseram que o *Champlain* não havia sido camuflado em 1940 e que na época tinha a chaminé vermelha e preta costumeira da linha de navegação francesa. Nabokov replicou que podia omitir o epíteto completamente, mas que nada o levaria a mudar a cor de que se lembrava com tanta clareza. Ele se perguntava se talvez as autoridades militares em St. Nazaire teriam repintado a coisa sem notificar o escritório da companhia de navegação em Nova York.

Estendi-me na discussão da ligação de Nabokov com *The New Yorker* porque acredito que os leitores devem saber como ficam as coisas e tirar suas próprias conclusões. A questão básica da integridade de um escritor dificilmente pode ser levantada quando um editor consegue provar a um autor que, se uma frase querida dele está pontilhada de má gramática, ela deveria ser melhorada para que a história seja comprada. Uma revista, por outro lado, pode subestimar a habilidade de seu leitor médio de assimilar o alusivo, o oblíquo, o velado — e nesses casos não acredito que o autor deva ceder, independentemente da decepção financeira resultante.

A postura e o gosto de Barbara Braun, a pureza e simplicidade de seu estilo, tão cintilante quanto um ribeirão da Nova Inglaterra, são qualidades de que não partilha o autor de *Prova conclusiva*. Impossível não se irritar com certas peculiaridades da maneira de Nabokov, com seu uso casual de termos que cientistas pouco conhecidos inventaram para doenças pouco conhecidas; com sua tendência geral de se aventurar em sensações esotéricas; com seus métodos de transliteração (ele usa um sistema — o sistema correto — para reproduzir amostras de fala russa, e outro sistema, marcado por concessões, na transliteração de nomes); ou com caprichos dele tais como de repente

introduzir um problema de xadrez (sem dar o movimento-chave que é bispo para...). Seus admiradores podem, no entanto, protestar que o autor de *Alice através do espelho* dedicou seu frontispício a uma excelente composição de xadrez que com certeza não muitos de *seus* pequenos leitores seriam capazes de fruir.

Outra questão que não deixará de ofender certo tipo de leitor (de classe média alta no sentido cultural) é a atitude de Nabokov em relação a escritores como Freud, Mann e Eliot, que a tradição e as boas maneiras ensinaram a respeitar, ao lado de Lenin e Henry James. Desde os anos vinte, Nabokov vem cutucando com rude humor a oniromancia e mitogenia da psicanálise. Thomas Mann ele coloca na subfamília Jules Romain Rolland-Galsworthy, em algum lugar entre Upton e Lewis, como fórmula irreverentemente (sendo Romain matematicamente igual a Sinclair). Ele tende a emitir um verdadeiro ataque de sarcástica alegria quando críticos da classe média alta situam o gesso de Mann e Eliot ao lado do mármore de Proust e Joyce. Poucas pessoas compartilharão seu argumento de que a poesia de Eliot é essencialmente banal. Como coloca o sr. Cleanth Brooks muito habilmente em algum lugar, “que o sr. Eliot tenha notado ou não essa passagem (algo na obra da pobre Miss Weston), ou que pretenda fazer uma referência, a violação de uma mulher constitui um *símbolo muito bom* (itálicos meus) do processo de secularização”. Suponho que Nabokov esteja meramente tentando ser inteligente quando observa que o sucesso popular da peça recente de Eliot pertence à mesma ordem de “zootismo, existencialismo e titoísmo”, e, sem dúvida, todos aqueles cuja musa, *née* Eliotovich, é tão roucamente vocal em pequenas revistas, concordarão ardentemente que chamar T.S.E. de “Wally Simpson da literatura norte-americana” é uma piada de muitíssimo mau gosto. Existe também o seu desprezo por Dostoievski, que faz os russos estremecerem e é censurado pelos círculos acadêmicos de nossas grandes universidades. Talvez a imunidade de Nabokov aos cultos sentimentais que os críticos norte-americanos preservam desde os anos vinte e trinta se deva ao fato de ele ter passado, durante esses anos, por uma fase sem-*Zeitgeist* no mundo do ascético exílio russo, muito distante da “era do jazz” e das modas “pré-crash”.

Mas, apesar de todas as limitações, *Prova conclusiva* continua sendo uma contribuição significativa. É “prova conclusiva” a respeito de muitas coisas, dentre as quais a mais óbvia é que este mundo não é tão mau quanto parece. O

sr. Nabokov merece os parabéns por ter realizado um trabalho tão capacitado e necessário. Suas memórias encontrarão um lugar permanente na estante dos amantes de livros, ao lado de *Infância*, de Leon Tolstói, *Amen Corner*, de T. S. Elmann, e de *When Lilacs Last*, de Barbara Braun, que agora me proponho a discutir.

1 Nabokov se refere a esta pseudo-resenha, aqui publicada pela primeira vez com sua autobiografia, como “Capítulo 16”, mas ele escreveu na página datilografada (talvez algum tempo depois de ter abandonado a ideia de publicá-la) “Sobre *Prova Conclusiva*”. Escrita em 1950, refere-se a *Prova conclusiva*, e por essa razão formulações ocasionais (principalmente em termos de transliterações) mostram-se incoerentes com revisões que Nabokov faria depois a *Fala, memória*.



Esta fotografia, obtida em 1955 por um gentil turista norte-americano, mostra a residência Nabokov, de granito rosa com afrescos e outros ornatos italianizados, em São Petersburgo, hoje Leningrado; Morskaya, 47, hoje rua Herten. Aleksandr Ivanovich Herten (1812-1870) foi um famoso liberal (a quem essa homenagem de um estado policial dificilmente teria gratificado), além de talentoso autor de *Biloe i Dumi* (traduzível como “Passados e meditações”), um dos livros favoritos de meu pai. Meu quarto ficava no terceiro andar, acima da sacada. As tílias que ladeiam a rua não existiam. Essas intrusas verdejantes agora escondem a janela do segundo andar da esquina leste, o quarto onde nasci. Depois da nacionalização, a casa acomodou uma missão dinamarquesa, e, mais tarde, uma escola de arquitetura. O pequeno sedã junto à calçada deve pertencer ao fotógrafo.



Dmitri Nikolaevich Nabokov, avô do autor (1827-1904), ministro da Justiça (1878-1885).



A avó paterna do autor, baronesa Maria von Korff (1842-1926) no final dos anos 1850.



A avó materna do autor, Olga Nikolaevna Rukavishnikov, nascida Kozlov (1845-1901), São Petersburgo,

por volta de 1885.



O pai do autor, Vladimir Dmitrievich Nabokov (1870-1922) quando estudante, por volta de 1885, com seus três irmãos (*da esquerda para a direita*, Dmitri, Konstantin e Sergey). Meu pai estava para se formar no terceiro ano do *gymnasium* para entrar na universidade em idade supreendentemente tenra. Tio

Konstantin, com onze ou doze anos, ainda era educado em casa. Tio Dmitri e tio Sergey eram *pravoveds*, isto é, alunos da celebrada Escola Imperial de Jurisprudência.



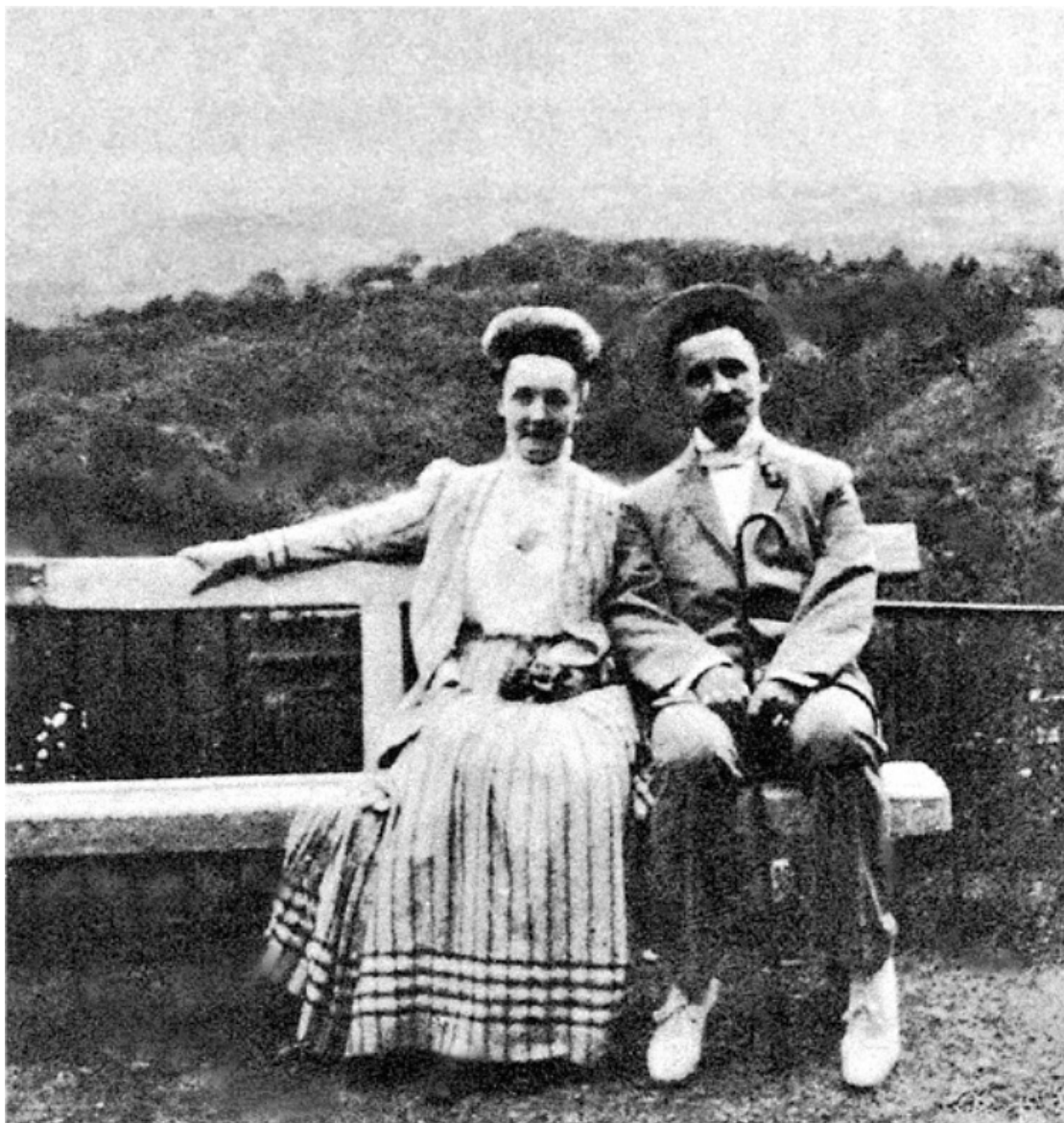
Meu irmão Sergey e eu, com um e dois anos, respectivamente (e parecendo o mesmo bebê, com peruca e sem peruca), em dezembro de 1901, em Biarritz. Acredito que tínhamos ido para lá de Pau, onde estávamos passando o inverno. Um teto brilhante e úmido é tudo de que me lembro dessa primeira viagem à França. Seguiram-se outras viagens, duas a Biarritz (outono de 1907 e de 1909) e duas à Riviera (final do outono de 1903 e começo do verão de 1904).



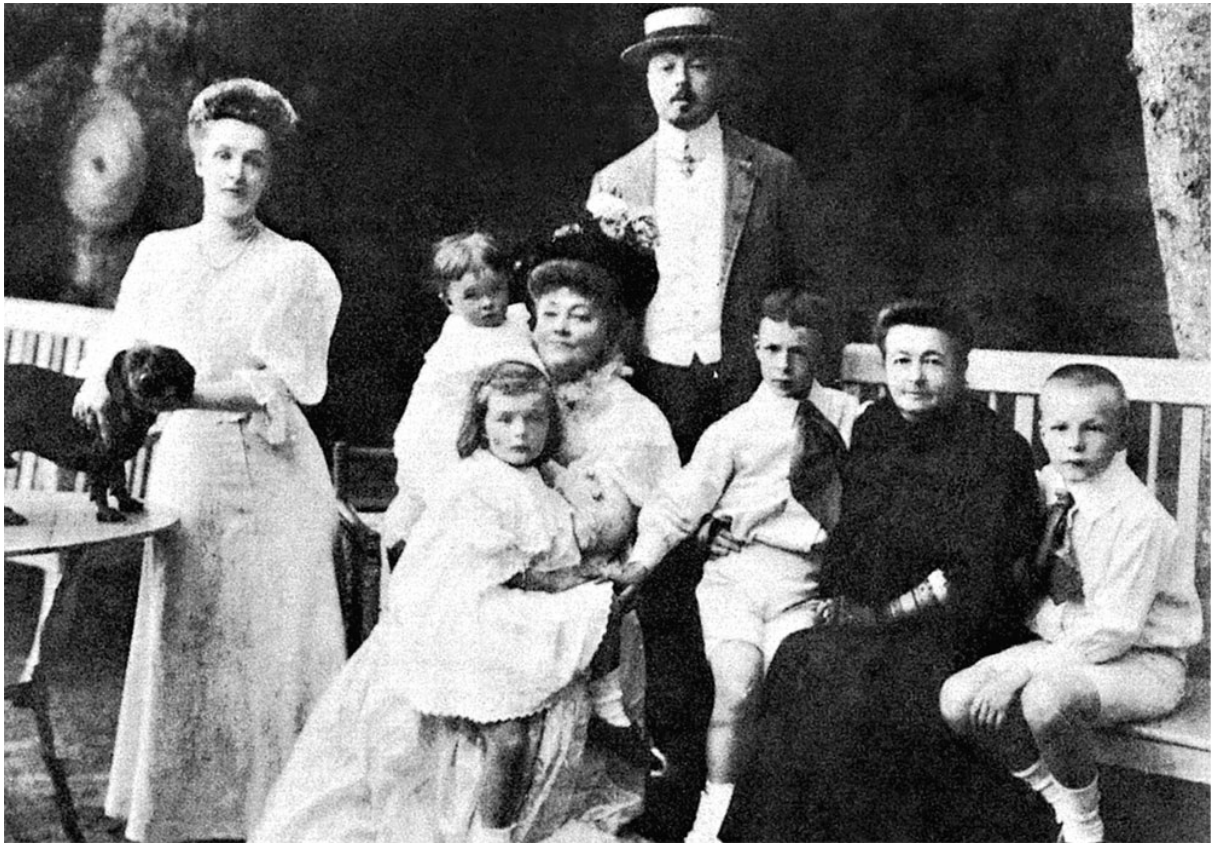
Meu pai, aos trinta e cinco anos, comigo aos sete, São Petersburgo, 1906.



O pai e a mãe do autor, Elena Ivanovna Nabokov, nascida Rukavishnikov (1876-1939), em 1900, no terraço do jardim em Vyra, sua propriedade na província de São Petersburgo. As bétulas e abetos do parque atrás de meus pais pertenciam à mesma pintura de fundo de verões passados assim como a folhagem da fotografia na dupla seguinte.



Minha mãe e seu irmão, Vasiliy Ivanovich Rukavishnikov (1874-1916), no terraço do *château* dele em Pau, Baixos Píreus, outubro de 1913.



Grupo familiar fotografado em nosso jardim em Vyra por um fotógrafo de São Petersburgo em agosto de 1908, objeto redondo no tronco da árvore é um alvo de arco e flecha. Minha mãe havia colocado o fotofóbico na está segurando, num grupo decorativo, mas precário, minhas duas irmãs pequenas que ela nunca carregou nosso parque fornece o fundo. A dama de preto é a tia materna de minha mãe, Praskovia Nikolaevna Tarnovski. Meu irmão Sergey está colado ao ombro esquerdo dela. A outra mão dela me apoia. Estou sentado no braço entre a chegada recente de meu pai da prisão e sua partida no dia seguinte, com minha mãe, para Stresa. O Trainy em cima da mesa de ferro mencionada com relação aos cogumelos do Capítulo dois. Minha avó paterna vida real: Olga em seu colo e Elena encostada a seu ombro. O escuro profundo da parte mais antiga de nascida Kozlov (1848-1910), que ia cuidar de nós e de nossos mentores durante a viagem de meus pais à Itália. Do banco, detestando meu colarinho e Stresa.

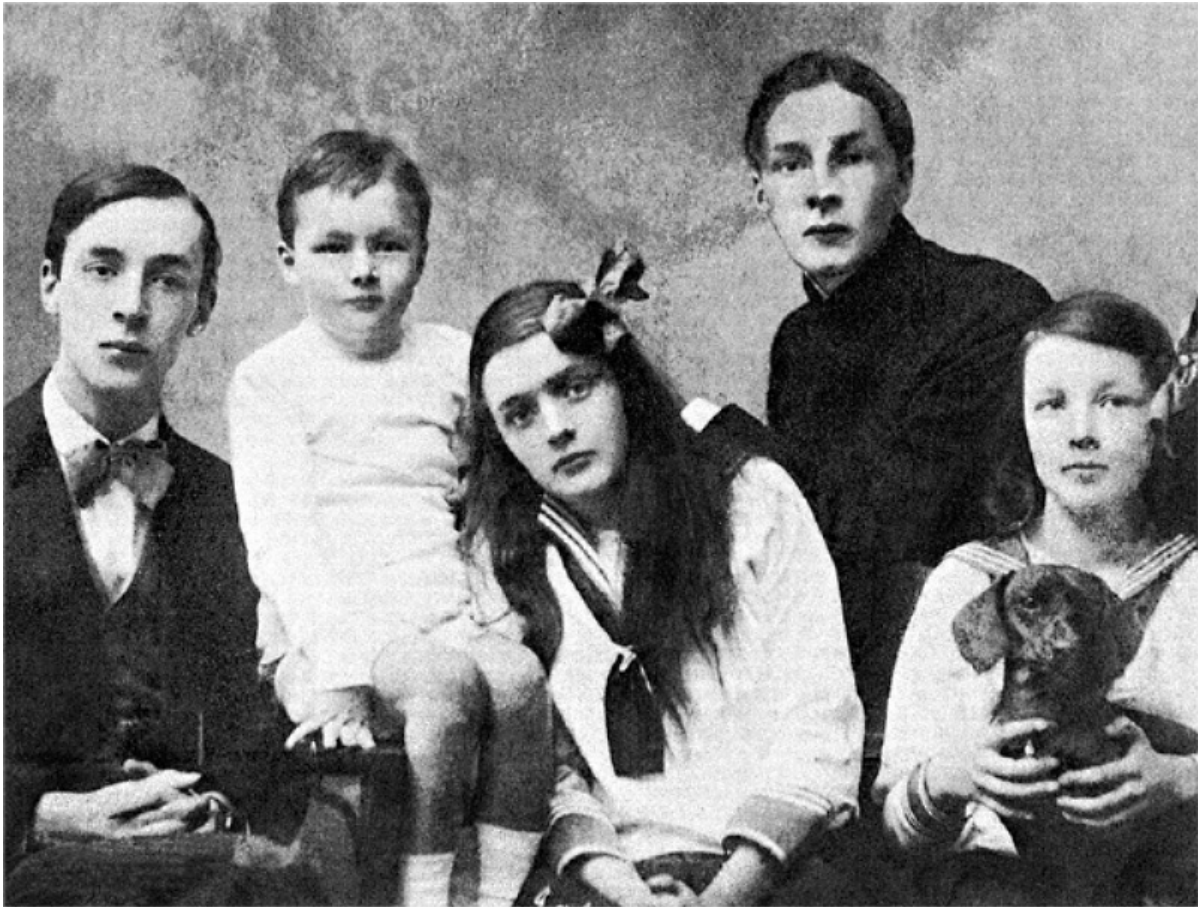


Minha mãe aos trinta e quatro anos, um retrato a pastel (60 cm x 40 cm) de Leon Bakst, pintado em 1910, na sala de música de nossa casa em São Petersburgo. Esta reprodução foi feita no mesmo ano, sob supervisão dele. Bakst teve muitos problemas com o contorno flutuante dos lábios dela, gastando às vezes toda uma pose em um detalhe. O resultado é uma extraordinária semelhança e representa um estágio interessante do desenvolvimento artístico dele. Meus pais possuíam também diversas aquarelas feitas para o balé Sherazade. Uns vinte e cinco anos depois, em Paris, Alexandre Bénois me contou que logo depois

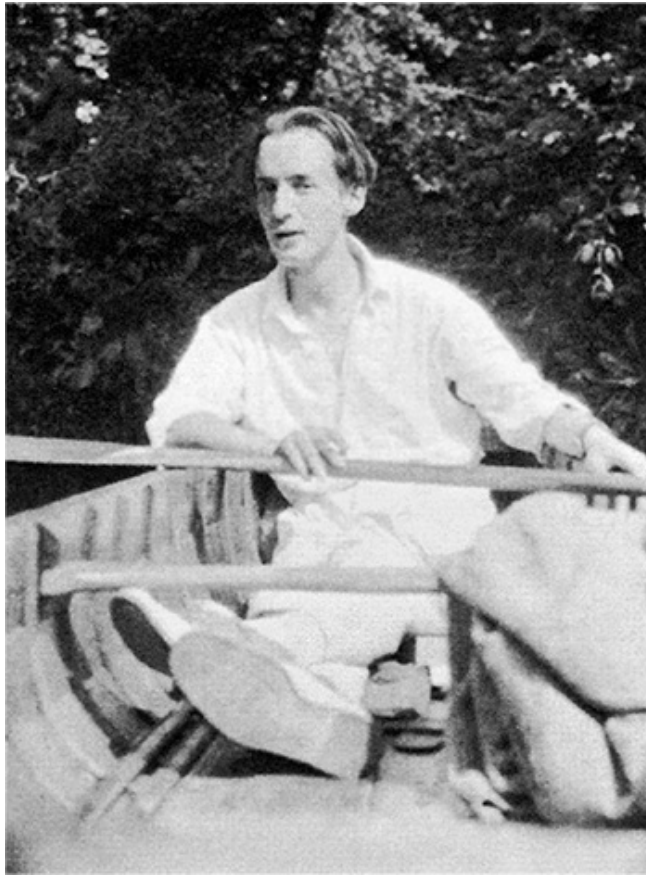
da Revolução Soviética ele mandara transportar todos os desenhos de Bakst, assim como alguns seus, como “Dia chuvoso na Bretanha”, de nossa casa para o museu Alexandre III (hoje estatal).



O autor em 1915, em São Petersburgo.

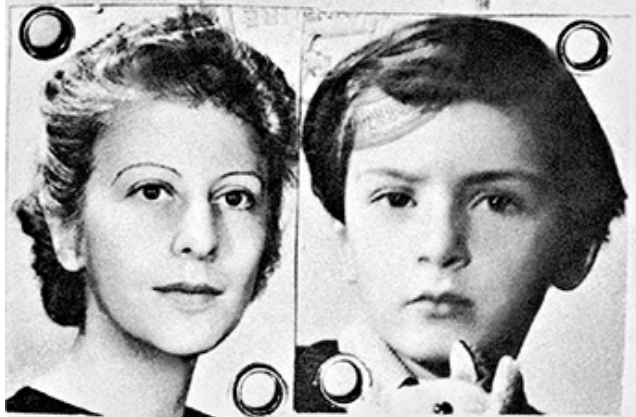


O autor, aos dezenove anos, com seus irmãos e irmãs em Yalta, novembro de 1918. Kirill tinha sete anos; Sergey (infelizmente desfigurado por falhas da fotografia), usando um pince-nez sem aro e o uniforme do *gymnasium* de Yalta, tem dezoito; Olga tem quinze; Elena (agarrando com firmeza Box II) tem doze.



O autor em Cambridge, primavera de 1920. Não era fora do normal para um russo, que estava gradualmente descobrindo os prazeres do rio Cam, preferir, de início, um barco a remo do que uma canoa ou um *punt*, mais usuais.

Photographie du titulaire et, le cas échéant, photographies des enfants qui l'accompagnent.



Signature du titulaire.

Vera Nabokoff

Uma foto de passaporte Nansen tirada em Paris em abril de 1940: a esposa do autor, Véra, e o filho Dmitri, aos cinco anos. Poucas semanas depois, em maio, o último capítulo de nosso período europeu viria a terminar como termina neste livro.



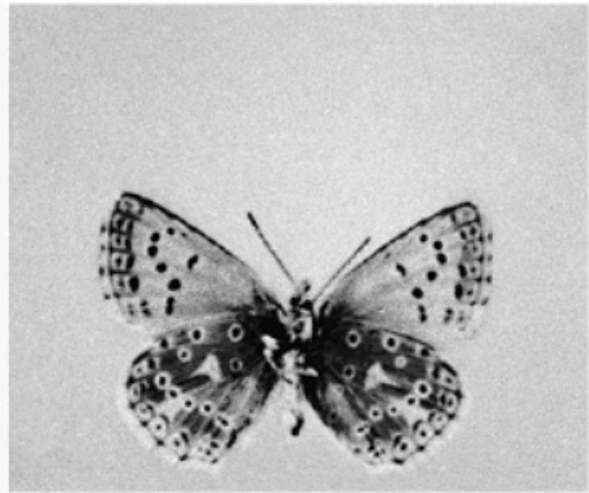
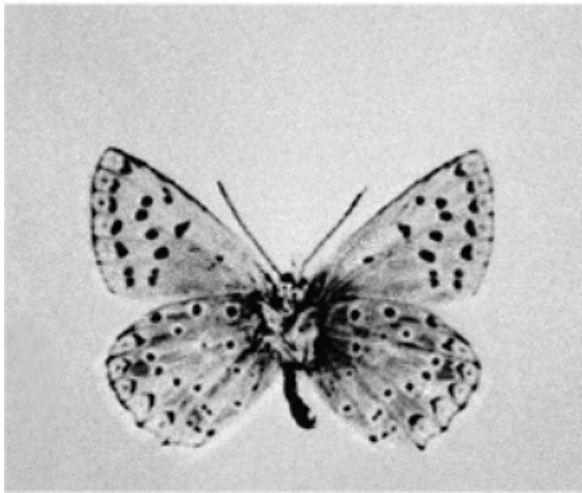
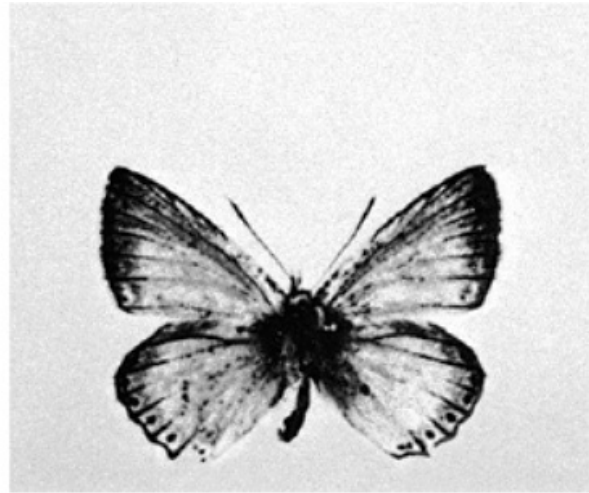
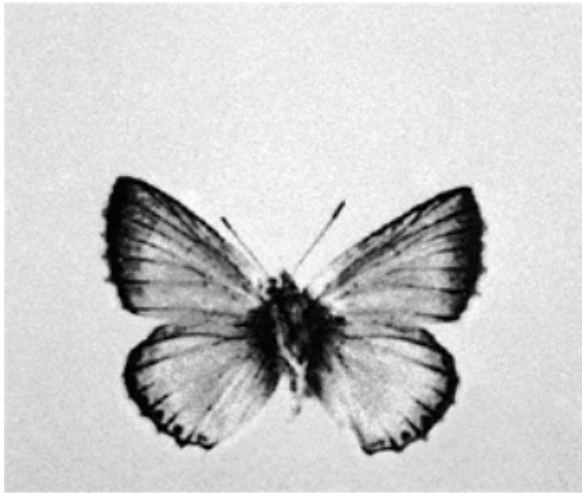
Minha esposa tirou sem que eu percebesse esta fotografia, não posada, quando eu estava no ato de escrever um romance em nosso quarto de hotel. O hotel é o *Établissement Thermal* em Le Boulou, no leste dos Pireneus. A data (discernível no calendário visível) é 27 de fevereiro de 1929. O romance, *Zashchita Luzhina* (*A defesa Lujin*) trata da defesa inventada por um jogador de xadrez insano. Notem o padrão da toalha da mesa. Dá para ver um maço de cigarros Gauloises entre o tinteiro e um cinzeiro supercheio. Encostadas contra os quatro volumes do dicionário de russo Dahl, veem-se fotos de família. A ponta de meu robusto porta-caneta marrom-escuro (um objeto adorável de carvalho novo que usei durante todos os meus vinte anos de trabalho literário na Europa, e pode ainda ser redescoberto em um dos baús armazenados na Dean's, em Ithaca, N.Y.) já estava bem mastigada. Minha mão que escreve esconde uma pilha de pranchas de preparo. Mariposas noturnas entravam pela janela aberta em noites nubladas e pousavam na parede iluminada à minha esquerda. Dessa forma, coletei uma porção de raras *pugs* em perfeitas condições e as preparei imediatamente (estão agora em um museu norte-americano). Raramente um instantâneo casual resume tão precisamente uma vida.

Muitos anos atrás, em São Petersburgo, me lembro de ter me divertido com a Coletânea de Poemas de um condutor de bonde, e principalmente com sua fotografia, de uniforme, botas grossas, um par de galochas novas no chão a seu lado e as medalhas de guerra de seu pai no console do fotógrafo perto do qual o autor estava em posição de sentido. Sábio condutor, fotógrafo de visão!



Um instantâneo feito por minha mulher de nosso filho Dmitri aos três anos (nascido em 10 de maio de 1934), parado ao meu lado em frente à nossa pensão, Les Hespèrides, em Mentone, no começo de dezembro de 1937. Nós a procuramos vinte e dois anos depois. Nada havia mudado, exceto a direção e a mobília da varanda. Evidentemente existe sempre a emoção natural de recuperar o passado: além disso, porém, não sinto nada especial em visitar velhos abrigos de emigrados nesses países incidentais. Me

lembro que os mosquitos de inverno eram terríveis. Mal eu apagava a luz, começava aquele ritmo sem pressa, tristonho e cauteloso que contrastava tão estranhamente com a louca velocidade dos giros dos insetos satânicos. Esperava-se o toque no escuro, livrava-se um braço cauteloso de debaixo da coberta — e dava-se um tapa poderoso no próprio ouvido, cujo zumbido se misturava de repente ao do mosquito fugitivo. Mas então, na manhã seguinte, com que pressa se procurava a rede de borboletas ao localizar um torturador de barriga cheia – uma manchinha escura e gorda no branco do teto!



A pequena borboleta, azul-claro por cima, cinzenta por baixo, da qual os dois espécimes-tipo (um macho holótipo à esquerda, de ambos os lados, uma asa posterior ligeiramente danificada; e um macho parátipo à direita, de ambos os lados), preservados no Museu Americano de História Natural e mostrados aqui pela primeira vez em fotografias feitas por aquela instituição, é a *Plebejus (Lysandra) cormion* Nabokov. O primeiro nome é o do gênero, o segundo do subgênero, o terceiro o da espécie e o quarto o do autor da descrição original, que publiquei em setembro de 1941 (*Journal of the New York Entomological Society*, vol. 49, p. 265), figurando depois a genitália do parátipo (26 de outubro de 1945, *Psyche*, vol. 52, pl. 1). É possível, como apontei, que minha borboleta deva sua origem à hibridização entre *Plebejus (Lysandra) coridon* Poda (no sentido amplo) e *Plebejus (Meleageria) daphnis* Schiffermüller. Organismos vivos são menos conscientes de diferenças específicas ou subgenéricas do que os taxonomistas. Peguei os dois machos aqui mostrados e vi pelo menos mais dois (nenhuma fêmea, porém) em 20 de julho (parátipo) e 22 de julho (holótipo) de 1938, a cerca de quatro mil pés de altitude na aldeia de Moulinet, Alpes Marítimos. Pode não ter um valor tão grande a ponto de merecer um nome, mas, seja o que for – uma nova espécie em formação, uma aventura notável ou um cruzamento fortuito –, continua a ser uma grande e deliciosa raridade.